

Frei Alberto Beckhäuser, OFM



A
ESPIRITUALIDADE
DO FRANCISCANO
SECULAR

EXEMPLO E
PROPOSTA DE
FRANCISCO DE ASSIS

A
ESPIRITUALIDADE
DO FRANCISCANO
SECULAR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beckhäuser, Alberto

A espiritualidade do franciscano secular :
exemplo e proposta de Francisco de Assis /
Alberto Beckhäuser. – Petrópolis, RJ : Vozes,
2018.

Bibliografia

ISBN 978-85-326-5921-7 – Edição digital

1. Espiritualidade 2. Franciscanos 3. Francisco de Assis, Santo, 1181 ou 2-1226 I. Título.

14-12014

CDD-248.894

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritualidade franciscana : Cristianismo
248.894

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

A
ESPIRITUALIDADE
DO FRANCISCANO
SECULAR

EXEMPLO E
PROPOSTA DE
FRANCISCO DE ASSIS

 EDITORA
VOZES

Petrópolis

© 2015, Editora Vozes Ltda.
Rua Frei Luís
25689-900 Petrópolis, RJ
www.vozes.com.br
Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

CONSELHO EDITORIAL

Diretor editorial

Gilberto Gonçalves Garcia

Editores

Aline dos Santos Carneiro

Edrian Josué Pasini

Marilac Loraine Oleniki

Welder Lancieri Marchini

Conselheiros

Francisco Morás

Ludovico Garmus

Teobaldo Heidemann

Volney J. Berkenbrock

Secretário executivo

João Batista Kreuch

Editoração: Fernando Sergio Olivetti da Rocha

Diagramação: Sheilandre Desenv. Gráfico

Capa e ilustração de capa: Omar Santos

ISBN 978-85-326-5921-7 – Edição digital

Editado conforme o novo acordo ortográfico.

Contribuindo para, em recíproca comunhão vital, tornar
presente o carisma do comum Pai Seráfico
na vida e na missão da Igreja.

Aos irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular do Brasil,
com quem aprendi a viver melhor o carisma franciscano
de vida segundo o Santo Evangelho a exemplo de
São Francisco de Assis.

Sobre todos invoco a bênção de São Francisco:

*O Senhor vos abençoe e vos guarde; o Senhor vos mostre a
sua face e se compadeça de vós; o Senhor volva seu rosto
para vós e vos dê a paz! O Senhor vos abençoe!*

Sumário

Introdução geral

Breve apostólico Seraphicus Patriarcha pelo qual a Santa Sé aprova e confirma a Regra da Ordem Franciscana Secular

Texto oficial da Regra da Ordem Franciscana Secular, aprovada por S.S. Paulo VI, 1978

PRIMEIRA PARTE – COMENTÁRIO AO PRÓLOGO DA REGRA DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

SEGUNDA PARTE – COMENTÁRIO À “REGRA E VIDA”

Capítulo I – A Ordem Franciscana Secular

Capítulo II – A forma de vida

Capítulo III – A vida em fraternidade

Índice geral

Introdução geral

A espiritualidade do franciscano secular atualiza, reformula e funde num só volume dois livros de nossa autoria sobre a espiritualidade dos franciscanos seculares, ou “Irmãos e Irmãs da Penitência” como eram chamados no tempo de São Francisco de Assis: *Meu Deus e meu Tudo! Mensagem de São Francisco de Assis aos Fiéis Penitentes* e *Comentário Espiritual à Regra da Ordem Franciscana Secular*.

Entendemos que tal espiritualidade vale também para os cristãos em geral, sobretudo agora que o Papa tomou o nome de Francisco, o pobrezinho de Deus.

“Estudai, amai, vivei a Regra da Ordem Franciscana Secular aprovada para vós pelo meu predecessor Paulo VI. Ela é um autêntico tesouro nas vossas mãos, sintonizada no espírito do Concílio Vaticano II e correspondente ao que a Igreja espera de vós. Amai, estudai e vivei esta nova Regra, porque os valores nela contidos são eminentemente evangélicos.” São palavras de João Paulo II aos franciscanos seculares.

O objetivo deste tratado sobre a Regra da Ordem Franciscana Secular é oferecer meios aos irmãos e irmãs da penitência para que possam dar uma resposta eficaz a essa veemente exortação do Papa João Paulo II.

1 Como nasceu este livro

Quando em 1954 entrei na Ordem III, no Seminário de Agudos, SP, não cheguei a saber da existência de uma Regra de vida franciscana. Rezava-se o Ofício Divino dos 12 Pai-nossos e semanalmente o Ofício Parvo de Nossa Senhora, assistia-se a algumas conferências sobre a espiritualidade franciscana e pronto.

Mais tarde, como Assistente da Fraternidade do Sagrado Coração de Jesus, em Petrópolis, RJ, a Regra não estava no primeiro plano da formação permanente e nem da formação inicial dos irmãos e irmãs. Mas neste tempo é que fui despertado para a importância da Regra. Nos anos do pós-concílio, a Ordem III de São Francisco pediu à Santa Sé a licença de proceder a uma profunda reforma da própria Regra em vigor. Aliás, ela constava apenas como apêndice das Constituições Gerais de 1957. Foi justamente um membro da Fraternidade de Petrópolis, o Irmão Paulo Machado da Costa e Silva, já Ministro Nacional e então grande colaborador de Frei Mateus Hoepers, em

plano nacional, que me convidou para esboçarmos juntos alguns itens ou princípios gerais que deveriam constar da Regra renovada. Assim, o assunto da Regra, seu conteúdo, sua espiritualidade, começaram a ser pontos de interesse em minha vida. Li com avidez a Regra renovada aprovada por Paulo VI, em 1978. De lá para cá, procurei aprofundar o seu conteúdo, inclusive em confronto com a Regra da Ordem I, da Ordem II e da Terceira Ordem Regular.

Quando, em 1984, fui nomeado Assistente Nacional, propus-me como uma das metas a divulgar e a fazer conhecer a Regra renovada da Ordem Franciscana Secular. Ela não podia permanecer letra morta relegada a mero apêndice das Constituições Gerais. Convém mesmo que ela seja aprendida de cor. Tem que permanecer sempre a fonte inspiradora primeira da espiritualidade franciscana secular. Ela deve levar sempre ao Evangelho, iluminada pela vida e os escritos de São Francisco de Assis. As Constituições Gerais e os Estatutos particulares serão aplicações práticas da Regra.

Em 1985, comecei a escrever sobre a Regra para a revista *Paz e Bem*. Tive em mente, desde logo, um comentário espiritual de toda a Regra que se transformou em livro.

A espiritualidade franciscana também é marcada pela topografia em que Francisco praticou o ideal de vida segundo o Santo Evangelho. Aqui, um parêntesis sobre esses lugares franciscanos, sobretudo do centro da Itália e particularmente da Úmbria. Esses lugares constituem uma das fontes da espiritualidade franciscana. Basta pensar no sentido simbólico dos vales, das montanhas e das cavernas ou grutas. A gente se depara com três vales: o de Espoleto, com Assis, onde encontramos Santa Maria dos Anjos, São Damião e os “Carceri”; o Vale de Rieti, rodeado das montanhas tão caras a São Francisco: Greccio, Fonte Colombo, La Foresta e Poggio Bustone; o Vale Casileno, onde se encontra o Monte Alverne ou La Verna. O vale simboliza a sociedade, o mundo, o século; a montanha, a busca de Deus, o lugar de Deus; a caverna, o encontro consigo mesmo. Assim, o homem só se encontra consigo mesmo na montanha, onde se encontra a caverna. Encontra-se consigo mesmo somente em Deus. É significativo que a moradia mais permanente de Francisco e de seus companheiros tenha sido Nossa Senhora dos Anjos, situada na planície. Mas daí ele se retirava sempre de novo para as montanhas, onde se recolhia nas cavernas. Assim também o franciscano secular, embora viva na planície, entre os homens, sempre de novo terá que retirar-se para o seio da sua fraternidade e a oração, a fim de que possa iluminar o mundo e ser fermento na massa e sal da terra.

Dois pedidos: Alguns anos depois da publicação do *Comentário espiritual à Regra da Ordem Franciscana Secular*, uma Coordenadora Regional de Formação me dizia que sentia falta de um comentário sobre o *Prólogo da Regra da OFS*, à semelhança dos comentários existentes sobre seus três capítulos. Por isso, ela me pedia um comentário sobre o Prólogo. Isso chamou-me a atenção, mas o tempo foi passando.

Por ocasião do IV Congresso Latino-americano da OFS-Jufra, em Salvador, na Bahia, tendo como lema *A Regra, dom do Espírito que conduz ao Pai*, a então Irmã Ministra Geral Emanuela De Nunzio, em conferência sobre a Regra, enfatizava a necessidade de os irmãos e irmãs se aprofundarem no Prólogo da Regra, afirmando que aí se encontra a alma da forma de vida dos Irmãos e Irmãs da Penitência. O Prólogo da Regra, transcrição da primeira versão da *Carta aos Fiéis*, de São Francisco, seria a primeira orientação do Santo aos fiéis penitentes que se dispunham a seguir a maneira de viver segundo o Santo Evangelho que o Senhor lhe tinha inspirado.

Assim surgiu o Comentário sobre o Prólogo sob o título *Meu Deus e meu Tudo! Mensagem de São Francisco de Assis aos fiéis penitentes*.

Ao comentário propriamente dito à *Carta aos Fiéis*, que constitui o *Prólogo* da Regra da OFS, acrescentamos alguns temas mais específicos sobre a espiritualidade franciscana, como a espiritualidade trinitária, o apostolado do Franciscano Secular, o exercício da autoridade e a formação para uma vida de penitência. Estes temas inspiram-se na mesma fonte, a *Carta aos Fiéis*, de São Francisco de Assis. Nesta edição inserimos esses temas na segunda parte do livro, ou seja, no comentário ao corpo da Regra.

2 Os destinatários

Nossa exposição da Regra e vida dos franciscanos seculares poderá ser de proveito para os Assistentes Espirituais em suas palestras para as fraternidades. Mas quantas fraternidades não possuem Assistentes regularmente! É então o Ministro com o Conselho quem prepara as reuniões mensais. E parece-me que, em cada reunião mensal, se deveria aprofundar algum ponto da Regra, sem se omitir a leitura e meditação da Sagrada Escritura. Neste livro os dirigentes das fraternidades encontrarão material para o aprofundamento de *A espiritualidade do franciscano secular*.

Penso também no tempo de formação em que se deve estudar a Regra, como *forma de vida* dos franciscanos seculares, que depois vão professar. Ajudará também aos frades da Ordem I e da TOR, para descobrirem o sentido e a beleza da vocação e da espiritualidade dos franciscanos seculares dentro do

carisma da Família Franciscana. E por que não oferecer o livro aos padres franciscanos seculares, que talvez não cultivem devidamente a espiritualidade franciscana por não a conhecerem bastante?

Claro, cada irmão e irmã franciscano secular poderá tirar proveito da leitura e meditação deste livro. Cada vez que lemos a Regra, descobrimos novas facetas dela. E ao terminar a leitura, recomeçamos a meditá-la do seu início.

O livro será de utilidade também para os fiéis leigos em geral, pois todo cristão é chamado a pautar a sua vida segundo o Evangelho, a viver a conversão evangélica permanente.

3 Os limites deste trabalho

Reconheço que muito mais se poderia dizer acerca da Regra. Originariamente, este comentário se restringia ao corpo da Regra, seguindo os números dos três capítulos. Agora, se inclui um comentário ao Prólogo, que consiste numa exortação de São Francisco aos Irmãos e Irmãs da Penitência, contendo duas partes distintas: dos que fazem penitência e dos que não fazem penitência.

Por ocasião do comentário original, ainda não tinham sido publicadas as Constituições Gerais da Ordem Franciscana Secular. A nossa reflexão atual faz-se também diretamente sobre a Regra. Ela constitui o documento-base, o ponto de partida da espiritualidade franciscana secular. Constitui a sua forma de vida. Mesmo depois de publicadas as Constituições Gerais, a Regra não pode passar a figurar como mero apêndice delas. Por isso, desta vez, faremos, oportunamente, referência às Constituições Gerais.

Ficarei satisfeito se *A espiritualidade do franciscano secular* conduzir sempre de novo ao estudo da Regra da OFS. Por sua vez, ela deverá conduzir às biografias e escritos de São Francisco. Estes devem levar ao estudo e meditação dos evangelhos, que, por sua vez, conduzem ao principal: o seguimento de Cristo à maneira de São Francisco de Assis e conforme sua proposta. Jesus Cristo, por sua vez, conduzirá à comunhão do mistério da Trindade, ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Realizar-se-á, então, a essência da espiritualidade franciscana que vem tão belamente resumida na última estrofe do *Cântico das Criaturas*:

Louvai e bendizei ao meu Senhor, e rendei-lhe graças, e servi-o com grande humildade.

Breve apostólico *Seraphicus Patriarcha* pelo qual a Santa Sé aprova e confirma a Regra da Ordem Franciscana Secular

Paulo VI, Papa

Para perpétua memória. – O seráfico patriarca São Francisco de Assis, quando vivo e depois de sua preciosa morte, atraiu não somente muitos para servirem a Deus na família religiosa que fundara, mas arrastou também numerosos leigos que, permanecendo no mundo, se agregaram às suas instituições. Pois, para usarmos as palavras de Pio XI, nosso Predecessor, “parece [...] que jamais houve homem algum em quem brilhasse mais viva a imagem de Jesus Cristo e em quem fosse mais semelhante à forma evangélica de viver do que em Francisco. Por isso, ele, que se chamou a si mesmo Arauto do Grande Rei, foi com razão proclamado *outro Cristo*, por se ter apresentado aos contemporâneos e aos séculos futuros como um Cristo redivivo; como tal ele vive ainda hoje aos olhos dos homens e continuará a viver por todas as gerações futuras” (Enc. *Rite expletis*, 30/04/1926; AAS, [18], 1926, p. 154). Alegremo-nos, portanto, porque o “carisma franciscano” conserva ainda hoje o vigor para o bem da Igreja e da comunidade humana, apesar de serpejar de doutrinas acomodatórias e do crescimento de tendências que afastam os homens de Deus e das coisas sobrenaturais. Por conseguinte, com louvável esforço e um trabalho comum, as quatro Famílias Franciscanas, pelo espaço de um decênio, se empenharam para elaborar uma nova Regra da Ordem Terceira Secular ou, como agora é chamada, da Ordem Franciscana Secular. Isso, pois, parece necessário devido às novas condições dos tempos e porque o Concílio Vaticano II salutarmente publicou preceitos e sugestões pertinentes a este assunto. Por isso os diletos filhos Ministros Gerais das quatro Ordens Franciscanas nos manifestaram o pedido de aprovarmos a Regra assim preparada. Nós, seguindo o exemplo de alguns de nossos predecessores, dos quais Leão XIII o fez por último, decidimos, de boa vontade, aceder a esses pedidos. Dessa maneira, nós, confiando que a forma de vida pregada por aquele admirável Homem de Assis receberá um novo impulso e florescerá com vigor, depois de ter consultado a Sagrada Congregação para os Religiosos e os

Institutos Seculares, que examinou diligentemente o texto apresentado, tendo ponderado tudo atentamente, com segura ciência e madura deliberação nossa, aprovamos e confirmamos, com nossa Apostólica autoridade, em virtude destas Letras, a Regra da Ordem Franciscana Secular e lhe acrescentamos o vigor da sanção Apostólica, contanto que concorde com o exemplar conservado no arquivo da Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, cujas primeiras palavras são “Inter Spirituales familias” e as últimas “ad normam Constitutionum pendenda”. Simultaneamente, por estas Letras e por nossa autoridade ab-rogamos a anterior Regra da Ordem Terceira Franciscana Secular, como era chamada. Estabelecemos, finalmente, seus efeitos, agora e no futuro, não obstante qualquer coisa em contrário.

Dado em Roma, junto de São Pedro, sob o anel do Pescador, no dia 24 do mês de junho de 1978, décimo sexto do nosso Pontificado.

† João Card. Villot

Secretário de Estado

[Lugar + do sinete]

Na Secretaria de Estado, Arqu. n. 352241

Texto oficial da Regra da Ordem Franciscana Secular, aprovada por S.S. Paulo VI, 1978

Prólogo – Exortação de São Francisco aos Irmãos e Irmãs da Penitência – Em nome do Senhor!

Dos que fazem penitência

Todos os que amam o Senhor, “de todo coração, de toda a alma e de toda a mente, com todas as suas forças” (Mc 12,30) e “amam o seu próximo como a si mesmos” (Mt 22,39), e odeiam o próprio corpo com seus vícios e pecados, e que recebem o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo e fazem dignos frutos de penitência: quão felizes são estes e estas que assim agirem e perseverarem até o fim, porque “sobre eles repousará o Espírito do Senhor” (Is 11,2) e Ele fará neles sua habitação e sua “morada” (Jo 14,23), e eles são filhos do Pai celestial (Mt 5,45) cujas obras fazem e são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 12,50).

Somos esposos, quando a alma fiel está unida a Nosso Senhor Jesus Cristo pelo Espírito Santo. Somos seus irmãos, quando fazemos “a vontade do Pai, que está nos céus” (Mt 12,50). Somos mães, quando o trazemos em nosso coração e em nosso corpo (1Cor 6,20) pelo amor divino e por uma consciência pura e sincera; e o damos à luz pelas obras santas que, pelo exemplo, devem ser luz para os outros (Mt 5,16).

Como é honroso ter no céu um Pai santo e grandioso! Como é santo ter um tal esposo, consolador, belo e admirável! Como é santo e como é amável ter um tal irmão e um tal filho agradável, humilde, pacífico, doce, amorável e sobre todas as coisas desejável: Nosso Senhor Jesus Cristo que entregou sua vida por suas ovelhas (Jo 10,15) e por nós orou ao Pai, dizendo: “Pai santo, guarda-os em teu nome (Jo 17,11), os que me deste no mundo; eram teus, mas tu mos deste (Jo 17,6). E as palavras que me deste, eu as dei a eles e as receberam e creram em verdade que saí de ti e conheceram que Tu me enviaste” (Jo 17,8). Rogo por eles, “não pelo mundo” (Jo 17,9). Abençoa-os e “santifica-os” (Jo 17,17) e “por eles eu próprio me santifico” (Jo 17,19). “Não rogo somente por eles, mas também por quantos hão de crer em mim mediante a palavra deles (Jo 17,20), para que sejam santificados na unidade (Jo 17,23), como nós” (Jo

17,11). “Pai, quero que, onde eu estou, eles estejam comigo para que vejam a minha glória (Jo 17,24) no teu reino” (Mt 20,21). Amém.

Dos que não fazem penitência

Todos aqueles e aquelas que não vivem em espírito de penitência e não recebem o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e praticam vícios e pecados, e caminham atrás da má concupiscência e dos maus desejos da sua carne e não cumprem o que prometeram ao Senhor e com seu corpo servem ao mundo, aos desejos carnaís, às solitudes deste mundo e às preocupações desta vida: dominados pelo demônio, do qual são filhos e cujas obras praticam (Jo 8,41), estão cegos, porque não reconhecem a verdadeira luz, Nosso Senhor Jesus Cristo. Não possuem a sabedoria espiritual porque não têm o Filho de Deus, que é a verdadeira sabedoria do Pai; dos quais está escrito: “A sabedoria deles foi devorada” (Sl 106,27) e: “Malditos os que se afastam dos teus mandamentos” (Sl 118,21).

Percebem e reconhecem, têm consciência e praticam o mal e perdem deliberadamente suas almas. Reparai, ó cegos, iludidos por vossos inimigos: pela carne, pelo mundo e pelo demônio; porque é agradável ao corpo praticar o pecado, e amargo fazê-lo servir a Deus, porque todos os vícios e pecados “saem do coração do homem e de lá procedem”, como diz o Senhor no Evangelho (Mc 7,21).

E nada tendes de bom neste mundo, nem no futuro. E julgais possuir por longo tempo as coisas deste mundo, mas estais enganados, porque virá o dia e a hora na qual não pensais, que desconheceis e ignorais. O corpo adoece, a morte se avizinha e assim o homem morre de uma morte infeliz. E onde, quando e de tal modo como venha a morrer um homem em pecado mortal, sem penitência e reparação – e ele pôde fazer penitência, mas não a fez – o demônio lhe arranca a alma do corpo sob tal angústia e medo, que ninguém é capaz de conhecer, senão aquele próprio que o experimenta. E ser-lhe-ão tirados (cf. Lc 18; Mc 4,25) todos os talentos e os poderes e a ciência e a sabedoria (cf. 2Cr 1,12) que julgava possuir. E deixa os seus bens aos parentes e aos amigos e depois que estes se apoderaram deles e os distribuíram entre si, disseram: Maldita seja a sua alma, porque pôde ter dado e ganho mais para nós do que aquilo que conseguiu. O corpo comem-no os vermes e assim ele perde o corpo e a alma neste mundo passageiro, e irá para o inferno, onde será atormentado para sempre.

Ao conhecimento de todos quantos chegar esta carta, rogamos, por aquele amor que é Deus (1Jo 4,16), que recebam benignamente estas palavras

odoríferas de Nosso Senhor Jesus Cristo. E os que não sabem ler, façam-nas ler muitas vezes; e guardem-nas na memória, pondo-as santamente em prática até o fim, pois elas são “espírito e vida” (Jo 6,64). E os que não o fizerem, terão de prestar “contas no dia do juízo” (Mt 12,36), “perante o tribunal” de Nosso Senhor Jesus Cristo (Rm 4,10).

ESSER. K. *Opuscula S. Patris Francisci*. Ad Claras Aquas/Grottaferrata:

Editiones Collegii S. Bonaventurae, 1978, p. 108-112.

Capítulo I – A Ordem Franciscana Secular (OFS)¹

1 Entre as famílias espirituais, suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja², a Família Franciscana reúne todos aqueles membros do Povo de Deus, leigos, religiosos e sacerdotes, que se sentem chamados ao seguimento do Cristo, à maneira de São Francisco de Assis³.

Por modos e formas diversas, mas em recíproca comunhão vital, eles querem tornar presente o carisma do comum Pai Seráfico na vida e na missão da Igreja⁴.

2 No seio da dita família, ocupa posição específica a Ordem Franciscana Secular que se configura como uma união orgânica de todas as fraternidades católicas espalhadas pelo mundo e abertas a todos os grupos de fiéis. Nelas, os irmãos e as irmãs, impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja⁵.

3 A presente Regra, após o “Memoriale Propositi” (1221) e após as Regras aprovadas pelos Sumos Pontífices Nicolau IV e Leão XIII, adapta a Ordem Franciscana Secular às exigências e expectativas da santa Igreja nestes tempos de acentuadas mudanças. A sua interpretação compete à Santa Sé e a aplicação será feita pelas Constituições Gerais e por Estatutos particulares.

Capítulo II – A forma de vida

4 A Regra e a vida dos franciscanos seculares é esta: observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o exemplo de São Francisco de Assis que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens⁶.

Cristo, dom do Amor do Pai, é o caminho para Ele, é a verdade na qual o Espírito Santo nos introduz, é a vida que Ele veio dar em superabundância⁷.

Os franciscanos seculares se empenhem, sobretudo, na leitura assídua do Evangelho, passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho⁸.

5 Os franciscanos seculares, portanto, procurem a pessoa vivente e operante do Cristo nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas. A fé de São Francisco, que ditou estas palavras: “Nada vejo corporalmente neste mundo do altíssimo Filho de Deus, senão o seu santíssimo Corpo e o santíssimo Sangue”, seja para eles a inspiração e o caminho da sua vida eucarística.

6 Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja, e a ela mais fortemente ligados pela Profissão, tornem-se testemunhas e instrumentos da sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra.

Inspirados por São Francisco e com ele chamados a restaurar a Igreja, empenhem-se em viver em comunhão plena com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, promovendo um confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólica⁹.

7 Como “irmãos e irmãs da penitência”¹⁰, em virtude de sua vocação, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, conformem o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão”, a qual, devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias¹¹.

Neste caminho de renovação, o Sacramento da Reconciliação é sinal privilegiado da misericórdia do Pai e fonte de graça¹².

8 Assim como Jesus foi o verdadeiro adorador do Pai, façam da oração e da contemplação a alma do próprio ser e do próprio agir¹³.

Participem da vida sacramental da Igreja, principalmente da Eucaristia, e se associem à oração litúrgica em uma das formas propostas pela mesma Igreja, revivendo assim os mistérios da vida de Cristo.

9 A Virgem Maria, humilde serva do Senhor, disponível à sua palavra e a todos os seus apelos, foi cercada por Francisco de indizível amor e foi por ele designada Protetora e Advogada da sua família¹⁴. Que os franciscanos seculares testemunhem a Ela seu ardente amor pela imitação de sua incondicionada disponibilidade e pela prática de uma oração confiante e consciente¹⁵.

10 Unindo-se à obediência redentora de Jesus que depôs sua vontade nas mãos do Pai, cumpram fielmente as obrigações próprias da condição de cada um nas diversas situações da vida¹⁶, e sigam o Cristo, pobre e crucificado, testemunhando-o, mesmo nas dificuldades e perseguições¹⁷.

11 Cristo, pondo toda a sua confiança no Pai, embora apreciasse atenta e amorosamente as realidades criadas, escolheu para si e para sua Mãe uma vida pobre e humilde¹⁸; assim, os franciscanos seculares procurem, no desapego e no uso, um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando as próprias exigências materiais; estejam, pois, conscientes de que, segundo o Evangelho, são administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus.

Assim, no espírito das “Bem-aventuranças”, se esforcem para purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação, como “peregrinos e forasteiros” a caminho da casa do Pai¹⁹.

12 Testemunhas dos bens futuros e empenhados pela vocação abraçada em adquirir a pureza do coração, desse modo tornar-se-ão livres para o amor de Deus e dos irmãos²⁰.

13 Assim como o Pai vê em cada ser humano os traços do seu Filho, Primogênito entre muitos irmãos²¹, os franciscanos seculares acolham todos os homens com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo²².

O sentido da fraternidade os tornará dispostos a igualar-se com alegria a todos os homens, especialmente aos mais pequeninos, para os quais procurarão criar condições de vida dignas de criaturas remidas por Cristo²³.

14 Chamados, juntamente com todos os homens de boa vontade, a construir um mundo mais fraterno e evangélico para a realização do Reino de Deus e conscientes de que “quem segue a Cristo, homem perfeito, também se torna mais homem”, assumam as próprias responsabilidades com competência e em espírito cristão de serviço²⁴.

15 Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana, bem como por iniciativas corajosas, quer individuais quer comunitárias, na promoção da justiça, particularmente no âmbito da vida pública, comprometendo-se com opções concretas e coerentes com sua fé²⁵.

16 Estimem o trabalho como um dom e como participação na criação, na redenção e no serviço da comunidade humana²⁶.

17 Em sua família vivam o espírito franciscano de paz, de fidelidade e de respeito à vida, esforçando-se para fazer dela o sinal de um mundo já renovado em Cristo²⁷.

Os esposos, em particular, vivendo as graças do matrimônio, testemunhem, no mundo, o amor de Cristo por sua Igreja. Mediante uma educação cristã simples e aberta de seus filhos, atentos à vocação de cada um, caminhem alegremente com eles em seu itinerário humano e espiritual²⁸.

18 Tenham, além disso, respeito pelas outras criaturas, animadas e inanimadas, que “do Altíssimo trazem um sinal”²⁹ e procurem, com afinho, passar da tentação de sua exploração ao conceito franciscano da fraternidade universal.

19 Como portadores de paz e lembrando-se de que ela deve ser construída incessantemente, procurem os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos mediante o diálogo, confiantes na presença do germe divino que existe no homem e na força transformadora do amor e do perdão³⁰.

Mensageiros da perfeita alegria, procurem, em qualquer circunstância, levar aos outros a alegria e a esperança³¹.

Inseridos na Ressurreição de Cristo, que dá o verdadeiro sentido à Irmã Morte, encaminhem-se serenamente ao encontro definitivo com o Pai³².

Capítulo III – A vida em fraternidade

20 A Ordem Franciscana Secular se articula em fraternidades de vários níveis: local, regional, nacional e internacional, que têm na Igreja a sua própria personalidade moral³³. Essas fraternidades dos diversos níveis estão coordenadas e ligadas entre si segundo a norma desta Regra e das Constituições.

21 Nos diversos níveis, cada fraternidade é animada e conduzida por um Conselho e um Ministro (ou Presidente) que são eleitos pelos Professos, de acordo com as Constituições³⁴. Seu serviço, que é temporário, é um cargo de disponibilidade e de responsabilidade em favor de cada membro e dos grupos.

As fraternidades, internamente, se estruturam de modo diverso, de acordo com as Constituições, segundo as variadas necessidades dos seus membros e das suas regiões, sob a moderação do respectivo Conselho.

22 A fraternidade local deve ser erigida canonicamente, e assim ela se torna a célula primeira de toda a Ordem e um sinal visível da Igreja, comunidade de amor. Ela deverá ser o ambiente privilegiado para desenvolver o sentido eclesial e a vocação franciscana e ainda para animar a vida apostólica de seus membros³⁵.

23 Os pedidos de admissão à Ordem Franciscana Secular são apresentados a uma fraternidade local, cujo Conselho decide sobre a aceitação dos novos irmãos³⁶.

A incorporação na fraternidade se realiza mediante um período de iniciação, um tempo de formação de, ao menos, um ano e pela Profissão da Regra³⁷. Em tal itinerário gradual está empenhada toda a fraternidade, também no seu modo de viver. Quanto à idade para a Profissão e ao sinal distintivo franciscano, é assunto a ser regulado pelos Estatutos.

A Profissão, por sua natureza, é um compromisso perpétuo³⁸.

Os membros que se encontrem em dificuldades particulares cuidarão de tratar dos seus problemas com o Conselho em diálogo fraterno. O afastamento ou a exclusão definitiva da Ordem, se realmente necessária, é ato de competência do Conselho da fraternidade, de acordo com a norma das Constituições³⁹.

24 Para fomentar a comunhão entre os membros, o Conselho organize reuniões periódicas e encontros frequentes, inclusive com outros grupos franciscanos, especialmente de jovens, adotando os meios mais apropriados para um crescimento na vida franciscana e eclesial, estimulando cada um à vida de fraternidade⁴⁰. Uma tal comunhão prossegue com os irmãos falecidos mediante o oferecimento de sufrágios por suas almas⁴¹.

25 Para as despesas que ocorrem na vida da fraternidade e para as necessárias às obras do culto, do apostolado e da caridade, todos os irmãos e irmãs ofereçam uma contribuição na medida de suas próprias possibilidades. Cuidem as fraternidades locais de contribuir, por sua vez, para saldar as despesas dos Conselhos das fraternidades de grau superior⁴².

26 Em sinal concreto de comunhão e de corresponsabilidade, os Conselhos, nos diversos níveis, de acordo com as Constituições, solicitarão aos Superiores das quatro Famílias Religiosas Franciscanas, às quais desde séculos a Fraternidade Secular está ligada, religiosos idôneos e preparados para a assistência espiritual.

Para favorecer a fidelidade ao carisma e a observância da Regra e para se ter maiores auxílios na vida da fraternidade, o Ministro ou Presidente, de acordo com seu Conselho, seja solícito em pedir, periodicamente, a visita pastoral aos competentes Superiores religiosos⁴³ e também a visita fraterna aos responsáveis de nível superior, segundo as Constituições⁴⁴.

E todo aquele que isto observar, seja repleto no céu da bênção do altíssimo Pai, e seja, na terra, cumulado com a bênção do seu dileto Filho, juntamente com o Santíssimo Espírito Paráclito (Bênção de São Francisco, do Testamento).

PRIMEIRA PARTE

COMENTÁRIO AO PRÓLOGO DA REGRA DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

Introdução

O tema da vida de penitência assusta? A vida de penitência constitui, porém, a identidade dos franciscanos, sejam eles seculares ou religiosos.

O Prólogo da Regra da Ordem Franciscana Secular (OFS) intitula-se assim: *Exortação de São Francisco aos irmãos e irmãs sobre a penitência*. Ele se subdivide em duas partes: *Dos que fazem penitência* e *Dos que não fazem penitência*.

O Prólogo faz parte da forma de vida dos Irmãos e Irmãs franciscanos seculares. Diria mais: constitui a própria alma dos três capítulos da Regra, que o seguem.

1 Os elementos constitutivos da espiritualidade franciscana

O que se percebe nas últimas décadas, a partir da volta às *Fontes Franciscanas*, a respeito dos elementos constitutivos ou linhas-força da espiritualidade franciscana?

A partir do estudo das *Fontes* surgiram e foram realçados, inicialmente, alguns aspectos como a Fraternidade ou Fraternismo, a Minoridade ou Minorismo e o Apostolado ou Apostolicidade.

Estes são certamente aspectos importantes, pois Francisco descobriu, por inspiração divina, que devia viver segundo o Santo Evangelho como irmão universal, sem nada de próprio, no seguimento do Cristo pobre e crucificado. Os membros de sua fraternidade eram chamados a viver segundo o Santo Evangelho como Irmãos Menores.

A vida apostólica também se deduz claramente do modo de Francisco e seus companheiros viverem segundo o Santo Evangelho, como peregrinos e viandantes, pregando a todos a penitência evangélica.

Hoje em dia, o conceito de apostolado foi mais aprofundado e ampliado. Descobrimos que estamos diante de um conceito e de uma prática denominada *evangelização*. E a partir da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, distinguimos o *evangelizar* e o *evangelizar-se*. Não é possível evangelizar sem, ao mesmo tempo, ser evangelizado ou evangelizar-se. O testemunho de vida fraterna, por sua vez, constitui o primeiro modo de os Frades Menores evangelizarem ou de exercerem o apostolado. O que vale para os Frades Menores vale também para os “Irmãos e Irmãs da Penitência”.

Depois, se foi vendo que existem várias formas de evangelizar: o apostolado, a que todo cristão é chamado, a evangelização missionária ou as missões “ad gentes” e a Pastoral dentro de uma Igreja particular já constituída. Todos os cristãos são chamados ao apostolado. Ao passo que a Pastoral não é obrigatória para todos os cristãos.

A partir dos anos de 1980, percebeu-se que não se estava dando a devida ênfase a um aspecto importante da vida evangélica de Francisco, ou seja, à vida de oração ou à contemplação, chamada também dimensão contemplativa do carisma franciscano. Percebeu-se que estava faltando a alma dessa vida evangélica franciscana. Daí a acentuação da oração e da contemplação franciscanas nesses últimos anos.

2 A penitência como elemento constitutivo fundamental da espiritualidade franciscana

Penitência ainda hoje? No novo milênio, no terceiro milênio?

Fazer penitência? Tem sentido falar de penitência, de uma proposta de vida de penitência nos nossos tempos? Uma vida de penitência com uma bem-aventurança?

Nestes tempos modernos e pós-modernos, tudo convida para uma vida de gozo, de busca de felicidade imediata, de culto da vida no presente, de culto ao próprio corpo, de autossuficiência do ser humano. Falar de penitência parece loucura!

No entanto, Francisco de Assis tem uma mensagem para os homens do novo milênio, para os fiéis penitentes de hoje e de sempre: “*Felizes os que vivem em penitência!*” São Francisco de Assis ensina que fazer penitência constitui

uma felicidade; que a felicidade pode ser encontrada na penitência. Este penitente feliz pode ser você cristão, fazendo com que **Deus** seja o **Tudo** de sua vida.

Para tanto, devemos recuperar, porém, duas coisas em relação à penitência: o verdadeiro sentido da penitência e a importância da penitência, conforme o Evangelho.

Francisco, “o penitente de Assis”, ainda hoje nos tem algo a dizer sobre isso, tanto por sua vida como através dos seus escritos. Podemos afirmá-lo porque Francisco de Assis resgatou o verdadeiro sentido da penitência como vida de conversão evangélica.

A penitência ou conversão evangélica está no centro da mensagem do Evangelho. João Batista prega a penitência: *Naqueles dias apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia as palavras: “Convertei-vos porque está próximo o Reino dos Céus”* (Mt 3,1-2). Um pouco adiante: *Dai, pois, frutos de verdadeira conversão* (Mt 3,8). Marcos diz que João apareceu no deserto, batizando e pregando um batismo de conversão para o perdão dos pecados (cf. Mc 1,4).

Jesus coloca a conversão e a penitência no centro de sua pregação: *Depois de João ter sido preso, Jesus veio para a Galileia. Pregava o Evangelho de Deus, dizendo: ‘Completaram-se os tempos, está próximo o Reino de Deus, convertei-vos e crede no Evangelho* (Mc 1,14-15). Diante da resistência de muitos à sua mensagem, Jesus disse: *Se não vos converterdes, todos vós perecereis do mesmo modo* (Lc 13,3.5). Nestes textos *converter-se* e *fazer penitência* significam a mesma coisa, tanto assim que muitos traduzem: *Fazei penitência e crede no Evangelho*.

O tema da penitência ou da conversão evangélica deve interessar a todos os cristãos que buscam o seguimento de Cristo como seus discípulos. Interessa, porém, particularmente, a todos que são chamados a viver segundo o Santo Evangelho, à maneira de Francisco, o penitente de Assis, a quem o Senhor concedeu a graça de levar uma vida de penitência, perseverando nela até o fim.

Estas páginas podem interessar a todos os membros da grande Família Franciscana, pois a *Carta aos Fiéis* constitui fonte perene na qual todos podem beber para animar sua vida de penitência, seja como Frades Menores, seja como Irmãs Pobres de Santa Clara, seja como Irmãos e Irmãs da Penitência na Ordem Franciscana Secular ou na Terceira Ordem Regular.

Assim, embora estas páginas tenham surgido para animar a vida evangélica dos franciscanos seculares, “Irmãos e Irmãs da Penitência”, servem também

para os franciscanos religiosos e as franciscanas religiosas, as Irmãs de Santa Clara, os Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Regular e os cristãos em geral.

O enfoque está sobre a *Carta aos Fiéis*, que foi adotada como Prólogo da Regra da OFS e da Regra renovada da Terceira Ordem Regular de São Francisco. Mas, o que se diz sobre a Regra ou *forma de vida dos franciscanos seculares* vale também, com as devidas adaptações, para as formas de vida da Ordem I, da Ordem II e da Terceira Ordem Regular.

Penso, porém, que para compreender a natureza da espiritualidade franciscana ou da forma de vida Evangélica Franciscana, falta resgatar com urgência um elemento que chamaria de original ou fundamental, que perpassa todos os outros aspectos. Este elemento é o da **vida de penitência**, ou **conversão evangélica**.

Na década de 1950, quando fomos admitidos à Ordem, nós o fomos para “fazer penitência”. Há algum tempo, venho me perguntando: Não é a “penitência evangélica” ou a conversão evangélica permanente o objetivo ou o projeto primeiro de São Francisco, a partir de sua conversão?

Francisco parece afirmá-lo no seu Testamento: *Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência.*

Não é outra a compreensão de Clara. No seu Testamento ela afirma: *Depois que o Altíssimo Pai celestial, por sua misericórdia e graça, se dignou iluminar meu coração para fazer penitência segundo o exemplo e ensino de nosso bem-aventurado pai Francisco, pouco depois de sua conversão, com algumas irmãs que Deus me dera logo após a minha conversão, eu lhe prometi obediência voluntariamente.*

O capítulo III da Regra Bulada da Ordem dos Frades Menores apresenta a trilogia da conversão evangélica, cultivada como observância quaresmal pela Igreja: *Do Ofício Divino, do Jejum e de Como os irmãos devem ir pelo mundo*. No fundo, trata-se da prática penitencial judaica da oração, do jejum e da esmola, numa dimensão cultural. Temos as três dimensões da conversão: conversão a Deus, pela oração, como filhos e filhas, conversão à natureza criada, pelo jejum, como senhores e senhoras da criação, e conversão ao próximo, pela esmola, como irmãos e irmãs. No lugar da esmola, os Frades Menores, que não têm nada de próprio para dar de esmola, são chamados a doar-se a si mesmos, pelo modo de ir pelo mundo, sendo eles próprios esmola para todos. Trata-se, portanto, de ir pelo mundo como homens orantes, em atitude de jejum, sendo esmola para todos. É nisso que consiste a vida de penitência.

Poderíamos, então, sintetizar assim o projeto de vida evangélica conforme São Francisco de Assis: *Levar uma vida de penitência ou de conversão evangélica*. Esta vida de conversão evangélica realiza-se primeiramente e de modo mais

direto e intenso na vida de *oração*, na contemplação. Aqui se exercita a busca direta de Deus. Depois, esta busca de Deus se realiza através do amor ao próximo, expresso primeiramente na vivência da *fraternidade*. Outra expressão de conversão é a *pobreza*, ou o ser menor, sem nada de próprio. Trata-se do relacionamento com os bens materiais, de não deixar que o coração seja ocupado pelos bens ou as riquezas. É deixar espaço privilegiado para Deus em sua vida. Finalmente, a penitência se realiza no *apostolado*. Francisco não queria viver só para si, mas ser de proveito para os outros.

Portanto, a penitência perpassa tudo: a oração, na sua relação de filho para com Deus, a vida fraterna em sua relação com o próximo, a pobreza, em sua relação com os bens criados, e o apostolado, partilhando com todos os bens do Reino de Deus.

Assim, a oração, a fraternidade, a pobreza ou minoridade e o apostolado constituem expressões ou formas de penitência ou de conversão evangélica.

A partir da prática de Francisco surgiram as três Ordens: A Ordem I, formada pelos homens que se propõem viver segundo o Santo Evangelho, à maneira de Francisco de Assis, como Irmãos Menores. A Ordem II, formada por aquelas mulheres que se sentem chamadas por Deus a viverem segundo o Santo Evangelho, à maneira de Francisco de Assis, como Irmãs Pobres. A Ordem III, formada por homens e mulheres que se sentem chamados a viverem segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco, como Irmãos e Irmãs da Penitência, no próprio estado de vida.

As três Ordens têm muito em comum: a vida de penitência segundo o Santo Evangelho; a vida de penitência ou de conversão evangélica, à maneira de Francisco; a fraternidade.

O minorismo ou a absoluta pobreza, “o sem nada de próprio”, engloba a consagração pelos votos de obediência, de pobreza e do não casamento ou celibato pelo Reino de Deus. Vivem esta forma de vida pela consagração a Deus através dos votos.

A Ordem I é formada só de irmãos e a Ordem II, somente de irmãs. A Ordem III é constituída de irmãos e de irmãs. Vivem a mesma forma de vida segundo o Santo Evangelho à maneira de Francisco de Assis no próprio estado de vida. Não fazem votos dos conselhos evangélicos, mas procuram realizar a conversão evangélica, professando os conselhos evangélicos a serem vividos no próprio estado de vida, isto é, no mundo, através das realidades terrestres. Por isso são chamados “franciscanos seculares”. Os franciscanos seculares não são nem menores, no sentido de não terem nada de próprio, nem pobres, no

sentido do ideal da absoluta pobreza de Santa Clara. Mas procuram viver o espírito de pobreza pelo uso justo e moderado dos bens terrenos.

Nesta luz da conversão evangélica, podemos situar e compreender também a *Carta aos Fiéis*, de Francisco. Aí se encontram os princípios essenciais da vida de penitência com que Francisco iria orientar a vida dos irmãos e irmãs da penitência. A vida de penitência constitui, pois, o programa da vida franciscana segundo o Evangelho.

Se tomamos a vida de penitência como elemento fundamental da vida segundo o Santo Evangelho, à maneira de Francisco de Assis, compreendemos também por que na primeira Regra propriamente dita, da Ordem III, fundada por São Francisco, aprovada por Nicolau IV em 1289, seus membros são chamados “irmãos e irmãs da penitência”. Esta expressão foi retomada na Regra renovada, aprovada por Paulo VI, no número 7: *“Como ‘irmãos e irmãs da penitência’, em virtude de sua vocação, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, conformem o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de ‘conversão’, a qual, devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias”*.

O princípio da *conversão evangélica permanente* perpassa toda a Regra, mas, sobretudo, o capítulo II, *A forma de vida*. Ela tem início no mergulho no mistério da Trindade (n. 4), passa por Jesus Cristo (n. 4 e 5), pela conversão batismal integrada na vida da Igreja (n. 6), pela conversão evangélica (n. 7), a vida sacramental e de oração (n. 8) e pela imitação de Maria (n. 9). Continua através da vivência dos conselhos evangélicos no mundo (n. 10-12), a vivência e o testemunho da fraternidade (n. 13 e 14), o exercício da autêntica cidadania (n. 15), no mundo do trabalho (n. 16), na família (n. 17), na confraternização universal (n. 18) e sendo mensageiros da paz e da reconciliação (n. 19).

2.1 Vida de penitência

Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência (Testamento).

Com estas palavras Francisco inicia o seu Testamento, como a dizer que foi este o dom que o Senhor lhe concedeu. Se esta é a vida que o Senhor inspirou a Francisco, esta vida de penitência será também, na forma de vida segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco, o elemento fundamental para os “irmãos e irmãs da penitência”, ou franciscanos seculares.

Por isso, queremos refletir sobre o sentido bíblico e franciscano de penitência. O que significa penitência, e em que consistiria esta vida de penitência, conforme São Francisco.

2.1.1 O sentido bíblico de penitência

Infelizmente, a palavra penitência, em nossos dias, expressa quase só o aspecto externo de mortificação, como jejuns, vigílias, abstinência de determinados alimentos, ou a aplicação de sofrimentos corporais como flagelações e uso de cilícios.

Sabemos que este não é o sentido principal do termo penitência em sua compreensão bíblica e franciscana. É apenas um sentido secundário do exercício da penitência ou da conversão evangélica, que exige renúncia e mortificação, que passa pelo mistério da cruz.

O Antigo Testamento bem como o Novo usam três termos que, praticamente, se equiparam: *metánoia*, em grego, que é traduzido para o latim como *poenitentia* e *convertio*, penitência e conversão.

No grego, a palavra *metánoia* significa uma mudança de atitude, abraçada anteriormente, tanto no bem como no mal. Secundariamente, significa também o desagrado do modo de agir precedente. Converter-se ou fazer penitência significa, pois, um comportamento ou uma atitude que corrige a atitude anterior no relacionamento pessoal com Deus. Converter-se ou fazer penitência significa, assim, voltar para Deus, fazer de Deus o alvo de sua vida. Este voltar e voltar-se para Deus comporta também uma mudança de costumes, uma vontade de observar, no futuro, a vontade de Deus. Esta atitude interna expressava-se também exteriormente, usando sinais de luto, como rasgar as vestes, vestir-se de saco e de cilício, jejuar etc.

Na pregação de João Batista e nos ensinamentos de Cristo, conversão ou penitência exige uma adesão a Deus. É tornar-se discípulo de Cristo, crendo no Evangelho (cf. Mc 16,16). Esta adesão ao Pai através de Jesus Cristo exige fundamentalmente que o ser humano reconheça ser pecador, que lhe desagrada o seu estado presente, e deseje o perdão. No fundo, a penitência consiste em deixar o mal e aderir ao bem. Enfim, no sentido bíblico de conversão ou penitência, podemos verificar três aspectos: o teocêntrico (voltar-se para Deus); o ético (deixar o mal e fazer o bem) e o afetivo (o amor a Deus). No fundo, fazer penitência ou converter-se consiste em amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo. Esta compreensão evangélica de penitência vem muito bem expressa no n. 7 da Regra da OFS:

Como “irmãos e irmãs da penitência”, em virtude de sua vocação, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, conformem o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão”, a qual, devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias.

2.1.2 O sentido de “vida de penitência” para Francisco

Este sentido bíblico de penitência ou de conversão evangélica foi plenamente redescoberto, aceito e vivido por São Francisco.

Isso aparece claramente no seu Testamento, nas biografias, nos seus escritos, sobretudo, na *Carta aos Fiéis*.

No Testamento, aparece como o início de uma vida de penitência marcou profundamente sua vida. O início da vida de penitência consiste numa reviravolta que faz passar a pessoa de uma vida instintiva, baseada no próprio eu, para uma vida inteiramente submetida e abandonada à vontade de Deus e ao seu domínio.

No início do Testamento, Francisco mostra como aconteceram duas etapas bem distintas em sua vida: aquela do próprio eu, do pecado, da desobediência a Deus ou do pensamento não voltado para Deus, e aquela etapa do “fazer penitência”, que consiste na obediência à inspiração de Deus que o impulsiona. Passou de uma vida voltada para os interesses do mundo, do viver no mundo, para uma vida “fora do mundo”. Ele passa para uma vida religiosa, para uma vida de penitente, numa das formas reconhecidas como tais pela Igreja.

Perguntados sobre quem eles eram, os primeiros companheiros de Francisco *com simplicidade confessavam que eram homens de penitência, oriundos da cidade de Assis* (*Três Companheiros*, n. 37).

Basta olhar para o Índice analítico das *Fontes Franciscanas* para ver como a penitência está no centro de sua vida, da vida dos Frades Menores e de todos os cristãos.

Ouvindo do sacerdote que os discípulos *deviam pregar o Reino de Deus e a penitência, entusiasmou-se imediatamente no espírito de Deus: “É isto que eu quero, é isto que procuro, é isto que eu desejo fazer de todo o coração”* (1Cel, 22). A pregação do Evangelho exige a conversão e crer no Evangelho. A penitência é conversão e aceitação do Reino de Deus.

Depois disso, começou a pregar a todos a penitência (1Cel, 23). *Chegando a oito o número de irmãos, São Francisco chamou-os todos a si e, tendo-lhes falado*

muitas coisas sobre o Reino de Deus, o desprezo do mundo, a abnegação da própria vontade e a mortificação do corpo, separou-os dois a dois pelas quatro partes do mundo e lhes disse: “Ide, caríssimos, dois a dois, por todas as partes do mundo, anunciando aos homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados; sede pacientes na tribulação, confiando que o Senhor vai cumprir o que propôs e prometeu” (1Cel, 29). A penitência consistia na prática daquelas coisas de que Francisco lhes havia falado.

O Papa Inocêncio III encorajou Francisco e seus companheiros, dizendo: *Ide com o Senhor, irmãos, e conforme o Senhor se dignar inspirar-vos, pregai a todos a penitência* (1Cel, 33).

Fica claro o pensamento de Francisco sobre a vida de penitência: “Fazer penitência”, no sentido evangélico, consiste no encaminhamento carismático de sua nova existência, puro dom de Deus; é também a atitude fundamental que ele pressupõe em todos os seus seguidores presentes e futuros. O “fazer penitência” ou levar uma vida de penitência consistia numa decisiva orientação de sua vida para Deus. Tratava-se de uma efetiva conversão a Deus no espírito de obediência incondicional que coloca a pessoa humana, em constante superação de si mesma, numa dependência imediata de Deus. O “fazer penitência” torna-se para ele o caminho para o Reino de Deus, que ele deseja anunciar a todo o mundo.

Na *Carta aos Fiéis*, Francisco apresenta concretamente em que consiste a vida de penitência. Esta nossa reflexão, como a anterior, é uma reflexão introdutória para abordarmos passo a passo o Prólogo da Regra da OFS, como forma de “vida de penitência” da OFS. Mas poderá iluminar também a vida dos Irmãos Menores, das Irmãs Pobres de Santa Clara, os Irmãos e Irmãs da Penitência da Terceira Ordem Regular de São Francisco, bem como de todos os fiéis cristãos.

2.2 Em nome do Senhor!

Iniciamos agora o comentário propriamente dito ao Prólogo da Regra renovada da OFS, ou da *Carta aos Fiéis*, de São Francisco de Assis.

O Prólogo da Regra renovada da OFS divide-se em duas partes: “*Dos que fazem penitência*” e “*Dos que não fazem penitência*”.

2.2.1 Prólogo

A palavra *prólogo* significa “palavra que precede”, ou “proêmio”, ou ainda “prefácio”, ou *palavras introdutórias*. Elas introduzem em quê? Nos três capítulos da Regra, em que ela se subdivide: Capítulo I – *A Ordem Franciscana Secular (OFS)*, do número 1 ao número 3; Capítulo II – *A forma de vida*, do número 4 ao número 19, e Capítulo III – *A vida em fraternidade*, do número 20 ao número 26.

É importante notar que o *Prólogo* faz parte da Regra. Ele é constituído de palavras do próprio São Francisco, pois se trata da *Carta aos Fiéis*, em sua primeira recensão, a mais breve. É a primeira recensão porque, mais tarde, ela recebeu do próprio São Francisco uma redação mais extensa, composta de 12 pontos ou 12 capítulos, provavelmente então já dirigida aos *Irmãos e Irmãs da Penitência*, que procuravam seguir a vida de conversão evangélica vivida por Francisco e indicada por ele aos leigos que, junto a ele, procuravam uma orientação.

Podemos até dizer que a primeira versão da *Carta aos Fiéis*, colocada agora como *Prólogo* da Regra renovada, deve iluminar todos os pontos da Regra, em seus três capítulos, nos seus 26 pontos.

O *Prólogo* mostra a todos os fiéis e, particularmente, aos franciscanos seculares em que consiste viver como *Irmãos e Irmãs da Penitência*, em que consiste a vida de penitência ou de conversão evangélica que deve ser recomeçada todos os dias.

2.2.2 Em nome do Senhor!

São Francisco gostava de iniciar os seus escritos com as palavras: *Em nome do Senhor!*

A vida do franciscano secular também tem início em *Nome do Senhor*. Isso aconteceu no dia em que foi chamado a viver segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco, como irmão ou irmã da penitência. É isto que diz a Regra renovada: *Nelas (nas fraternidades católicas espalhadas pelo mundo e abertas a todos os grupos de fiéis) os irmãos e as irmãs, impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja (cf. n. 2). Ou ainda: Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja, e a ela mais fortemente ligados pela Profissão, tornem-se testemunhas e instrumentos da sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra. Inspirados por São Francisco e*

com ele chamados a restaurar a Igreja, empenhem-se em viver em comunhão plena com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, promovendo um confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólica (Regra, n. 6).

Mas esta vida de penitência começa cada dia de novo em Nome do Senhor. Esta penitência consiste *numa radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão”, a qual, devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias* (cf. Regra, n. 7).

Em Nome: Conforme a Sagrada Escritura, o nome significa a própria pessoa. O Nome de Deus significa o próprio Deus. Ainda hoje falamos do mesmo jeito. Quando dizemos *em meu próprio nome*, queremos dizer: por mim mesmo; *pôr algo em nome de alguém* como, por exemplo, uma herança, ou *fazer algo em nome de alguém*, significa que este alguém é quem recebe, este alguém é quem faz.

No seu Testamento Francisco diz que o Senhor lhe inspirou começar fazer penitência: *Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência*. E mais adiante: *E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho*.

A vida de penitência evangélica ou de conversão evangélica constitui um chamado de Deus, uma graça de Deus, uma vocação, um caminho de perfeição, de santificação para toda a vida.

Em Nome do Senhor significa *em Nome de Deus, a partir de Deus, por inspiração divina*. Pode significar também em nome de Jesus, do Senhor Jesus, que se identifica com Deus, com o Senhor.

No fundo, não somos nós que nos convertemos. A conversão é graça de Deus. É Deus quem nos converte, quem nos transforma. É Deus quem *conforma o modo de pensar e de agir dos penitentes ao modo de pensar e de agir de Cristo, mediante uma radical transformação interior, que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão”, a qual, devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias* (cf. Regra, n. 7). Aos chamados a uma vida de penitência evangélica, à maneira de São Francisco, compete deixar-se transformar por Deus, deixar-se transformar pela ação do Espírito Santo, por Cristo e em Cristo.

Em Nome do Senhor significa, pois, iniciar uma vida de penitência ou de conversão evangélica a partir de Deus, em Deus, animado por Deus, pelo seu

Espírito. Significa deixar-se conduzir pelo Senhor, à maneira de São Francisco de Assis, retomando cada dia de novo o caminho iniciado *em Nome do Senhor*.

No fim da vida, estando Francisco já nas alturas da perfeição cristã, escreve Celano: *Embora o santo pai já fosse diante de Deus um homem consumado na graça e brilhasse por suas obras entre os homens deste mundo, estava sempre pensando em empreender coisas mais perfeitas. [...] Propunha-se fazer grandes coisas sob a orientação de Cristo* (cf. 1Cel, 103).

E Celano acrescenta: *Precisando moderar seu rigor antigo por causa da doença, dizia: “Vamos começar a servir a Deus, meus irmãos, porque até agora fizemos pouco ou nada”* (1Cel, 103).

Ao descrever a feliz passagem de São Francisco, São Boaventura mostra como o Pai Seráfico quis imitar o seu Senhor até o último suspiro. Ele inicia assim sua descrição: *Passados já dois anos dos estigmas sagrados, isto é, vinte anos após sua conversão, [...] devia ser levado ao cume da perfeição. Pediu que o conduzissem a Santa Maria dos Anjos ou da Porciúncula, a fim de exalar o último suspiro da vida, ali mesmo onde anos antes recebera tão abundantemente os dons do Espírito. [...] Estava aí, deitado sobre a terra, despojado de seu cilício, a mão esquerda sobre a chaga do lado direito para ocultá-la, fixando com os olhos o céu como gostava de fazer e suspirando com toda a alma à glória eterna... Disse aos irmãos: “Cumprir minha missão: que Cristo vos ensine a cumprir a vossa!”* (Legenda Maior, cap. 14, 3).

3 “Fazer penitência”, segundo o Prólogo

O início da *Carta aos Fiéis*, de São Francisco, no título “*Dos que fazem penitência*” reza assim:

Todos os que amam o Senhor, “de todo o coração, de toda a alma e de toda a mente, com todas as suas forças” (Mc 12,30), e “amam o seu próximo como a si mesmos” (Mt 22,39), e odeiam o próprio corpo com seus vícios e pecados, e que recebem o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e produzem dignos frutos de penitência: quão felizes são estes e estas que assim agirem e perseverarem até o fim.

O texto original em latim e a tradução na Regra da OFS começa a frase, apresentando logo em que consiste o “fazer penitência”, e só no fim apresenta a bem-aventurança, e os frutos desta forma de viver. Outras traduções, como a

das *Fontes Franciscanas*, preferem iniciar assim: *Quão felizes e benditos são aqueles e aquelas que amam o Senhor...*

Assim, a frase ficaria mais clara, e mostraria como Francisco liga à “vida de penitência” o fruto da felicidade. É na vida de penitência que se encontra a felicidade. Mas, a felicidade, como veremos em outra reflexão, não constitui o único fruto da penitência.

Em que consiste, pois, segundo São Francisco no Prólogo da Regra, “fazer penitência” ou “vida de penitência”?

Podemos recolher do texto três aspectos bem distintos na “vida de penitência”: a vida no amor de Deus e do próximo; odiar o seu próprio corpo com seus vícios e pecados e receber o Corpo do Senhor; produzir dignos frutos de penitência.

3.1 O amor a Deus e ao próximo

Antes de tudo, a “vida de penitência” ou de “conversão evangélica” consiste na prática do amor, é viver no amor, é estar no amor. Viver no amor é viver em Deus como alvo de sua vida. Viver em Deus é viver de acordo com os seus mandamentos. O grande Mandamento, que engloba a todos os demais, é o amor a Deus e ao próximo como a si mesmo, resumo de toda a Lei e dos Profetas.

Na boca de Francisco isto não nos surpreende. Francisco, chamado “Seráfico Pai”, “o Serafim de Assis”, o homem abrasado de amor, fez esta descoberta fundamental: Deus é Amor, Deus é o Bem, todo o Bem, o Sumo Bem, o Bem universal. Quantas vezes Deus como o Sumo Bem é contemplado em seus escritos, sobretudo em suas orações! Francisco compreende que o ser humano é chamado para viver no Amor, viver o Amor, a possuir o Bem, todo o Bem que é Deus, e que a vida do ser humano deve ser uma resposta de amor ao Amor que nos amou primeiro.

Francisco aprende do Evangelho que este Bem, este Amor, o ser humano também o encontra no próximo, no amor ao próximo, pois Deus quer amar-nos e ser amado por nós também através do próximo, através do amor ao próximo, visto e amado como irmão ou irmã, filho ou filha do mesmo Pai que é Amor.

Percebemos como no amor a Deus e ao próximo está a verdadeira penitência, compreendida como conversão, como a atitude de estar voltado para Deus no amor. No fundo, a penitência consiste em deixar o mal e aderir ao bem.

3.2 Odiar o próprio corpo e receber o Corpo do Senhor

Aqui Francisco mostra como deve ser este amor. Trata-se de amar como Cristo amou e deu a sua vida pela humanidade por sua Paixão e Morte, e, particularmente, dando-se a si mesmo como Alimento para a vida do mundo no mistério da Eucaristia.

A conversão permanente consiste em “odiar o próprio corpo com seus vícios e pecados” e receber o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dois termos dessa proposta de vida de penitência merecem uma explicação.

Primeiro, a palavra **odiar**. Odiar, na linguagem bíblica, não significa apenas desprezar, desejar mal, mas significa também “amar menos”, preferir, antepor.

Mas, para entendermos melhor o que Francisco quer dizer, temos que considerar também o que ele entende por **corpo**. Não é que devemos odiar o nosso corpo, uma vez que devemos amar-nos como ser corpóreo, e o amor a nós mesmos é colocado como princípio e medida do amor ao próximo. Francisco não ensina o desprezo ao corpo como o entendemos hoje. Ele emprega o termo “corpo” ou “carne”, conforme Caetano Esser, em três níveis diferentes: O corpo no sentido de organismo físico como antítese da alma; tudo o que se refere ao corpo, ou às coisas terrenas e é feito só ou preponderantemente no seu interesse; a vontade obstinada e recalcitrante que se opõe ao bem e contraria a Deus, ou seja, o princípio antidivino no homem. Trata-se da carne que se opõe ao Espírito, conforme São Paulo. No Testamento, por exemplo, Francisco quer bem ao seu corpo: *O que antes me parecia amargo se me converteu em doçura da alma e do corpo.*

Na passagem que estamos analisando, Francisco liga ao corpo os vícios e pecados. Neste sentido podemos “odiar o próprio corpo com seus vícios e pecados”, odiar o corpo enquanto é portador de vícios e pecados. Em outras palavras, odiar os vícios e pecados.

Mas o que se segue mostra o aspecto positivo do amor ao próximo e a si mesmo: *receber o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Não se trata apenas de comungar na Missa ou fora dela. Mas de aderir totalmente a Cristo, ao seu modo de pensar, querer, amar e agir. É acolher Jesus Cristo com tudo o que é e ensinou. É receber Jesus Cristo em sua mensagem, o Evangelho, é receber Jesus Cristo no próximo, na natureza criada, nos fatos e acontecimentos da vida. É seguir o Senhor Jesus no mistério pascal de sua Paixão e Morte, para, como Ele, participar da ressurreição. É percorrer com Cristo o caminho da cruz. É cumprir o seu mandamento e ser como Ele, Corpo dado e Sangue derramado. É dar a vida através do amor a Deus e ao

próximo, como Jesus deu sua vida pela salvação do mundo. É, como diz a Regra no número 7: *Conformar o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão”*. É, enfim, realizar o novo Mandamento: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei* (Jo 13,34). Portanto, penitência, vida de penitência ou de conversão evangélica para Francisco significa deixar o mal e aderir totalmente ao Bem, aderir a Cristo, no amor como Ele amou.

3.3 Produzir dignos frutos de penitência

Prefiro aqui o verbo *produzir* ao “*fazer*”, da tradução na Regra.

Na frase mesma não se especifica em que consiste *produzir dignos frutos de penitência*. Parece que a expressão quer significar simplesmente os diversos exercícios de conversão, como a oração, o jejum, a esmola, a ação da caridade, enfim, a própria prática do amor a Deus e ao próximo e o processo de abandono do mal e da adesão ao bem. Trata-se de uma conversão eficaz, de práticas eficazes, isto é, que produzam frutos. Esta compreensão parece brotar do que Francisco diz na sequência da frase: *Quão felizes são estes e estas que assim agirem e perseverarem até o fim, porque “sobre eles repousará o Espírito do Senhor”...*

A vida de penitência, conforme São Francisco, não constitui um ato isolado e definitivo, mas um processo dinâmico que perdura toda a vida. Por isso, “*vida de penitência*”. Não basta “agir assim” uma vez, mas importa perseverar até o fim. Esta atitude traz a felicidade. Os fiéis serão felizes se assim agirem.

4 Produzir dignos frutos de penitência

Em que consiste para Francisco *produzir dignos frutos de penitência*? Já vimos, anteriormente, que na *Carta aos Fiéis*, prólogo da atual forma de vida dos Irmãos e Irmãs da Penitência, Francisco não diz em que consistem os dignos frutos de penitência. Encontramos estes exercícios eficazes de penitência na segunda recensão.

4.1 A vida de penitência ou a conversão evangélica na primeira recensão da *Carta aos Fiéis*

O “fazer penitência” para Francisco inclui cinco elementos: 1) Amor a Deus; 2) amor ao próximo; 3) opor-se às tendências pecaminosas da natureza decaída, que Francisco denomina com a expressão odiar o próprio corpo; 4) receber o Corpo do Senhor, ou seja, levar uma vida sacramental, sobretudo, uma vida eucarística; acolher e imitar o Cristo em seu modo de pensar e de agir; 5) produzir dignos frutos de penitência, ou seja, agir em tudo de acordo com o permanente processo de conversão, de busca de Deus em tudo.

4.2 A penitência como itinerário que conduz a Deus

A vida de penitência para Francisco não constitui um estado ou algo de estático, mas algo dinâmico. Trata-se de um itinerário ou de um processo que conduz a Deus.

Consiste na correspondência do ser humano ao amor de Deus. O fazer penitência está na busca da grandeza maravilhosa de se tornar semelhante a Deus na sua essência, o Amor: *Sede perfeitos como o Pai celeste é perfeito* (Mt 5,48).

Esta maior semelhança com Deus deve ser alcançada através de uma contínua *metánoia* ou *conversão*, no sentido de uma contínua aspiração e ascensão ao encontro de Deus. A vida de penitência é, pois, um caminho de subida e um meio de se realizar esta subida para Deus.

A alma e o caminho desta subida é o amor a Deus. Assim, o novo penitente, a exemplo de Francisco, vive no amor pelo fato de ter experimentado como o Senhor é bom. O fazer penitência para Francisco consiste, antes de tudo, em amar a Deus. O ser humano na atitude de conversão responde ao chamado de Deus com seu amor, amor que se manifestará particularmente na oração como adoração, louvor e confiante invocação de Deus.

4.3 A vida de penitência na segunda recensão da Carta aos Fiéis

Na segunda recensão da *Carta aos Fiéis*, Francisco apresenta, no fundo, de maneira mais ampla, os mesmos cinco pontos da prática da penitência ou da conversão evangélica, especificando melhor os “dignos frutos de penitência”.

Trata-se de uma exortação aos fiéis penitentes à perfeição da santidade através da oração, da prática dos sacramentos, sobretudo da Eucaristia e da

Penitência, da mortificação e da prática da justiça, da caridade e da humildade. Trata-se ainda de propagar a paz através do perdão aos inimigos e o amor para com eles; observar os mandamentos e os preceitos de Cristo; manifestar reverência e respeito pela sagrada Eucaristia, e viver como católicos.

Esta carta se compõe de 12 capítulos ou títulos, lembrando a Regra Bulada para os Frades Menores.

Francisco apresenta-se como irmão e servo de todos, e se despede ainda como irmão e servo de todos, servindo a todos, em nome da Santíssima Trindade, com as palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Como irmão, sua mensagem abre-se para a fraternidade universal. Ele e seus seguidores não podiam viver a conversão a sós, como eremitas; deviam viver também para aqueles pelos quais o Cristo ofereceu a sua vida por amor. Isso ele o diz com estas significativas palavras: *Sendo servo de todos, a todos devo servir as odoríferas palavras de meu Senhor.*

A segunda recensão da *Carta aos Fiéis* constitui um resumo do Evangelho para os cristãos comprometidos com o Reino de Deus, um manual para viver a mensagem central do Evangelho: o amor a Deus e ao próximo, o grande mandamento, o único mandamento.

Francisco se estende inicialmente sobre a revelação da Palavra do Pai, no mistério da Encarnação e da Paixão e Morte de seu Filho Jesus Cristo e na sua presença no mistério da Eucaristia. Tudo isso é manifestação do seu grande amor pela humanidade. Cristo, no seu infinito amor ao Pai, realizou a sua vontade. *Ele se ofereceu a si mesmo por seu próprio sangue como oferenda de sacrifício sobre o altar da cruz, não para si mesmo, “por quem foram feitas todas as coisas” (cf. Jo 1,3), mas em expiação de nossos pecados, legando-nos um exemplo para que seguissemos as suas pegadas.* Importa receber o Senhor de coração puro e corpo casto (cf. v. 4-15).

Aqueles que não querem cumprir os mandamentos de Deus, esses são malditos. E quão ditosos e benditos são, ao contrário, os que amam o Senhor e procedem como o Senhor mesmo diz no Evangelho: *Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, e amarás o teu próximo como a ti mesmo* (cf. v. 16-18).

Este amor a Deus manifesta-se primeiramente na adoração, no louvor e nas preces, sobretudo na vivência do **Pai-nosso** (cf. v. 19-21). Eis os franciscanos seculares, irmãos e irmãs do Pai nosso!

Passa a falar da prática da conversão pela confissão dos pecados aos sacerdotes, para assim poderem receber o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. v. 22).

Francisco continua sua exortação, dizendo: *Façamos, além disso, “dignos frutos de penitência”. E amemos o nosso próximo como a nós mesmos. E se alguém não quiser ou não puder amá-lo como a si mesmo, ao menos não lhe faça algum mal, mas o bem* (cf. v. 22-27).

Quem recebe o Corpo do Senhor no Sacramento é chamado também a receber o corpo do próximo, a acolher a todos igualmente, amigos ou inimigos.

Nesta carta, Francisco desdobra os “dignos frutos de penitência”, isto é, práticas de penitência correspondentes ou adequadas à atitude da conversão realizada e sempre atual. São aquelas virtudes que expressam e ajudam ao mesmo tempo a constante transformação interior, pela qual se realiza aquele permanente dirigir-se para Deus diretamente, através do próximo e de toda a criação.

Entre as virtudes apresentadas por Francisco como processo de conversão, podemos enumerar as seguintes:

a) A *misericórdia* e o *perdão*, no exercício do poder (v. 28-29; 42-43). **b)** A *caridade* e a *humildade* (v. 42-43). **c)** A *simplicidade*, a *humildade* e a *pureza* (v. 45). **d)** O *serviço* e a *submissão a todos* (v. 47). **e)** O *desprezo de si mesmo*, enquanto portador de vícios e pecados (v. 46).

Não podiam faltar a *esmola* e o *jejum* como exercícios de conversão. Francisco recomenda a *esmola* como exercício de conversão, como manifestação de amor ao próximo. Trata-se aqui de não deixar que o apego aos bens materiais ocupe o lugar do amor ao próximo na vida dos cristãos (cf. v. 30-31).

Aconselha também o *jejum* dos vícios e dos alimentos. Estamos novamente diante dos exercícios de conversão ou das práticas penitenciais. A renúncia a alimentos pode criar espaço para o amor de Deus e do próximo. O ser humano não deve deixar-se dominar pelos bens materiais. Colocando toda a sua esperança no Sumo Bem que é Deus, o ser humano usa dos bens com liberdade, sem escravizar-se a eles (cf. v. 32 e 37).

A vida evangélica, conforme Francisco passa por um profundo *amor à Igreja* com todas as suas fraquezas e pecados. Isso faz parte do “ser católico”. Devemos visitar frequentemente as igrejas e honrar e respeitar os clérigos por causa do seu ministério (cf. v. 33).

Eis os dignos frutos de penitência: *fazer as obras do Pai*, na imitação de Jesus (cf. v. 49).

A maioria destes elementos da conversão evangélica, as obras do Pai, na imitação de Jesus Cristo vêm contempladas e explicitadas na Regra renovada da OFS.

5 Quão felizes são estes e estas!

5.1 A bem-aventurança dos que levam uma vida de penitência

Sim, é isto que ensina São Francisco na Exortação aos Irmãos e Irmãs sobre a penitência, no Prólogo da Regra. Felizes os que fazem penitência, bem-aventurados os que vivem uma vida de penitência. À vida de penitência ou de conversão evangélica está ligada uma bem-aventurança; ela tem promessa de uma bem-aventurança. Não só no mundo futuro, mas já neste mundo. Felizes são estes e estas que amam a Deus sobre todas as coisas, o próximo como a si mesmos, felizes os que odeiam o próprio corpo com seus vícios e pecados, não o corpo em si, mas enquanto o corpo é portador de vícios e pecados, e que recebem o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, ou seja, deixam Cristo transformar sua vida, e fazem dignos frutos de penitência.

5.2 Em que consiste esta felicidade?

Consiste antes de tudo em viver mergulhados no mistério da Santíssima Trindade. É o que ensina São Francisco na sequência da exortação: *Quão felizes são estes e estas que assim agirem e perseverarem até o fim, porque “sobre eles repousará o Espírito Santo” (Is 11,2), e Ele fará neles sua habitação e sua “morada” (Jo 14,23), e eles são filhos do Pai celestial (Mt 5,45), cujas obras fazem e são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 12,50).* São, agora, e não o serão, apenas no futuro.

Esta dimensão trinitária constitui o cerne da espiritualidade de São Francisco e de todos os franciscanos e franciscanas como aparece claramente nos seus Escritos.

Ele saúda Maria, a Mãe de Deus, relacionando-a com as três pessoas da Santíssima Trindade, como filha, esposa e mãe: *Salve, ó Senhora santa, Rainha santíssima, Mãe de Deus, ó Maria, que sois Virgem feita Igreja, eleita pelo santíssimo Pai celestial, que vos consagrou por seu santíssimo e dileto Filho e o Espírito Santo Paráclito!*

Na Antífona mariana do Ofício da Paixão, ele a chama filha do Pai celestial, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo e esposa do Espírito Santo. Vale a pena lembrar e meditar: *Santa Virgem Maria, não há mulher nascida no mundo*

semelhante a vós, filha e serva do altíssimo Rei e Pai celestial, Mãe de nosso santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo.

A forma de vida de Clara e de suas irmãs, em sua vocação inteiramente consagrada a Deus, também é apresentada por Francisco como uma vida mergulhada no mistério da Santíssima Trindade. Eis o que diz Francisco: *Desde que, por inspiração divina, vos fizestes filhas e servas do altíssimo e sumo Rei, o Pai celestial, e tomastes o Espírito Santo por esposo, optando por uma vida conforme com a perfeição do Santo Evangelho, quero eu – o que prometo por mim pessoalmente e por meus irmãos – nutrir sempre, a bem de vós, o mesmo diligente cuidado e solicitude como por eles.*

5.3 Sobre eles repousará o Espírito Santo

A presença da Santíssima Trindade nos que fazem penitência é uma presença dinâmica, uma presença vivificante. Pela ação do Espírito Santo eles e elas tornam-se sua habitação e sua morada. O Espírito Santo torna-os filhos e filhas do Pai celestial e esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo. Torna-os morada da Santíssima Trindade! Pode haver maior felicidade do que esta?

Neles e nelas realiza-se a promessa de Jesus no discurso da Última Ceia: *Se alguém me ama, guarda minha palavra, o Pai o amará e viremos e nele faremos morada* (Jo 14,23). Tudo isso é obra do Espírito Santo naqueles e naquelas que procuram a Deus de todo o coração. Daí a importância de os Irmãos e Irmãs da Penitência cultivarem uma intimidade permanente com o Espírito Santo. Jesus promete a presença do seu Espírito para que repouse sobre os que o amam, tornando-os sua habitação, sua morada: *O Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos trará à memória quanto vos disse* (Jo 14,26). Francisco chama de esposo esta presença divina fecunda em nossas vidas. A relação com o divino Espírito Santo deve assemelhar-se à intimidade entre os esposos.

5.4 A dimensão trinitária da espiritualidade franciscana na Regra da OFS

Esta íntima comunhão com a Santíssima Trindade vem proposta admiravelmente na segunda parte do número 4 da Regra da OFS: *Cristo, dom do Amor do Pai, é o caminho para Ele, é a verdade na qual o Espírito Santo nos*

introduz, é a vida que Ele veio dar em superabundância. Aqui o centro de tudo é Cristo, o Filho. Ele é o Caminho para o Pai, Ele é a Verdade na qual o Espírito Santo nos introduz, Ele é a Vida em plenitude. Mas está sempre presente a Trindade Santa.

Está aqui a essência da espiritualidade cristã: Ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Aqui está a essência da vida de penitência que traz consigo a felicidade, a realização plena do ser humano. Os Irmãos e Irmãs da Penitência são, pois, chamados a viverem de modo intenso esta bem-aventurança. *Quão felizes são estes e estas [...]. Felizes aqueles e aquelas a quem o Senhor concedeu iniciar uma vida de penitência e perseverarem até o fim! O que mais poderíamos desejar a todos os irmãos e irmãs franciscanos seculares senão uma intensa vida de penitência?!*

6 A bem-aventurança da penitência

Continuando o nosso comentário ao Prólogo da Regra da OFS, vamos aprofundar a bem-aventurança dos que iniciam uma vida de penitência ou de conversão evangélica e nela perseveram.

E eles são filhos do Pai celestial (Mt 5,45), cujas obras fazem e são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo (Mt 12,50) (Pról.).

6.1 Esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo

O próprio Francisco explica como aqueles e aquelas que fazem penitência são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo:

Somos esposos, quando a alma fiel está unida a Nosso Senhor Jesus Cristo pelo Espírito Santo (Pról.). Jesus é visto como Esposo por Francisco, mas sempre na comunhão com o Espírito Santo. O Espírito Santo é propriamente o Esposo da alma do fiel, esposo que gera o Filho e nos torna irmãos de Jesus Cristo. Jesus é esposo, enquanto pelo seu Espírito gera, forma e dá à luz os filhos e filhas de Deus.

Somos seus irmãos, quando fazemos “a vontade do Pai, que está nos céus” (Mt 12,50) (Pról.). Realizar a vontade do Pai consiste em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.

Somos mães, quando o trazemos em nosso coração e em nosso corpo (1Cor 6,20) pelo amor divino e por uma consciência pura e sincera; e o damos à luz pelas obras

santas que, pelo exemplo, devem ser luz para os outros (Mt 5,26) (Pról.). Como Maria e com Maria, todo ser humano é chamado a ser mãe de Deus, mãe de Jesus Cristo. O próprio Cristo o afirma no Evangelho: Minha mãe e meus irmãos são os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática (Lc 8,21).

O modo como os fiéis podem tornar-se mães, moradas, templos do Senhor vem maravilhosamente sintetizado no n. 5 da Regra da OFS: *Os franciscanos seculares, portanto, procurem a pessoa vivente e operante do Cristo nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas. A fé de São Francisco, que ditou estas palavras: “Nada vejo corporalmente neste mundo do altíssimo Filho de Deus, senão o seu santíssimo Corpo e o santíssimo Sangue”, seja para eles a inspiração e o caminho da sua vida eucarística.* Coisa inaudita! Jesus Cristo não é apenas Nosso Senhor e nosso irmão; é também nosso filho!

Ser mãe do Senhor, a exemplo de Maria, sendo serva, manto, morada, tabernáculo, palácio do Senhor, é fruto da atitude de penitência de “odiar o próprio corpo com seus vícios e pecados e receber o Corpo do Senhor”. São os dignos frutos de penitência. Nisto está a verdadeira felicidade. Realiza-se o que o anjo disse a Maria: *Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo (Lc 1,28).* O Senhor está contigo, o Senhor está em ti. Existe maior felicidade do que esta?!

6.2 A felicidade de experimentar a Trindade divina como Pai, como Esposo e como Irmão

Francisco se expande em admiração, louvor e gratidão ao considerar a felicidade de os fiéis viverem sua comunhão com Deus como Pai, como Esposo e como Irmão. Deixemos a palavra com Francisco:

Como é honroso ter no céu um Pai santo e grandioso! Como é santo ter um tal esposo, consolador, belo e admirável! Como é santo e como é amável ter um tal irmão e um tal filho agradável, humilde, pacífico, doce, amável e sobre todas as coisas desejável: Nosso Senhor Jesus Cristo que entregou sua vida por suas ovelhas (Jo 10,15) e por nós orou ao Pai, dizendo: “Pai santo, guarda-os em teu nome (Jo 17,11), os que me deste no mundo; eram teus, e os deste a mim (Jo 17,6). E as palavras que me deste, eu as dei a eles e as receberam e creram em verdade que saí de ti e conheceram que Tu me enviaste” (Jo 17,8). Rogo por eles, “não pelo mundo” (Jo 17,9). Abençoa-os e “santifica-os” (Jo 17,17) e “por eles eu próprio me santifico” (Jo 17,19). “Não rogo somente por eles, mas também por quantos hão de crer em mim mediante a palavra deles (Jo 17,20), para que sejam santificados na unidade (Jo 17,23), como nós” (Jo 17,11). “Pai, quero que, onde eu estou, eles estejam

comigo para que vejam a minha glória (Jo 17,24) no teu reino” (Mt 20,21). Amém.

Esta mística da morada do Senhor nosso Deus, São Francisco a desenvolve também no capítulo 22 da Regra Não Bulada dos Frades Menores: *Preparemos-lhe sempre dentro de nós uma morada permanente, a Ele que é o Senhor e Deus todo-poderoso, Pai e Filho e Espírito Santo.*

6.3 Testemunhas da Santíssima Trindade

Os fiéis são chamados, pois, a testemunharem o Deus Trino e Uno, primeiramente, por sua vida mergulhada na Santíssima Trindade na vivência das virtudes teologais da fé, da esperança e da caridade. É o que Francisco diz, no capítulo citado da Regra Não Bulada: *Na santa caridade que é Deus (cf. 1Jo 4,16), rogo a todos os irmãos, tanto os ministros como os outros, removam todos os obstáculos e rejeitem todos os cuidados e solitudes, para, com o melhor de suas forças, servir, amar, adorar e honrar, de coração reto e mente pura, o Senhor nosso Deus, pois é isto o que Ele deseja sem medida.*

Os fiéis procurarão viver sempre e em todo lugar em ação de graças ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Sim, importa viver em ação de graças ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Isso se realiza através da vivência como filhos e filhas do Pai celestial, como irmãos e irmãs do Filho, Jesus Cristo, em quem nos tornamos também filhos e filhas de Deus, e como esposas do Espírito Santo que gera o Filho através de boas obras. Isto é viver uma vida de penitência, de conversão evangélica. Está aí a verdadeira felicidade, a bem-aventurança dos irmãos e irmãs da penitência.

Este testemunho de vida na Trindade Santa constitui um apostolado. Faz Cristo ser concebido nos corações dos seres humanos. Faz o Cristo nascer e manifestar-se no mundo. Eis a primeira forma de evangelizar dos franciscanos seculares, como de todos os cristãos e cristãs no mundo.

Que bom, útil e salutar seria se os franciscanos seculares recitassem diariamente, rezando esta parte do Prólogo da Regra: *Dos que fazem penitência.* Não basta conhecer a Regra. Importa também rezá-la, pois na oração se expressa de modo mais intenso a nossa comunhão com a Santíssima Trindade, nossa vocação humana. E concluiriam com a doxologia: *Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo, como era no princípio, agora e sempre. Amém.* Nisto consiste a verdadeira felicidade. *Quão felizes são estes e estas que assim agirem e perseverarem até o fim!*

7 A desgraça dos que não fazem penitência

Na primeira parte do Prólogo, onde Francisco fala *Dos que fazem penitência*, encontramos como fruto da vida de penitência, ou de conversão evangélica, a felicidade, a bem-aventurança. Na segunda parte, *Dos que não fazem penitência*, só vemos a desgraça, a infelicidade: *Nada tendes de bom neste mundo, nem no futuro*.

7.1 Em que consiste o não fazer penitência

Não fazer penitência é o contrário da vida de penitência. Ouçamos São Francisco: *Todos aqueles e aquelas que não vivem em espírito de penitência e não recebem o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e praticam vícios e pecados, e caminham atrás da má concupiscência e dos maus desejos da sua carne e não cumprem o que prometeram ao Senhor e com seu corpo servem ao mundo, aos desejos carnaís, às solitudes deste mundo e às preocupações desta vida: dominados pelo demônio, do qual são filhos e cujas obras praticam (Jo 8,41), estão cegos, porque não reconheceram a verdadeira luz, Nosso Senhor Jesus Cristo. Não possuem a sabedoria espiritual porque não têm o Filho de Deus, que é a verdadeira sabedoria do Pai; dos quais está escrito: “A sabedoria deles foi devorada” (Sl 106,27) e: “Malditos os que se afastam dos teus mandamentos” (Sl 118,21).*

Não fazer penitência é, primeiramente, não receber o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, naquele sentido mostrado por Francisco de acolher Jesus, seguir Jesus Cristo, fazer de Jesus Cristo o centro e o sentido de sua vida, *ter o Filho de Deus*. Depois, é deixar-se iludir pela carne (por si mesmo), pelo mundo e pelo demônio; é praticar vícios e pecados, o contrário de *odiar o próprio corpo com seus vícios e pecados*, ou seja, evitar o mal. Não fazer penitência consiste ainda em caminhar atrás da má concupiscência e dos maus desejos da sua carne. É deixar-se dominar pelo demônio. É não cumprir o que se prometeu ao Senhor. Finalmente, não fazer penitência é servir com seu corpo ao mundo, aos desejos carnaís, às solitudes deste mundo, às preocupações desta vida. No fundo, é substituir Deus por si mesmo, substituir o amor a Deus pelo amor a si mesmo e ao mundo. É colocar-se a si mesmo no centro de interesse, é querer ser autossuficiente.

Não fazer penitência é tornar-se maldito. É o contrário de bendito, abençoado, de viver na graça. O contrário de possuir a sabedoria, estar na graça, receber o Corpo do Senhor, possuir o Filho de Deus, ser morada da

Santíssima Trindade, degustar Deus, ser feliz; é cair na desgraça, é tornar-se desgraçado, que, na fortíssima expressão popular, significa simplesmente ser um condenado, ser um infeliz.

7.2 O resultado da falta de penitência ou de conversão evangélica

As consequências de não se viver em *espírito de penitência* são tristes e trágicas. Os que não fazem penitência são dominados pelo demônio, tornam-se filhos do demônio, cujas obras fazem. Tornam-se cegos, porque não reconhecem a verdadeira luz, Nosso Senhor Jesus Cristo. Cegueira, aqui, é sinônimo de escuridão, de trevas, de infelicidade, de morte. Voltados para si, buscando o único sentido da vida em si mesmos, bastando-se a si mesmos, não possuem a sabedoria espiritual, porque não têm o Filho de Deus, que é a verdadeira sabedoria do Pai. A sabedoria dos que não fazem penitência, dos que não recebem o Corpo do Senhor, lhes é tirada, é devorada.

Sabedoria vem de saborear, degustar. Fazer penitência, converter-se é degustar Deus em Jesus Cristo, é receber o Corpo do Senhor. Enfim, os que não fazem penitência tornam-se malditos, ao invés de benditos, infelizes, ao invés de bem-aventurados, porque se afastam dos mandamentos de Deus, do grande mandamento: o amor a Deus e ao próximo como a si mesmos.

7.3 A perda da sabedoria

A perda da sabedoria, a perda da experiência de comunhão de amor e de vida com Deus e em Deus, é consciente nos que não fazem penitência. Estes e estas são os verdadeiros impenitentes. Não os que por ignorância praticam o mal, pensando buscar o bem. São Francisco se dirige com palavras muito severas aos que praticam conscientemente o mal e não praticam o bem: *Percebem e reconhecem, têm consciência e praticam o mal e perdem deliberadamente suas almas. Reparai, ó cegos, iludidos por vossos inimigos: pela carne, pelo mundo e pelo demônio; porque é agradável ao corpo praticar o pecado, e amargo fazê-lo servir a Deus, porque todos os vícios e pecados “saem do coração do homem e de lá procedem”, como diz o Senhor no Evangelho (Mc 7,21).*

Aqueles e aquelas que percebem e reconhecem, têm consciência e praticam o mal, perdem deliberadamente suas almas. Francisco, como Cristo no Evangelho, ensina, pois, a não julgar a ninguém por seus atos. O que importa é

estarmos atentos, pois o mal praticado por aqueles e aquelas que conhecem a Jesus Cristo e sua proposta de vida, que conhecem o Deus que nos amou primeiro, “o Bem, todo o Bem, o sumo Bem, o Bem universal”, podem perder as suas almas. Podem chegar à situação constatada por Francisco nos que não fazem penitência: *Nada tendes de bom neste mundo, nem no futuro*. Podem acabar caindo na desgraça, tornando-se desgraçados, malditos. Acontece, então, o que Francisco diz no Cântico do Irmão Sol: *Ai dos que morrerem em pecado mortal! Felizes os que ela achar conformes à tua santíssima vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal!*

Por isso, os discípulos de Cristo são chamados a recomeçar cada dia de novo a fazer penitência, a viver permanentemente em penitência, deixando-se tocar e envolver pelo Deus que é Amor, pela Trindade Santa.

Quem de fato nos converte é Deus. Por isso, como ensina São Francisco, devemos sempre de novo *desejar o Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar: rezar sempre a Deus com coração puro; ser humilde e paciente nas perseguições e enfermidades; amar aqueles que nos perseguem, censuram e atacam; porque diz o Senhor: “Amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem e caluniam. Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus. Quem assim perseverar até o fim, este será salvo”* (Regra da Ordem I, 10).

Pensar na desgraça dos que não fazem penitência será sempre um incentivo para os franciscanos seculares, “irmãos e irmãs da penitência”, a se esforçarem por viver sua forma de vida evangélica, pois, *sobre eles e elas repousará o Espírito do Senhor e Ele fará neles sua habitação e sua “morada”, e eles são filhos do Pai celestial, cujas obras fazem e são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo* (Pról.).

8 A pobreza evangélica como vida de penitência

Na compreensão da vida de penitência ou de conversão evangélica de São Francisco de Assis, exposta no Prólogo da Regra, a questão da pobreza é fundamental. Aparece aí um dos elementos essenciais da espiritualidade franciscana também para os franciscanos seculares. A pobreza é, por assim dizer, a marca registrada de quem é chamado à vida franciscana.

8.1 Possuir

Ouçamos inicialmente o que Francisco diz na parte do Prólogo que trata *Dos que não fazem penitência*:

E nada tendes de bom neste mundo, nem no futuro. E julgais possuir por longo tempo as coisas deste mundo, mas estais enganados, porque virá o dia e a hora na qual não pensais, que desconheceis e ignorais. O corpo adoece, a morte se avizinha e assim o homem morre de uma morte infeliz. E onde, quando e de tal modo como venha a morrer um homem em pecado mortal, sem penitência e reparação – e ele pôde fazer penitência, mas não a fez – o demônio lhe arranca a alma do corpo sob tal angústia e medo, que ninguém é capaz de conhecer, senão aquele próprio que o experimenta. E ser-lhe-ão tirados (cf. Lc 8,18; Mc 4,25) todos os talentos e os poderes e a ciência e a sabedoria (2Cor 1,12) que julgava possuir. E deixa os seus bens aos parentes e aos amigos e depois que estes se apoderam deles e os distribuíram entre si, disseram: Maldita seja a sua alma, porque pôde ter dado e ganho mais para nós do que aquilo que conseguiu. O corpo, comem-no os vermes, e assim ele perdeu o corpo e a alma neste mundo passageiro, e irá para o inferno, onde será atormentado para sempre.

Francisco não é contra o ter, o possuir. A questão é possuir o quê? Francisco não deseja ser pobre indigente, miserável, mas rico de Deus. Seu grande tesouro é possuir Jesus Cristo, possuir o Reino de Deus. Na Regra da Ordem I se lê: *Os irmãos não tenham propriedade sobre coisa alguma, nem sobre casa nem lugar nem outra coisa qualquer... Esta é aquela sumidade da mais elevada pobreza que a vós, meus caríssimos irmãos, instituiu herdeiros e príncipes do Reino dos Céus e, fazendo-vos pobres de bens, vos cumulou de virtudes. Seja esta a vossa parte, que conduz à terra dos vivos. Pelo que, meus diletíssimos irmãos, apegando-vos inteiramente a ela, não queirais, por amor ao nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, possuir jamais outra coisa, debaixo do céu* (Regra 6).

Trata-se de possuir a altíssima Pobreza, o Filho de Deus. É o “sem nada de próprio” dos irmãos da Ordem I e das irmãs da Ordem II. Importa possuir o Bem, que é o próprio Deus; importa “possuir o Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar”; importa “ter o Filho de Deus, que é a verdadeira sabedoria do Pai”.

O ser humano, no seu relacionamento com o mundo ou as coisas criadas, é chamado a ser senhor, a ser rei da criação, não para dominá-la, mas para cultivá-la. No uso desses bens, na virtude da esperança, ele é chamado a antegozar o Bem que é Deus. Acontece que, por causa de sua fragilidade, o ser humano tende a inverter a ordem das coisas. Em vez de usar dos bens para através deles gozar do Bem que permanece para sempre, ele se apossa e se deixa

escravizar pelos bens temporais. Ele troca os valores eternos pelos bens temporais tanto de ordem material como de ordem espiritual. É o culto a deuses aparentes, a idolatria.

Importa, pois, não se deixar enganar pela ilusão dos bens materiais e mesmo espirituais, como os talentos, o poder, a ciência e a sabedoria. Por isso, o ser humano cultivará em sua vida uma atitude de jejum dos bens materiais. Abster-se deles, não se apossar deles, para que não ocupem o lugar do coração humano, impedindo seu espaço para Jesus Cristo, para Deus. É a atitude de liberdade e de respeito diante dos bens materiais temporais.

8.2 A lição de pobreza da morte

Diante da morte, o ser humano faz a máxima experiência de pobreza. Nada ele leva consigo. Tudo lhe é tirado, a não ser as virtudes, a vida divina, o próprio Cristo, Caminho, Verdade e Vida. Assim, o que importa é que neste momento da máxima experiência de sua pequenez, do despojamento, do esvaziamento de si mesmo, de pobreza, o cristão esteja mergulhado no amor da Trindade Santa, seja morada do Deus Altíssimo, esteja de posse do Reino dos Céus. O franciscano secular, despojado de tudo, mas revestido de Deus, pode, então, reconciliado com tudo e com todos, abraçar a morte como sua irmã que, no abraço do amor fraterno no Pai comum, em Cristo, o irmão maior, e envolto no Espírito Santo, lhe abre a porta do Amor e da Vida eterna feliz. Eis aí a máxima riqueza que se revela na altíssima pobreza.

8.3 A pobreza evangélica dos franciscanos seculares conforme a Regra

Como já foi dito, toda a Regra da OFS deve ser iluminada, compreendida e vivida à luz do Prólogo, que Francisco apresenta como *palavras odoríferas de Nosso Senhor Jesus Cristo*, como *espírito e vida* (cf. final do Prólogo). Isso acontece também com a vida em pobreza dos franciscanos seculares.

Esta vida de pobreza evangélica vem proposta no n. 11 da Regra:

Cristo, pondo toda a sua confiança no Pai, embora apreciase atenta e amorosamente as realidades criadas, escolheu para si e para sua Mãe uma vida pobre e humilde; assim, os franciscanos seculares procurem, no desapego e no uso, um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando as próprias

exigências materiais; estejam, pois, conscientes de que, segundo o Evangelho, são administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus.

Assim, no espírito das “Bem-aventuranças”, se esforcem para purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação, como “peregrinos e forasteiros” a caminho da casa do Pai.

Esta atitude de pobreza liberta os corações, cria espaço para Deus, para o próximo e para todas as realidades criadas, no amor. A pobreza evangélica reconcilia o ser humano com toda a realidade. Acolhe-a, gerando a atitude de ação de graças, torna as pessoas felizes, realiza a bem-aventurança do Evangelho: *Felizes os pobres em espírito porque deles é o Reino dos Céus (Mt 5,3).*

Não precisamos, então, ouvir de São Francisco o que ele disse aos que não fazem penitência: *E nada tendes de bom neste mundo nem no futuro.* Mas, ao contrário, se levarmos uma vida de penitência, Cristo com Francisco nos garante: *“E tudo tendes de bom neste mundo e no futuro”.* É a bem-aventurança dos que fazem penitência.

Aos fiéis do terceiro milênio Francisco continua a transmitir esta mensagem de felicidade: **“Meu Deus e meu tudo”!**

Felizes os penitentes, felizes os fiéis que levarem uma vida de penitência no terceiro milênio e nela perseverarem até o fim, amando a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmos, odiando o próprio corpo com seus vícios e pecados e recebendo o Corpo do Senhor Jesus!

SEGUNDA PARTE

COMENTÁRIO À “REGRA E VIDA”

Introdução

Preparamos o atual comentário a toda a Regra, pensando em muitos irmãos e irmãs. Não se trata aqui de um simples comentário de cada número da Regra renovada da Ordem Franciscana Secular. O nosso estudo constitui um comentário mais amplo da Regra, considerando também a formação cristã como tal.

É verdade que já possuímos algum material em português. São traduções de obras certamente de grande valor como espiritualidade secular franciscana: *Reflexões sobre a Regra da OFS*, de Frei Jaime Zudaire, OFMCap. (Petrópolis: Vozes/Cefepal, 1984); *Ordem Franciscana Secular – Uma forma de vida evangélica*, de Frei Vincenzo Frezza, OFMCap. (Petrópolis: Vozes/Cefepal, 1986). Temos ainda as *Reflexões sobre a Regra*, de Frei Fernando Schnitker, OFM (em *OFS, espírito e vida* (Cefepal-Regional Nordeste II) e *São Francisco e o mistério da vida*, de Frei Carmelo Surian, OFM (Aparecida: Santuário, 1986). Cada um aborda o tema com enfoques diversos.

Pretendemos antes fazer uma reflexão sobre a espiritualidade que ela apresenta para os franciscanos seculares nos nossos dias. Será uma espécie de tratado sobre a Regra renovada aprovada por Paulo VI em 1978.

Seguindo cada número da Regra que constitui a forma de vida evangélica dos franciscanos seculares, abordaremos temas conexos sugeridos e não desenvolvidos pela Regra, nem pelos vários comentários. Alguns exemplos para ilustrar nossa intenção. No número 6 da Regra e vida se diz: *Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja, e a ela mais fortemente ligados pela Profissão, tornem-se testemunhas e instrumentos da sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra*. A partir do comentário a este número, apresentamos uma abordagem sobre o apostolado do franciscano secular. O número 8 da Regra e vida diz assim:

Participem da vida sacramental da Igreja... A partir desta proposta apresentamos toda uma exposição sobre a espiritualidade dos sacramentos da Igreja.

No fundo, os Irmãos e Irmãs da Penitência poderão encontrar nesta obra um manual de espiritualidade franciscana.

CAPÍTULO I

A Ordem Franciscana Secular

1 A Família Franciscana

No primeiro número, a Regra da Ordem Franciscana Secular apresenta a grande Família Franciscana no conjunto das famílias espirituais suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja de Cristo:

Entre as famílias espirituais, suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja, a Família Franciscana reúne todos aqueles membros do Povo de Deus, leigos, religiosos e sacerdotes, que se sentem chamados ao seguimento do Cristo, à maneira de São Francisco de Assis.

Por modos e formas diversos, mas em recíproca comunhão vital, eles querem tornar presente o carisma do comum Pai Seráfico na vida e na missão da Igreja (Regra 1).

1.1 As famílias espirituais na Igreja

As famílias espirituais na Igreja têm origem em homens e mulheres carismáticos, que podemos chamar de profetas e profetisas. Cada um deles viveu de maneira forte o Evangelho de Jesus Cristo, acentuando um ou outro aspecto do mesmo. Assim, temos, por exemplo, São Bento. Por sua vida ele acentuou duas facetas importantes do Evangelho de Cristo: a oração e o trabalho, a contemplação e a ação. Depois, temos São Domingos. A Igreja, pelos fins do século XII, estava acomodada; considerava-se cristã, enquanto em seu seio iam surgindo as heresias. São Domingos, por sua vida e por sua pregação, lembrou que é preciso pregar sempre o Evangelho. Temos uma Santa Teresa de Ávila, um Santo Inácio de Loyola, um Santo Afonso de Ligório, um São Vicente de Paulo, um São João Bosco, e tantos outros. Se o testemunho destes profetas e profetisas for intenso e tiver um valor permanente, surgem outras pessoas que desejam viver à maneira deles. Nasce, então, uma família espiritual que dá continuidade a essa mensagem evangélica que chamamos de carisma.

1.2 A Família Franciscana

Entre esses profetas e profetisas, temos Francisco e Clara de Assis. Francisco de Assis, um homem de coração bom e generoso desde jovem, desejava realizar grandes coisas em sua vida. Enquanto buscava a grandeza por diversos caminhos, Nosso Senhor lhe mostrou que devia viver segundo o Santo Evangelho, seguindo os passos de Jesus Cristo pobre e humilde, em íntima comunhão com a Igreja. Descobriu em Jesus Cristo a Deus como Pai e a todos os homens como irmãos.

Não demorou, apareceram outros homens, sacerdotes e leigos, que queriam viver também o Evangelho à maneira de Francisco. Ele os acolhe e chama este grupo de Ordem dos Frades (Irmãos) Menores. Eles propõem-se a viver segundo o Santo Evangelho como irmãos menores. É a Ordem I, porque fundada por primeiro.

Depois vem Clara, uma jovem de família nobre. Ela pede a Francisco poder viver também o Evangelho no estilo dele. Com Clara vêm outras jovens e senhoras viúvas. Francisco as acolhe e as orienta nesta forma de vida. Também este grupo é organizado. É a Ordem das Damas Pobres de São Damião, como as chamava Francisco. Surge a Ordem das Irmãs Pobres, a Ordem II, porque surgiu em segundo lugar. Elas propõem-se a viver segundo o Santo Evangelho como irmãs pobres, da altíssima pobreza.

Mas existiam na sociedade do tempo outros homens e mulheres que não podiam deixar tudo e viver à maneira de Francisco como religiosos ou religiosas. Eram casados ou tinham outros compromissos com a sociedade. Vinham a Francisco e a seus companheiros pedir orientação para viverem segundo o Santo Evangelho. Além disso, havia no tempo de São Francisco grupos de penitentes que procuravam orientações junto aos Irmãos da Ordem dos Frades Menores. Aos poucos, eles foram sendo orientados por Francisco e pelos Irmãos Menores e, finalmente, a Igreja também lhes forneceu uma forma de vida, inspirada em São Francisco. Surge, assim, a Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência, formada de pessoas que desejavam viver segundo o Santo Evangelho à maneira de Francisco, permanecendo no século, isto é, permanecendo nas famílias, na sua condição social e na sua profissão. Eles se propõem a viver segundo o Santo Evangelho como Irmãos e Irmãs da Penitência. É a Ordem III de São Francisco, porque apareceu em terceiro lugar.

Assim surgiu a Família Franciscana, que pode acolher pessoas de todos os estados de vida: religiosos, clérigos e leigos, religiosas e seculares: solteiros, casados e viúvos, formando todos uma grande família de irmãos e irmãs.

O fato de se proporem a viver o Evangelho como irmãos e irmãs é comum a toda a Família Franciscana. Depois, temos o modo de viver como irmãos e irmãs. Irmãos Menores, sem nada de próprio, são os religiosos. As irmãs da mais absoluta pobreza são as irmãs religiosas de Santa Clara. E temos os seculares, que também desejam viver o Evangelho no espírito dos conselhos evangélicos de obediência, pobreza e castidade. O espírito dos conselhos é vivido pela conversão contínua chamada vida de penitência. Eis os Irmãos e Irmãs da Penitência. Trata-se do mesmo carisma vivido por todos.

1.3 Desdobramentos posteriores na Família Franciscana

Tanto na Ordem I como na Ordem III, com o tempo, houve desdobramentos. Sempre dentro do desejo de se viver mais autenticamente o Evangelho de Cristo, formaram-se grupos diferentes na Ordem I. Grupos chamados de “observantes” formam hoje a Ordem dos Frades Menores, popularmente chamados de franciscanos. Temos também a Ordem dos Frades Menores Conventuais, chamados conventuais, e a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, chamados capuchinhos. São as chamadas três obediências da Ordem I, porque cada um desses grupos tem sua organização e o seu Governo Geral autônomo.

Algo de semelhante aconteceu também com a Ordem III. O processo, porém, foi diferente. Temos a Ordem III, chamada agora Ordem Franciscana Secular, e a Ordem Terceira Regular.

O que é a Ordem III Regular ou TOR (Terceira Ordem Regular) de São Francisco? Houve, na história da Ordem III de São Francisco, grupos de homens e mulheres que mantinham serviços de caridade, ou obras de misericórdia. Para melhor servir a estas obras, grupos de homens e mulheres não casados começaram a viver em comum e aos poucos começaram a fazer os votos, prometendo viver segundo a Regra da Ordem III. Assim, esses grupos se tornaram religiosos, surgindo desta forma as primeiras Congregações franciscanas masculinas e femininas da Ordem III de São Francisco. Inicialmente, eles professavam a Regra dos Irmãos e Irmãs da Penitência. Mais tarde, em 1521, a Igreja, através do Papa Leão X, lhes concedeu uma Regra própria, mais adaptada à forma de vida comunitária. Por causa desse estilo de vida comunitária é que estas Congregações começaram a ser chamadas de Terceira Ordem Regular. No decorrer dos séculos, surgiram muitas outras congregações que assumiram a Regra da TOR. Como a Ordem Franciscana Secular em 1978, todas estas Congregações Religiosas Franciscanas masculinas

e femininas, em 1982, receberam também uma nova Regra aprovada pela Santa Sé.

Na Ordem II, também, houve alguns desdobramentos, onde temos Ordens e Congregações. Lembramos as Clarissas e as Concepcionistas, como as principais.

Todos juntos formam a grande Família Franciscana.

Sobre a Família Franciscana em geral veja CCGG, art. 1.

2 A Ordem Franciscana Secular na Família Franciscana

O número 2 da Regra fala sobre a Ordem Franciscana Secular dentro da grande Família Franciscana:

No seio da dita família, ocupa posição específica a Ordem Franciscana Secular, que se configura como uma união orgânica de todas as fraternidades católicas espalhadas pelo mundo e abertas a todos os grupos de fiéis. Nelas, os irmãos e as irmãs, impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja (Regra 2).

Este artigo diz o que é a Ordem Franciscana Secular, qual o seu projeto de vida.

2.1 Uma verdadeira Ordem

Os franciscanos seculares constituem uma verdadeira Ordem na Igreja. Não formam um mero movimento ou mera associação. A OFS é uma Ordem reconhecida como tal pela Igreja, que lhe apresenta uma forma de vida chamada Regra. Como tal, ela é acolhida, aceita e abençoada pela Igreja em todas as partes do mundo. Ela faz parte da Família Franciscana e contribui para a plenitude de seu carisma.

2.2 Uma Ordem católica

São Francisco colocou duas condições para alguém pertencer à Ordem por ele fundada e aprovada pela autoridade da Igreja: Que os candidatos cressem na fé da Igreja e vivessem os seus sacramentos. Em outras palavras, que fossem católicos. A condição para alguém viver segundo o Santo Evangelho, segundo o

exemplo de São Francisco, é que ele viva o Evangelho, isto é, procure seguir os ensinamentos e os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo em comunhão com a Igreja de Cristo, a Igreja Católica.

2.3 Fraternidade católica

Uma característica dos franciscanos seculares é que eles se propõem a viver o Evangelho em fraternidade, isto é, como irmãos e irmãs. A fraternidade constitui uma característica do carisma franciscano. Ora, ninguém é irmão sozinho. Ser irmão supõe ter um Pai comum, supõe ter outro irmão ou irmã. Só na vivência fraterna se pode testemunhar verdadeiramente aquela mensagem principal do Evangelho: Deus é Pai de todos. Por isso, todos são irmãos e devem viver como irmãos. Jesus Cristo é Filho de Deus e pela encarnação se fez irmão de todos os seres humanos. Irmão simples, humilde, a serviço de todos. Por sua morte e ressurreição é o mesmo sangue redentor de Jesus Cristo que circula em todos, fazendo-os irmãos e irmãs de Cristo e, em Cristo, entre si. Ser irmão é viver o amor, é servir-nos uns aos outros a exemplo de Cristo, é dar a vida uns pelos outros.

2.4 Fraternidade aberta a todos os fiéis

A Ordem Franciscana Secular é constituída por fraternidades abertas a todos os grupos de fiéis. Nessas fraternidades há lugar para todos os seculares, pois para os religiosos e as religiosas existem a Ordem I e a Ordem II de São Francisco. Nelas há lugar para jovens, para casados, viúvos e celibatários no mundo; para clérigos e leigos; para todas as classes sociais, todas as profissões, para todas as raças; para homens e mulheres. Há lugar para todos, porque se busca viver segundo o Santo Evangelho como irmãos e irmãs da penitência.

2.5 A busca de perfeição da caridade

Todos os cristãos são chamados a buscarem a perfeição da caridade. Também os irmãos e irmãs franciscanos seculares. A finalidade das fraternidades é justamente esta busca da perfeição, e a perfeição cristã está na caridade. A Ordem distingue-se, por isso, de qualquer outro grupo associativo. A perfeição da caridade constitui a própria razão de ser das fraternidades. Daí todo o modo de ser e de agir de seus membros será animado pela fé em Jesus

Cristo. As funções diversas na fraternidade serão serviços no seguimento de Jesus Cristo que veio para servir e não para ser servido.

2.6 A Profissão de viver o Evangelho

A Profissão é um compromisso público diante de Deus e da Igreja. Professar significa confessar, proclamar um propósito, uma crença. Os Irmãos e Irmãs da Penitência assumem o compromisso de vida segundo o Santo Evangelho. Querem tornar-se profissionais do Evangelho no mundo. Querem por suas vidas, suas ações e palavras dar testemunho do Santo Evangelho. O Ritual explica bem qual o sentido da profissão dos franciscanos seculares:

Muitos homens e mulheres, casados e solteiros, chamados por Deus a seguir o caminho da vida de perfeição evangélica, seguindo o exemplo e a maneira de viver de Francisco de Assis, e a partir de seu carisma, tornando-o presente no mundo, comprometem-se a seguir a Jesus Cristo e a viver o Evangelho em fraternidade, ingressando na Ordem Franciscana Secular (n. 1).

A natureza do compromisso de vida evangélica é a seguinte:

a) A renovação da consagração e das promessas do Batismo e da Confirmação. Isto significa: Uma consagração a Deus, no seu povo, com todas as consequências daí decorrentes em relação à vida de união com Deus e à adesão ao seu plano de salvação, por uma consagração a ser vivida no mundo;

b) A vontade de viver o Evangelho, seguindo São Francisco de Assis;

c) A incorporação na Ordem Franciscana Secular, que consiste numa harmoniosa união de todos os irmãos e irmãs, que prometem viver o Evangelho segundo a forma de São Francisco de Assis, permanecendo em sua vocação secular;

d) A vontade de viver no mundo e em favor do mundo. Neste ponto, a profissão quer ser um fermento evangélico e um compromisso de colaboração na construção de um mundo mais fraterno.

Entretanto, os sacerdotes diocesanos confirmam, pela Profissão, seus compromissos e promessas da própria e específica vocação presbiteral;

e) A vontade de viver o Evangelho por toda a vida. Esta dimensão constitui uma expressão de generosidade, ligada aos mais íntimos anseios da pessoa, bem como de aceitação dos desafios provenientes das circunstâncias incertas da vida, ligados a toda opção humana permanente e sempre renovada;

f) A confiança do candidato, apoiada no auxílio da Regra da OFS e da fraternidade. O candidato sentir-se-á conduzido e ajudado pela Regra aprovada

pela Igreja e sentirá a alegria de participar da caminhada da vida evangélica com muitos irmãos, dos quais ele pode receber e aos quais poderá dar alguma coisa. Incorporado na fraternidade local, que é uma célula da Igreja, prestará sua contribuição para a restauração de toda a Igreja (n. 14).

2.7 No próprio estado secular

A Ordem Franciscana Secular não é Ordem religiosa. Nela não se fazem os votos, nem se leva vida comunitária. Os irmãos e as irmãs são chamados e por isso se comprometem a viver segundo o Santo Evangelho no próprio estado de vida, ou seja, como seculares, sejam leigos, sejam clérigos. Procurarão fazer do Evangelho o projeto de sua vida cristã como jovens, casados ou viúvos; como celibatários no mundo ou como sacerdotes diocesanos, no ambiente familiar, cada qual na sua profissão. Serão o fermento a transformar as realidades do mundo, consagrando-o a Deus, como reis e sacerdotes de toda a criação.

Por isso, não é condizente com a vida das fraternidades franciscanas seculares tudo o que pareça imitação da vida religiosa conventual. A secularidade é um dos elementos constitutivos da vida do franciscano secular.

2.8 Viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja

Não se trata simplesmente de viver o Evangelho. Os franciscanos seculares são chamados a viverem o Evangelho de uma maneira bem típica. Temos duas indicações que caracterizam esta maneira típica de viver o Evangelho:

a) À maneira de São Francisco: Daí a importância de os irmãos e as irmãs se aprofundarem nessa maneira de São Francisco viver o Evangelho. Será preciso conhecer bem sua vida e seus ensinamentos. Dele aprenderão as virtudes típicas franciscanas como a humildade, a simplicidade, a pobreza, a fraternidade, o espírito de oração, a conversão contínua, o amor à Igreja.

b) Viver segundo a Regra: A segunda indicação sobre o modo de viver o Evangelho vem ensinada na Regra. É orientar sua vida pelos princípios enunciados na Regra. É fazer da Regra sua vida. Quem, realmente, procura viver a vida cristã, conforme a Regra está vivendo sua vocação franciscana.

2.9 Uma vocação

Este modo de viver o Santo Evangelho constitui uma vocação. É um impulso do Espírito Santo. Esta vocação implica uma missão: *Tornar presente o carisma do comum Pai Seráfico na vida e na missão da Igreja* (cf. n. 1). Neste sentido, a vida franciscana secular nunca será de massas. Será uma vocação muito pessoal e para a vida toda.

Sobre a Ordem Franciscana Secular na Família Franciscana veja CCGG, art. 1 a 4.

3 A Regra da Ordem Franciscana Secular

Se falamos em Nova Regra da OFS significa que houve outras. Realmente, diz o número 3 da Regra atual:

A presente Regra, após o “Memoriale Propositi” (1221) e após as Regras aprovadas pelos Sumos Pontífices Nicolau IV e Leão XIII, adapta a Ordem Franciscana Secular às exigências e expectativas da santa Igreja nestes tempos de acentuadas mudanças. A sua interpretação compete à Santa Sé e a aplicação será feita pelas Constituições Gerais e por Estatutos particulares.

3.1 Por que uma nova Regra?

A vida franciscana é sempre uma vida em comunhão com a Igreja. Assim queria São Francisco de Assis, assim desejam também seus seguidores. Quando, então, a suprema autoridade da Igreja achar que deve modificar esta forma de vida segundo o Evangelho para ficar mais de acordo com a mentalidade e as necessidades de cada tempo, os franciscanos têm a graça de realizar um ato de santa obediência, acolhendo a nova orientação da Igreja. Foi o que aconteceu nestes anos depois do Concílio Vaticano II.

Mas, para melhor compreender o porquê de uma nova Regra da OFS, vamos por passos.

3.2 As primeiras orientações de São Francisco

São Francisco escreveu uma forma de vida para os Frades Menores e pediu para ela a aprovação do Papa. Não escreveu propriamente uma Regra para a Ordem III. Mas às pessoas que dele se aproximavam, Francisco ia dando

orientações. Escreveu uma belíssima carta para os fiéis sobre os que fazem penitência e os que não fazem penitência. Neste espírito, a Santa Sé, ainda em vida de São Francisco, em 1221, baixou normas de vida para os diversos grupos de penitentes existentes no tempo. Era o *“Memoriale propositi”*. Há quem atribua este documento a São Francisco com a ajuda do Cardeal Hugolino, amigo de São Francisco e, mais tarde, Papa Gregório IX. As pessoas e os grupos de fiéis, orientados por Francisco e pelos Frades Menores, procuravam viver segundo estas orientações.

3.3 A primeira Regra propriamente dita

No decorrer do século XIII surgiram dificuldades na orientação dos grupos de penitentes. Alguns se colocavam sob a orientação dos bispos, outros procuravam a assistência dos Frades Menores, outros ainda, dos Frades Pregadores, os Dominicanos. Para os grupos ligados aos Frades Menores, que eram a maioria, e desejavam viver segundo a espiritualidade de São Francisco de Assis, foi elaborada uma Regra, propriamente dita, pelo visitador franciscano Frei Caro de Florença. Compreendia 20 capítulos e retomava o essencial do *“Memoriale Propositi”*. Esta Regra, inspirada em São Francisco, foi aprovada em 1289 pelo Papa Nicolau IV. Nela São Francisco foi reconhecido como Fundador da Ordem III e a assistência foi confiada à Ordem I.

3.4 A Regra de Leão XIII

A Regra de Nicolau IV ficou em vigor durante quatro séculos. Foi, sem dúvida, uma orientação de vida evangélica pela qual muitos seculares se santificaram. As Congregações Religiosas Franciscanas da TOR (Terceira Ordem Regular) também seguiam esta Regra, até que em 1521 elas receberam uma Regra própria aprovada pelo Papa Leão X.

Leão XIII desejava uma Ordem III mais atualizada, engajada na ação evangelizadora da Igreja, à qual pudessem pertencer verdadeiras multidões. Para tanto, achou que a Regra deveria ser atualizada. Foi o que aconteceu em 1891.

3.5 A Regra de Paulo VI

O Concílio Vaticano II veio revolucionar muitas coisas na Igreja. Pediu uma renovação das Ordens e Congregações na Igreja pela volta ao Evangelho, ao espírito dos Fundadores e a atenção às necessidades dos tempos atuais. Também a Ordem III Secular de São Francisco procurou fazer isso a partir de 1966. Após 12 anos de trabalho, foi promulgada, em 1978, a nova Regra ou Regra renovada da Ordem Franciscana Secular pelo Papa Paulo VI.

Esta Regra tem a preocupação de realçar três aspectos importantes: Levar a uma vida segundo o Evangelho. O Evangelho está, pois, em primeiro lugar, como esteve na vida de São Francisco de Assis. Inspira-se em sua doutrina e nos seus exemplos. A preocupação de ser uma forma de vida para o cristão atual, tomando em consideração os sinais dos tempos, as inspirações do Espírito Santo para o nosso tempo e para o futuro. Acentua, sobretudo, o aspecto secular da vida segundo o Evangelho. Quer ser uma forma de vida segundo o Evangelho para o estado secular, para o cristão inserido no mundo e em suas realidades.

3.6 O esquema e o conteúdo da Regra

A nova Regra, que às vezes se prefere chamar de Regra renovada, se compõe de um Prólogo, ou seja, uma introdução e do corpo da Regra como tal.

O Prólogo é constituído pela Exortação de São Francisco aos Irmãos e Irmãs da Penitência. É praticamente a sua *Carta aos Fiéis*, a primeira orientação de São Francisco aos Irmãos e Irmãs da Penitência.

O Corpo da Regra é formado de três capítulos:

O capítulo I fala sobre a natureza da OFS, ou sobre o que é a Ordem Franciscana Secular na Igreja.

O capítulo II apresenta a forma de vida segundo o Evangelho. Mostra em que consiste a vida segundo o Santo Evangelho dos franciscanos seculares. Apresenta a espiritualidade do franciscano secular; sua inspiração no Evangelho, sendo o Cristo o seu centro, sua vida cristã na Igreja pela vivência dos sacramentos, sua vida de conversão permanente, sua vida de oração e de devoção a Nossa Senhora, sua vida segundo o espírito dos conselhos evangélicos e o seu testemunho apostólico de fraternidade no mundo.

O capítulo III dá algumas normas sobre como viver em fraternidade e quais os serviços nesta fraternidade. O franciscano secular é chamado a fazer a experiência fraterna em sua fraternidade para melhor poder dar testemunho de fraternidade em qualquer circunstância da vida.

3.7 O espírito da Regra renovada

Ela quer ser uma forma de vida evangélica para os franciscanos seculares. Quer levar a seguir e a imitar a Jesus Cristo do Evangelho. Nesta procura de viver segundo o Evangelho, quer inspirar-se no exemplo de São Francisco de Assis. Quer realçar a secularidade. Viver o Evangelho segundo o exemplo de São Francisco, não no convento, não em mosteiros, mas no mundo, no próprio estado de vida, como solteiros, casados ou viúvos, ou ainda como sacerdotes, na profissão de cada um, na construção de uma sociedade e de um mundo mais fraternos.

Sobre a Regra da Ordem Franciscana Secular veja CCGG, art. 5-7.

CAPÍTULO II

A forma de vida

1 A forma de vida dos franciscanos seculares numa visão de conjunto

O capítulo II da Regra que vai do número 4 ao número 19 apresenta a forma de vida dos franciscanos seculares. É um resumo do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo vivido à luz do homem evangélico Francisco de Assis. Mostra como os franciscanos seculares podem viver hoje o Evangelho de Jesus Cristo, como Irmãos e Irmãs da Penitência, à maneira de São Francisco de Assis.

1.1 Jesus Cristo nos leva ao amor de Deus e do próximo

Esta forma de vida tem sua inspiração em Jesus Cristo, que a lança no mistério da Santíssima Trindade. Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, leva ao Pai e abre os corações dos irmãos ao próximo.

O número 5 nos diz onde a pessoa vivente e operante de Cristo pode e deve ser encontrada: nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas.

1.2 A vocação batismal na Igreja

Colocada esta base cristocêntrica, a Regra convida, no número 6, a viver a conversão básica da vocação batismal, aprofundada pela Profissão de vida evangélica. Esta conversão básica é vivida na vocação eclesial. O apelo central do Evangelho é a conversão. Por isso, os irmãos e irmãs, que têm por vocação viver segundo o Evangelho à maneira de Francisco de Assis, são chamados a conformar seu modo de pensar e de agir ao modo de pensar e de agir de Jesus Cristo. Este processo permanente e continuado de conversão recebe intensidade e expressão especial na celebração do Sacramento da Penitência. É o que nos diz o número 7.

1.3 A vida de oração

O número 8 mostra como esta vida de conversão permanente se expressa na oração individual e comunitária. Na oração comunitária, temos a vida sacramental em geral, e, de modo especial, a Eucaristia e a Liturgia das Horas.

1.4 Maria

Maria faz parte da espiritualidade cristã. No número 9 da Regra, Maria aparece como modelo de conversão, isto é, da busca de Deus a que todos são chamados.

1.5 O espírito dos conselhos evangélicos

Seguem-se os números 10, 11 e 12. Eles mostram como os franciscanos seculares são chamados a viver o espírito dos conselhos evangélicos da obediência, da pobreza e da pureza de coração, nas realidades terrestres, ou seja, no seu estado secular. Eles não fazem votos, mas comprometem-se pela Profissão a viverem obedientes na busca da vontade de Deus, pobres, procurando no desapego um justo relacionamento com os bens materiais, e puros de coração, livres para o amor a Deus e aos irmãos.

1.6 O testemunho de fraternidade

Desta atitude dos conselhos evangélicos nasce a fraternidade. O primeiro e grande apostolado dos franciscanos seculares é o testemunho de fraternidade, em relação a todos os homens, especialmente aos mais pequeninos (n. 13).

A última parte do capítulo II da Regra apresenta alguns campos em que os Irmãos e Irmãs da Penitência são chamados a dar testemunho da fraternidade. São eles:

- a) O exercício competente das próprias responsabilidades (n. 14);
- b) o testemunho da própria vida humana e iniciativas corajosas na promoção da justiça (n. 15);
- c) o apreço ao trabalho como forma de participar da obra da criação de Deus e como serviço à comunidade humana (n. 16);
- d) a vivência da vida familiar, tornando-a uma comunidade evangélica eclesial (n. 17);

- e) o respeito pela criação toda, sinal da presença de Deus (n. 18);
- f) portadores da paz, pratiquem o ecumenismo, procurando os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos (n. 19);
- g) mensageiros da perfeita alegria, levarão aos outros a alegria e a esperança;
- h) darão, finalmente, testemunho de serenidade e confiança diante da irmã morte.

1.7 O apostolado franciscano secular

O primeiro e decisivo apostolado dos franciscanos seculares consiste em viver, em sua vida pessoal, a conversão a Deus em Jesus Cristo. O segundo modo de exercer o apostolado é dar testemunho de fraternidade em todo o seu modo de ser e de agir. O terceiro modo é viver como irmãos e irmãs da penitência nas situações concretas enumeradas nos números 14 a 19 da Regra.

Se assim o fizerem, eles serão cristãos conscientes e, naturalmente, marcarão presença ativa na comunidade eclesial em que estão inseridos, conforme suas capacidades e na medida em que sua inserção no mundo secular o permitir (cf. n. 6).

Eis uma visão geral do capítulo II da Regra. A partir desta visão, pode-se aprofundar cada ponto.

2 A Regra e a vida do franciscano secular é observar o Evangelho

O primeiro parágrafo do número 4 da Regra da OFS lança as bases da espiritualidade franciscana secular. Eis o texto:

A Regra e a vida dos franciscanos seculares é esta: observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o exemplo de São Francisco de Assis, que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens.

2.1 As bases da espiritualidade franciscana secular

A observância do Evangelho, segundo o exemplo de São Francisco de Assis, é o fundamento da espiritualidade franciscana secular, fazendo de Jesus Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens. Temos, portanto, três elementos básicos: Evangelho, Jesus Cristo e Francisco de Assis.

Como Jesus Cristo do Evangelho consistia a inspiração e o centro da vida de São Francisco de Assis, assim será também na vida dos franciscanos seculares.

2.2 Ser franciscano

Quando dizemos franciscanos seculares, dizemos irmãos e irmãs da penitência. Os franciscanos seculares são, então, aquelas pessoas que, chamadas pelo Espírito, se comprometem, por Profissão, a viver o Santo Evangelho de Jesus Cristo, segundo o exemplo de Francisco de Assis, como irmãos e irmãs da penitência.

2.3 Observar o Evangelho

Observar o Evangelho quer dizer guardar, conservar o Evangelho; tornar o Evangelho salvação, viver segundo o Evangelho, viver o Evangelho; em outras palavras, viver o próprio Cristo, pois o Evangelho é Jesus Cristo.

Observar o Evangelho não apenas externamente, mas transformá-lo em vida. Fazer Jesus Cristo parte da própria vida. Haurir vida do Evangelho. Esta vida é Cristo. Fazer de Jesus Cristo a própria norma de vida. Por isso, São Francisco não falava apenas em Regra, mas em Regra e vida, Regra que é vida.

2.4 Jesus Cristo, centro e inspirador de sua vida

Muitos homens e mulheres, por seus carismas, quiseram viver segundo o Evangelho. Francisco de Assis tem uma maneira típica de viver o Evangelho. Quer vivê-lo como irmão, procurando viver em Jesus Cristo. Claro que o franciscano secular, por ser secular, não pode viver em tudo como Francisco de Assis. Ele não será irmão menor, mas, a exemplo de São Francisco, pode fazer do Cristo o inspirador e o centro de sua vida com Deus e com os homens, tornando-se irmão e irmã da penitência. Descobrirá em Jesus Cristo sempre mais o Filho de Deus e, com Cristo, procurará viver como filho ou filha de Deus. Encontrará com Francisco, em Cristo, o irmão de todos os seres criados e procurará viver como irmão e irmã de todos.

2.5 Viver o Evangelho como irmãos e irmãs

O que significa ser irmão, irmã? Ser irmão, irmã, significa ter uma origem comum, um pai, uma mãe comum. Ninguém é irmão ou irmã sozinho. Existe o mesmo sangue circulando nas veias dos irmãos. Ser irmãos significa também ser filhos, constituir uma mesma família.

Ora, São Francisco de Assis fez esta grande descoberta: Deus como pai, como seu pai, e Jesus Cristo como irmão, irmão de todas as criaturas no mistério da encarnação e seu irmão. Todos os seres humanos tornam-se irmãos porque criaturas e filhos e filhas de Deus, do mesmo Pai que está nos céus e tornam-se irmãos e irmãs porque o Filho de Deus se fez homem, criatura, irmão de todos os homens. Mais ainda, Jesus Cristo tornou-se o primeiro dos irmãos ressuscitados, reconciliando a todos por seu sangue. A partir de sua morte, o sangue redentor de Jesus Cristo passa a circular em todos os seres humanos, reconciliando-os com o Pai, tornando-os filhos e filhas de Deus.

Importa, então, viver como em família, como filhos e filhas em relação a Deus e como irmãos e irmãs entre si. Francisco vibrava com esta possibilidade: viver como irmãos em família, na família de Deus, na família de Jesus Cristo. Gostava de comparar o amor que devia existir entre os irmãos com o amor reinante numa família.

2.6 O que significa ser irmão, ser irmã?

O amor, o carinho, a amizade, a solidariedade, a compaixão, o perdão, a misericórdia, o uso comum das coisas, a gratuidade, a sinceridade, a intimidade, o segredo, a igualdade, o respeito, o apreço, o reconhecimento das diferenças, o cuidado pelo mais necessitado. Todas estas são características de uma vida de irmãos e irmãs em família. São virtudes que deverão ser cultivadas dentro da fraternidade, na família e na sociedade pelos franciscanos seculares. Isso exige o viver à maneira de São Francisco, isso exige imitação de Jesus Cristo, isso exige penitência ou conversão, isso exige viver como irmãos e irmãs da penitência. Todo este relacionamento no amor terá que ser animado pela caridade que é Deus. Amar como Deus ama, amar como Cristo ama. Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. O amor-caridade supera o amor como mero sentimento, do gostar ou não gostar. Este amor passa pela renúncia, pela cruz, pelo sofrimento.

2.7 Resumindo

A expressão “franciscano secular” contém estes quatro elementos: filhos e filhas de Deus; irmãos e irmãs de Jesus Cristo; penitentes; e irmãos e irmãs penitentes no mundo, no estado de vida secular, ou seja, não consagrados pelos votos nem com vida regular ou comunitária em fraternidades conventuais.

Vivem em fraternidade sim, mas não conventualmente nem permanentemente. Têm compromisso de viver segundo o Santo Evangelho a exemplo de São Francisco de Assis sim, mas não por votos e sim por um compromisso de seguir esta Regra e vida, como solteiros, jovens, casados, viúvos, clérigos ou celibatários no mundo, consagrando estes estados de vida, construindo a cidade terrena pelas diversas profissões dentro da sociedade.

Sobre este tema veja CCGG art. 8, 9 e 44.

3 Uma espiritualidade trinitária

3.1 O que se entende por espiritualidade

Chamamos espiritualidade o processo da busca de comunhão com Deus, animado pelo Espírito Santo, através de Jesus Cristo.

Esta busca de santidade, o ser semelhantes ao modo de ser de Deus, a busca da perfeição, este processo do relacionamento no tu a tu com Deus, realiza-se através de exercícios. Também o conjunto destes exercícios é chamado *espiritualidade*.

Daí surgem várias escolas de espiritualidade, que se distinguem conforme o modelo seguido. Temos, primeiramente, a espiritualidade cristã em geral, centrada na prática de Jesus Cristo de se relacionar com o Pai, herdada pela Igreja. Seu centro está na escuta da Palavra de Deus, na vida de oração, na vivência dos sacramentos e na ação da caridade.

Ela é necessariamente trinitária: Ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo; ela é litúrgica; ela tem um aspecto secular, pois se realiza também através do próximo e através de todas as realidades criadas.

Através dos tempos, surgiram vários modelos ou escolas de espiritualidade. Por exemplo: a beneditina, baseada no “*ora et labora*”, “oração e trabalho”; a carmelitana, que acentua a meditação, a oração e a contemplação; a franciscana, tendo como modelo São Francisco de Assis, acentuando a dimensão fraterna, nesta busca de Deus.

Como já disse, a espiritualidade franciscana é profundamente eclesial, trinitária, cristocêntrica, fraterna e cósmica, tendo como centro a vivência do

mistério do Deus Trino e Uno, a exemplo e no seguimento de Cristo. Assim, a espiritualidade do franciscano e da franciscana secular também terá essas características.

3.2 A Regra da OFS

O número 4, parágrafo segundo, diz:

Cristo, dom do Amor do Pai, é o caminho para Ele, é a verdade na qual o Espírito Santo nos introduz, é a vida que Ele veio dar em superabundância.

A dimensão trinitária da espiritualidade franciscana, proposta a todos os irmãos e irmãs da penitência, encontra-se de modo maravilhoso expressa no Prólogo da Regra. Depois de falar da ação da Santíssima Trindade no coração dos homens, Francisco exclama:

Como é honroso ter no céu um Pai santo e grandioso! Como é santo ter tal esposo, consolador, belo e admirável! Como é santo e amável ter tal irmão e um filho agradável, humilde, pacífico, doce, amável e, sobre todas as coisas, desejável: Nosso Senhor Jesus Cristo que entregou sua vida por suas ovelhas!

As três pessoas da Santíssima Trindade perpassam toda a Regra. Quase sempre que se fala de Jesus Cristo, fala-se também do Pai. A menção do Espírito Santo está menos presente no texto da Regra, mas faz-se referência a Ele em pontos essenciais. As famílias espirituais são suscitadas na Igreja pelo Espírito Santo (n. 1). Na união orgânica de todas as fraternidades, os irmãos e irmãs são impulsionados pelo Espírito a conseguir a perfeição da caridade (cf. n. 2). O Espírito Santo nos introduz na verdade que é Jesus Cristo (cf. n. 4). Em compensação está bem presente no Prólogo.

A vida de penitência ou de conversão evangélica é, por excelência, uma espiritualidade trinitária. É tornar-se morada do Deus Trino e Uno, vivendo a comunhão com a Trindade como filhos e filhas de Deus Pai, como mães, irmãos e irmãs de Deus Filho e esposas do Espírito Santo.

3.3 São Francisco

Sem escrever tratados sobre a Santíssima Trindade e sem apresentar belas teorias sobre Ela, Francisco foi um homem de profunda vivência do Deus Trino e Uno. Isso aparece claramente nos seus escritos e no seu modo de viver segundo o Santo Evangelho.

Em Francisco irrompe um jeito terno e fraterno de compreender Deus como comunidade, um conglobante mistério que unifica sua vida e o faz perceber a Trindade viva em tudo o que existe; ele olha o Filho numa relação íntima com o Pai e numa abertura total ao Espírito, uma relação interpessoal, viva, transbordante.

Nesta relação interpessoal com Deus há um ponto importante a ser considerado. Em geral se fala em Deus Uno e Trino, nomeando primeiro o Deus Uno e depois o Trino. Francisco faz o contrário. Ele sempre coloca primeiro o Deus Trino. Basta lembrar expressões como estas: *adorai o Senhor Deus todo-poderoso, em Trindade e Unidade* (Regra Não Bulada 21, 2); *em nome da suprema Trindade e da santa Unidade, do Pai e do Filho e do Espírito Santo* (Carta a toda a Ordem, 1). Com isso, Francisco se coloca no coração da experiência cristã de Deus, a experiência de comunhão entre divinas pessoas.

A espiritualidade trinitária é evidente em São Francisco. Ele começa seus escritos em nome da Santíssima Trindade. Quase não há oração em que ele não expresse sua relação com as três pessoas da Santíssima Trindade. Basta ver as *Orações de louvor* a serem recitadas em todas as Horas canônicas, onde o refrão é o *Glória-ao-Pai*. A grande *Oração de ação de graças* do capítulo 23 da Regra Não Bulada, a *Saudação à Mãe de Deus* e a *Antífona de Nossa Senhora* do Ofício da Paixão, onde se diz:

Santa Virgem Maria, entre as mulheres do mundo, não nasceu nenhuma semelhante a ti, ó filha e serva do altíssimo e sumo Rei e Pai celeste, mãe de nosso santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo.

Tanto nesta Antífona como na *Saudação à Mãe de Deus*, Francisco insere a figura de Maria Santíssima no mistério da Santíssima Trindade.

Francisco cultivava o seu Deus em sua vida. O Deus trino e uno. Exclamava, enamorado, noites adentro: *“Meu Deus e meu tudo!”* *“Tu és o bem, todo o bem, o sumo bem, o bem universal!”*

Via-o, contemplava-o e o amava como Pai, que escolhera em lugar de seu pai terreno. O Pai nos deu seu Filho como irmão.

E como ele amava, respeitava e imitava o Deus Filho, feito homem, Jesus Cristo! E amava-o, sobretudo, nos mistérios em que mais se manifestava o amor do Pai: na encarnação, montando o presépio em Greccio; na paixão, compondo o Ofício da Paixão. Era arrebatado pelo amor de Deus, pensando na cruz de Cristo, a ponto de debulhar-se em lágrimas.

O Espírito Santo, por sua vez, era seu esposo. Queria que fosse o Ministro Geral da Ordem. Por isso, a celebração do Capítulo Geral na Festa de

Pentecostes. Queria que os irmãos se deixassem guiar pelo Espírito Santo, deixando a exortação na Regra:

Atendam a que, acima de tudo, devem desejar possuir o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar (cf. RB, VIII,9).

Concluimos que Francisco foi um homem de uma espiritualidade profundamente trinitária. Buscava o Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Aliás, nisso é autenticamente herdeiro da tradição litúrgica.

3.4 Os franciscanos seculares

Não começamos o dia em nome de Deus trino fazendo o sinal da cruz e dizendo: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*? Não terminamos o dia em nome da Santíssima Trindade? Em seu nome começamos o trabalho, as atividades importantes de nossa vida. Em seu nome fomos batizados e nos tornamos seus filhos. Em seu nome iniciamos e terminamos a celebração dos sacramentos, principalmente a Eucaristia. Em seu nome, enfim, somos encomendados a Deus ao terminar a nossa existência terrena.

O que significa, hoje, para nós viver uma espiritualidade trinitária? Se o homem é criado à imagem e semelhança de Deus existe também nele algo que é uno e algo que é trino: uma unidade e uma multiplicidade. Existe nele algo de Pai, ou Mãe, se quisermos: fonte, origem, ação geradora. Existe em nós algo de Filho: o gerado, o realizado pelo homem. Existe algo de Espírito Santo que é comunhão. O mistério de Deus trino e uno em nossa vida leva-nos a buscar sempre a unidade na diversidade em nossa própria pessoa, nos outros e em toda a natureza criada.

Quem é a porta para esta unidade na diversidade? É Jesus Cristo, dom do Amor do Pai, caminho para Ele, verdade na qual o Espírito Santo nos introduz e vida. O Espírito nos revela e nos conduz ao Filho; o Filho é o caminho que nos revela e nos conduz ao Pai. Sim, ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. É Jesus o nosso caminho, a esperança; a verdade, nossa fé; é a vida, o amor na sua plenitude. Temos sugeridas aqui as três virtudes teologais, vividas em Deus, através do seu Filho, Jesus Cristo, no Espírito Santo.

Toda a nossa vida será um reflexo do Deus Trino e Uno: a permanente busca da unidade no respeito e acolhimento da diversidade. Isso se manifestará na oração, no nosso relacionamento com Deus Pai, como filhos e filhas; isso se manifestará no nosso relacionamento com o feminino ou, respectivamente, com o masculino em nós e nos outros, particularmente, na vivência do amor conjugal, e se manifestará na nossa vivência de irmãos e irmãs do Irmão Maior,

que se tornou menor em Jesus Cristo, concretamente nas nossas fraternidades. Finalmente, como senhores e senhoras da criação, acolheremos, na atitude de pobreza, a todo ser criado na grande confraternização universal. Assim vai-se gerando a nova criação, o novo céu e a nova terra. Também nisto consiste a vida de penitência ou de conversão evangélica.

Quão belo e bom seria se adquiríssemos o costume de diariamente rezar aquela belíssima doxologia da piedade cristã:

Glória ao Pai que nos criou; glória ao Filho que nos salvou; glória ao Espírito Santo que nos santificou. Ou no singular, acrescentando mentalmente: **Glória ao Pai que me criou** e continua a me criar; **glória ao Filho que me salvou** e continua a me salvar; **glória ao Espírito Santo que me santificou**, e continua a me santificar.

Atribuímos este modo de agir da Trindade a cada uma das Pessoas, sabendo que Deus age sempre como Trino e Uno.

Veja CCGG, art. 9.

4 Leitura assídua do Evangelho

O parágrafo terceiro do número 4 da Regra afirma:

Os franciscanos seculares se empenhem, sobretudo, na leitura assídua do Evangelho, passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho.

Este terceiro parágrafo é como uma exigência daquilo que precede: Os franciscanos seculares se propõem “observar o Evangelho”. Para observá-lo é preciso conhecê-lo.

Este Evangelho, como vimos, é antes de tudo a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta pessoa, com seus ensinamentos e exemplos, revela-se, sobretudo, nos quatro evangelhos. Quando falamos em Evangelho não pensamos, porém, apenas nos quatro evangelhos, mas em todo o Novo Testamento e mesmo toda a Bíblia, que nos revela a boa-nova de Deus em Jesus Cristo. Mas, certamente, os quatro evangelhos revelam a pessoa de Jesus Cristo com uma intensidade especial e, por isso, serão tidos em especial estima.

A Regra faz alusão aqui ao documento do Concílio Vaticano II, o decreto *Apostolicam Actuositatem*, onde se diz que “os grupos ou associações de leigos examinam com os companheiros e amigos, em pequenas equipes, os métodos e frutos de sua atividade apostólica e comparam o seu modo de vida cotidiano com o Evangelho” (n. 30). Tanto mais isso se realizará quando se trata de uma Fraternidade Franciscana Secular.

4.1 Francisco

Francisco de Assis foi, antes de tudo, um ouvinte atento do Evangelho, que procurava pôr em prática o que ouvia. Ele exorta os irmãos a serem também eles ouvintes atentos e praticantes da Palavra de Deus. Na *Admoestação 7* ele escreve:

São vivificados pelo espírito da divina escritura aqueles que não atribuem a seu eu toda letra que conhecem e desejam conhecer, mas, pela palavra e pelo exemplo, as retribuem ao altíssimo Senhor Deus, de quem é todo o bem.

Francisco desejava que os irmãos fossem ouvintes atentos da Palavra, a concebessem em seu seio e a dessem à luz por boas obras. Tudo indica que Francisco estava pensando em Maria. A exemplo dela somos chamados a ser servos e servas da Palavra: *Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua Palavra* (Lc 1,38). *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós* (Jo 1,14). Como ela somos chamados a acolher a Palavra, a conceber a Palavra e fazer com que esta Palavra, o Verbo, Jesus Cristo, vá tomando forma em nosso seio, dando-o à luz por boas obras. Acolher ou conceber a Palavra, gestar a Palavra, não se apropriar dela, mas devolvê-la a Deus, tendo frutificado. Também a Palavra é dom de Deus. Não nos cabe apropriar-nos dela, mas devolver o bem a Deus, fazendo o bem e dando graças.

Conhecemos bem a passagem da *Primeira vida*, de Tomás de Celano, descrevendo o encontro de Francisco com o Evangelho. Na Festa de São Matias, ele vai à igrejinha de Santa Maria dos Anjos, onde participa da Missa e ouve o Evangelho do envio dos apóstolos. No fim da Missa, Francisco dirige-se ao sacerdote, pedindo-lhe uma explicação da passagem que ouvira. Recebida a explicação, ele exclama cheio de alegria: *É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer de todo o coração.* E observa Celano: *Francisco saiu daí com o propósito de pôr em prática aquilo que ouvira.*

Depois disso, para descobrir a vontade de Deus para si e seus companheiros, recorria, frequentemente, ao livro dos evangelhos. Além disso, vários de seus escritos, sobretudo suas exortações, são verdadeiros comentários espirituais de passagens dos evangelhos.

Resumindo, podemos dizer que Francisco era um ouvinte atento do Evangelho e um fiel executor do que ouvia. Francisco era, por índole, um homem prático. Queria ouvir, entender e pôr em prática, observar o Evangelho de maneira simples, prática e imediata, procurando seguir os ensinamentos e imitar os exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe.

Francisco, antes de ser um leitor orante da Palavra de Deus, foi um ouvinte orante e obediente da Palavra de Deus.

4.2 A Igreja

A renovação litúrgica do Vaticano II preparou uma riqueza muito grande de leituras bíblicas na Liturgia. Pensemos apenas nos evangelhos. Na Liturgia dominical e solene proclamam-se os quatro evangelhos em três anos. No Ano A, temos o Evangelho de São Mateus; no Ano B, o de São Marcos e no Ano C, o de São Lucas. São João é lido na Quaresma, nos domingos da Páscoa e o capítulo 6 no Ano B, junto com o Evangelho de São Marcos.

Na Liturgia dos dias de semana, os quatro evangelhos são lidos, cada ano. Nas semanas, durante o ano, temos o seguinte esquema: da 1^a à 9^a semana, São Marcos; da 10^a à 21^a, São Mateus, e da 22^a à 34^a semana, São Lucas. São João é lido todo ano no Tempo da Quaresma e no Tempo pascal. Os evangelhos da infância, no Tempo de Natal; as narrações da Paixão, na Semana Santa, e as da Ressurreição, na Páscoa. Temos aí um alimento riquíssimo que pode ser haurido com abundância.

4.3 Os franciscanos seculares

Procurando ser ouvintes atentos e fiéis observantes do Evangelho, os franciscanos seculares procurarão fazer dos evangelhos seu livro de cabeceira. Hão de meditá-lo diariamente, e confrontar sua vida com ele, acompanhando com diligência a Liturgia dominical e solene, bem como, na medida do possível, a Liturgia festiva e diária, vivendo os mistérios de Cristo ao longo do ano litúrgico e no seguimento de Jesus Cristo no Tempo Comum. Lembramos ainda as leituras bíblicas próprias e comuns nas comemorações dos santos.

Mas existe ainda uma modalidade muito prática de ler e ouvir o Evangelho para transformá-lo em vida. É a Liturgia das Horas, na modalidade dos doze *Pai-nossos*, enriquecida de alguns breves textos bíblicos. Isso pode ser feito tanto individualmente como em grupos. Toma-se o Evangelho do dia ou outro texto bíblico, lê-se um trecho, faz-se breve meditação, com partilha se for o caso, e responde-se à Palavra de Deus com o *Pai-nosso* que também é Palavra de Deus. Mais um trecho meditado e mais um *Pai-nosso* como resposta. Assim, três breves trechos de leitura com três *Pai-nossos* em resposta. Isso pode ser realizado

quatro vezes por dia: de manhã, durante o dia, pela tarde e à noite. Assim, temos o Ofício dos doze *Pai-nossos*.

Os textos bíblicos do dia podem ser encontrados nos Lecionários, nos apêndices das edições das Bíblias.

Veja CCGG, art. 9.

5 A procura da pessoa vivente e operante de Cristo

O número 5 da Regra reza:

Os franciscanos seculares, portanto, procurem a pessoa vivente e operante de Cristo nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas.

Privilegia, como veremos, a vida eucarística.

Os franciscanos seculares são convidados a *procurar a pessoa vivente e operante de Cristo*. A espiritualidade franciscana não se inspira propriamente em doutrinas e teorias. É antes um cultivo personalizado. Trata-se de um encontro pessoal do franciscano secular com a pessoa de Jesus Cristo. Como diria São Paulo: “*Sei em quem acreditei*” (2Tm 1,12); ou: “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo quem vive em mim*” (Gl 2,20).

O número 5 da Regra, então, nos fala sobre os modos de o franciscano secular encontrar-se com Jesus Cristo. Ou, onde a pessoa vivente e operante de Cristo deve ser procurada.

5.1 Nos irmãos

A pessoa vivente e operante de Cristo deve ser procurada, em primeiro lugar, nos irmãos, ou seja, nas pessoas humanas. Não só nos irmãos e nas irmãs da fraternidade, mas em todos os homens, como filhos do mesmo Pai que está nos céus. Convém notar que, enquanto Francisco encontrava sua forma de vida no Evangelho, encontrava-a também no encontro com as pessoas: o pobre a quem ele deu a esmola, o mendigo com quem trocou suas vestes em Roma, mas, sobretudo, os leprosos para os quais o Senhor o conduziu. Francisco descobre a pessoa de Jesus Cristo no próximo, e, de modo especial, no pobre.

O próximo é imagem de Deus e por isso mesmo revelação de Deus aos homens através do homem. E na medida em que o ser humano ama o próximo, seja na comunidade conjugal, na comunidade familiar ou na comunidade mais ampla dos irmãos, isto é, na comunidade social, ele está

revelando Deus, está refletindo Deus. No amor ao próximo ele revela a filiação de Deus e, com isso, a fraternidade entre os homens, cujo modelo é Jesus Cristo. Por isso, o próximo, visto e amado como irmão e irmã, revela Jesus Cristo e é presença de Jesus Cristo. A experiência profunda do ser irmãos na fraternidade ajudará os irmãos e as irmãs a encontrarem a Jesus Cristo como irmão, filho do mesmo Pai, na família, na comunidade da Igreja, na sociedade e onde quer que o franciscano secular se encontre com uma pessoa humana.

5.2 Na Sagrada Escritura

Já vimos que Jesus Cristo é encontrado de modo especial nos Santos Evangelhos. Aqui a Regra convida os franciscanos seculares a encontrarem a pessoa de Cristo na Sagrada Escritura. Sim, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Diz-nos o Concílio Vaticano II: *Cristo está presente pela sua palavra, pois é Ele mesmo que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na Igreja* (SC, n. 7). A mensagem da Sagrada Escritura não é algo do passado. A boa-nova torna-se presente hoje. Sabemos como Francisco respeitava, meditava e amava as santas palavras da Escritura, e como reverenciava aqueles que lhe ministravam a Palavra de Deus.

5.3 Na Igreja

A pessoa de Jesus Cristo deve ser procurada na Igreja. Sabemos como São Francisco era um homem da Igreja. A Liturgia o chama de homem católico e todo apostólico. Francisco amava a Igreja como ela se apresentava, com sua santidade e o seu pecado. Ele promete obediência ao Senhor Papa. Quer que os frades rezem em comunhão com a Igreja de Roma. Mostra grande respeito aos Bispos. Que ninguém pregue em suas dioceses sem a sua licença. Respeita profundamente os sacerdotes e não quer ver neles o pecado, mas sua função.

A Igreja é o prolongamento de Jesus Cristo, de sua doutrina e de sua ação salvadora. A Igreja é Jesus Cristo anunciando, santificando e conduzindo o Povo de Deus. Jesus Cristo aparece na Igreja em sua forma gloriosa, como Filho de Deus, mas aparece também em sua forma desfigurada, sofredora, como o Filho do Homem. O franciscano secular é convidado a amar intensamente a Igreja em todas as suas manifestações. Nela ele poderá encontrar Jesus Cristo, amando-a da maneira como aparece: no magistério, na hierarquia, nos sacerdotes, nos leigos, na sua instituição, nos santos e nos pecadores. Encontrar e amar a Igreja é encontrar e amar a Jesus Cristo.

5.4 Nas ações litúrgicas

Nas ações litúrgicas está presente e agindo o próprio Cristo: *Cristo está sempre presente em sua Igreja, sobretudo nas ações litúrgicas. Presente está no sacrifício da Missa. Presente está pela sua força nos sacramentos. Presente está pela sua palavra. Está presente, finalmente, quando a Igreja ora e salmodia* (SC, n. 7). Assim, toda a celebração litúrgica é obra de Cristo sacerdote e de seu Corpo que é a Igreja (cf. SC, n. 7). Entre as ações litúrgicas, o número 5 da Regra destaca a Eucaristia, que merecerá um aprofundamento especial.

A compreensão da vida íntima da Igreja em Cristo vivida na Liturgia leva os franciscanos seculares a participarem assiduamente do culto da Igreja, seja nos sacramentos, seja nas outras formas.

Veja CCGG, art. 9.

6 A vida eucarística dos franciscanos seculares

A fé de São Francisco, que ditou estas palavras: “Nada vejo corporalmente neste mundo do altíssimo Filho de Deus, senão o seu Santíssimo Corpo e o Santíssimo Sangue”, seja para eles a inspiração e o caminho da sua vida eucarística (Regra 5).

A Regra fala duas vezes da Eucaristia. No número 5 e no número 8, onde trata da vida sacramental. Notemos bem a expressão: **vida eucarística**. O que significa levar vida eucarística, a exemplo de São Francisco? É transformar pela fé toda a nossa vida numa grande ação de graças, a exemplo de Jesus Cristo e de Francisco.

Para que isso se torne realidade, convém aprofundar o que seja ação de graças ou eucaristia, pois eucaristia não é somente a Missa, embora a Santa Missa seja a expressão máxima da Eucaristia.

São Paulo, na Primeira Carta aos Tessalonicenses, diz: *Vivei sempre alegres. Orai sem cessar. Em todas as circunstâncias dai graças porque esta é a vossa respeito a vontade de Deus em Jesus Cristo* (1Ts 5,18). Ou, em outra tradução: *Vivei em ação de graças*.

6.1 O que é dar graças

A ação de graças, ou simplesmente eucaristia, é uma forma de oração. Ação de graças é a tradução da palavra hebraica *berakah*. Compreenderemos melhor

o que seja uma *berakah* ou ação de graças a partir de uma página maravilhosa do capítulo 24 do livro do Gênesis:

A mãe de Isaac havia falecido. Abraão estava avançado em idade. Chamou, então, o servo mais antigo da casa e pediu-lhe que fosse à sua terra escolher uma jovem para ser a esposa de seu filho Isaac. O servo partiu para a Mesopotâmia, carregado das riquezas de seu senhor. Lá chegando, fez descansar os camelos fora da cidade, perto de um poço. Era pela tarde, à hora em que saíam as mulheres para buscar água. O pobre servo viu-se em dificuldades para descobrir aquela que fosse a eleita do filho de seu senhor. Diante disso, pediu um sinal a Deus:

Senhor, disse ele, Deus de Abraão, meu Senhor, fizeti-me encontrar hoje o que desejo e manifestai vossa bondade para com meu senhor Abraão. Eis-me aqui, de pé, junto desta fonte, aonde as filhas dos habitantes da cidade virão buscar água. Portanto, a donzela a quem eu disser: 'Inclina o teu cântaro, por favor, para que eu beba', e que me responder: 'bebe; e darei de beber também aos teus camelos', essa é aquela que destinais ao vosso servo Isaac. Por isso, conhecerei que manifestais vossa bondade para com meu senhor' (Gn 24,12-14).

Ainda não havia acabado de falar, quando sobreveio, com um cântaro aos ombros, Rebeca, Filha de Batuel, filho de Melca, mulher de Nacor, irmão de Abraão. Realiza-se o que o servo havia pedido: a manifestação da bondade do Senhor.

Qual a reação do servo de Abraão diante do fato realizado, a manifestação da bondade de Deus? Quando Rebeca terminou de falar, inclinou-se o homem e prostrou-se diante do Senhor:

Bendito seja, exclamou ele, o Senhor, o Deus de Abraão, meu senhor, que não faltou à sua bondade e à sua fidelidade para com ele. O Senhor conduziu-me diretamente à casa dos parentes de meu senhor (Gn 24,26-28).

Eis uma oração eucarística ou ação de graças. O servo pede um sinal de Deus, que manifeste sua bondade para com Abraão. Ele pede uma bênção, uma graça. Ele é atendido em seu pedido.

6.2 Os elementos da ação de graças

É importante descobrirmos os elementos da ação de graças na expressão da atitude do servo diante do fato acontecido:

a) Há um *fato*: fato maravilhoso, relacionado com Deus. Este fato constitui um benefício, uma bênção, uma graça, um dom.

b) Admiração: O fato maravilhoso, que foi para ele um sinal, um benefício de Deus, desperta no servo uma atitude de admiração.

c) Exclamação ou aclamação: Ele expressa a admiração que lhe invade a alma, através de uma exclamação ou aclamação: *Bendito seja o Senhor, o Deus de Abraão, meu senhor!*

d) Proclamação: Em seguida, ele dá a razão de sua admiração e de sua aclamação, recordando, rememorando ou proclamando o fato: Deus não faltou à sua bondade e à sua fidelidade para com ele. O Senhor conduziu-me diretamente à casa dos parentes de meu Senhor.

Em geral, temos ainda o pedido e o louvor final. Ora, esta oração, com esta estrutura e estes elementos, chama-se *berakah*, ação de graças, oração eucarística ou, simplesmente, eucaristia.

6.3 O que expressa a ação de graças

A *berakah* ou ação de graças exprime não só um agradecimento pelo benefício recebido. Exprime muito mais. Expressa uma resposta de abertura, num misto de gratidão, de louvor, profissão de fé, confissão, reconhecimento e adoração diante de Deus, diante do bem recebido, diante de um fato maravilhoso.

O conceito da *berakah* judaica traduz o que a língua grega procura expressar por três palavras distintas: *euloguên*, que significa louvar, enaltecer, bendizer, elogiar; *eucharistên*, que significa agradecer, e *exomologuên*, que significa confessar a fé, reconhecer.

Ação de graças significa, portanto, tudo isso ao mesmo tempo: louvor, agradecimento e reconhecimento.

Veja CCGG, art. 14.

7 Em tudo dai graças

Voltemo-nos, agora, de modo muito simples para a expressão “dar graças” e perguntemos: **Quem dá graças a quem?**

7.1 Deus dá graças a Deus

Sim, o mistério da Eucaristia brota do próprio coração de Deus. Dizia São Boaventura que Deus não podia ser somente uno, pois Ele é o bem e é próprio do bem comunicar-se. Por isso, Ele quis ser trino: Pai, e Filho, e Espírito Santo. O Pai desde toda a eternidade dá-se totalmente ao Filho; é dom para o Filho; é graça para o Filho. O Filho, em amor eterno, dá-se ao Pai. O Pai e o Filho, na mútua doação, no mútuo amor, expressam o Espírito Santo, que procede do amor do Pai e do Filho. Assim, Deus é ação de graças, Deus é Eucaristia.

7.2 Deus dá graças ao homem

Primeiramente, dando sua natureza ao homem em seu Filho, Jesus Cristo. Deus manifesta-se para fora de si mesmo, no mistério da criação, em primeiro lugar em Jesus Cristo. O primeiro dom de Deus para fora de si mesmo é o seu Filho feito homem, Jesus Cristo. Logo depois, vem Maria, a Mãe do Filho de Deus feito homem. Maria é, por excelência, a mulher eucarística, pois nela residiu e reside toda a plenitude da graça e todo o bem, como reza São Francisco. Por isso, ela é saudada como a cheia de graça. Em Jesus Cristo e Maria, todos os homens, criados à imagem e semelhança de Deus, como seus filhos e filhas; e o universo inteiro a serviço do ser humano. Tudo isso é ação de graças de Deus ao homem, ou, em outras palavras, é a grande bênção de Deus a toda a humanidade e ao universo inteiro.

7.3 O homem dá graças a Deus

O homem, por sua vez, reconhece que tudo o que existe, toda a criação e, sobretudo, o Filho de Deus feito homem, é dom, é graça, é bênção de Deus ao ser humano. Então, ele bendiz, ele elogia a Deus pelos seus bens. Isto é louvar, é devolver a Deus tudo o que Ele descobre, todas as coisas criadas. O próprio ser humano se reconhece como dádiva de Deus e se dispõe a devolver tudo a Deus. É o sacrifício. A ação de graças é sacrifício no seu sentido original de tornar sagrado.

7.4 O homem dá graças ao homem

Muitas vezes nós paramos na dimensão vertical da ação de graças e esquecemo-nos de que também o homem criado à imagem de Deus é capaz de ser dom, de ser graça, de ser bênção para o outro, para o seu próximo. Como?

Através do seu amor, através da doação de si mesmo, através do serviço ao próximo, lavando os pés uns dos outros.

Aqui, nós poderíamos ir longe em nossas considerações. Percebemos que não nos cabe, apenas, dar graças a Deus, louvar a Deus, mas dar graças ao próximo, ser bênção para o próximo. Então, não celebramos apenas a Eucaristia, mas nos vamos tornando ação de graças, eucaristia.

7.5 O homem dá graças à natureza

Sim, numa visão plena de ação de graças, entra também o relacionamento do homem com a natureza. Hoje, as pessoas estão se esquecendo de servir à natureza, de ser uma bênção, uma fonte de graça para a natureza. Por isso, o problema ecológico. Se o homem não servir à natureza, ela sofre e perde as condições de servir ao ser humano. O homem é chamado a cuidar da água, do ar, da luz, da terra, das plantas, das florestas. Francisco falava em obedecer aos seres irracionais. Se o homem deixar de servir à natureza, machucada, ela acaba vingando-se do homem.

7.6 A natureza dá graças ao homem

A natureza, por sua vez, serve ao homem. E como ela é generosa! Assim também ela dá graças ao homem, sendo fonte de bênção, servindo ao homem.

7.7 A natureza dá graças a Deus

A natureza, por si mesma, é manifestação da grandeza e da bondade de Deus; por isso, ela louva e dá graças a Deus. Chega à plenitude desta ação de graças através do homem, que por ela rende graças ao Criador.

7.8 Deus dá graças à natureza

Finalmente, Deus dá graças a toda a natureza criada. Tudo provém dele, tudo é dom, tudo é bênção de Deus.

Vemos assim que toda a realidade constitui uma maravilhosa sinfonia de ação de graças. A Eucaristia ou ação de graças é uma oração-atitude em relação a Deus, que nasce de um fato maravilhoso. Diante desse fato, atribuído à grandeza, ao poder e à bondade de Deus, o homem admira-se e prorrompe em

aclamações, narrando os fatos de que foi testemunha. Talvez expresse sua atitude fundamental de criatura diante do gratuito, diante do seu Criador.

7.9 Jesus Cristo, a ação de graças por excelência

A grande graça, o grande dom ou a grande bênção de Deus ao homem é, sem dúvida, Jesus Cristo. Não só. Jesus mesmo tornou-se a grande doação de si mesmo ao homem por sua morte redentora. Jesus deu a sua vida ao Pai e deu-a aos homens para que eles tivessem vida.

Ainda mais. Quis tornar-se dom de si mesmo por amor, para todo o sempre, no Sacramento da Eucaristia, na forma de alimento, de pão e de vinho, de comida e de bebida, na humilde aparência de pão. No mistério da Eucaristia, Jesus é Corpo dado, é Sangue derramado. É Corpo dado, é Sangue derramado para servir e não para ser servido. Jesus, pelo mistério da Eucaristia, torna-se alimento, torna-se ceia para a vida do ser humano.

8 Francisco, o homem eucarístico

A Regra apresenta São Francisco como modelo de homem eucarístico. Ele foi homem eucarístico não tanto no sentido que costumamos entender a devoção eucarística. A devoção eucarística de Francisco foi uma consequência de sua compreensão e da sua vivência eucarística. Ele não foi somente o homem eucarístico, mas o homem feito eucaristia.

8.1 As orações de Francisco expressam um homem eucarístico

Praticamente todas as orações de Francisco são orações de ação de graças. Lembramos aqui o *Cântico das Criaturas*, os *Louvores a Deus*, o *Ofício da Paixão*, a grande *Ação de graças* do capítulo 23 da Regra Não Bulada. Todas elas são orações de ação de graças, onde Deus está no centro, onde ele atribui tudo a Deus, porque tudo é de Deus e tudo vem de Deus. Sirva de exemplo a última estrofe do *Cântico das Criaturas*: *Louvai e bendizei ao meu Senhor, e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade!*

Uma maravilhosa oração de ação de graças encontramos-na na Regra Não Bulada, capítulo 17:

E restituamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a Ele, de quem procedem todos os bens. E o mesmo altíssimo e sumo, único Deus verdadeiro, os tenha, e lhe sejam restituídos; e Ele receba todas as honras e reverências, todos os louvores e bênçãos, todas as graças e glória, Ele, de quem é todo o bem, o único que é bom.

8.2 Francisco descobre a Jesus como servidor na Eucaristia

Outro aspecto que Francisco descobre na Eucaristia é a atitude de doação e de serviço de Jesus Cristo, descrita na Carta a toda a Ordem:

Considerai a vossa dignidade, irmãos sacerdotes, e “sede santos porque ele é santo!” (Lv 11,44). E assim como o Senhor Deus vos honrou acima de todos por causa deste mistério, de igual modo também vós amai-o, reverenciái-o e honrai-o acima de todos. Grande miséria e fraqueza digna de comiseração, quando o tendes assim presente e vos preocupais com qualquer outra coisa em todo o mundo. Pasmem o homem todo, estremeça o mundo inteiro, e exulte o céu, quando sobre o altar, nas mãos do sacerdote, está o Cristo, o Filho de Deus vivo! Ó admirável grandeza e estupenda dignidade! Ó sublime humildade! Ó humilde sublimidade: o Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, tanto se humilha a ponto de esconder-se, pela nossa salvação, sob a módica forma de pão! Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante dele os vossos corações; humilhai-vos também vós, para serdes exaltados por Ele. Portanto, nada de vós retenhais para vós, a fim de que totalmente vos receba aquele que totalmente se vos oferece.

Francisco, como sabemos, extasiava-se diante do mistério da encarnação e montou o presépio em Greccio. Apaixonava-se diante do mistério da cruz, expressão do amor de Cristo aos homens, e compôs o Ofício da Paixão, surgindo depois o exercício da via-sacra. Mas, talvez, Francisco se tenha extasiado mais ainda diante do mistério da Eucaristia. Compreende que na Eucaristia Jesus dá um passo além do mistério da encarnação e da paixão e morte. Na Eucaristia, ele toma a humilde aparência de pão para o nosso bem. Ora, a conclusão para Francisco é uma só: Se Cristo se torna pão para o nosso bem, também nós nos devemos tornar pão, alimento, vida para o bem dos nossos irmãos. Não basta que celebremos a Eucaristia; é preciso que também nos tornemos eucaristia: graça, bênção para o próximo, a exemplo de Jesus Cristo.

Esta compreensão da Eucaristia torna o homem livre, desapegado como Jesus Cristo. Coloca-o a serviço dos irmãos como Jesus Cristo; desprende-o dos

bens que o impedem em sua caminhada para Deus. Esta compreensão da Eucaristia leva as pessoas a se tornarem menores, a se colocarem a serviço dos outros. Esta vivência da Eucaristia gera a fraternidade por ser vivência do amor, da caridade. Esta vivência da Eucaristia nos leva a superar o egoísmo, a sair de nós mesmos, a não nos escravizar às estruturas opressoras e injustas; leva a pessoa ao encontro do próximo para torná-lo mais pessoa.

8.3 A devoção a tudo que se refere à Eucaristia

O respeito e a devoção por tudo quanto está intimamente ligado à Eucaristia era para Francisco uma consequência normal de sua compreensão e de seu amor pelo mistério da Eucaristia. Na Eucaristia Cristo se apresenta a nós em aparência humilde de pão. Importa que, confessados, o recebamos de coração puro. Importa deixar que o Espírito do Senhor em nós receba o Corpo do Senhor, para que seja recebido de modo digno. É na Eucaristia que Ele permanece conosco até o fim dos tempos. Daí sua devoção pelas igrejas, pelos sacerdotes que consagram e administram o Corpo do Senhor.

Vede, irmãos, a humildade de Deus e derramai diante dele os vossos corações; humilhai-vos também vós, para serdes exaltados por Ele. Portanto, nada de vós retenhais para vós, a fim de que totalmente vos receba aquele que totalmente se vos oferece.

Se ele se deu a nós primeiro, somos todos chamados a seguir os seus passos, a doar-nos também ao nosso próximo, a exemplo de Jesus Cristo. Também isso é sermos pessoas eucarísticas.

9 Vocação e missão eclesiais pela conversão do Batismo

Escutemos a primeira parte do número 6 da Regra:

Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja, e a ela mais fortemente ligados pela Profissão, tornem-se testemunhas da sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra.

O número 6 da Regra lança os franciscanos seculares na realidade profunda da vocação e da missão eclesial pela conversão do Batismo. Esta conversão na busca do Pai, por Cristo, no Espírito Santo, realiza-se na Igreja e pela Igreja.

Francisco foi o homem de Deus que se caracterizou pelo intenso processo da conversão contínua, que tem seu início na fé da Igreja e no Batismo e

perpassa toda a vida do cristão.

9.1 A primeira conversão

A primeira conversão se dá na fé da Igreja, em geral representada pelos pais e no Batismo. Este pode ser chamado de sacramento da primeira conversão, ou da conversão fundamental que é, antes de tudo, uma ação de Deus com a colaboração do ser humano. Pelo Batismo, diz-nos belamente a Regra, os franciscanos seculares, como todos os cristãos, são sepultados e ressuscitados com Cristo tornando-os membros vivos da Igreja. Pelo Batismo eles são gerados para Deus pela Igreja, tornando-se seus filhos. Restaura-se assim a vocação do ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, para participar de sua vida, de seu amor e da sua glória e felicidade.

É importante que, em nossa vida de cristãos e de franciscanos seculares, voltemos sempre de novo à consideração de nossa dignidade batismal, para vivermos de acordo com a vocação à qual Deus nos chamou em Cristo Jesus.

9.2 A vocação eclesial

A Igreja de Cristo pode ser vista de maneira ampla, como Reino de Deus e como Corpo místico de Cristo. Nesta compreensão fazem parte dela todos os homens de boa vontade, que buscam sinceramente a Deus ou o bem. Mas neste processo de busca de Deus ou de conversão a Deus, muitas pessoas recebem uma vocação especial de constituírem uma comunidade visível de amor dos que creem em Cristo, acolhem sua Palavra, vivem os sacramentos que Ele nos deixou, guiados por seus pastores como sinais e garantia da verdade e da unidade. Eles constituem, então, a Igreja sacramento de Jesus Cristo e da Comunidade Trinitária. Começa-se a fazer parte desta comunidade eclesial pela fé e a conversão do Batismo, a primeira conversão, a mais fundamental e decisiva de nossa vida.

9.3 A missão eclesial

Esta vocação eclesial traz consigo uma missão. Toda bênção traz consigo uma missão, pois, conforme o Evangelho de São Mateus: *“De graça recebestes, de graça dai”* (Mt 10,8). Não basta tornar-se membro da Igreja; é preciso viver como membro dela.

A Regra diz que os franciscanos seculares tornem-se testemunhas e instrumentos da missão da Igreja entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra. Qual é esta missão? Acolher Cristo em sua vida, a exemplo de Maria, acolhendo a sua Palavra, vivendo segundo o Santo Evangelho na Igreja e dando ou comunicando Cristo aos homens. Conforme diz Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*, trata-se de se deixar evangelizar e evangelizar os outros. Evangelizar como? Primeiramente, tornando-se testemunhas, ou anunciando Cristo pela vida e pela palavra. Valeria aqui lembrar o objetivo geral das Diretrizes do Plano Pastoral da Igreja no Brasil: *Evangelizar o povo brasileiro*.

9.4 Dar testemunho de Cristo

Este é o primeiro apostolado de todo cristão e, por isso mesmo, do franciscano secular. Assim, sendo Igreja, eles participam da sua missão. Não adianta falar do que não se vive. O mundo de hoje necessita mais de testemunhas do que de mestres, conforme as palavras de Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi*. Daí a importância da forma de vida dos franciscanos seculares, viver segundo o Santo Evangelho: na vida familiar, social e profissional, sendo sal da terra e luz do mundo por seu modo de ser e de agir. Lembro aqui a vela acesa do Batismo.

O segundo modo de dar testemunho de Cristo é pela palavra. Trata-se daquilo que São Francisco chama de palavras de santa exortação, não impondo coisa alguma a ninguém, mas propondo, afirmando a mensagem do Evangelho.

Quantas vezes nós cristãos somos omissos, calando-nos quando deveríamos falar. Para esta forma de apostolado ou de participação na missão da Igreja não precisamos participar de nenhum ministério especial da Igreja. Aqui se trata do uso da palavra no relacionamento de seculares com o próximo, onde quer que estejam.

Primeiramente, deixando Deus purificar os nossos lábios e a nossa língua, para que evitemos palavras inconvenientes, ociosas ou de crítica destrutiva. Depois, falando de modo positivo com o próximo, fazendo com que nossa conversa seja útil e construtiva. As palavras dos franciscanos seculares deverão expressar aquelas mensagens tão típicas do Evangelho, realçadas por Francisco. Uma palavra de incentivo, de paz, de reconciliação, de esperança, de fraternidade, em suma, de amor. E quantas vezes temos ocasião de falar com as pessoas sobre a religião, sobre o Evangelho, sobre assuntos relacionados com a Igreja, Maria e os Santos, com Jesus Cristo e com Deus. Isso a começar da

família, com o cônjuge, com os filhos, os pais, os irmãos, no ambiente de trabalho, do lazer, junto a um necessitado, a um enfermo, a alguém que está sofrendo. E vejam que a palavra nem sempre é falada. Muitas vezes ela se transmite por um gesto, um olhar, uma escuta. Quantos modos de darmos testemunho de Cristo!

Assim, a primeira conversão, iniciada no Batismo, que nos fez filhos de Deus e irmãos entre nós e vivida na nossa vocação e missão de sermos Igreja de Cristo, prolonga-se através da vida até o último palpitar do coração, até o último fechar de nossos olhos, para prolongar-se na visão amorosa de Deus por todo o sempre na glória eterna dos céus.

Veja CCGG, art. 14 e 17.

10 A participação dos franciscanos seculares na vida da Igreja

A segunda parte do número 6 da Regra diz o seguinte:

Inspirados por São Francisco e com ele chamados a restaurar a Igreja, empenhem-se em viver em comunhão plena com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, promovendo um confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólica.

Uma das condições que Francisco exigia para alguém ser admitido na sua fraternidade era que fosse católico: professasse a fé católica e vivesse os sacramentos da Igreja. Ele queria viver o Evangelho na Igreja Católica e que seus seguidores fizessem o mesmo. Amava profundamente a Igreja em todos os seus aspectos.

Também hoje os franciscanos seculares são chamados a viver segundo o Santo Evangelho a exemplo de São Francisco na Igreja como membros vivos da Igreja, à qual mais fortemente estão ligados pela Profissão.

10.1 Mais fortemente ligados à Igreja pela Profissão

Como devemos entender isso? O Concílio Vaticano II na *Lumen Gentium* e na *Gaudium et Spes* e Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* mostram bem que a Igreja de Cristo nasce essencialmente da evangelização. Que ela se deixe evangelizar e evangelize o outro. Ora, se os franciscanos seculares “sepultados com Cristo no Batismo” assumem pela Profissão o compromisso especial de viver segundo o Santo Evangelho, a exemplo de São Francisco, então eles se

tornam “membros vivos da Igreja”, porque se deixam evangelizar e procuram dar testemunho do Evangelho. É uma vocação especial que carrega consigo uma grande responsabilidade, pois a esta vocação corresponde uma missão: participar com Francisco da obra da restauração da Igreja, não de igrejinhas materiais, mas da Igreja Corpo místico de Cristo, Povo santo de Deus.

10.2 O amor à Igreja de Cristo

Francisco amava a Igreja de Cristo assim como ela se apresentava no seu tempo. Em vez de criticá-la, procurava ser um bom cristão. A convite do Crucificado de São Damião se propôs restaurar a Igreja de Cristo, vivendo segundo o Santo Evangelho, na Igreja, em íntima comunhão e obediência ao Senhor Papa, começando sempre de novo a fazer penitência, isto é, a converter-se.

A Igreja de Cristo precisa ser restaurada continuamente através das diversas gerações. Sobretudo a partir do Concílio Vaticano II, os cristãos tomaram maior consciência da natureza íntima da Igreja. Ela aparece como Povo de Deus, santo e pecador, a caminho da pátria definitiva. Aparece como esposa de Cristo. Aparece como Corpo de Cristo, Cabeça e membros. Nela todos os balizados constituem o Povo de Deus; todos são fiéis batizados. Assim, de certa forma, todos são leigos, isto é, pertencentes ao Povo de Deus. Neste povo, ou neste Corpo, há carismas e ministérios diversos, todos a serviço do Povo de Deus. Existem ministérios ordenados: os Bispos, os padres e os diáconos; e ministérios leigos. Distinguem-se, portanto, hierarquia e leigos, mas procura-se não separar, não distanciar, pois todos, sendo fiéis batizados, participam de diferentes modos do poder messiânico de Cristo, de anunciar (poder profético), santificar (poder sacerdotal) e guiar (poder real). Praticamente não se usa o termo clero e leigos, como se o clero mandasse e os leigos obedecessem; o clero desse e os leigos recebessem; o clero ensinasse e os leigos aprendessem.

Todos juntos formam a Igreja, Povo de Deus, Esposa de Cristo, Corpo místico de Cristo, sinal e instrumento de salvação, de estabelecimento do Reino de Deus, que já se inicia neste mundo e se realizará plenamente no outro.

10.3 A Igreja de Cristo, sinal e instrumento, isto é, sacramento de salvação

Se, no sentido vasto, todos os homens de boa vontade, que sinceramente buscam a Deus, fazem parte do Corpo místico de Cristo ou do Reino de Deus, Jesus Cristo quis também que o seu serviço de salvação dos homens se prolongasse na terra através da Igreja visível, comunidade dos que creem em Cristo e, ouvindo sua Palavra, vivem os sacramentos deixados por Ele e são conduzidos pelos Pastores, o Papa e os Bispos, sinal e garantia da unidade e da verdade.

É nesta Igreja visível que a Regra pede que os franciscanos seculares vivam sua vocação e missão batismais. Amem esta Igreja concreta e, a exemplo de São Francisco, se esforcem por restaurá-la. Como? *“Vivendo em plena comunhão com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, promovendo um confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólica”*.

Até aqui aparecem na Regra três modos de participar da missão da Igreja, sendo suas testemunhas e instrumentos: pela vida, pela palavra e pela participação em sua ação apostólica através de um diálogo franco e aberto com os pastores. Hoje, mais do que antes, os leigos estão despertando para sua missão na Igreja. Multiplicam-se os ministérios leigos nas comunidades eclesiais. Sem negar ou descuidar suas obrigações tipicamente seculares na família e na sociedade os franciscanos seculares vão assumindo em toda parte esses serviços de evangelização. Sendo uma das instituições leigas mais antigas na Igreja, a OFS está presente em toda parte, colaborando com os pastores, investindo, sobretudo, na formação de seus membros para que possam cumprir com sua vocação e missão.

Veja CCGG, art. 17.

11 A totalidade da vida da Igreja

Se os franciscanos seculares são chamados por uma vocação especial a reconstruírem a Igreja de Cristo participando ativamente da missão apostólica de toda a Igreja, é importante que conheçam sua ação evangelizadora na realidade concreta em que vivem. Assim, no Brasil, os franciscanos seculares são chamados a integrar-se na ação apostólica da Igreja encarnada nesta parte do mundo. Importa conhecer as Diretrizes Gerais de sua Ação Pastoral, como são propostas pela Conferência Nacional dos Bispos.

11.1 O objetivo geral

O objetivo geral da Ação Pastoral da Igreja no Brasil é evangelizar o povo brasileiro em processo de transformação social, econômica, política e cultural, anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando formar o Povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna, sinal do Reino definitivo.

A cada quatro anos se atualizam as Diretrizes, mas o objetivo geral continua fundamentalmente inalterado.

11.2 As dimensões da vida da Igreja

As Diretrizes Gerais da Ação Pastoral apresentam a totalidade da vida da Igreja em seis dimensões, que se entrelaçam e se complementam. São elas: a dimensão comunitária e participativa, a missionária, a catequética, a litúrgica, a ecumênica e de diálogo religioso e a sociotransformadora.

11.3 A dimensão comunitária e participativa

Cristo veio para reunir a todos na unidade, e a Igreja constitui uma comunidade de amor, de comunhão e de participação, reflexo e participação do mistério da comunhão trinitária. Jesus quer continuar o seu serviço de salvação, congregando a todos na unidade pelos ministérios messiânicos da Palavra, dos sacramentos e da ação da caridade. Como resposta de fé à Palavra de Deus, surgem as diversas vocações e ministérios da comunhão e participação.

A vocação batismal comum a todos os fiéis, a vocação matrimonial, os ministérios ordenados, os religiosos, os ministérios leigos mais diversos da comunidade. Na Regra da OFS temos o número 6, que expressa tudo isso. O número 21 fala dos ministérios da fraternidade. No número 22 se diz que *a fraternidade pela ereção canônica se torna a célula primeira de toda a Ordem e um sinal visível da Igreja, comunidade de amor.*

11.4 A dimensão missionária

Todo cristão, pela vocação batismal, recebe também uma missão. Ninguém pode apenas receber o dom de Deus; quem é evangelizado, é chamado a evangelizar. Toda a Igreja é missionária, é enviada a levar a mensagem do

Evangelho ao próximo. Esta dimensão é pouco explícita na Regra. Talvez pelo caráter secular da Ordem. Mas, mesmo que o franciscano secular não deixe sua terra e sua parentela para ser missionário em terras distantes, ele é chamado a viver a dimensão missionária da Igreja, a ser apostólico, a sair de si, a levar Cristo para o outro em sua família, em sua fraternidade, em sua paróquia, participando da evangelização da comunidade, das periferias, e, quem sabe, de localidades vizinhas. Depois, o interesse pelas missões da Igreja, o apoio material aos missionários, a oração por eles. E é possível que um ou outro franciscano secular se sinta mesmo chamado a participar de projetos missionários da Igreja e da Ordem.

11.5 A dimensão catequética

Para se viver a vocação e a missão batismais não basta a formação que se recebeu para ser batizado ou para a Primeira Comunhão. A formação cristã deve continuar até o fim da vida. O mesmo se pode dizer da Profissão franciscana secular. Não basta a formação inicial da OFS. Ela deve acompanhar o franciscano por toda a vida através do estudo da Sagrada Escritura, através das reuniões, se possível, mensais, através de outros meios que a Igreja e a Ordem colocam ao seu dispor. O conhecimento e a vivência mais profundos da fé e da vida cristã e da vocação franciscana devem levar o franciscano secular a participar, na medida do possível, do serviço da catequese na Igreja. Uma catequese que seja iniciação teórica e prática na vida cristã com todos os seus compromissos.

11.6 A dimensão litúrgica

Uma vez iniciado na fé, o cristão é chamado a celebrá-la em Jesus Cristo, através dos mistérios do culto, que constituem a Sagrada Liturgia. É o que a Regra nos apresenta nos números 7 a 9. Trata-se, sobretudo, da vida sacramental e da Liturgia das Horas.

11.7 A dimensão ecumênica e de diálogo religioso

Nós cristãos católicos não devemos pensar que somos os únicos detentores da salvação. Pensemos nas pessoas de boa vontade que buscam sinceramente a Deus ou o bem. Também elas participam do Reino de Deus. Daí o respeito

pelas religiões cristãs e de outras pessoas de boa vontade. E da parte dos cristãos católicos devemos ter em mente que se mais recebemos, mais devemos dar, para que os outros, vendo os sinais do amor de Deus, também creiam em Cristo Jesus (cf. Regra, n. 19).

11.8 A dimensão sociotransformadora

O cristão é chamado a consagrar o mundo, a colaborar na construção da cidade dos homens, de uma sociedade mais justa e fraterna, querida por Nosso Senhor. A Regra ensina como fazê-lo, desde o número 10 até o número 19. O franciscano secular é chamado, sobretudo, a viver sua vocação e missão batismais nas realidades do mundo, ou seja, na secularidade.

12 A conversão evangélica

Se o número 6 da Regra fala da conversão batismal, o número 7 trata da conversão evangélica:

Como “irmãos e irmãs da penitência”, em virtude de sua vocação, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, conformem o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão”, a qual, devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias.

Para quem se sente chamado a viver segundo o Santo Evangelho, a exemplo de São Francisco, nunca é demais voltar ao tema da conversão e da penitência, tão profundamente resumido no número 7 da Regra.

12.1 Penitência e conversão

Trata-se de um elemento essencial da vida cristã e especialmente da vocação franciscana. Neste número os franciscanos seculares são chamados de irmãos e irmãs da penitência. É isto que os distingue dos irmãos menores da Ordem I e das irmãs pobres da Ordem II. Os franciscanos seculares não são chamados de irmãos menores ou de irmãs pobres, mas de *irmãos e irmãs da penitência*. Penitência aqui não no sentido que, em geral, se dá à palavra penitência, como mortificação, mas penitência no sentido bíblico, como conversão, ou, como diz a Regra, como uma radical transformação interior, que consiste em conformar o seu modo de pensar e de agir ao modo de pensar e agir de Cristo.

12.2 Chamados à conversão

O homem é um ser chamado à conversão pela própria vocação de criatura. Criado à imagem e semelhança de Deus, ele é chamado à comunhão eterna de amor, de vida e de felicidade com Deus. Isso exige dele uma eterna busca de Deus, vivendo como filho ou sacerdote, à luz da fé; vivendo como senhor da criação, sem se escravizar a ela, na virtude da esperança, porque estará sempre ao encalço do próprio Bem, que é Deus; vivendo como profeta, no amor para com o próximo, refletindo desta forma o Amor, que é Deus, e apontando para Ele. O ser humano é chamado a ser uma criatura voltada para Deus diretamente, sobretudo pela oração; através das criaturas, como senhor e senhora, e através do próximo, como irmão e irmã, na comunidade conjugal, na comunidade familiar e na comunidade social.

12.3 A primeira conversão e a conversão em crescimento

Pelo pecado a criatura humana disse e continua a dizer um não à sua vocação. Desvia-se de seu alvo que é Deus. Assim, o ser humano inverte as coisas. Onde é chamado a ser filho e sacerdote torna-se rebelde, porque quer ser senhor, quer ser igual a Deus, quer possuir a vida como um direito. Em relação à natureza, onde é chamado a ser senhor, ele se torna escravo. E no seu relacionamento com o próximo, onde é chamado a ser irmão ou irmã, torna-se tirano. Por si só o homem não consegue sair desta situação. Mas Deus continua sempre voltado para o homem: *Adão, onde estás? Caim, o que fizeste?* A união entre Deus e o homem se restabelece, quando ele reconhece sua situação errada de pecado e se volta novamente para Deus, quando ele retoma o seu alvo. Através de Jesus Cristo, o Filho de Deus feito homem, que foi o ser humano mais perfeitamente voltado para Deus, mais convertido, o homem pode voltar novamente para Deus e realizar a comunhão de amor com Ele e estreitá-la sempre mais.

Temos então *a primeira conversão*, que consiste em voltar para Deus, conviver com Ele na amizade, e participar de sua vida como filho. Em palavras da Tradição dizemos viver no estado de graça. Esta primeira conversão se dá para nós cristãos pelo Batismo. Somos transformados em filhos e filhas de Deus.

Mas não basta sermos enxertados por Cristo em Deus pelo Batismo. O cristão é chamado a voltar-se sempre mais para Deus. É a conversão em crescimento. Quanto mais se cresce na virtude, mais se percebe a bondade de

Deus e o convite para corresponder sempre mais ao amor. São Francisco teve a graça de compreender bem isso. Pelo fim da vida ele se considerava o maior pecador do mundo, porque tinha compreendido o amor de Deus. E exclamava: *O amor não é amado, o amor não é amado!* E diante da necessidade de uma resposta adequada ao amor, ele dizia: *Irmãos, vamos começar de novo, pois até agora pouco ou nada fizemos.* Isso é conversão em crescimento, que jamais chega ao fim, pois a medida que Jesus apresenta é: *Sede perfeitos como vosso Pai do céu é perfeito* ou *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei.*

A Regra nos ensina em que consiste esta conversão: *tornar o nosso modo de pensar e de agir semelhante ao modo de pensar e de agir de Jesus Cristo.* Isto é conversão evangélica que os franciscanos são chamados a viver como irmãos e irmãs da penitência.

12.4 A mortificação

Por causa da fragilidade humana, sobretudo do pecado, esta conversão permanente deve ser retomada cada dia de novo. Não se realiza de uma vez por todas. Ela exige a mortificação, isto é, a morte ao egoísmo, que deve ser praticada através da renúncia e da ascese. Entre as práticas de conversão que passam pela renúncia temos a oração, o jejum e a esmola, que expressam o relacionamento do homem com Deus diretamente, com as coisas e com o próximo. É por causa dessa exigência de renúncia e mortificação que a palavra penitência tem também a conotação de algo difícil ou custoso. Elas devem ser instrumentos da verdadeira conversão.

Veja CCGG, art. 13.

13 O Sacramento da Penitência

O número 7 da Regra, que fala da conversão evangélica, convoca os Irmãos e as Irmãs da Penitência a valorizarem devidamente o Sacramento da Penitência em sua busca permanente da perfeição da caridade:

Neste caminho de renovação, o Sacramento da Reconciliação é sinal privilegiado da misericórdia do Pai e fonte de graça.

Vamos refletir sobre a grandeza deste sacramento.

13.1 Um sacramento com três nomes

O sacramento da reconversão ou da conversão em crescimento tem três nomes, realçando cada qual um aspecto diferente do mesmo.

Confissão: Confissão no sentido original da palavra. Antes de significar a declaração dos pecados, significa confessar a fé, proclamar aquilo que é, reconhecer. Os mártires confessam a fé. Aqueles cristãos que sofriam perseguições, torturas e prisões por causa da fé eram chamados confessores. O lugar onde o mártir é morto pela causa de Cristo é chamado confissão. Confessar significa, então, proclamar e reconhecer a Deus como Criador, como Pai, como santo e o homem como criatura, como filho e, logicamente, também como pecador. A oração de Francisco *Quem sois vós e quem sou eu...* é uma verdadeira confissão. Podemos dizer então que o Sacramento da Penitência, como confissão, constitui uma celebração de ação de graças a Deus por sua bondade e sua misericórdia, manifestadas no perdão dos pecados concedido ao homem através de Jesus Cristo. Então, quando o cristão reconhece a santidade de Deus e se reconhece e se proclama pecador, Deus perdoa o seu pecado e lhe concede o dom do Espírito Santo para viver em atitude de conversão, de penitência.

Penitência: Este sacramento é chamado também de Sacramento da Penitência. Penitência no sentido bíblico de conversão, como já vimos. Se o Batismo constitui a primeira conversão do homem, então, a Penitência é o sacramento da reconversão, como volta à aliança batismal ou como sacramento da conversão em crescimento. A celebração da Penitência deveria ser como que o desabrochar de toda uma caminhada ou de todo um processo de conversão.

Reconciliação: No Ritual da Penitência, renovado após o Vaticano II, este sacramento é chamado também de Sacramento da Reconciliação. Realmente, se o cristão é infiel à sua vocação e missão batismais, ele é reconciliado com Deus e com a Igreja através do Sacramento da Reconciliação. Também o rito desse sacramento é expresso por um gesto de reconciliação, tanto pelas palavras, como pelo gesto da imposição das mãos. Por este sacramento é expressa ao penitente a garantia de que está bem com Deus, que está reconciliado com Deus.

13.2 Um sacramento de reconversão ou de conversão em crescimento

A Penitência pode ser um sacramento de reconversão ou de conversão em crescimento.

Será o sacramento da reconversão no caso de o cristão batizado ter-se afastado de sua vocação e missão, rompendo totalmente com Deus, sendo infiel à aliança batismal e excluindo-se da comunidade eucarística. Então a Penitência ou Reconciliação será o sacramento da volta, da conversão à aliança batismal, da reconciliação e da graça de Deus readquirida. Trata-se, então, de uma nova conversão ou de uma reconversão.

Mas a Penitência pode ser também o sacramento da conversão em crescimento. A pessoa não perdeu a graça de Deus, não rompeu inteiramente com Deus e com a comunidade eucarística, mas toma consciência de sua falta de correspondência aos dons de Deus. Percebe-se pecador, juntamente com toda a Igreja e a humanidade. A este reconhecimento de sua condição de pecador e necessitado da misericórdia de Deus, Deus liga a sua graça. Será a graça da reconciliação maior, a graça da intensificação da aliança batismal e, sobretudo, o dom do Espírito Santo da penitência ou da conversão em crescimento. Será então o sacramento da celebração da misericórdia de Deus, o sacramento da conversão em crescimento, da graça da conversão em crescimento, da graça da conversão para que possa ser sempre mais fiel à sua vocação e missão batismais. É chamada também de confissão de devoção, não necessária nem obrigatória, mas recomendada como grande meio na busca de perfeição da caridade. Como diz a Regra: *fonte de graça*.

13.3 Os três ritos do Sacramento da Penitência

A reforma litúrgica do Vaticano II nos oferece três ritos do Sacramento da Penitência.

Primeiro: o rito da Penitência individual, ou Reconciliação individual dos penitentes. É mais ou menos o rito antigo, apenas mais rico, onde se prevê também uma breve proclamação da Palavra de Deus.

Segundo: o Rito de Reconciliação de vários penitentes com confissão dos pecados e absolvição individuais. É a forma normal de uma celebração comunitária da Penitência, dentro de uma celebração da Palavra de Deus. Expressa bem o aspecto comunitário do pecado e a dimensão eclesial da celebração da Penitência.

Terceiro: Rito para a Reconciliação de penitentes com confissão e absolvição geral. Ele é previsto para casos muito especiais, não havendo confessores suficientes e sob a orientação do Bispo, em cada caso. E temos ainda duas condições: que os pecados mortais sejam confessados, depois, diretamente ao sacerdote e que não se participe de novo de uma celebração desse tipo, sem antes ter confessado seus pecados mortais diretamente ao sacerdote.

É importante que os franciscanos seculares como “irmãos e irmãs da penitência” conheçam bem os três Ritos da Penitência oferecidos pela Igreja e valorizem de fato este sacramento como *sinal privilegiado da misericórdia do Pai e fonte de graça*.

Veja CCGG, art. 13.

14 Vida de oração e contemplação

O número 8 da Regra trata da vida de oração dos franciscanos seculares. Como o assunto é muito vasto, vamos tratar dele por partes. Vejamos inicialmente, a primeira parte, que fala da vida de oração e contemplação em geral:

Assim como Jesus foi o verdadeiro adorador do Pai, façam da oração e da contemplação a alma do próprio ser e do próprio agir.

14.1 O que é oração

Tradicionalmente, define-se a oração como sendo a elevação da mente para Deus. Diz-se também que é um diálogo com Deus. Mas a oração é algo muito profundo; constitui uma experiência de vida. A Regra fala de alma do próprio ser e do próprio agir. Por isso, é difícil dizer em poucas palavras o que seja a oração. De modo bem abrangente diria que a **oração é uma experiência de comunicação com o divino em nós, diretamente, ou através do próximo e através da natureza criada.**

14.2 A oração vista na vocação integral do homem

Já vimos que o homem é um ser chamado à comunhão eterna de amor, de vida e de felicidade com Deus, em harmoniosa união com o próximo,

abraçando toda a realidade criada, como sacerdote, como senhor da criação e como profeta. A oração deve ser vista no âmbito desta vocação. Será o cultivo de sua relação com Deus, como filho ou filha, de sua relação com Deus, através da natureza criada, como senhor ou senhora, e de sua relação com Deus, através do outro, na comunidade conjugal, familiar e social, procurando viver como irmão ou irmã.

Nesta busca de Deus ou neste cultivo de Deus, podemos distinguir três tipos de oração: a oração-procura ou busca de sua vocação e missão; a oração-resposta ou conversão, e a oração-comunhão.

O ser humano procura situar-se sempre de novo em sua vocação. Pergunta, interroga, ausculta a vontade de Deus, para situar-se no seu plano. Responde ao plano de Deus: pode ser uma resposta de admiração, de adoração, de louvor, de ação de graças, de conformidade, de pedido para que se realize o plano de Deus em sua vida ou de intercessão pelos outros. Por fim, o homem pode estabelecer uma comunhão de amor, onde repetirá sempre as mesmas palavras ou já não usa palavras. É a comunhão no mistério de Deus, é o mistério do esposo e da esposa. Aí realiza-se a expressão maior da vocação última do homem já iniciada neste mundo, a da comunhão de vida, de amor e de felicidade em Deus. Notemos que *comunhão* é mais do que mera união, ou mera relação. Constitui certa fusão, onde Deus e o ser humano já não são dois, mas uma só carne, sem que cada qual perca a sua identidade. Deus é sempre o Deus criador de infinita bondade, e o ser humano será sempre criatura limitada.

Todas as formas, porém, constituem verdadeira oração. Às vezes, elas se sucedem; às vezes, só será possível rezar na forma de procura. Às vezes, se passará facilmente para a oração-resposta e quem sabe, às vezes, se chega, por dom do Espírito Santo, rapidamente à oração-comunhão.

14.3 A oração de São Francisco

Diz Celano que Francisco não era simplesmente um orante, mas um homem feito oração. A oração de Francisco caracteriza-se como um cavalheirismo seráfico ou um amor apaixonado, diante da descoberta da grandeza e do amor de Deus, manifestados aos homens. Onde ele descobria essa grandeza, esse amor, ele vibrava. Vibrava diante do mistério de Deus, que se revela como Pai, como Filho e como Espírito Santo, no mistério da Santíssima Trindade. Vibrava, procurando dar uma resposta de amor ao amor de Deus, manifestado em Jesus Cristo, sobretudo no mistério da encarnação,

da paixão e da eucaristia. Vibrava com o amor de Deus revelado em Maria, na Igreja, nos sacerdotes, no coração dos fiéis. Vibrava, enfim, pela manifestação da grandeza e do amor de Deus na natureza criada. A oração de Francisco caracterizava-se, sobretudo, por três aspectos: era ação de graças, era trinitária e constituía uma resposta de amor ao amor de Deus.

14.4 A oração individual e comunitária

Esta comunicação com Deus pode realizar-se individualmente na meditação, na leitura espiritual e por orações formuladas. Mas pode realizar-se também comunitariamente. A oração comunitária pode ser sacramental, ou seja, através de um dos sete sacramentos e em formas não sacramentais no sentido estrito. Temos, então, as celebrações da Palavra de Deus, as bênçãos, as peregrinações, as exéquias, os jubileus, a profissão religiosa, o jejum, a esmola e a oração comunitária, em sua forma erudita como a Liturgia das Horas e em formas populares, como o rosário, o *angelus*, a via-sacra, a coroa franciscana, as bênçãos do Santíssimo, as ladainhas e outras formas.

14.5 Contemplação

Contemplar vem de templo. O templo é o lugar onde habita Deus: o espaço de Deus. Templar significa morar no templo e contemplar é morar com Deus, estar no espaço de Deus, habitar com Deus ou viver na intimidade de Deus. Compreende-se que para contemplar não é preciso um lugar ou um tempo especial. Pode-se contemplar a toda hora e em todos os lugares, pois contemplar é respirar em Deus, é viver em Deus, é fazer da oração a alma de todo o nosso ser e agir.

14.6 Toda a vida como oração

Para Francisco todo ser e todo o agir humano podia transformar-se em oração, em experiência de Deus ou comunhão com o mistério. Sim, todas as dimensões do ser humano podem transformar-se em comunicação com Deus. Assim, o homem religioso, o homem orante, através do exercício da oração ou da oração-exercício comunica-se com Deus. Importa que essas orações realmente sejam comunicação com Deus. Depois, temos o homem que trabalha. O trabalho, sendo graça, conforme São Francisco pode transformar-se

em graça para o próximo, imitando Jesus Cristo, que trabalhou com suas mãos. Importa trabalhar com devoção. O estudo e a reflexão também podem transformar-se em oração-devoção. O lazer vivido como celebração do homem, senhor da criação, libertado por Cristo, pode transformar-se em oração-devoção. É o *homo ludens*, o homem que brinca e pode brincar porque salvo por Cristo Jesus. Depois, o homem solidário. Todo o apostolado pode transformar-se num meio de comunicação com Deus em Jesus Cristo. Finalmente, o homem que sofre (o *homo patiens*) unirá o seu sofrimento ao sofrimento de Cristo pela salvação do mundo.

Contudo, sem o exercício da oração, ou sem a oração-exercício, dificilmente todas estas outras dimensões da vida chegarão a ser oração-devoção, ou contemplação. Tal vida de oração e contemplação realmente será *a alma do próprio ser e do próprio agir*.

Veja CCGG, art. 12.

15 A participação na vida sacramental da Igreja

Dos candidatos que se aproximavam para viver com ele a forma de vida segundo o Santo Evangelho, Francisco exigia que professassem a fé católica e vivessem os sacramentos da Igreja. Isso era condição para serem recebidos, pois Francisco queria que a vida segundo o Evangelho, que Deus lhe inspirara, fosse vivida na Igreja. Daí que a Regra paulina da OFS diz:

Participem da vida sacramental da Igreja, principalmente da Eucaristia, e se associem à oração litúrgica em uma das formas propostas pela mesma Igreja, revivendo assim os mistérios da vida de Cristo (n. 8b).

Nesta reflexão, queremos tratar da vida sacramental em geral.

15.1 Reviver os mistérios da vida de Cristo

Uma comunidade eclesial é uma comunidade de fé, que ouve a Palavra de Deus; uma comunidade que celebra a fé e uma comunidade de ação da caridade. Pelos sacramentos os cristãos vivem a dimensão celebrativa da vida da Igreja revivendo os mistérios da vida de Cristo. Pelos sacramentos os cristãos evocam, celebram e, assim, participam dos mistérios de Cristo. Isso quer dizer que através deles a Igreja presta culto a Deus em e por Jesus Cristo e Jesus

Cristo torna-se presente por sua ação na Igreja através dos ritos, que chamamos de mistérios do culto ou sacramentos.

É enriquecedor para a nossa vida sacramental perceber quais os mistérios de Cristo são revividos através dos sacramentos, de cada um deles. Infelizmente a tradição do catolicismo no Brasil nos deixou uma compreensão distorcida da vida sacramental. Isso, não por culpa do povo. A catequese levava o povo brasileiro e da América Latina a receber e administrar os sacramentos e não a celebrar e viver os mistérios. Precisamos retirar os sacramentos dos guardados e colocá-los em nossa vida como espiritualidade, como mística.

15.2 O Batismo

O Batismo evoca ou celebra a Páscoa de Cristo. A comunidade celebra a morte e a ressurreição de Cristo, nas quais, quem nele crê, é justificado. É como que a primeira celebração da fé em Cristo morto e ressuscitado por parte da comunidade eclesial. Fazendo isso, a pessoa que é batizada, mesmo na fé da Igreja, participa desta morte e ressurreição de Cristo. Morre para o pecado e vive para Deus.

O símbolo forte desta realidade de morte e vida é a água. Tudo que se diz da água no plano natural, pode-se dizer do Batismo no plano espiritual.

15.3 A Crisma

Se o Batismo evoca o mistério da Páscoa e o torna presente, a Crisma celebra o mistério de Pentecostes, o envio do Espírito Santo sobre os Apóstolos. Assim, tudo que podemos dizer da Páscoa podemos dizer do Batismo e tudo que podemos dizer de Pentecostes podemos dizer da Crisma. Como na vida dos Apóstolos houve uma Páscoa e um Pentecostes, assim também na vida da Igreja e de cada cristão. O símbolo ou sinal deste sacramento é o gesto de transmissão do Espírito Santo como o Dom de Deus, a unção com óleo e, por isso, o nome de Crisma, e a imposição das mãos.

Trata-se do óleo com que foram ungidos os sacerdotes, os reis e os profetas. Jesus Cristo é o ungido por excelência. Assim, também todos os cristãos são os ungidos de Deus.

Importante é viver a espiritualidade destes dois sacramentos pascais. Transformar em vida e testemunho os dois sacramentos. Revivê-los em nós

quando participamos da celebração de um Batismo ou da Crisma e renová-los cada ano: o Batismo, na Vigília da Páscoa e a Crisma, na Festa de Pentecostes.

15.4 A Eucaristia

Pela Eucaristia a Igreja não celebra apenas um mistério de Cristo, mas todo o mistério de Cristo ou todos os mistérios, desde o plano eterno de Deus até a glória da parusia. Por isso, o sacerdote exclama após a consagração: *Eis o mistério da fé*, pois a Eucaristia inclui, celebra e torna presente toda a nossa fé, sintetizada na morte e ressurreição de Jesus Cristo. O sinal ou símbolo é a celebração da vida no amor fraterno, que permanece para sempre: a refeição fraterna com o pão e o vinho. Por ser a Eucaristia tão central em nossa vida de fé, voltaremos ao tema mais adiante.

15.5 A Penitência

No Sacramento da Penitência a Igreja celebra o Cristo que perdoou, e, porque perdoou em sua vida mortal, continua perdoadando e comunicando o seu Espírito de penitência quando a Igreja, através de seus ministros, realiza um gesto de reconciliação. Jesus age neste gesto da Igreja através de um sinal sensível de perdão, de reconciliação e de graça, como já vimos anteriormente.

15.6 A Unção dos Enfermos

A Unção dos Enfermos não é sacramento de encomendação para a morte. Celebra, antes, a saúde, celebrando o Cristo médico, o Cristo que em sua vida curava, confortava e perdoava os enfermos. O sinal é o óleo medicinal, que é, ao mesmo tempo, o óleo da comunicação do Espírito Santo. Neste sacramento o doente recebe o dom do Espírito Santo para que possa ser um bom enfermo, unindo os seus sofrimentos aos de Cristo e, na circunstância da enfermidade, possa viver sua vocação e missão batismais.

15.7 A Ordem

Por este sacramento a Igreja celebra o Cristo que veio não para ser servido, mas para servir. Através dos ministros ordenados, bispos, presbíteros e diáconos, Cristo quer continuar a exercer o seu serviço messiânico de profeta,

sacerdote e rei, anunciando o Evangelho, santificando e guiando o Povo de Deus. Participando das ordenações, os franciscanos seculares aprenderão a valorizar os ministros ordenados e a participar do seu ministério através do seu sacerdócio batismal.

15.8 O Matrimônio

O Matrimônio é duplamente sacramento. Sacramento de Deus Amor e Criador no plano natural. Celebra o amor em Deus e o amor de Deus aos homens. Por sua vez é sacramento de Cristo. Como tal, celebra, torna presente e participa do amor de Cristo ao gênero humano, num amor total de aliança, na total fidelidade até à morte. Voltaremos ao tema no comentário ao número 17 da Regra.

Veja CCGG, art. 14.

16 A Eucaristia, celebração da nova Páscoa

Diz o número 8 da Regra:

Participem da vida sacramental da Igreja, principalmente da Eucaristia... revivendo assim os mistérios da vida de Cristo.

O número 5 pede aos franciscanos seculares que levem uma vida eucarística. A Eucaristia não celebra apenas um mistério de Cristo, mas celebrando torna presente todo o mistério de Cristo, pelo que é chamado *o mistério da fé*. A Missa, justamente porque celebra toda a fé cristã, pode ser considerada sob muitos aspectos. Aqui, gostaríamos de aprofundar o Mistério eucarístico como celebração pascal do Novo Testamento. Transparece, então, a Missa como sacrifício de ação de graças. Vai-se ao núcleo do Mistério eucarístico, isto é, à parte central, à Oração eucarística, ou Consagração.

16.1 A celebração da Páscoa no Antigo Testamento

Uma palavra sobre a celebração anual da Páscoa do Antigo Testamento ajuda-nos a compreender melhor a Missa.

a) A Páscoa-fato: Quando estudávamos a ação de graças, vimos que à base dela está um fato maravilhoso, manifestação da bondade de Deus. Ora, o

grande fato ou acontecimento que marcou profundamente o Povo de Deus no Antigo Testamento foi a Páscoa. Páscoa é passagem. Não qualquer passagem, mas passagem para uma situação melhor, a partir de Deus, por ação de Deus. É ao mesmo tempo passagem libertadora de Deus e passagem do povo, de uma situação de opressão para a liberdade, de morte para vida, que vai acontecendo desde a saída do Egito até a posse da Terra prometida. Nesta passagem, páscoa-fato, podemos realçar dois momentos: a páscoa da libertação do Egito, descrita em Ex 12–15, cujos símbolos são o cordeiro e a passagem pelo Mar Vermelho, e a páscoa da aliança, aos pés do Monte Sinai, descrita em Ex 19–24, simbolizada pelo sangue com que Moisés aspergiu o povo. Estes dois aspectos da páscoa, isto é, a libertação e a aliança, estão presentes sempre nas diversas formas de celebração da páscoa que podemos chamar de páscoa-rito.

b) A páscoa-rito na celebração anual da Páscoa: Cada ano a páscoa-fato é revivida por sua celebração, ou seja, pela páscoa-rito. A família reúne-se sob a presidência do pai de família para comemorar a páscoa-fato, que se desenrola em torno de quatro momentos, marcados cada um por um cálice de vinho. Primeiro se apresentava o cálice de abertura, em que o pai de família rendia graças sobre o pão e o cálice de vinho. Guardava a metade do pão sob uma toalha e a outra metade era distribuída em bocados para cada um. Seguia-se o segundo cálice, o da ceia como tal. Realizava-se aí a ceia pascal, com pães ázimos, ervas amargas e o cordeiro, onde ele era imolado. Vinha, então, pelo fim da ceia, o momento alto, o terceiro cálice, o cálice da bênção ou da ação de graças. O pai de família punha-se de pé, retirava o pão de sob a toalha e tomava nas mãos o cálice de vinho e dava graças. Esta ação de graças era o momento solene da celebração. Recordava sobre o pão a páscoa da libertação do Egito; a ação de graças sobre o cálice lembrava a páscoa da aliança. E o pai de família dava graças a Deus pelas diversas alianças que Deus renova todos os dias com os homens, através do alimento que os sustenta na vida. Finalmente, vinha o quarto cálice, o da despedida.

16.2 A Missa, celebração da Páscoa do Novo Testamento

Também no Novo Testamento temos a páscoa-fato e a páscoa-rito.

a) A páscoa-fato do Novo Testamento: A grande passagem de Deus por este mundo, possibilitando a passagem do ser humano deste mundo para o Pai, é a passagem do Filho de Deus, no mistério da encarnação. Ele vem a este

mundo e deste mundo volta para o Pai. Ele é a páscoa verdadeira. Ao mesmo tempo liberta o homem do pecado e realiza a nova e eterna aliança no seu sangue. Realiza-se, portanto, a páscoa da libertação e a páscoa da aliança.

b) A celebração da Páscoa do Novo Testamento pela páscoa-rito: Como no Antigo Testamento houve uma páscoa-fato e uma páscoa-rito, assim também no Novo Testamento, para que todos os que acreditassem em Jesus, a Páscoa verdadeira, pudessem viver em sua vida a passagem deste mundo para o Pai, a exemplo de Cristo e por Cristo.

Como na páscoa do Antigo Testamento, Deus deixou um rito para que o povo de Deus revivesse a páscoa, assim também Jesus, antes de passar deste mundo para o Pai, deixou um rito. É a páscoa vivida no rito, que recorda e torna presente a páscoa de Cristo, isto é, sua passagem deste mundo para o Pai, por sua Paixão-Morte e Ressurreição salvadoras.

Tudo aconteceu na Última Ceia. Jesus, como o pai de família, toma o pão, dá graças e diz: *Isto é o meu corpo entregue por vós*. Pela ação de graças sobre o pão, Ele recorda a páscoa da libertação, da vida que Ele veio trazer ao mundo. Depois, toma o cálice e dá graças. Certamente uma longa e bela ação de graças, que não mais recorda apenas a aliança com um povo, mas a nova e eterna aliança em seu sangue, com toda a humanidade. E acrescenta: *Fazei isto em memória de mim*.

Assim como no Antigo Testamento Deus instituiu um rito para que as gerações futuras pudessem participar de sua passagem libertadora e de aliança, também Jesus, a nova e verdadeira páscoa, institui um rito, para que as gerações futuras pudessem viver em sua vida a nova e verdadeira páscoa, na morte e ressurreição redentoras do Filho de Deus feito homem; morte redentora, onde se realiza a nova e eterna aliança, sacrifício pascal do Novo Testamento. Tudo isso se realiza em cada Missa, especialmente, na Oração eucarística.

16.3 A dimensão trinitária da Eucaristia

Sim, a Eucaristia possui uma dimensão trinitária. Francisco, como vimos, foi o homem eucarístico, por excelência, homem feito eucaristia. Pela Eucaristia Francisco mergulhava profundamente no mistério da Santíssima Trindade.

Também para os franciscanos seculares a melhor maneira de glorificarmos a Santíssima Trindade é justamente pela Celebração eucarística, tomando sempre

mais consciência de sua dimensão trinitária. Trata-se do sacrifício de louvor, do sacrifício de ação de graças. Toda Missa, do início ao fim, é marcada pela presença e a ação da Santíssima Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo.

O centro da Eucaristia é constituído de uma ação de graças a Deus Pai, pelas maravilhas operadas por Jesus Cristo, no Espírito Santo. Nas Orações eucarísticas a Igreja louva, bendiz, dá graças ao Pai, comemora o Filho, Jesus Cristo e invoca o Espírito Santo.

Tudo isso é sintetizado na grande doxologia (louvor) final da Oração eucarística, proclamada pelo sacerdote em nome de toda a assembleia: *Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós Deus Pai, todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre.*

Ao proclamar as maravilhas da bondade de Deus Trino e Uno na história da humanidade, proclamamos também a ação da Trindade Santa na vida pessoal de cada um. Damos graças, por aquilo que em nós existe de Pai (de Mãe), o que existe de Filho e o que existe de Espírito Santo: nossa origem, nossa existência (Pai), o que criamos, o que fazemos (Filho) e a unidade do nosso ser e agir pelo amor (Espírito Santo).

Veja CCGG, art. 14.

17 A Missa como Ceia do Senhor

A Missa é ação de graças, sacrifício memorial do sacrifício de Cristo na cruz. Mas é também *Ceia do Senhor*. O sacrifício de ação de graças realiza-se em forma de ceia. Por isso, uma reflexão sobre o sentido da ceia, banquete ou jantar de amigos, ajuda muito a compreender a riqueza da Missa e a vivê-la em nossa vida.

17.1 O sentido de uma ceia fraterna

Vejam, primeiramente, o sentido de uma refeição fraterna, desde sua expressão maior do banquete, até aquele cafezinho tão brasileiro, que se oferece ao visitante, em geral, acompanhado de algum alimento sólido.

Uma refeição comum, no seu verdadeiro significado, pode expressar o seguinte: encontro, confraternização, amizade, comunhão, união, amor, compreensão, presença; pode ser expressão de alegria, felicidade, gratidão, homenagem, intimidade, aconchego, apreço, acolhimento, reconhecimento, diálogo, intercâmbio, oferta, serviço, refeição; pode ser expressão de paz,

reconciliação, pacto, aliança, compromisso; comemoração, festa. Enfim, convívio ou, simplesmente, intercâmbio ou intercomunicação de vida; tanto assim que os participantes são chamados de convivas, aqueles que convivem.

Quanta riqueza! Se olharmos para todos esses sentidos e perguntarmos: Em relação à Missa, há algum sentido que não se lhe aplique? Tudo pode ser aplicado. Então, se dissermos da Missa tudo o que dissermos da ceia fraterna, no relacionamento entre os participantes e Deus, os participantes e Cristo e os participantes entre si, vemos como a Missa, vivida como Ceia do Senhor, é rica. Trata-se de uma linguagem de totalidade, onde entra a pessoa toda, com todos os seus sentidos: os olhos, os ouvidos, o olfato, o gosto, o tato, com todo o seu ser e agir. Pena que a Missa, como a temos, seja tão pobre quanto aos elementos da refeição fraterna. Mas temos o essencial.

17.2 Os elementos da Ceia do Senhor

Uma refeição fraterna consta essencialmente de alimento sólido e de alimento líquido. O símbolo do alimento sólido é o pão, e do alimento líquido do encontro humano é o vinho que, além de matar a sede como a água, traz felicidade.

Então, vejamos o significado ou o simbolismo do pão e do vinho na Missa. O pão e o vinho têm um tríplice nível de significado:

a) O pão e o vinho significam aquilo que o *ser humano é*, ou seja, a criação como obra e dom de Deus. Ninguém vive sem comer e beber. O pão e o vinho significam, assim, a vida do ser humano, enfim, toda a criação como dom de Deus.

b) O pão e o vinho significam *o que o homem faz*, a ação do ser humano como participante da obra de Deus, da criação. O pão e o vinho, para serem pão e vinho, passam por todo um processo humano. O homem encontra-se no pão e no vinho pelo seu trabalho, na preparação da terra, no plantio, na colheita, na preparação da farinha e da massa, até se chegar ao pão que alimenta. Semelhante é o processo com a uva até se chegar ao delicioso vinho. Daí, o pão e o vinho significarem toda esta realidade do trabalho do homem, que passa pelo sofrimento, não só em relação ao pão e ao vinho, mas em todo o seu trabalho em favor da vida, como participação na obra da criação.

c) O pão e o vinho significam o *Corpo de Cristo dado* e o *Sangue de Cristo derramado*. Este é um terceiro significado do pão e do vinho. A partir da Última Ceia, por vontade de Cristo, o pão e o vinho passaram a significar o seu

Corpo dado e o seu Sangue derramado. Jesus restituiu ao pão e ao vinho o sentido do amor e da vida.

Assim, aquilo que o homem é e o que ele faz na atitude do amor de Cristo, que dá sua vida pela salvação e a vida do mundo, adquire o verdadeiro significado do amor e da vida. Estes três níveis de significado estão expressos na oração que acompanha a apresentação das oferendas ao altar: *Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos de vossa bondade, fruto da terra e do trabalho humano, que agora vos apresentamos e para nós se vai tornar pão da vida*, e, respectivamente, *o vinho da salvação*.

17.3 O sentido do rito da preparação das oferendas

Descobrimos o significado mais profundo do pão e do vinho com água, também o rito da preparação das oferendas pode ser vivido em toda a sua riqueza. Este rito consta de três momentos previstos, sendo que tudo deverá ser feito com a calma devida. Primeiro, a preparação do altar, enquanto o sacerdote está sentado; segundo, a procissão das oferendas, trazidas pelos fiéis; e terceiro, a apresentação das oferendas ao altar pelo sacerdote, acompanhada da oração. O canto, facultativo, deveria acompanhar os dois primeiros momentos, enquanto todos são convidados a responder à oração do sacerdote: *Bendito seja Deus para sempre*. Não é proibido cantar durante todo o rito de preparação das oferendas.

Quando, então, representantes da assembleia levam as oferendas ao altar, estão levando o que elas significam: a vida e o trabalho do homem, enfim, toda a obra da criação como dom de Deus, dentro da perspectiva do Corpo de Cristo dado e do Sangue de Cristo derramado. De certa maneira misteriosa, mas real, as pessoas, a comunidade toda são colocadas sobre o altar com Cristo, na atitude do amor de Cristo.

17.4 A Comunhão

Do significado total do pão e do vinho brota a ação de graças e tudo é transformado no Corpo e no Sangue de Cristo. Por Cristo, com Cristo e em Cristo, Deus aceita a oferta e não só aceita, mas convida a todos a participarem da ceia da vida, onde o próprio Cristo é oferecido em alimento. Na Ceia do Senhor, Deus convida o homem a participar de sua intimidade, a intimidade da ceia, a intimidade da vida. Então realiza-se o que refletimos sobre a ceia, no

seu sentido mais pleno. O homem pode entrar em profunda comunhão com Deus. Antecipa-se o que é a vocação última do homem para toda a eternidade: comunhão de vida, de amor e de felicidade com e em Deus. Mas importa que as pessoas não apenas participem da Ceia divina; é preciso que, a exemplo de Cristo, se tornem alimento, se transformem em pão e vinho, em ceia para os irmãos e irmãs. Que sejam também em sua vida corpo dado e sangue derramado pelo próximo, a exemplo de Cristo!

18 O Sacramento da Unção dos Enfermos

Esta reflexão sobre a Unção dos Enfermos deve ser feita no contexto do cuidado com os irmãos e irmãs idosos e enfermos e de toda a pastoral dos enfermos. Faz parte ainda da vida sacramental da Igreja (cf. Regra, 8).

18.1 A experiência da enfermidade e da doença

Uma das experiências mais decisivas na vida das pessoas é a doença. Em si um mal, pode reverter num grande bem para a pessoa.

Se olharmos para a história percebemos que muitas pessoas saem transformadas da experiência de uma doença. Pensemos em Paulo, em Inácio de Loyola e em Francisco de Assis. Francisco, abalado por uma grave enfermidade em sua juventude, começa a procurar algo de novo. Começa a ver tudo de modo diferente. Sim, a doença ou a enfermidade é capaz de redimensionar a vida da pessoa humana. Na doença, ela percebe sua fragilidade, sua dependência. Percebe o valor da vida e da saúde. Percebe, muitas vezes, as limitações em si e nos outros, antes não descobertas.

18.2 A doença, uma experiência pascal

A experiência da doença é capaz de levar a pessoa a descobrir o valor da vida e da saúde como dons de Deus. Por isso, pode despertar e veicular uma profunda experiência de Deus. A doença, na esperança da saúde, pode tornar-se uma grande experiência de passagem, ou seja, uma experiência pascal, sobretudo quando vivida na fé em Jesus Cristo. Esta experiência de páscoa é capaz de evocar e tornar presente o mistério de Cristo médico, do Cristo que veio confortar, curar e perdoar os doentes. Assim, a doença e a enfermidade podem pela fé em Jesus Cristo transformar-se em matéria de sacramento.

18.3 A Unção dos Enfermos como celebração

Na experiência pascal doença-saúde celebra-se o Cristo que em sua vida terrena se apresentou como médico da alma e do corpo. Jesus Cristo passou fazendo o bem. Curava os enfermos e perdoava os seus pecados. Enviou os discípulos, dando-lhes ordem de curar os doentes, impondo as mãos e ungindo com óleo.

São Tiago mostra que esta ordem de Jesus Cristo se transformou numa prática comum na Igreja nascente. Escreve ele:

Alguém de vós está enfermo? Chame os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o aliviará; e, se tiver pecado, receberá o perdão (Tg 5,14-15).

Trata-se, como se vê, não de uma celebração em benefício de moribundos, mas em favor e com enfermos. É o enfermo quem toma a iniciativa de mandar chamar os presbíteros da Igreja. Os presbíteros, por sua vez, fazem orações, impõem as mãos e ungem em nome do Senhor. Aqui vale também o princípio segundo o qual não se deve simplesmente administrar e receber um sacramento, mas celebrá-lo e vivê-lo.

Quais os efeitos dessa celebração? O alívio pela oração da fé, um novo ânimo, cura se for da vontade de Deus e o perdão dos pecados.

18.4 O Rito atual

O Rito atual da Unção dos Enfermos expressa bem este aspecto positivo da celebração do Cristo médico por ocasião de uma grave doença.

Nada fala de morte. Todas as orações realçam a saúde, o conforto, o perdão dos pecados, a salvação.

A celebração, colocada dentro de uma breve celebração da Palavra de Deus, apresenta três momentos importantes: a ação de graças sobre o óleo, a imposição das mãos e a unção com uma fórmula de oração que dá o sentido da unção.

O óleo, aqui, tem dois significados em seu simbolismo. O óleo é medicinal. Como a pomada quer curar ou aliviar. O óleo está ligado sempre à ação do Espírito Santo. Isso significa que, na Unção dos Enfermos, a Igreja comunica o dom do Espírito Santo ao doente. Para quê? Antes de tudo, para que seja um bom doente. Para que possa dar testemunho de Cristo numa circunstância especial da vida, que é a doença; que ele possa viver nessas circunstâncias a sua

vocação e missão batismais de sacerdote, rei, profeta e mártir, conforme se diz na oração de bênção do óleo, na Quinta-feira Santa.

A imposição das mãos expressa também a comunicação do dom do Espírito Santo. Dom de conforto ou alívio na fé, dom de cura, se esta for a vontade de Deus. E muitas vezes o é. Dom do perdão dos pecados.

A unção hoje é feita na fronte e nas mãos do enfermo. Pode ser feita, se for conveniente, em partes do corpo mais atingidas pelo sofrimento.

A oração, que acompanha a unção, dá o seu significado:

Por esta santa unção e pela sua infinita misericórdia, o Senhor venha em teu auxílio com a graça do Espírito Santo, para que, perdoados os teus pecados, Ele te salve e, em sua bondade, alivie os teus sofrimentos.

Observe-se que todo o rito só fala de saúde, de vida, de alívio e de conforto na fé em Jesus Cristo. Não existe uma referência à morte. Isso porque o sacramento da agonia é a Comunhão, então chamada de Viático, ou seja, o alimento para o caminho.

Para valorizarmos o Sacramento da Unção dos Enfermos temos que superar um tabu. A Unção dos Enfermos não é o sacramento para a morte, mas para a vida, a saúde. Os irmãos e irmãs franciscanos seculares, tendo maior compreensão deste sacramento, poderão tomar a iniciativa de chamar um sacerdote para, com os familiares, irmãos e irmãs da fraternidade e amigos, celebrar este belo sacramento, fonte de tanta graça do Espírito Santo, para serem bons doentes e unirem os próprios sofrimentos aos de Cristo, completando assim o que falta à sua Paixão. Estarão exercendo o seu sacerdócio batismal, colaborando com Cristo na salvação do mundo.

19 O cuidado dos irmãos idosos e enfermos

A reforma litúrgica decretada pelo Concílio Vaticano II colocou a celebração da Unção dos Enfermos no conjunto da **Pastoral dos Enfermos**, tanto assim que o Ritual se chama *Ritual da Unção dos Enfermos e sua Assistência Pastoral* distinto de outro Ritual chamado *Ritual das Exéquias*, que contém as celebrações em torno da morte do cristão.

19.1 Pastoral dos Enfermos

A primeira expressão desta pastoral é a **visita aos enfermos**, não restrita ao padre, mas obrigação de todos os fiéis cristãos. Trata-se de uma obra de

misericórdia pela qual todo discípulo de Cristo será julgado: *Estive enfermo e me visitastes* (cf. Mt 25,36.39.43). Além da visita temos a **Comunhão dos enfermos** que pode ser precedida pela visita do sacerdote para a Reconciliação e Unção do enfermo, e temos ainda o **viático** e a **encomendação**.

Com Santo Agostinho podemos distinguir entre doença e enfermidade. A **doença**, em geral, tem uma causa externa que debilita e ameaça o organismo. É falta de saúde ou perturbação da saúde. Tem a ver com dor e sofrimento físico. A **enfermidade** por sua vez tem conotação mais ampla. Inclui toda fraqueza e debilidade, que também pode ser proveniente de doença. A velhice certamente não é doença, mas apresenta-se como enfermidade. Em geral, porém, as duas palavras *doença* e *enfermidade* são tomadas como sinônimos.

Compreendemos então por que o Concílio trocou o nome do Sacramento de Extrema-Unção para Unção dos Enfermos e por que é aconselhado também para os idosos. A Constituição sobre a Sagrada Liturgia afirma:

A “Extrema-Unção”, que também e melhor pode ser chamada “Unção dos Enfermos”, não é um sacramento só daqueles que estão em perigo iminente de morte. Portanto, tempo oportuno para receber a Unção dos Enfermos é certamente o momento em que o fiel começa a correr perigo de morte, por motivo de doença ou de idade avançada (SC 73).

19.2 Francisco e os enfermos

São Francisco também é exemplo no nosso relacionamento com os irmãos e as irmãs idosos e enfermos. Ele não trata dos irmãos idosos, pois no seu tempo as pessoas, geralmente, não ficavam muito idosas e ainda não havia frades muito idosos na primeira geração dos Frades Menores.

Francisco nutria um amor especial pelos irmãos enfermos. A mesma atenção merecem os idosos. Queria que os irmãos cuidassem deles com uma caridade superior ao amor de mãe. Não admitia que os irmãos que adoecessem em viagens apostólicas fossem deixados sozinhos.

E Francisco enfermo, que exemplo de paciência, de confraternização com todas as coisas, até com o irmão fogo que devia cauterizar suas têmperas! Em sua morte, ele quis imitar em tudo o Cristo em sua Paixão.

Era exigente também com os irmãos enfermos. Escreve ele:

E peço ao irmão enfermo que por tudo renda graças ao Criador; e que, da maneira como o Senhor o quer, assim deseje estar, são ou enfermo, porque todos aqueles que Deus predestinou para a vida eterna, ensina-os por estímulos dos

flagelos e das enfermidades e pelo espírito de compunção, como diz o Senhor: eu corrijo e castigo aqueles que amo. E se alguém se perturbar ou se irar, seja contra Deus, seja contra os irmãos, ou exigir remédios talvez insistentemente, desejando muito libertar a carne, que depressa morrerá e que é inimiga da alma, isto lhe provém do mal, e ele é carnal e não parece ser dos irmãos, porque ama mais o corpo do que a alma.

Isso não quer dizer que não se busquem os meios da medicina para favorecer uma boa qualidade de vida. Mas os irmãos não devem perturbar-se por causa da doença.

19.3 Convívio fraterno com os irmãos enfermos

Os nossos irmãos e irmãs enfermos e idosos devem ser colocados bem no coração das fraternidades. Eles são os para-raios da fraternidade por sua fidelidade, oração e comunhão com os sofrimentos de Cristo. Estarão presentes também como testemunhas da fidelidade à vocação cristã e franciscana.

Se os irmãos enfermos e idosos não podem comparecer às reuniões da fraternidade, é a fraternidade que deve ir fazer fraternidade com eles. Se os irmãos, em geral, necessitam pelo menos de uma reunião mensal para vivenciar e alimentar a vida fraterna, os irmãos enfermos e idosos precisam, no mínimo, de duas visitas mensais dos irmãos.

Como exercer a fraternidade com eles? Primeiramente, pela visita fraterna e amiga dos irmãos, de todos os irmãos. É preciso saber visitar um enfermo. “Visitar” significa ir ver alguém, tornar-se presente face a face em atitude fraterna e solidária. Visitar significa ser motivo de alegria e exultação como o foi a visita de Maria a Isabel. Quem visita, saúda. Saudar significa levar salvação, ser portador de bênção, reconhecer o valor do outro, sobretudo quando este outro for um irmão necessitado. Quem visita vai ao encontro de Jesus Cristo presente no visitado, sobretudo quando ele for um doente. A visita torna-se, pois, um ato de religião, como diz São Tiago:

A religião pura e imaculada diante de Deus Pai é visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações e conservar-se sem mancha neste mundo (Tg 1,27).

Em todos os níveis, na fraternidade nacional, regional e local se prevê no Brasil a organização do Serviço aos Enfermos e Idosos (SEI). Sua atuação prevê um coordenador ou uma coordenadora. Assim, as visitas poderão ser coordenadas pelo coordenador ou coordenadora do SEI. Depois, uma atenção

quanto ao auxílio material. Tudo com muita discrição. Talvez lhe falte alguma coisa, algum remédio, algum material de cuidados pessoais.

E no campo espiritual? Rezar o Ofício com o irmão ou a irmã. Ajudar para que receba a visita de um sacerdote, se possível, do Assistente, para que possa reconciliar-se pela Confissão. Hoje, com a facilidade dos ministros extraordinários da Comunhão eucarística, o irmão enfermo ou idoso devia poder comungar ao menos semanalmente. E ainda cuidar que, na enfermidade, o irmão ou irmã possa celebrar o Sacramento dos Enfermos, a Sagrada Unção dos Enfermos, não na hora da morte, quando o importante é a Sagrada Comunhão em forma de Viático, mas na enfermidade ou na velhice, para que o irmão possa unir os seus sofrimentos à Paixão de Cristo; para que receba a força do Espírito Santo, a fim de ser um bom enfermo: paciente, acolhedor, mensageiro de paz, de alegria e de esperança. Tudo isso é viver em fraternidade com os irmãos enfermos e idosos.

19.4 Os jovens e os irmãos enfermos e idosos

Sabemos todos que os jovens precisam de alguma atividade. Sabemos também que por diversas razões houve um envelhecimento das nossas fraternidades. Uma maneira de renová-las certamente poderá ser a iniciativa de levar os jovens a se interessarem pelos irmãos enfermos e idosos. Que lhes seja confiada esta pastoral, por visitas, auxílio, pelo canto, e assim por diante. Desta forma, daremos a devida atenção e carinho aos nossos irmãos já adiantados na fidelidade à vocação franciscana, e ajudaremos os jovens por lições concretas de vivência fraterna na escola evangélica de São Francisco.

20 A oração litúrgica dos irmãos e irmãs da OFS

A Regra da OFS diz:

Associem-se [os irmãos] à oração litúrgica em uma das formas propostas pela mesma Igreja, revivendo assim os mistérios da vida de Cristo (Regra 8).

20.1 O Ofício Divino dos franciscanos seculares

No Ritual da Ordem Franciscana Secular, Apêndice III, aprovado pela Santa Sé, no dia 9 de março de 1984, temos uma definição sobre a Oração

litúrgica dos Irmãos e Irmãs da Ordem Franciscana Secular. Doravante, eles poderão escolher uma entre as cinco seguintes modalidades propostas:

1) *Oração da Manhã (Laudes) e Oração da Tarde (Vésperas) em comum ou a sós. Estas celebrações devem ser preferidas nas reuniões da fraternidade.*

2) *Formas abreviadas e adaptadas da Liturgia das Horas da Igreja local.*

3) *O Ofício Parvo de Nossa Senhora (Pequeno Ofício de Nossa Senhora).*

4) *O Ofício da Paixão, de São Francisco de Assis.*

5) *A recitação do Ofício dos Doze Pai-nossos, enriquecido de alguns breves textos bíblicos, ou adaptado à Liturgia das Horas, sobretudo nas numerosas regiões, onde ainda é usado, e seja considerado uma forma proveitosa de rezar em certas circunstâncias concretas.*

Se o franciscano secular rezar por uma dessas cinco modalidades propostas, ele está rezando em comunhão com toda a Igreja. Temos, portanto, uma oração litúrgica da Liturgia das Horas.

20.2 A oração litúrgica da Igreja

O Concílio Vaticano II aconselha a Liturgia das Horas para todos os fiéis cristãos. Na Instrução Geral da Liturgia das Horas a Igreja insiste bastante na participação dos leigos desta oração de toda a Igreja. A Liturgia das Horas não é só para o clero e para os religiosos e as religiosas; é uma oração de toda a Igreja: clérigos, religiosos e leigos.

São Francisco deseja que seus seguidores, na vida segundo o Santo Evangelho, também imitem a Jesus Cristo, o orante por excelência, tornando-se homens e mulheres de oração. E o meio que ele propõe é o Ofício Divino, segundo a Igreja de Roma, e para os que não soubessem ler, a oração dos *Pai-nossos*.

20.3 O que é a Liturgia das Horas

A Liturgia das Horas ou Ofício Divino tem suas origens na prática da oração do povo de Israel.

Duas vezes por dia, de tarde e de manhã, o Povo de Deus suspendia suas atividades e, voltado para Jerusalém, dava graças pelos benefícios recebidos de Deus em sua história. Fazia o mesmo quando se reunia aos sábados nas sinagogas.

À tarde, os motivos de louvor e agradecimento eram, sobretudo, as maravilhas da Páscoa da libertação do Egito. De manhã, louvava e agradecia a Deus por mais um dia, pelos benefícios realizados por Deus nas diversas alianças: a criação, a escolha do povo eleito, os alimentos de cada dia.

No Novo Testamento, o conteúdo da oração da comunidade é novo; é a nova Páscoa, Jesus Cristo. É, enfim, o mistério de Cristo, o Reino de Deus nele realizado. Este conteúdo está expresso, particularmente, na oração do *Pai-nosso* ensinada pelo próprio Cristo.

Já no fim do século I depois de Cristo, nos conta a *Didaqué*, uma espécie de Catecismo dos cristãos, que os fiéis rezavam o *Pai-nosso* três vezes por dia.

Mais tarde, foram se organizando dois tipos de oração diária. O primeiro é o Ofício Divino da Igreja local, inspirado no ritmo de oração dos judeus, no Antigo Testamento. Nesta primeira modalidade, temos o Louvor vespertino e o Louvor matinal, chamados também Vésperas e Laudes, praticados nas igrejas locais em suas catedrais. O segundo tipo, inspirado no ritmo das vigílias, ou seja, uma oração a cada três horas durante o dia e a noite. No segundo tipo, temos a Liturgia das Horas dos monges, com as seguintes Horas de oração: Laudes, Terça, Sexta, Nona ou Noa (mais usado em português), Vésperas, Completas e os três Noturnos, que mais tarde se chamaram Matinas e, hoje, Ofício das Leituras.

20.4 O sentido das Horas

As Laudes e as Vésperas, ou a Oração da Manhã e a Oração da Tarde são as horas principais do dia.

a) Oração da Manhã ou Laudes: É o louvor da Igreja pelo dom da vida em Cristo ressuscitado. A luz, o sol que desponta, o levantar-se lembram a ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição com Ele pelo Batismo. A luz do sol dá forma e beleza a todas as coisas; ao nascer do sol tudo revive. O louvor matinal evoca os benefícios de Deus, da criação e da vida nova em Cristo. O novo dia é dom de Deus, e o ser humano quer transformar este novo dia, o seu trabalho, suas atividades, o seu amor, numa oferta agradável a Deus. Por isso, invoca de Deus as forças para consagrar a Ele o novo dia.

b) Oração da Tarde ou Vésperas: São celebradas ao cair da tarde. Qual o sentido das Vésperas ou Oração da Tarde? Também a Oração da Tarde celebra o mistério de Cristo. Celebra, porém, os mistérios da tarde. A Igreja dá graças a

Deus pelos benefícios recebidos durante o dia e pelo bem que pôde realizar. Dá graças a Deus pelos benefícios realizados por Cristo à tarde: o sacrifício redentor da Cruz; a instituição da Igreja, do sacerdócio, da Eucaristia e do novo mandamento. Dando graças a Deus por tudo isso, a Igreja se volta para o próximo e intercede pelos diversos grupos de pessoas com suas funções na Igreja: o Papa, os Bispos, os Sacerdotes, os governantes, os religiosos, os leigos, os artistas, os legisladores, os esposos, as famílias, os jovens, os necessitados, e assim por diante. Pede que a salvação que brota do sacrifício da Cruz se derrame sobre toda a humanidade.

Estas duas Horas principais nos fazem lembrar duas coisas: **1)** Nelas se reza o *Pai-nosso*; lembram a oração da manhã e a oração da noite que todo cristão aprendeu a rezar na família e na catequese, como expressão necessária de sua vocação de filho de Deus. Por estas duas orações o cristão vive a Páscoa de Cristo no ritmo da experiência diária do tempo. **2)** Por isso, se entende que São Francisco propôs os *Pai-nossos* aos irmãos iletrados, que não soubessem ler. Desta forma também eles se uniriam à grande oração da Igreja. Seria bom, pois, ligar os Doze *Pai-nossos* às principais horas do dia. Por exemplo: três de manhã ao levantar; três ao meio-dia; três ao anoitecer e três ao deitar-se.

c) A Oração durante o Dia ou Hora Média: Temos três horas de Oração durante o dia. A Oração das Nove Horas (Terça), Oração das Doze Horas (Sexta) e a Oração das Quinze Horas (Nona ou Noa). Desde os tempos dos Apóstolos estas Horas estão relacionadas com os acontecimentos da Paixão de Jesus Cristo e aos inícios da Igreja. Assim, a Hora Terça (Oração das Nove Horas) está ligada à condenação de Jesus Cristo e ao Pentecostes. A Sexta (Oração das Doze Horas) está relacionada com a crucificação de Jesus Cristo, e a Noa (Oração das Quinze Horas) está ligada à hora da morte de Cristo na cruz. A Igreja louva e agradece a Deus pelo amor de Cristo aos homens, manifestado nos passos da Paixão e pela fundação e a vida da Igreja animada pelo Espírito Santo. Ao mesmo tempo se une aos sofrimentos da Igreja. Solidariza-se, sobretudo, através dos salmos, com a paixão dos irmãos e irmãs no mundo inteiro, solidariza-se com o Cristo, que continua a sofrer a Paixão da humanidade nos nossos dias. Os clérigos, os religiosos são convidados a celebrarem, ao menos, uma das Horas durante o dia, para que *se conserve a tradição de orar durante o dia, em meio dos trabalhos*. Também os fiéis leigos poderão fazê-lo.

d) Ofício das Leituras: Também por esta Hora a Igreja vive o Mistério pascal de Cristo. Originariamente tratava-se de uma vigília noturna ou, na tradição monástica, de três momentos de oração durante a noite, os três Noturnos.

Jesus vigiava em oração quando se retirava para as montanhas e para o Jardim das Oliveiras. Também a Igreja é chamada a vigiar em oração.

O Ofício das Leituras quer apresentar ao Povo de Deus, mui especialmente aos que de modo peculiar estão consagrados ao Senhor, meditação mais substancial da Sagrada Escritura e as melhores páginas de autores espirituais (Instrução Geral, n. 55). *Principalmente os sacerdotes devem buscar essas riquezas, a fim de poderem transmitir a todos a Palavra de Deus, que eles mesmos receberam, e assim transformarem sua pregação em “alimento para o Povo de Deus”* (n. 55).

Viver em oração é viver em Deus, é antecipar a realidade última já presente no aqui e agora. Assim também o Ofício das Leituras constitui uma experiência pascal, verdadeira oração.

e) Completas ou Completório: Temos ainda as **Completas** como última oração do dia antes do repouso. *Com ela os cristãos concluem a “obra de Deus” antes de se deitarem e a Deus se encomendam.*

Concluindo, a Liturgia das Horas ou Ofício Divino pode, pois, ser considerada como sendo o Louvor da Igreja pelo mistério de Cristo, a partir da luz, para a santificação especial do tempo.

A Liturgia das Horas constitui um ótimo meio para os cristãos viverem o sentido último de sua vida, o louvor de Deus, que já antecipa neste mundo a vocação última do homem, de ser para sempre “celebrante da glória do Pai”. O ritmo da oração diária vai formando em cada cristão o homem de Deus. É isto o que deseja o nosso Pai São Francisco. Por isso, os irmãos e irmãs da penitência esforçar-se-ão por participar diariamente da Oração da Igreja numa das formas propostas por ela.

Veja CCGG, art. 14.

21 A devoção a Nossa Senhora

Como não podia deixar de ser, para quem se propõe viver segundo o Evangelho à maneira de Francisco de Assis, a devoção a Nossa Senhora faz parte do seu projeto de vida, que é a Regra:

A Virgem Maria, humilde serva do Senhor, disponível à sua palavra, e a todos os seus apelos, foi cercada por Francisco de indizível amor e foi por ele designada Protetora e Advogada da sua família. Que os franciscanos seculares testemunhem a Ela seu ardente amor pela imitação de sua incondicionada disponibilidade e pela prática de uma oração confiante e consciente (Regra 9).

A devoção a Nossa Senhora não é algo facultativo para o cristão. Faz parte de sua espiritualidade. Também nisso Francisco é modelo.

21.1 Francisco, modelo da devoção à Virgem Maria

Francisco nutria uma devoção especial a Nossa Senhora, pois via nela a Mãe do seu Senhor; apreciava contemplar sua pobreza e humildade. Queria *seguir a vida de pobreza de nosso altíssimo Senhor Jesus Cristo e de sua Mãe santíssima*. Manifestava a ela sua gratidão, pois fora ela quem fez com que o Filho de Deus se tornasse nosso irmão.

Podemos descobrir dois aspectos na devoção de Francisco a Nossa Senhora: Primeiro, ele a lança dentro do Mistério da Santíssima Trindade. Temos, aqui, a belíssima *Antífona de Nossa Senhora* do Ofício da Paixão. Aí, ele a chama de filha do Pai celestial; esposa do Espírito Santo e Mãe do Senhor Jesus Cristo, ou seja, do Filho de Deus. A mesma dimensão trinitária, encontramos na *Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria*:

Ave, Senhora, Rainha santa, santa Maria mãe de Deus, virgem feita Igreja e que do céu foste escolhida pelo Santíssimo Pai, a quem Ele consagrou com seu Santíssimo e dileto Filho e com o Espírito Santo Paráclito.

Maravilhado diante da dignidade de Maria como Mãe de Deus, ele continua:

e em quem esteve e está toda a plenitude da graça e todo o bem! Ave, palácio do Senhor! Ave, tabernáculo do Senhor! Ave, casa do Senhor! Ave, vestimenta do Senhor! Ave, serva do Senhor! Ave, mãe do Senhor!

E acrescenta uma saudação, que mostra como Francisco via realizado em Maria o ideal da Igreja, toda ela chamada a participar da dignidade de Mãe de Deus:

e vós, santas virtudes todas, que pela graça e iluminação do Espírito Santo sois infundidas nos corações dos fiéis, para os tornardes de infiéis em fiéis a Deus!

Realcemos ainda que no início da saudação Francisco chama Maria de *virgem feita Igreja*. Temos aqui um verdadeiro comentário da *Ave-Maria*, que naquele tempo era usada como Antífona do “Ofertório” da Missa em festas de

Nossa Senhora. Este primeiro texto da *Ave-Maria* não incluía a segunda parte *Santa Maria...*, como a temos hoje.

O outro aspecto da devoção mariana de Francisco era procurar imitá-la na conversão permanente a Deus. Conversão, aqui, não no sentido que Maria tivesse que se converter do pecado, mas conversão no sentido positivo, como busca, como dedicação permanente a Deus. Era ver em Maria o que diz a Regra: *Imitar a Virgem Maria, humilde serva do Senhor, disponível à sua palavra e a todos os seus apelos.*

Por isso, aquela capelinha dedicada a Nossa Senhora dos Anjos da Porciúncula que Francisco restaurara constituía um lugar sagrado para o qual, tanto ele como a Ordem devia retornar sempre.

21.2 O culto a Nossa Senhora como vem apresentado pela Igreja

Na devoção a Maria, Francisco estava em íntima comunhão com a Igreja. A devoção a Maria não pode ser algo separado do Mistério de Cristo, mas integrado nele. Quando no Concílio se tratou do lugar que Maria ocupava na Economia divina da Salvação, o assunto não foi tratado em documento separado como queriam alguns teólogos, mas os Padres conciliares inseriram Maria Santíssima no contexto do grande Documento sobre a Igreja, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

Por falta de uma clareza entre os fiéis sobre a devoção mariana, o Papa Paulo VI, na Exortação apostólica sobre o Culto mariano, a *Marialis Cultus*, em 1975, procurou dar orientações seguras sobre o assunto. Afirma ele que o culto litúrgico a Maria constitui a forma modelar para outras formas de devoção a Nossa Senhora, sobretudo as chamadas devoções marianas populares.

Seria importante que os irmãos e irmãs da Ordem Franciscana Secular conhecessem o capítulo VIII da *Lumen Gentium* para aplicá-lo em suas vidas. E lembro a belíssima Exortação apostólica sobre o Culto Mariano do Papa Paulo VI, de 1975, bem como a Encíclica de João Paulo II, chamada *Redemptoris Mater*, a Mãe do Redentor, que veio ajudar a Igreja a celebrar o Ano Mariano de 1987-1988.

Podemos distinguir três aspectos do culto da Igreja a Nossa Senhora.

a) Deus realizou grandes coisas em Maria: Neste sentido, o culto é propriamente dirigido a Deus. Deus é admirável nos seus santos e, de modo particular, em Maria, na qual o Poderoso realizou grandes coisas. Por isso, santo é o seu nome. Cantando as glórias de Maria, a Igreja celebra as obras de Deus.

b) Maria, como modelo da vocação humana e cristã: Em Maria foi realizada em plenitude a vocação do ser humano. Esta vocação vem expressa nos quatro dogmas marianos que perpassam a vivência do mistério de Cristo no decurso do ano litúrgico:

Imaculada Conceição: Neste dogma, a Igreja contempla o ideal da vocação do homem criado à imagem e semelhança de Deus. Todos são chamados a serem santos e imaculados diante de Deus (cf. Ef 1,4).

Mãe de Deus: Maria acolheu Deus em sua vida e o deu à humanidade como Salvador. Serem mães de Deus é vocação de todos os seres humanos. Quem é minha mãe? Aquele que ouve a Palavra de Deus e a põe em prática.

Virgem perpétua: O amor plenamente consagrado a Deus e a todo ser humano. Todo amor humano é chamado a atingir a Deus como objeto supremo e último: seja ele imediato, na forma de consagração, seja mediatizado na fidelidade conjugal.

Assunção de Nossa Senhora: Finalmente, a *Assunção* em corpo e alma aos céus: o ideal contemplado em Maria espera a todos os homens e mulheres.

Em Maria, a Igreja contempla e celebra o plano de Deus da criação, a redenção em Cristo, a vida da Igreja, que acolhe e comunica a salvação, a vocação de todos os cristãos e cristãs desde nascimento até a consumação na glória.

Os outros títulos e festas de Nossa Senhora são desdobramentos destes quatro. Maria acompanha e revela o mistério de Cristo durante o ano, a partir do Advento, passando pelo Natal, estando presente na Semana Santa e na Páscoa e anunciando a consumação no Tempo Comum, na solenidade da Assunção.

c) A intercessão de Maria: Se Maria esteve tão presente como intercessora na vida terrena de seu Filho, está presente também quando os mistérios de seu Filho são evocados e se tornam presentes em seu Corpo, isto é, na vida da Igreja.

Três são, portanto, os aspectos a serem considerados no culto prestado a Nossa Senhora: **1)** A Igreja enaltece a Deus pelas maravilhas, pelas grandes

coisas realizadas em Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. **2)** Contempla e procura imitar Maria como modelo da vocação cristã. **3)** Pede sua intercessão junto a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

Veja CCGG, art. 16.

22 O espírito dos conselhos evangélicos

Os números 10, 11 e 12 da Regra são de uma importância ímpar para a espiritualidade do franciscano secular, ou para a vivência segundo o Santo Evangelho à maneira de São Francisco. Trata-se dos três conselhos evangélicos, da obediência, da pobreza e da castidade ou pureza de coração que atingem os três relacionamentos fundamentais do ser humano: com Deus, com a natureza criada e com o próximo.

De saída, fique bem claro que os irmãos e irmãs da penitência não fazem votos de obediência, pobreza e castidade. Esta consagração por votos é própria do estado religioso ou de Institutos seculares.

Os irmãos e irmãs franciscanos seculares fazem profissão de viver segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco, no estado secular. Como todo cristão, são chamados a viver o espírito dos conselhos evangélicos da obediência (n. 10), da pobreza (n. 11) e da pureza de coração (n. 12).

Neste título vamos abordar os conselhos evangélicos em geral, que depois serão aprofundados singularmente.

22.1 O espírito dos conselhos evangélicos, expressão de conversão

A obediência, a pobreza e a castidade, ou pureza de coração, concretizam a vocação cristã em sua ação no mundo. Elas atingem os principais nós de relacionamento do ser humano em sua vocação integral.

Pela obediência o homem realiza a sua vocação de filho ou filha, ou seja, de sacerdote, na virtude da fé. Ele busca a vontade de Deus, o seu plano a respeito do homem, e procura integrar-se nele.

Pela pobreza o homem vive uma atitude de senhor e de senhora e não de escravo, no seu relacionamento com os bens criados. Na virtude da esperança, ele faz uso, sim, dos bens deste mundo, mas de modo livre e desprendido, pois

sabe que o objeto de sua esperança é Deus mesmo, o Sumo Bem. Os bens deste mundo podem ser usufruídos como antegozo dos bens eternos.

Pela castidade, ou pureza de coração, o homem sabe que o próprio Deus é o último objeto do seu coração; que todo amor humano, em qualquer estado de vida, seja o amor juvenil, o amor conjugal, o amor celibatário no mundo, ou o amor da viuvez, deve ser vivido com o coração de Deus, com os sentimentos de Deus. Um amor de filho para com Deus e um amor de irmão ou irmã para com os irmãos e irmãs. Desta forma, ele está vivendo à imagem e semelhança de Deus, que é o amor, tornando-se profeta e profetisa, pois, pelo amor, segundo o plano de Deus, ele está revelando Deus e apontando para Ele. Quem revela Deus e para Ele aponta é profeta, é profetisa. Tal amor gera a fraternidade, amor que permanece para a eternidade.

Assim, pela obediência que se expressa, sobretudo na oração, o homem volta-se diretamente a Deus. Pela pobreza ele se volta a Deus através da natureza criada, como senhor da criação. Esta sua vocação de senhor da criação é celebrada através do jejum. Pela pureza de coração vivendo o amor segundo o plano de Deus o ser humano se volta para Deus através do próximo. Ele celebra esta dimensão do amor fraterno, de sua vocação humana e cristã através do rito da esmola.

22.2 A canalização dos três dinamismos fundamentais do ser humano

Existem no ser humano três dinamismos fundamentais: as forças do amor, a necessidade de possuir e a liberdade de orientar a própria vida. Elas são muito preciosas para o ser humano.

Na vida religiosa, as pessoas renunciam a estes valores em vista do Reino dos Céus, voltando-os a Cristo com generosidade e sem reserva. As forças do amor são consagradas a Cristo, no amor a Deus, e ao próximo, no amor fraterno; a pessoa renuncia a toda a posse material pelo voto da pobreza, para que, esvaziada dos bens temporais, possua os bens do Reino. Renuncia à liberdade de orientar a própria vida pelo voto de obediência, propondo-se a imitar o próprio Cristo, obediente até a morte e morte de cruz.

Para o franciscano secular não é assim. Ele procura cultivar estes valores na secularidade. A atitude de obediência a Deus, aos seus mandamentos, ao plano de Deus a seu respeito, não o impede de pautar a sua vida de casa, de profissão, e assim por diante. Fará uso dos bens temporais, satisfazendo suas necessidades de possuir. As forças do amor também serão cultivadas, buscando sua realização

humana em qualquer estado de vida, buscando, no entanto, em qualquer estado, a pureza de coração, que é exigida indistintamente, de todo cristão.

A questão é saber de que modo o franciscano secular há de viver no espírito dos três conselhos evangélicos da obediência, da pobreza e da castidade.

Há de vivê-los segundo a Regra como irmão e irmã da penitência. Portanto, levando, para dentro desses três grandes valores, o espírito da fraternidade e a atitude de penitência, o franciscano secular propõe-se, pela Profissão, a viver uma obediência fraterna em qualquer estado de vida que abraçar, em qualquer atividade que exercer à sua livre escolha, a usar os bens materiais sem deixar de ser irmão ou irmã e a levar, para dentro da dinâmica do amor em sua vida, o colorido do amor fraterno.

Usará de todos esses dinamismos para se voltar para Deus, na obediência de filho, de filha; para voltar-se para o próximo e por ele a Deus no amor fraterno; e voltar-se para Deus, através dos bens temporais, não como escravo, mas como senhor. Estará, assim, vivendo a conversão e consagrando o mundo a Deus.

23 A obediência do franciscano secular

O número 10 da Regra fala da vida em obediência do franciscano secular. A Regra diz o seguinte:

Unindo-se à obediência redentora de Jesus, que depôs sua vontade nas mãos do Pai, cumpram fielmente as obrigações próprias da condição de cada um nas diversas situações da vida, e sigam o Cristo pobre e crucificado, testemunhando-o, mesmo nas dificuldades e perseguições.

Vejamos agora o que caracteriza a vida em obediência do franciscano secular. O número 10 sobre a obediência apresenta quatro verbos. Isso mostra que a vida em obediência consiste em ações muito concretas.

23.1 Unir-se à obediência de Cristo

Como em toda forma de vida, o que inspira também a obediência do franciscano secular é Jesus Cristo como modelo de obediência. E esta obediência de Jesus Cristo é redentora. Foi por um ato de obediência ao Pai que Ele nos salvou e salvou o mundo. Jesus veio para fazer a vontade do Pai: *Meu alimento é fazer a vontade do Pai* (Jo 4,34). E diz a Carta aos Hebreus que Jesus aprendeu a obedecer entre gemidos e lágrimas. *Jesus*, diz São Paulo aos filipenses, *fez-se obediente até a morte e morte de cruz. Por isso Deus o exaltou e*

lhe deu um nome que está acima de todo nome (Fl 2,8-9). Esta obediência de Jesus Cristo consistiu em submeter sua vontade à vontade do Pai. A obediência do franciscano secular, procurando submeter-se à vontade do Pai, em união com Cristo, também se torna redentora para si e para o mundo.

23.2 Fiel cumprimento das obrigações

A Regra convida o franciscano secular a unir sua obediência à de Jesus Cristo de um modo muito concreto, isto é, pelo fiel cumprimento das obrigações próprias da condição de cada um nas diversas situações da vida. Sim, cumprir as obrigações. Não precisa ir à procura de atos especiais de obediência nem buscar alguém para obedecer como fazem os religiosos. Basta que cada um busque saber qual o plano de Deus a seu respeito. Este plano de Deus se manifesta de diversas formas: na Palavra de Deus, no exemplo de Jesus Cristo e de Maria, no magistério da Igreja, nas palavras do Papa, dos Bispos e Sacerdotes, nas leis e normas que regem a vida de um cidadão, nos deveres de estado e de profissão.

Importante é que estes deveres sejam compreendidos como exigências da vocação do homem e não simplesmente como obrigações impostas de fora. Se alguma coisa obriga, será por ser expressão de uma vocação. Quanto o mundo de hoje está precisando de fidelidade! Fidelidade nos deveres para com Deus, nos deveres para com o próximo; fidelidade nos deveres de estado, fidelidade nos deveres profissionais, como: a honestidade, a aplicação e a perseverança. Tudo isso exige renúncia, exige conversão. Pensemos, aqui, nas obrigações dos viúvos e viúvas, dos consagrados e consagradas no mundo ou dos celibatários. Pensemos, ainda, nas obrigações nas diversas situações da vida; na fartura, partilhando os bens, nas necessidades, na saúde e na doença, no trabalho, nas diversas profissões, inclusive na política. Pautar a vida em tudo, conforme à lei de Cristo, à lei do novo mandamento, à lei do Espírito que leva a agir na liberdade dos filhos de Deus e à lei da Igreja, em suma, pela lei do Evangelho, eis a maneira de o franciscano secular levar vida em obediência.

23.3 Sigam o Cristo pobre e crucificado

A obediência para o franciscano secular não consiste, apenas, em seguir os ensinamentos de Jesus Cristo. É também imitar o seu exemplo. O exemplo de obediência de Jesus Cristo se manifesta, sobretudo, em dois momentos. No mistério da encarnação e no mistério da sua paixão e morte. Isso está dito na

expressão “sigam o Cristo pobre e crucificado”. Na encarnação, Cristo se fez pobre, despojado de sua condição divina. A obediência ao Pai o fez abraçar a cruz: *Não se faça a minha, mas a tua vontade*. Podemos dizer até que Jesus Cristo obedeceu a si mesmo. Isso no sentido que Ele assumiu a sua condição de criatura e de criatura mortal.

23.4 Testemunhar o Cristo pobre e crucificado

Não basta seguir o Cristo pobre e crucificado; importa também testemunhá-lo pela vida e pela palavra. É fácil testemunhá-lo quando tudo corre bem. Importa testemunhá-lo sempre. Também nas dificuldades e perseguições. É aí que se prova a fidelidade do cristão e do franciscano secular. Esta fidelidade a Cristo nas perseguições constitui uma das bem-aventuranças: *Felizes os que sofrem perseguições por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus* (Mt 5,10).

23.5 A necessidade da oração

Para conhecer o plano de Deus é preciso que as pessoas se ponham à escuta. Obediência tem a ver com escutar, com ouvir, do latim *obaudire*. Em português temos a palavra *auscultar*. Francisco foi um homem que soube ouvir. Francisco nos ensina a ouvir a Deus em seu plano de amor, a ouvir a Cristo com seus ensinamentos, a ouvir os ministros, a ouvir os irmãos. Ele fala de uma obediência fraterna caritativa. Ele quer até que obedeçamos aos animais irracionais, enquanto Deus o permite. Nós acrescentaríamos obedecer a toda a natureza para percebermos as suas necessidades e servi-la como deve ser servida segundo Deus. Outro grande exemplo de escuta é a Virgem Maria.

O meio principal de ouvir a vontade de Deus e dar uma resposta a ela é certamente a oração, sobretudo na forma de meditação. Ali o ser humano busca compreender o plano de Deus a seu respeito; procura situar-se sempre de novo no plano de Deus e realizá-lo em sua vida. Por isso, podemos dizer que a oração constitui o exercício mais intenso da obediência e dificilmente vivemos a verdadeira obediência a Deus sem uma vida de oração intensa. A oração constitui um verdadeiro exercício da obediência a Deus, ao próximo e a toda a natureza criada.

Veja CCGG, art. 10 e 12.

24 A pobreza do franciscano secular

A pobreza é, sem dúvida, o aspecto que mais caracteriza a figura do homem chamado o “pobrezinho” de Assis. Se a pobreza foi uma das principais características de Francisco de Assis, deverá sê-lo também para aqueles homens e mulheres que se propõem viver o Santo Evangelho à maneira de Francisco. Por outro lado, os “Irmãos e Irmãs da Penitência” são chamados a viver o espírito de pobreza na sua condição secular, não exatamente como Francisco, os Frades Menores e as Irmãs Clarissas, não possuindo nada de próprio.

A Regra apresenta orientações sábias neste sentido. Diz ela:

Cristo, pondo toda a sua confiança no Pai, embora apreciasse atenta e amorosamente as realidades criadas, escolheu para si e para sua Mãe uma vida pobre e humilde; assim, os franciscanos seculares procurem, no desapego e no uso, um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando as próprias exigências materiais; estejam, pois, conscientes de que, segundo o Evangelho, são administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus.

Assim, no espírito das “Bem-aventuranças”, se esforcem para purificar o coração de toda a inclinação e avidez de posse e de dominação, como “peregrinos e forasteiros” a caminho da casa do Pai (Regra 11).

24.1 Jesus Cristo, modelo de pobreza

Temos, aqui, três afirmações importantes. Primeira, a confiança de Jesus no Pai; segunda, Ele apreciava atenta e amorosamente as realidades criadas; terceira, Ele escolheu para si e para sua Mãe uma vida pobre e humilde.

O fundamento da pobreza de Jesus Cristo e Francisco é o próprio Deus. Jesus coloca sua confiança no Pai. O seu alimento é fazer a vontade do Pai. Francisco fundamenta sua vida em pobreza em Jesus Cristo. No mistério da encarnação, onde o Filho de Deus se despoja de sua condição divina, na maneira pobre e humilde de viver, no mistério de sua paixão, onde Ele se despoja da condição humana, e no mistério da Eucaristia, onde ele admira a humildade de Deus, que toma para o nosso bem a humilde aparência de pão. Porque Jesus confiava no Pai, escolheu para si e sua Mãe uma vida pobre e humilde. Nasceu pobre e entre os pobres, numa estrebaria e não em berço real; viveu 30 anos como filho de carpinteiro, trabalhando com as próprias mãos; durante a vida pública leva uma vida itinerante e afirma que o Filho do

Homem não tem onde reclinar a cabeça e morre como um pobre, despojado até de suas vestes, entre dois ladrões.

Mas notemos bem: Jesus apreciava atenta e amorosamente as realidades criadas. Viver pobre não significa desprezar os bens terrenos. Na esperança do Sumo Bem, que é Deus, o degustar dos bens deste mundo deveria ser um antegoço do Bem eterno que é Deus.

24.2 O justo relacionamento com os bens temporais

Não se trata de desprezá-los, mas de cultivar um justo relacionamento. Este justo relacionamento consiste, primeiramente, no desapego dos bens, não deixando que eles se transformem em ídolos. O ser humano é chamado a ser senhor da criação e não escravo.

Um segundo modo de estabelecer o justo relacionamento é simplificar suas próprias exigências materiais. Trata-se de não cair na propaganda do consumismo. É importante que este ideal seja buscado pelo franciscano secular para si e não para os outros, não para quem não professa esta forma de vida, como, por exemplo, o esposo ou a esposa e os filhos.

Uma terceira atitude para estabelecer o justo relacionamento com os bens temporais é estar conscientes de que, segundo o Evangelho, os homens são *administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus*. Ou, como disse o Papa João Paulo II, sobre todos os bens paira uma hipoteca social. A propriedade dos bens temporais nunca é absoluta. Eles devem ser meios para auxiliar o próximo, para fazer bem ao próximo e assim servir a Deus no próximo. Claro que o próximo mais próximo são os membros da família pelos quais o franciscano secular é responsável. Assim, ele não pode deixar que falte o necessário para a família, para a educação e o futuro dos filhos, querendo levar às últimas consequências a imitação da pobreza de Francisco e de Jesus Cristo.

24.3 Purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação

Um dos grandes empecilhos para o homem chegar a Deus é a posse de bens pela qual vem a ganância de poder e de dominação. Cheios de bens terrenos, em geral, os ricos não têm lugar para Deus nem para os irmãos. Por isso, a necessidade de purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação. As posses e a dominação são formas de riqueza, que enchem o

coração do homem e impedem o espaço para Deus e os irmãos. Trata-se, portanto, de viver em atitude de jejum na virtude da esperança conforme as palavras do Evangelho: *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus* (Mt 5,3).

24.4 Peregrinos e forasteiros a caminho da casa do Pai

A atitude de pobreza, no sentido de desprendimento dos bens temporais, liberta o coração do homem, porque não o prende a nenhuma coisa ou lugar. Faz lugar para acolher a Deus e os irmãos. Faz colocar toda a sua esperança em Deus.

Assim, sem estarem presos a lugar ou pessoas, embora tenham casa e família, os franciscanos seculares vivem como “peregrinos e forasteiros” a caminho da casa do Pai. Todas as coisas servirão como caminho para Deus. Também a verdadeira pobreza evangélica só pode ser vivida quando rezada.

Veja CCGG, art. 15.

25 A pureza de coração do franciscano secular

Sobre a pureza de coração, a Regra dá a orientação seguinte:

Testemunhas dos bens futuros e empenhados pela vocação abraçada em adquirir a pureza do coração, desse modo tornar-se-ão livres para o amor de Deus e dos irmãos” (Regra 12).

25.1 A pureza de coração segundo São Francisco

Para Francisco de Assis a pureza de coração tem um significado todo especial. Pureza para ele não significava simplesmente “asseio exterior” ou ausência do pecado contra o sexto mandamento.

Para Francisco ser “puro” significava inicialmente estar livre de todo apego a este mundo passageiro, estar desligado de todos os compromissos exclusivamente humanos para com as realidades terrestres, no sentido mais amplo do termo. Mas lhe dá também um sentido positivo. Ser puro significa estar transbordante de desejo das coisas celestiais, cheio do que é de Deus. Ser puro, ter um coração puro quer dizer ainda ordenar todos os seus desejos e aspirações, já não sobre o seu eu, mas para Deus. Ser puro significa, pois, para

Francisco: superar-se interiormente de tudo o que é terreno e pairar acima do que costumamos chamar o próprio eu, para, em lugar disso, estar sem reserva ordenado a Deus em todos os âmbitos da vida. Ser puro de coração significa voltar toda a atenção para Deus, procurando agradá-lo em tudo como supremo Senhor. Aquele que, interiormente purificado, não faz senão o que Deus quer. Por isso, é pura a água, pois não se apropria de sua maneira de ser. Adapta-se a qualquer circunstância. Quem é puro dessa forma é bem-aventurado: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus* (Mt 5,8).

25.2 Testemunhas dos bens futuros

Deus é todo o bem, o sumo bem, o bem supremo. O homem através de sua capacidade de amar já neste mundo é chamado a ser um reflexo de Deus, a dar testemunho de Deus. Desta forma, ele se torna profeta, pois pelo amor revela Deus que é amor e aponta para Deus. Este amor a Deus pode manifestar-se de muitos modos: diretamente, pela oração e, indiretamente, pela comunidade conjugal, pela comunidade familiar e pela comunidade social, onde todos são chamados a viver como irmãos, filhos do mesmo Pai, que está nos céus, e irmãos e irmãs de Cristo e em Cristo.

Em cada pessoa humana existe um dinamismo de amor, que chamamos de sexualidade. Todo amor humano é sexuado: é masculino ou feminino. Agora, este dinamismo sexual pode manifestar-se de diversas formas: no amor conjugal, na capacidade de amar do jovem, no amor fraterno, no amor da viuvez e no amor fraterno na vida consagrada, tanto na vida religiosa como no século, e através do celibato abraçado e vivido no mundo. Viver o amor-doação, amor-serviço, amor-superação do egoísmo como deve ser vivido nos diversos estados de vida a serviço de Deus e do próximo é a pureza do coração. Pureza do coração é amar com o coração de Deus, é entrar em comunhão com Deus nas diversas formas do amor humano.

Os franciscanos seculares se comprometem pela vocação abraçada a adquirirem esta pureza do coração. E, desta forma, eles se tornam testemunhas dos bens futuros, testemunhas do próprio Deus, a herança dos que neste mundo procuram a sua face.

25.3 Livres para o amor a Deus e aos irmãos

Diz a Regra que a aquisição da pureza do coração torna os franciscanos seculares livres para o amor de Deus e dos irmãos. Sim, se a pureza do coração

consiste no desapego de si mesmo e na total dedicação do coração a Deus, então ela torna o coração da pessoa livre para amar o outro. O outro, por excelência, que é Deus, e o outro, imagem e semelhança de Deus, o próximo.

Por isso, pode-se afirmar que a pureza do coração ou a castidade constitui a fonte da vida fraterna. Ela leva a dimensão fraterna para dentro de todos os seus relacionamentos. Os jovens serão puros de coração quando canalizarem toda a sua capacidade de amor no relacionamento filial com os pais, fraterno com os irmãos de sangue e com todas as outras pessoas. Os casados serão puros e castos quando viverem como verdadeiros esposos, fazendo de seu relacionamento conjugal um reflexo do próprio Deus, comunidade de amor e fonte de vida. Quando eles souberem alargar os horizontes do coração e fizerem o seu amor atingir os filhos com amor de pais e qualquer próximo com amor fraterno. Ser casto significa viver na fidelidade conjugal, abertos ao amor fraterno a todos. O mesmo poderíamos dizer em relação aos demais estados de vida.

A pureza do coração esvazia o próprio coração do egoísmo para dar lugar a Deus, ao próximo, a qualquer próximo e a toda a natureza animada e inanimada. Na pureza do coração o homem se torna esmola, isto é, dom gratuito a Deus, ao próximo e às criaturas animadas e inanimadas.

Vemos, assim, que a pureza do coração torna os irmãos e as irmãs livres para o amor de Deus e dos irmãos. Desta forma, podemos perceber que a pureza do coração se torna a fonte animadora da ação dos franciscanos seculares no mundo, numa ação sempre caracterizada pelo amor fraterno.

Veja CCGG, art. 15.

26 O apostolado do franciscano secular

O número 13 da Regra faz a transição da parte do capítulo II que trata da vida de penitência como atitude em relação a Deus, ao próximo e a todo o criado, para a parte que trata da ação dos franciscanos seculares no mundo no sentido de torná-lo mais justo e fraterno, que podemos chamar de ação apostólica dos franciscanos seculares.

Este ponto do “Apostolado do Franciscano Secular” procura abordar o tema do apostolado do franciscano secular em geral, tema que se encontra em todo o capítulo II da Regra. Mas ele serve particularmente de introdução ao tratamento do tema mais explicitamente presente nos números 13 a 19.

Os franciscanos seculares como todos os cristãos são chamados a uma vida apostólica, ou seja, ao apostolado. Qual seria o seu apostolado básico? Será, antes de tudo, o testemunho de uma vida de penitência ou de conversão evangélica à maneira de São Francisco de Assis com particular acento na promoção da fraternidade na sociedade de hoje.

26.1 Esclarecimento de alguns termos

Para situarmos bem esta questão, parece conveniente esclarecer previamente alguns conceitos como missão, evangelização, apostolado e pastoral, para assim chegarmos a uma melhor compreensão sobre o que seja ação apostólica ou apostolado.

Missão: A palavra **missão** passou, através da história, por um processo de mudança de significado muito grande. Missão é, no fundo, a versão latina de apostolado, no sentido de *envio* (*missio*). Assim, Jesus Cristo é o missionário, o enviado do Pai que, por sua vez, envia os Apóstolos para evangelizar; levam avante a missão de Jesus Cristo pela ação do Espírito Santo.

Através dos séculos, porém, o termo *missão* foi adquirindo conotações diversas: *Missão* começou a significar encargo, tarefa, incumbência, serviço. Por exemplo: a tal pessoa foi confiada uma missão. Por outro lado, o termo missão e missionário começou a significar a ação evangelizadora da Igreja entre os gentios, ou a *evangelização missionária*. Neste sentido, missão e missionar começaram a significar a *missão ad gentes*. Temos também as chamadas missões populares, onde se percebe o significado de nova evangelização. Vemos esta ambiguidade mesmo hoje nos documentos da Igreja, como nas expressões: a missão da Igreja é evangelizar; ou a Igreja é toda ela missionária.

Evangelização: *Evangelização* é certamente o mais amplo entre os termos que aqui nos interessam. A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, diz que a missão da Igreja é *evangelizar*; nisso consiste a sua identidade. No decorrer dos tempos, no entanto, este termo foi perdendo este seu sentido geral de toda a missão da Igreja, para significar o anúncio de Jesus Cristo aos gentios, aos que não conhecem e não aderiram ainda a Jesus Cristo. Atualmente, voltou a significar toda a ação da Igreja na realização da missão recebida de Cristo.

Apostolado: No seu sentido original, do grego, *apostolado* praticamente se identifica com missão. Missão vem de *mittere*, enviar, em latim; apostolado vem de *apostolên*, do grego, significando também enviar. De missão, vem missionário; de apostado, vem apóstolo. No fundo, o apostolado é a missão dos apóstolos de evangelizar.

Através da história, o termo apostolado, no entanto, também passou por evoluções. Expressa, por um lado, toda a ação de evangelizar no sentido amplo: trata-se de não receber apenas o Evangelho, mas de comunicá-lo aos outros. Neste sentido, todo cristão é chamado ao apostolado. Com o tempo, começou a conotar mais a ação individual do cristão de evangelizar, ou de grupos determinados em relação a formas concretas de evangelização. Surgem então os diversos apostolados: apostolado com os enfermos, apostolado com os pobres, apostolado com os encarcerados, apostolado com os marginalizados, apostolado missionário, apostolado da oração. Trata-se de uma ação do cristão que reverte para o bem de toda a Igreja e à humanidade.

Pastoral: A palavra *pastoral* expressa hoje uma ação evangelizadora de uma Igreja particular, coordenada e animada por seu pastor, o bispo, com seu presbitério. A pastoral tem objetivos definidos, diferentes dimensões, grupos diversos, campos de ação diversificados, ação mais voltada para os fiéis cristãos no âmbito da Igreja particular. A pastoral e as pastorais são formas concretas de evangelização ou de apostolado de uma Igreja particular. A primeira evangelização *ad gentes* ou *além fronteiras*, como a nova evangelização também constituem formas de Pastoral.

Apostolado ou ação apostólica é mais amplo do que a pastoral. Toda forma de evangelização e as diversas pastorais podem ser consideradas apostolado ou ação apostólica, mas nem todo apostolado poderá ser qualificado de pastoral. Todo cristão ou cristã é chamado ao apostolado, mas nem todos são obrigados a participar de alguma pastoral.

26.2 O apostolado dos fiéis leigos seculares

O Concílio Vaticano II colocou as bases para a revalorização dos fiéis leigos na Igreja. Eles foram reintegrados na sua dignidade de “incorporados a Cristo pelo batismo” e, como tais, “participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo” (cf. *Lumen Gentium*, 31). Portanto, eles se tornaram de novo sujeitos ativos no interior da Igreja e não mais objetos puramente passivos, em

posição de dever somente escutar e obedecer, como se considerava desde a longínqua Idade Média.

Segundo o Concílio, o leigo contribui para o bem de toda a Igreja (cf. LG 30), busca o Reino de Deus, tratando das coisas temporais (LG 31), participa da missão salvífica da Igreja e consagra a Deus o mundo inteiro (cf. LG 33-34); está empenhado em animar os valores humanos e cristãos, vive no mundo entre os afazeres seculares, exerce no mundo o seu apostolado (cf. *Apostolicam Actuositatem*, 2).

No capítulo IV da *Lumen Gentium*, sobre os leigos, trata-se do apostolado próprio dos leigos e de como eles são chamados particularmente a consagrar o mundo a Deus. Ao falar da dimensão sacerdotal da vocação e missão batismal dos cristãos, assim se expressa:

O supremo e eterno Sacerdote Jesus Cristo quer continuar seu testemunho e seu serviço também através dos leigos. Vivifica-os por isso com seu Espírito e incessantemente os impele para toda obra boa e perfeita. Àqueles, pois, que une intimamente à sua vida e missão, também concede parte de seu múnus sacerdotal no exercício do culto espiritual para que Deus seja glorificado e os homens salvos. Por isso, consagrados a Cristo e ungidos pelo Espírito Santo, os leigos são admiravelmente chamados e munidos para que neles se produzam sempre mais abundantes os frutos do Espírito. Assim todas as suas obras, preces e iniciativas apostólicas, vida conjugal e familiar, trabalho cotidiano, descanso do corpo e da alma, se praticados no Espírito, e mesmo os incômodos da vida pacientemente suportados, tornam-se “hóstias espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1Pd 2,5), hóstias que são piedosamente oferecidas ao Pai com a oblação do Senhor na celebração da Eucaristia. Assim também os leigos, como adoradores agindo santamente em toda parte, consagram a Deus o próprio mundo (LG 34).

Na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* sobre a secularidade dos leigos, Paulo VI mostra bem o que significa consagrar o mundo a Deus, como tarefa própria dos cristãos leigos seculares:

Os leigos, a quem a sua vocação específica colocou no meio do mundo e à frente de tarefas as mais variadas na ordem temporal, devem também eles, através disso mesmo, atuar uma singular forma de evangelização.

A sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial – este é o papel específico dos pastores –, mas, sim, o pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. O campo próprio da sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complicado da política, da realidade social e da

economia, como também o da cultura, das ciências e das artes, da vida internacional, dos mass media e, ainda, outras realidades abertas para a evangelização, como sejam o amor, a família, a educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento. Quanto mais leigos houver impregnados do Evangelho, responsáveis em relação a tais realidades e comprometidos claramente nas mesmas, competentes para promovê-las e conscientes de que é necessário fazer desabrochar a sua capacidade cristã muitas vezes escondida e asfixiada, tanto mais essas realidades, sem nada perder ou sacrificar do próprio coeficiente humano, mas patenteando uma dimensão transcendente para o além, não raro desconhecida, se virão a encontrar ao serviço da edificação do Reino de Deus e, por conseguinte, da salvação em Jesus Cristo (n. 70).

Para bem compreendermos o apostolado próprio dos fiéis leigos poderíamos considerar ainda o que diz a Exortação apostólica pós-sinodal *Ecclesia in America*, de João Paulo II, sobre “Os fiéis leigos e a renovação da Igreja”:

A doutrina do Concílio Vaticano II sobre a unidade da Igreja, como Povo de Deus reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo, destaca que são comuns à dignidade de todos os batizados a imitação e o seguimento de Cristo, a comunhão recíproca e o mandato missionário. É necessário, portanto, que os fiéis leigos se conscientizem de sua dignidade de batizados. Por seu lado, os Pastores tenham profunda estima “do testemunho e da ação evangelizadora dos leigos que, inseridos no Povo de Deus com espiritualidade de comunhão, conduzem os irmãos ao encontro com Jesus Cristo vivo. A renovação da Igreja na América não será possível sem a presença ativa dos leigos. Por isso, compete-lhes em grande parte a responsabilidade do futuro da Igreja.

Duplo é o âmbito em que se realiza a vocação dos fiéis leigos. O primeiro, e mais condizente com o seu estado laical, é o das realidades temporais, que eles são chamados a ordenar conforme a vontade de Deus. “De fato, com seu peculiar modo de agir, o Evangelho é levado para dentro das estruturas do mundo” e, “agindo em toda parte santamente, consagram a Deus o próprio mundo”. Graças aos fiéis leigos, “a presença e a missão da Igreja no mundo se realiza, de modo especial, na variedade dos carismas e ministérios que o laicato possui. A secularidade é a nota característica e própria do leigo e da sua espiritualidade, que o leva a agir nos vários âmbitos da vida familiar, social, profissional, cultural e política, em vista da sua evangelização.

...O segundo âmbito no qual muitos fiéis leigos são chamados a trabalhar é aquele que se poderia definir “intraeclesial”. São muitos os leigos na América que

nutrem a legítima aspiração de contribuir com os seus talentos e carismas “na construção da comunidade eclesial, como delegados da Palavra, catequistas, visitantes de enfermos ou de detentos, animadores de grupos etc.” Os Padre sinodais fizeram votos de que a Igreja reconheça algumas destas tarefas como ministérios laicais, baseados nos sacramentos do Batismo e da Confirmação, ressalvada, porém, a especificidade própria dos ministérios do Sacramento da Ordem (n. 44).

O que significa *consagrar a Deus o próprio mundo*? Consagrar significa dedicar a Deus; perceber a dimensão divina nas realidades terrestres e fazer com que sejam sinais da presença e da ação de Deus no mundo; significa ainda libertar o mundo do mal, levar a salvação ao mundo, santificando suas estruturas e suas realidades.

26.3 A ação apostólica do franciscano secular

O que se diz dos fiéis leigos seculares na Igreja em geral, vale também para os franciscanos seculares, também eles fiéis leigos seculares. A Regra da Ordem Franciscana Secular é certamente um dos frutos desta renovada mentalidade da Igreja sobre os fiéis leigos.

A Regra renovada da OFS não fala de missões nem de pastoral, mas sim, de apostolado. Contudo, a dimensão apostólica da vida cristã e eclesial perpassa toda a forma de vida. Os franciscanos seculares são chamados a participar da vida e da missão da Igreja (cf. n. 1); a se tornarem testemunhas e instrumentos da missão da Igreja entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra (cf. n. 6). São chamados a restaurar a Igreja, empenhando-se em viver em comunhão plena com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, promovendo um confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólica (cf. n. 6b). A fraternidade local deverá ser o ambiente privilegiado para desenvolver o sentido eclesial e a vocação franciscana e ainda para animar a vida apostólica de seus membros (cf. n. 22b).

Esta ação apostólica do franciscano secular conforme a Regra pode e deve manifestar-se em vários níveis:

a) Testemunho de vida cristã: Trata-se do crescimento em sua vida cristã de batizado, seguido do testemunho desta vida. Quem vive a conversão evangélica já está ajudando a reconstruir a Igreja de Cristo. Na forma de vida do franciscano secular esta vida de penitência está expressa especialmente nos números 4 a 12: Vida trinitária de comunhão com o Deus Trino e Uno, tendo

Jesus Cristo como Caminho, Verdade e Vida (n. 4). Este encontro com a Trindade Santa, por Cristo e em Cristo, se realiza pela leitura e meditação constante do Evangelho (n. 4c). Os franciscanos seculares procurarão a pessoa vivente e operante de Cristo – receberão o Corpo do Senhor – nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas (cf. n. 5). Levarão à perfeição a conversão batismal, participando da vida da Igreja (n. 6). Viverão a conversão evangélica que consiste em “conformar o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo”, “a ser realizada todos os dias” (n. 7); viverão esta conversão evangélica ou vida de penitência pela vida sacramental, pela oração individual e comunitária (n. 8). Imitarão Maria, a humilde serva do Senhor, tornando-se servidores da Palavra de Deus, fazendo com que esta Palavra se encarne como em Maria (n. 9). Tornar-se-ão fermento na massa, sal da terra e luz do mundo, pela conversão evangélica na vivência dos conselhos evangélicos de obediência, espírito de pobreza e pureza de coração no próprio estado de vida, no meio do mundo e através das realidades do mundo (n. 10-12).

Esta é a primeira ação evangelizadora, o primeiro apostolado do franciscano secular: o testemunho de vida cristã.

b) Testemunho de fraternidade: A pureza do coração torna os irmãos e as irmãs livres para o amor de Deus e dos irmãos (cf. n. 12). Em outras palavras, a pureza do coração gera a fraternidade. Assim, os franciscanos seculares, que são irmãos e irmãs da penitência, são chamados a viver também uma forma de amor universal e eterno, o amor fraterno, e assim dar testemunho de fraternidade e promover um mundo mais fraterno individual e comunitariamente. Estes dois aspectos vêm explanados nos números 13 e 14 da Regra. Não se trata apenas de viverem como irmãos e irmãs, mas de testemunharem no mundo a fraternidade. Aqui temos que distinguir vários aspectos:

A vivência da fraternidade na fraternidade local, que constitui “a célula primeira de toda a Ordem e um sinal visível da Igreja, comunidade de amor” (cf. Regra, n. 22). Não serão apenas chamados irmãos e irmãs, mas viverão de fato a fraternidade. Que os cristãos e não cristãos possam apontar para as fraternidades e dizer como os não cristãos a respeito das comunidades cristãs primitivas, conforme Tertuliano: *Vê, dizem os pagãos, como eles se amam!* Nos números 20 a 26, a Regra mostra como cultivar esta vida fraterna, um dos aspectos mais importantes do carisma franciscano, também de sua expressão secular como irmãos e irmãs da penitência.

O cultivo da fraternidade com todos, especialmente com os mais pequeninos (cf. n. 13). Tratar a todos como irmãos e irmãs, não só os membros da fraternidade local. Isso, na família e na sociedade. Que responsabilidade esta de cumprir as palavras de Cristo no Evangelho: *Todos vós sois irmãos!* (Mt 23,8).

Ação fraterna individual e comunitária: Dar-se testemunho de irmão e irmã é fundamental, importa promover também a fraternidade no mundo em que se vive, na construção de um mundo mais fraterno e evangélico.

26.4 Participação nas pastorais da Igreja

Aqui também devemos distinguir entre:

a) As pastorais em campos próprios e específicos dos cristãos leigos seculares: É a ação pastoral que se volta para fora das comunidades eclesiais. Estes campos de pastoral devem merecer prioridade por parte dos franciscanos seculares. São as pastorais sociais, ou como dizem as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral dos Bispos do Brasil: a dimensão sociotransformadora. São os diversos campos apontados pelos números 13 a 19 da Regra da OFS: **1)** Promoção dos pobres (n. 13); **2)** Preparação profissional para um mundo mais fraterno (n. 14); **3)** Promoção da justiça, particularmente no âmbito da vida pública (n. 15); **4)** Organização e atuação no mundo do trabalho (n. 16); **5)** A família (n. 17); **6)** A ecologia (n. 18); **7)** A reconciliação e a promoção da paz (n. 19).

b) As pastorais que se destinam mais à formação e vivência das comunidades eclesiais próprias dos ministros ordenados: Os fiéis cristãos leigos seculares também são chamados a participarem das pastorais “para dentro da Igreja”, como a comunhão e participação das comunidades eclesiais através dos diversos serviços e ministérios, apoiadas na pastoral vocacional; a catequese; a liturgia; as missões e o ecumenismo e o diálogo religioso. Se isto constitui papel de todos os cristãos leigos seculares, o é também para os franciscanos seculares como grupos evangelizados, conscientes de sua participação na vida da Igreja e pessoas que, a exemplo de São Francisco, cultivam um grande amor por ela. Poderíamos dizer assim: Se, sem prejuízo grave das obrigações de seu estado de vida e de suas responsabilidades profissionais e sociais como cristãos leigos seculares ainda lhes sobrar tempo, os franciscanos seculares participarão também das diversas pastorais da Igreja. Graças a Deus, de fato, eles costumam encontrar tempo ou fazem este tempo; e pela preparação e vivência que têm da vida cristã eclesial, mostram-se agentes de pastoral competentes e muito apreciados e desejados.

Em resumo, podemos escalonar da seguinte forma as prioridades do apostolado dos irmãos e irmãs da OFS:

1) A simples vivência cristã; 2) o testemunho da profissão dos conselhos evangélicos no mundo; 3) o testemunho de fraternidade; 4) a construção de um mundo mais fraterno; 5) a promoção da cidadania pela participação profissional competente nos mais diversos campos da sociedade; 6) o testemunho cristão de vivência do próprio estado de vida; 7) a reconciliação universal, incluindo o cuidado pela criação, sendo portadores de paz e mensageiros da perfeita alegria; 8) participação nos diversos apostolados e pastorais da Igreja, dando prioridade àquelas ligadas às realidades terrestres.

27 O amor fraterno dos franciscanos seculares

Uma das características mais marcantes da espiritualidade franciscana é o amor fraterno. O número 13 ensina como viver esta dimensão da espiritualidade franciscana secular:

Assim como o Pai vê em cada ser humano os traços do seu Filho, Primogênito entre muitos irmãos, os franciscanos seculares acolham todos os homens com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo.

O sentido da fraternidade os tornará dispostos a igualar-se com alegria a todos os homens, especialmente aos mais pequeninos, para os quais procurarão criar condições de vida dignas de criaturas remidas por Cristo.

27.1 Deus Pai, fonte do amor fraterno

A denominação de irmão e irmã, usada na Ordem Franciscana Secular, não constitui um mero tratamento, mas uma proposta de vida. Os franciscanos seculares são chamados a viver como irmãos e irmãs. Em primeiro lugar, porque em Jesus Cristo eles têm um Pai comum, Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. No Filho Jesus Cristo, todos são filhos e filhas de Deus. Se todos são filhos e filhas de Deus, então, todos são irmãos e irmãs no mesmo Filho. Isso constitui uma vocação de todo ser humano e, com maior razão, de todo cristão. Mas os franciscanos seculares, pela Profissão da Regra, propõem-se a cultivar mais conscientemente esta dimensão de sua vocação humana e cristã.

Assim, os franciscanos seculares são convidados a ver em todos os homens irmãos e irmãs e a tratá-los como tais, a exemplo do Pai que está nos céus.

27.2 O próximo como dom do Senhor e imagem de Cristo

Os irmãos e irmãs não se escolhem. Eles nos são dados. E porque corre o mesmo sangue em suas veias eles se amam gratuitamente. Eles se apoiam, acolhem-se como são, perdoam-se. Criam-se laços de solidariedade, de intimidade, de confiança, de carinho, de compaixão. O que se pede dos irmãos ligados por laços naturais de sangue, pede-se dos franciscanos seculares no plano espiritual em Cristo, em relação a todos os homens: *Acolher todos os homens, com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo*. Isso não uma vez apenas. Mas sempre. Não só os irmãos que lhes são simpáticos, mas a todos sem distinção de raça, cor, condição social e cultura ou qualidades pessoais. As fraternidades franciscanas seculares são chamadas a ser verdadeiros milagres de fraternidade, presença concreta daquele ideal de fraternidade universal deixado por São Francisco de Assis.

27.3 Consequências desse ideal de fraternidade

As consequências desse ideal de fraternidade professado pelos franciscanos seculares são muitas; a Regra apresenta ao menos quatro.

a) A alegria da vida fraterna: O senso de fraternidade tornará os franciscanos e as franciscanas seculares alegres. Isso porque eles não veem no próximo um adversário ou um inimigo, mas um irmão, uma irmã em Cristo. Assim, não há nada a temer. Eles se aproximam do próximo desarmados, pois veem nele um dom de Deus, uma imagem de Jesus Cristo. E um dom ou presente, a gente recebe com alegria.

b) Igualar-se a todos sem exceção: Em segundo lugar, o senso de fraternidade os levará a *igualar-se* a todos os homens. Nada de orgulho, pois se Deus Pai ama a todos e vê, em todos, traços do seu Filho, também os franciscanos seculares deverão acolher a todos com *espírito humilde e benevolente*.

c) Igualar-se especialmente aos mais pequeninos: Estamos diante de uma consequência muito especial: a equiparação aos mais pequeninos. Antes que a Igreja na América Latina fizesse sua evangélica opção pelos pobres, a Regra da OFS já havia apresentado esta exigência: a identificação com os mais pequeninos. Todos devem ser acolhidos como imagem do Filho Jesus Cristo e

como dons de Deus. Ninguém pode ser excluído: nem rico, nem pobre. Dentro do carisma franciscano, no entanto, existe uma exigência particular: *igualar-se com alegria especialmente aos mais pequeninos*, os abandonados, os oprimidos, os injustiçados, os marginalizados, os enfermos, os encarcerados, os pecadores e viciados, enfim, os necessitados da compaixão do bom samaritano.

Qual a razão desta identificação com os mais pequeninos? É o Filho de Deus, Jesus Cristo, no mistério da encarnação, de sua Paixão e Morte e de sua presença na Eucaristia, na humilde aparência de pão. Justamente, porque Francisco quis dar uma preferência especial à imitação desses mistérios do despojamento, da humildade, da pobreza do Filho de Deus Jesus Cristo, é que os franciscanos seculares, pela forma de vida, também se propõem a dar preferência aos mais pequeninos.

d) Criar para “os mais pequeninos” condições de vida dignas de criaturas remidas por Cristo: Este igualar-se aos mais pequeninos não pode restringir-se a sentimentos e palavras de compaixão. Deve traduzir-se em ações concretas. Para os mais pequeninos os franciscanos seculares são chamados a *procurar criar condições de vida dignas de criaturas remidas por Cristo*. Desde as origens, os franciscanos seculares, a exemplo de Santa Isabel da Hungria, dedicaram-se às obras de caridade, à assistência social. Tudo isso ainda hoje tem valor. Mas, antes de tudo, eles devem lutar para que as estruturas da sociedade se tornem mais justas e fraternas. Neste sentido eles devem estar abertos à caminhada da Igreja, sobretudo na América Latina, colocando-se ao lado dos pobres e desprotegidos, para que haja mais justiça e conseqüentemente mais fraternidade no mundo. Tudo isso deve começar nas próprias famílias e nas fraternidades.

Veja CCGG, art. 18.

28 Construtores de um mundo mais fraterno pelo exercício competente das próprias responsabilidades

Como já vimos, o primeiro apostolado dos franciscanos seculares é o testemunho de vida fraterna. A partir do número 14 da Regra a Igreja apresenta algumas tarefas concretas, onde os franciscanos seculares são chamados a dar o testemunho de fraternidade. Primeiramente, pelo exercício competente das próprias responsabilidades. Ouçamos o que nos diz a Regra:

Chamados, juntamente com todos os homens de boa vontade, a construir um mundo mais fraterno e evangélico para a realização do Reino de Deus e conscientes de que “quem segue o Cristo, homem perfeito, também se torna mais homem”, assumam as próprias responsabilidades com competência e em espírito cristão de serviço.

28.1 Chamados a construir um mundo mais fraterno e evangélico

Eis uma das grandes missões dos franciscanos seculares. Não sozinhos, mas com todas as pessoas de boa vontade. O que significa construir um mundo mais fraterno e evangélico? É fazer com que cada pessoa *siga a Cristo, homem perfeito, para que ela também se torne mais homem*. Trata-se, portanto, de ajudar as pessoas a se tornarem mais pessoas humanas no seguimento de Cristo. O franciscano secular já aprendeu como fazê-lo: vivendo segundo o Santo Evangelho, a exemplo de Francisco. O que ele procura viver, também o transmite ao próximo, sobretudo pelo exemplo. Todas as orientações do capítulo II da Regra mostram como fazer para seguir a Jesus Cristo. Mas este número 14 nos quer ensinar uma coisa importante: uma maneira de construir um mundo mais fraterno e evangélico é exercer com competência as próprias responsabilidades.

28.2 As responsabilidades

As responsabilidades são tantas. Primeiramente, tomar consciência da necessidade de assumir as próprias responsabilidades. A sociedade carece de formação para a responsabilidade. As responsabilidades nos vários estados de vida e nas diversas circunstâncias. As responsabilidades dos jovens no estudo e no trabalho. As responsabilidades dos casados no respeito à vida, nos deveres de esposos e de pais. As responsabilidades de cidadãos no dever do voto, do pagamento de impostos. As responsabilidades dos celibatários no mundo, dos viúvos, dos sacerdotes. As responsabilidades sociais. Os deveres que temos na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

As responsabilidades profissionais. E aqui temos um ponto que devemos acentuar. Em geral, não fomos formados para as responsabilidades profissionais. O interesse individual, muitas vezes, está acima do bem comum. Fomos formados historicamente para explorar, para enriquecer com facilidade,

para tirar proveito, sem muito esforço. A honestidade profissional constitui um desafio para nós. Quanta coisa não poderia melhorar se fôssemos todos realmente honestos, sobretudo no trato dos bens materiais!

28.3 Competência profissional

Não se trata apenas de tomarmos consciência das nossas responsabilidades. É preciso exercê-las com competência. Temos uma inata tendência para a improvisação. A criatividade é, certamente, uma qualidade positiva, mas com isso podemos nos acomodar. Não basta a criatividade, a improvisação. Precisamos ser competentes. Competentes nas mais diversas atividades, não importando o que se faça. Trata-se, aqui, sobretudo da competência no campo civil, ou no trato das coisas do mundo. O motorista, o eletricitista, o pedreiro, o agricultor, o sapateiro sejam competentes. A costureira, a doméstica, a balconista sejam competentes. A professora, a enfermeira, o médico, o advogado sejam competentes. A dona de casa, o político, a juíza, sejam competentes. A assistente social, o árbitro de futebol, o esportista sejam competentes. Isso exige estudo, aplicação e permanente atualização. E se alguém se sentir chamado a participar da pastoral da Igreja, também se prepare para que possa exercer o ministério com competência.

28.4 Espírito cristão de serviço

A competência profissional poderia parecer ganância, ou, quem sabe, espírito de superioridade. Não deve ser compreendida desta forma. Os franciscanos são chamados a ser profissionais no serviço. Os conhecimentos, todas as capacidades são exercidas em espírito de serviço. Então, a competência deixa de ser riqueza para transformar-se em pobreza, em generosidade. Diz São Francisco: *Os irmãos que receberam a graça de trabalhar, trabalhem, sem contudo perder o espírito de devoção e santa oração.* Eis a chave de ouro para o franciscano secular: exercer com competência as próprias responsabilidades não com espírito de vanglória, de competição ou superioridade, mas no espírito cristão de serviço. Colocando suas capacidades e seus conhecimentos a serviço do próximo, a exemplo de Jesus Cristo e de Francisco eles e elas estão contribuindo para que *cada um se torne mais homem*. Assim se estará construindo um mundo mais fraterno e evangélico, assim está se realizando o Reino de Deus.

28.5 A verdadeira humildade

Ter consciência dos dons que Deus nos deu não constitui falta de humildade. Humildade é a verdade. Importa reconhecer os dons de Deus e fazê-los frutificar em nossa vida. Falsa humildade é esconder as próprias capacidades e não colocá-las a serviço do próximo. Todos nós deveremos responder diante do Senhor pelos talentos que cada qual recebeu. Acolhê-los, multiplicá-los e usá-los a serviço do próximo e da comunidade é nossa vocação e missão. Cada qual servirá aos irmãos com os dons que recebeu do Senhor. Se alguém tiver um só talento, que o multiplique. Se alguém tiver recebido apenas o sofrimento, ofereça isso com alegria a Deus pelos irmãos. E em tudo digamos com o salmista: *Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória* (Sl 113B,1).

Veja CCGG, art. 19 e 20.

29 A promoção da justiça

A grande insistência da Regra na fraternidade, no amor, pode conduzir ao risco de os franciscanos seculares se esquecerem da justiça. Desse perigo previne-os a Regra número 15, que fala da promoção da justiça:

Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana, bem como por iniciativas corajosas, quer individuais quer comunitárias, na promoção da justiça, particularmente no âmbito da vida pública, comprometendo-se com opções concretas e coerentes com sua fé.

Várias são as formas pelas quais os franciscanos seculares são chamados a promover a justiça, sem a qual não pode existir a caridade.

29.1 O testemunho da própria vida

Os franciscanos seculares são chamados por Cristo a estarem presentes pelo testemunho da própria vida na promoção da justiça. Trata-se aqui de agir pessoalmente sempre com justiça, não prejudicando a ninguém. Promover sempre o próximo, descobrindo e reconhecendo suas qualidades. Permitir que o próximo a seu lado possa usufruir dos seus direitos. Perceber que os meus direitos terminam onde começam os direitos do outro.

Praticar a justiça no âmbito da vida familiar e da vida pública. Será que praticamos sempre a justiça no âmbito da família? No relacionamento entre

esposos, entre pais e filhos, com os pais idosos ou pessoas enfermas da família ou da parentela? Os bens da família são partilhados com justiça e equidade?

E no âmbito da vida pública, como cidadãos? Será que procuro ser justo e equânime na administração dos bens a mim confiados, ou favoreço àqueles dos quais mais posso esperar? Vejam o grande apostolado do testemunho.

29.2 Por iniciativas corajosas

A prática da justiça costuma provocar incompreensões e provações. Já Jesus Cristo o prometia: *Felizes os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus* (cf. Mt 5,10). Portanto, para os franciscanos seculares não basta o testemunho de vida na promoção da justiça. São pedidas iniciativas corajosas. Diz a Regra que estas iniciativas podem ser individuais e comunitárias.

29.3 Iniciativas individuais

Trata-se da ação de cada franciscano ou franciscana secular. Isso, na medida em que o Espírito Santo o inspirar. Aqui, já não se trata, apenas, daquilo que é obrigação inerente ao estado de vida ou à profissão que cada um exerce. Aqui se trata de denunciar a injustiça, de exigí-la onde não é praticada. E são tantas as ocasiões que se oferecem: no âmbito da família, na organização do trabalho, na legislação, na política e, quem sabe, na Igreja. Aqui, tudo depende dos dons do Espírito que cada qual recebeu: da sabedoria, da ciência, da fortaleza. Em todo o caso, pela forma de vida, todo franciscano secular deve estar sempre atento ao tema da justiça, e pedir ao Senhor a graça de ser generoso em sua promoção.

29.4 Iniciativas comunitárias

As iniciativas comunitárias na promoção da justiça podem expressar-se de duas maneiras. Iniciativas tomadas pelas fraternidades como um todo ou em grupos. Embora não estejam previstas formas específicas de apostolado por parte das Fraternidades Franciscanas Seculares, parece que a promoção da justiça poderá ser uma ação comunitária, sobretudo onde ainda não houver iniciativas nesse sentido no âmbito da Igreja ou da sociedade civil. A defesa dos pobres e injustiçados, a promoção da justiça no trabalho, a organização sindical e outras iniciativas certamente estão de acordo com o espírito da Regra.

A segunda modalidade é a participação em iniciativas existentes, sejam na Igreja ou na sociedade civil. Neste caso, o franciscano e a franciscana secular participem de organizações existentes. Depende de cada um descobrir estas organizações e delas participar, segundo o dom que Deus se dignar conceder. Nem todos têm igualmente o mesmo carisma. Em todo caso, toda iniciativa dos irmãos e irmãs no âmbito da promoção da justiça, seja em particular, seja comunitariamente, seja como grupos na fraternidade, seja em outras organizações existentes, como a *Justiça e Paz* ou os *Direitos Humanos*, deve ser acolhida, apoiada e apreciada por todos os irmãos. E por que não transformar em celebração em Cristo toda essa ação dos irmãos e irmãs? Isso lhes dará novo ânimo para testemunharem o Cristo no irmão injustiçado.

29.5 Opções concretas

A Regra fala muito claramente. O franciscano não pode ficar de braços cruzados diante da injustiça. Será que as opções concretas não passam pela promoção dos grupos marginalizados, sem paternalismo? A promoção dos pobres, dos viciados, dos negros, do homem da terra, da mulher marginalizada? As opções concretas deverão passar pela transformação das estruturas sociais injustas, como pede João Paulo II. O franciscano secular deve contribuir onde e como puder para que, aos poucos, diminua o desequilíbrio social, onde os poucos ricos se tornam cada vez mais ricos e os muitos pobres se tornam cada vez mais pobres.

Terminando, a promoção da justiça também no âmbito da vida pública faz parte da forma de vida que o franciscano secular professou.

Veja CCGG, art. 22.

30 O amor ao trabalho

Podemos dizer que no conjunto da Regra da Ordem Franciscana Secular o número 16 nos apresenta a espiritualidade do trabalho. O texto, muito breve e conciso, diz o seguinte:

Estimem o trabalho como um dom e como uma participação na criação, redenção e serviço da comunidade humana.

30.1 Algumas considerações sobre o trabalho

Pode-se constatar que o trabalho, de modo geral, não é muito apreciado. Aliás, qual a porcentagem de pessoas que na vida faz realmente o que gosta? O trabalho em grande parte é considerado como um castigo infligido ao homem após o pecado: *Sustentarás a tua vida com o suor do teu rosto* (Gn 3,19).

Esta mentalidade de considerar o trabalho um castigo encontra-se bastante generalizada. O mesmo se pode dizer da história do povo brasileiro. O trabalho, sobretudo o manual, era tido como atividade dos escravos, dos grupos de nível cultural inferior. A alta sociedade, bem como a classe média no Brasil, não era muito afeita ao trabalho. O lucro fácil sim, mas com o esforço dos outros.

Por outro lado, o que motiva em geral o trabalho? Não tanto o amor, mas a necessidade, a sobrevivência. Quantas pessoas trabalham realmente com amor e devoção? No entanto, o trabalho constitui uma das dimensões da vida do ser humano. O ser humano é um *homo faber*. Um ser que trabalha como é um ser orante, que conhece e que brinca.

30.2 Como Francisco via o trabalho

Podemos verificar duas coisas importantes na maneira de Francisco apreciar o trabalho. Primeira: Ele queria imitar Jesus Cristo. Se Jesus trabalhou com as próprias mãos como filho do carpinteiro, também Francisco queria trabalhar para imitá-lo e queria que também os irmãos trabalhassem com as próprias mãos. Isso lhe bastava.

O segundo aspecto: Francisco considerava o trabalho uma graça. Daí ele dizer na Regra dos Frades: *Os irmãos, a quem o Senhor concedeu a graça de trabalhar, trabalhem, sem contudo extinguir o espírito de devoção e santa oração*. Poder trabalhar é uma graça. Pelo trabalho pode-se fazer o bem; pelo trabalho a pessoa se ocupa. A ociosidade não contribui para o crescimento da pessoa. Não só. Pode-se transformar o trabalho num serviço ao próximo. Então, se o trabalho é um dom, uma graça recebida de Deus, a pessoa agraciada pode e deve dar graças a Deus pela graça de poder trabalhar.

Além disso, o trabalho é uma fonte de bênção para o próximo. Pelo trabalho, podemos dar graça, ser graça, ser uma fonte de bênção para o próximo. O trabalho, então, pode transformar-se numa ação de graças a Deus e ao próximo, contanto que seja realizado por amor, ou seja, com espírito de devoção e santa oração. O trabalho transforma-se, então, numa verdadeira eucaristia.

30.3 O trabalho segundo a Regra

A Regra pede que os franciscanos seculares apreciem o trabalho, amem o trabalho. Isso porque dentro da perspectiva de São Francisco o trabalho pode ser visto numa quádrupla dimensão: primeiro, o trabalho é um dom. É normal a pessoa se alegrar com um presente. O trabalho não é castigo, mas presente de Deus, dom de Deus. E se é dom, a gente procura ser grato por ele.

Em segundo lugar, pelo trabalho o ser humano torna-se participante da obra de Deus, da criação. O ser humano colabora com Deus. O exercício do trabalho é expressão da vocação do homem como senhor ou rei da criação. Trabalhando ele celebra sua vocação de rei da criação. Tem necessidade do trabalho para viver, sim, mas o trabalho tem um sentido muito mais profundo. Pelo trabalho, o homem gera os meios para poder experimentar o dom da vida, poder celebrar o dom da vida.

Depois, pelo trabalho o ser humano cria a arte como a música, a pintura, a arquitetura, a poesia, o teatro e tantas outras expressões da vida humana, expressões da beleza e da bondade do próprio Deus.

A Regra coloca o trabalho em relação com a obra da Redenção. Sim, o Filho de Deus, nosso Redentor, quis trabalhar com as próprias mãos. Cristo deu novo sentido a todo trabalho humano. Trabalhar é algo de positivo, dignificado pelo Filho de Deus. Pelo trabalho, Jesus procurou cumprir a vontade do Pai.

E, assim, chegamos à quarta dimensão do trabalho humano, como serviço à comunidade humana. Se o trabalho de Cristo foi redentor, então, também, o trabalho dos cristãos, realizado em comunhão com Cristo, se torna redentor. Redentor porque transformado em serviço ao próximo. Redentor porque, por meio do trabalho, os cristãos podem nutrir a vida dos irmãos; podem fazer com que as condições de vida menos humanas se tornem mais humanas; podem fazer com que o serviço dos cristãos através do trabalho se transforme em atos de amor a Deus e ao próximo.

Visto desta forma, o trabalho não será pesado, não será escravidão, mas um ocupar-se alegre, participando da ação criadora de Deus e da ação redentora de Cristo. E chega mesmo a transformar-se numa oração-devoção, numa ação de graças a Deus e ao próximo. Podemos, então, trabalhar com liberdade sabendo que é uma das dimensões da vida do ser humano.

Veja CCGG, art. 21.

31 Franciscanos seculares em família

O número 17 da Regra apresenta a família como um dos lugares privilegiados para os franciscanos seculares viverem segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco, ou como lugar privilegiado de vida de conversão.

Na primeira parte se fala da vida em família de modo geral e, na segunda parte, da vida como esposos. Eis o texto:

Em sua família vivam o espírito franciscano de paz, de fidelidade e de respeito à vida, esforçando-se para fazer dela o sinal de um mundo já renovado em Cristo.

Os esposos, em particular, vivendo as graças do matrimônio, testemunhem, no mundo, o amor de Cristo por sua Igreja. Mediante uma educação cristã simples e aberta de seus filhos, atentos à vocação de cada um, caminhem alegremente com eles em seu itinerário humano e espiritual.

31.1 Os valores franciscanos da vida familiar

Os valores da família apresentados na primeira parte do número 17 da Regra valem não só para os esposos, mas para todos os franciscanos seculares, qualquer que seja o seu estado de vida. São quatro esses valores: o espírito franciscano de paz, de fidelidade e de respeito à vida e de experiência de um mundo renovado em Cristo. Isso vale para todos.

Paz: Quanto esforço não se deve fazer para que reine paz na família! Entre os esposos, entre pais e filhos, entre os irmãos, entre os parentes mais próximos. Esta paz deve ser pedida a Cristo, paz que brota de uma atitude que corresponde ao modo de pensar e de agir de Cristo; uma vida segundo o Evangelho que inclui o perdão, a cruz, a mútua aceitação, nas alegrias e nas tristezas da vida, na saúde e na enfermidade; paz que brotará certamente da oração constante em particular e em comum.

Fidelidade: O amor de Cristo foi fiel até a morte e morte de cruz. Um amor sempre renovado. Como o homem moderno carece de fidelidade! O amor conjugal e o amor familiar são regidos apenas por duas normas: o amor e a fidelidade. O amor aumenta a fidelidade e a fidelidade dá consistência ao amor. O amor de Cristo à humanidade foi um amor fiel, um amor de aliança.

Para que o amor dos esposos possa ser fiel, a exemplo do amor de Cristo, deve ser cultivado diariamente.

Respeito à vida: Respeito à vida dos que convivem em família, respeito à vida nascente e um amor entre os esposos que esteja sempre aberto à vida. Aqui está expressa a exigência da generosidade. Não apenas o número de filhos estritamente necessário para a continuação da espécie, mas o número que a generosidade cristã pode oferecer à sociedade e à Igreja. A paternidade responsável inclui esses dois aspectos: evitar o número demasiado grande de filhos que não se podem criar devidamente e ter generosidade suficiente para ter o número de filhos que possam ser criados mesmo com alguma renúncia e sacrifício.

Sinal de um mundo renovado: A família, assim vivida na paz, na fidelidade, no respeito à vida e no amor em Cristo, constitui uma pequena Igreja. É o lar cristão, experiência do Reino que há de vir.

31.2 Os casados

Não é necessário que ambos os esposos sejam franciscanos. Se os dois o forem será muito bom, pois poderão encontrar-se na vivência da espiritualidade franciscana comum. A segunda parte do número 17 fala primeiramente da vida dos esposos como tal e depois do seu relacionamento com os filhos, sobretudo na educação.

A vida dos esposos: Sempre dentro dos valores franciscanos da vida familiar, os esposos são chamados a testemunhar no mundo o amor de Cristo por sua Igreja. Trata-se do primeiro grande aspecto da espiritualidade conjugal. O amor entre o homem e a mulher é símbolo ou reflexo do amor que há em Deus e do amor de Deus à humanidade. O matrimônio cristão é sacramento em dois sentidos: sacramento de Deus e sacramento de Cristo. Evoca, celebra e partilha o amor-comunhão em Deus Trino e Uno: expressão de amor e fonte de vida.

E é sacramento do amor de Deus aos homens. Este amor manifestou-se, sobretudo, em Jesus Cristo: amor total, amor fiel, amor-aliança, fonte de vida para o mundo. Assim, o matrimônio cristão é, sobretudo, sacramento, participação, comemoração deste amor de Jesus Cristo aos homens. Pelo Sacramento do Matrimônio, os esposos recebem a graça de se amarem como

Cristo amou. E este amor é fonte de vida. Não só nos filhos, mas primeiramente entre os esposos e a partir da família, para o próximo e para a sociedade em geral: testemunham no mundo o amor de Cristo por sua Igreja.

Educação dos filhos: A Regra apresenta algumas normas para o relacionamento dos pais com os filhos. Os pais não são donos dos filhos. Que a educação seja cristã. Esta educação se caracteriza pela simplicidade e pela abertura. Nada de impor aos filhos o que é próprio da vocação franciscana pessoal. Os pais devem estar atentos à vocação de cada filho. Tudo isso se há de procurar, caminhando alegremente com os filhos em seu itinerário humano e espiritual.

Este caminhar juntos exige diálogo, que não consiste apenas em palavras, mas em sentir as necessidades dos filhos, em apoiá-los, compreendê-los, acolhê-los, perdoá-los e corrigi-los com amor e firmeza.

Assim, os filhos estarão ajudando também os esposos a realizarem sua caminhada humana e espiritual. Em tais famílias, certamente, surgirão também vocações sacerdotais e religiosas.

Veja CCGG, art. 25 e 26.

32 A missão ecológica dos franciscanos seculares

O número 18 da Regra fala do relacionamento com as outras criaturas animadas e inanimadas:

Tenham, além disso, respeito pelas outras criaturas, animadas e inanimadas, que “do Altíssimo trazem um sinal” e procurem, com afinho, passar da tentação de sua exploração ao conceito franciscano da fraternidade universal.

32.1 O respeito por todas as criaturas

O respeito é uma atitude que se tornou bastante ausente nos últimos tempos. Nós, franciscanos, deveríamos, na escola de São Francisco, ajudar a recuperar esta atitude, sem a qual a vida corre o risco de se tornar banal. O respeito deve fazer parte do nosso relacionamento com as pessoas e as coisas. Respeitar significa tomar distância das pessoas e das coisas. Deixar que elas sejam o que são na sua diferença. São Francisco se distinguia pelo respeito que cultivava em relação às pessoas e às coisas que ele admirava e apreciava. Com que respeito ele pronunciava o nome de Deus, usando de superlativos para

exaltar sua grandeza e bondade! Notável o seu comportamento cavalheiresco para com Jesus Cristo e sua Santíssima Mãe. O respeito para com o Santíssimo Sacramento, as santas palavras, a Igreja, Maria, os Santos; para com a pessoa humana, os animais, as plantas e todos os seres inanimados.

32.2 O fundamento do respeito

Francisco encontra em Deus mesmo o motivo do respeito para com as criaturas. Devemos abandonar uma visão romântica de Francisco, vendo nele apenas o santo amigo dos passarinhos e dos animais, amigo da natureza. Francisco o era sim, mas o seu respeito pelos animais, as plantas e toda a natureza tinha seu fundamento no próprio Deus, fonte de toda a criação.

A natureza toda é expressão da majestade, do poder e da bondade de Deus. Por terem sua origem em Deus, elas, de certa maneira, se tornam irmãs e irmãos do ser humano, ou, como diz a Regra, *as criaturas animadas e inanimadas trazem do Altíssimo um sinal*.

32.3 A tentação da exploração

O homem não é dono, mas administrador das coisas. Mas, por causa do pecado, sempre de novo ele sofre a tentação de se apropriar das coisas. No fundo, consiste nisso o pecado. O homem é egoísta. Pensando apenas em si, ele explora. Em vez de servir à natureza, em vez de ser fonte de bênção, ele acaba explorando e, com isso, machucando a natureza. Francisco dizia que o Frade Menor devia obedecer até aos animais irracionais e a toda criatura. Como? Colocando-se a seu serviço. Agindo com eles, conforme o plano de Deus.

No fundo, o problema ecológico é uma questão de ação de graças, um problema eucarístico. O homem é chamado a dar graças a Deus, ao próximo e a toda a natureza criada. Quando ele se nega a fazê-lo, está se negando a servir à natureza: aos animais, às plantas, à água, ao ar, à terra e assim por diante. E desta forma a natureza machucada não mais consegue servir ao ser humano. Se, como Francisco, soubermos ter esta atitude de serviço, a natureza se mostrará generosa para com os homens.

Desde as suas origens, o povo brasileiro tem-se deixado levar pela prática da exploração. Basta lembrar os ciclos da exploração do pau-brasil, da cana, do gado, do ouro, do café. Da exploração fazem parte também as loterias, o jogo do bicho, o sugar do Estado através de um funcionalismo pouco sadio, enfim,

a procura do enriquecimento fácil. A esta atitude teremos que opor a do respeito, a do serviço, a do cultivo.

32.4 Fraternidade universal

A fraternidade universal brota dessa compreensão de que todas as coisas criadas possuem, como o homem, a mesma origem em Deus. O conceito franciscano de fraternidade universal não é um sentimento vago de simpatia para com a natureza criada. A fraternidade universal, como já dissemos, tem sua fonte em Deus e passa pelo mistério da encarnação. O Filho de Deus, assumindo a forma humana, quis solidarizar-se com todo o mundo criado. No ser humano encontra-se recapitulada toda a criação: o reino mineral, o reino vegetal e o reino animal. Mais ainda, pelo mistério de sua Paixão e Morte, Jesus Cristo quis redimir também todo o mundo criado, conforme nos ensina São Paulo. Finalmente, no mistério da Eucaristia Jesus continua assumindo e transformando toda a natureza pela ação de graças. Em cada celebração eucarística a Igreja dá graças pelos frutos da terra e do trabalho humano a serem transformados em pão da vida e cálice da salvação.

32.5 Nossa atitude

Nossa atitude para com todos os seres animados e inanimados será não de exploração, mas de uso para que haja mais vida e amor neste mundo. Será de serviço obediente para que a natureza possa desempenhar aquela função querida por Deus; será de respeito, pois, em cada criatura, encontraremos vestígios de Deus criador e cheio de bondade para com suas criaturas. Será de respeito, ainda, porque o Filho de Deus, em Jesus Cristo, quis tocar este mundo e assumi-lo, encarnando-se nele.

Tal atitude de respeito e de serviço exige dos franciscanos seculares, como de todos os cristãos, um permanente processo de conversão. Tal atitude deve ser cultivada dia a dia. Assim, o homem viverá sua dimensão de rei e senhor da criação. A criação toda torna-se um livro de oração aberto pelo qual o homem proclama a glória de Deus.

Veja CCGG, art. 18.4.

33 O ecumenismo franciscano

A fraternização universal leva os franciscanos a uma atitude de respeito e de apreço por tudo o que é bom e por todas as expressões religiosas que eles encontrarem nos seus irmãos. Não para dizer que tudo é a mesma coisa, mas para reconhecer que Deus está presente, de muitos modos, nas pessoas humanas e realiza por Cristo, também, de muitos modos, a salvação. O número 19 da Regra nos ensina esta atitude universal ou ecumênica:

Como portadores de paz e lembrando-se de que ela deve ser construída incessantemente, procurem os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos mediante o diálogo, confiantes na presença do germe divino que existe no homem e na força transformadora do amor e do perdão.

Mensageiros da perfeita alegria procurem, em qualquer circunstância, levar aos outros a alegria e a esperança.

Inseridos na Ressurreição de Cristo, que dá o verdadeiro sentido à Irmã Morte, encaminhem-se serenamente ao encontro definitivo com o Pai.

Temos, neste número, vários pontos, mas todos eles são unificados pelo exercício da reconciliação.

33.1 Francisco, o homem reconciliado

Pelo fato de ser um homem reconciliado com Deus, consigo mesmo, com os homens, com toda a natureza e com a própria morte, Francisco tornou-se mensageiro de paz, de alegria e de esperança. Mais pela atitude que por palavras ele se relaciona com todos como irmão. Tornou-se assim, também, o homem do ecumenismo, o homem da reconciliação, o homem da unidade e da paz. Francisco considerava e apreciava mais aquilo que unia os homens em Deus e em Jesus Cristo do que aquilo que os separava.

33.2 Continuadores da obra de reconciliação de Francisco

A paz e a alegria são frutos da conversão verdadeira, ou da vida segundo o Santo Evangelho, a exemplo de Francisco. Os franciscanos seculares só poderão ser portadores da paz na medida em que forem homens e mulheres reconciliados pela fraternidade universal, que tem sua fonte em Deus, nosso Pai e Criador e em Jesus Cristo.

A reconciliação e a paz são dons de Deus, que devem ser pedidos e construídos incessantemente. Em paz com Deus e o próximo e reconciliados

com todas as coisas, os franciscanos seculares poderão encetar os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos mediante o diálogo.

33.3 Os instrumentos da fraternidade universal e da unidade

A Regra apresenta três instrumentos da fraternidade universal e da unidade: confiança na presença do germe divino que existe no homem, a força transformadora do amor e o perdão.

Jesus agia assim. Na samaritana ele encontrou algo de bom: a sua sinceridade; e a partir desse ponto positivo desenvolve-se o processo de conversão. Francisco acompanhou os cruzados para reconquistar a Terra Santa. Mas, enquanto eles foram armados, Francisco preferiu o diálogo, o encontro humano, a fraternidade. Lá se iniciou toda uma nova atitude dos franciscanos em relação aos muçulmanos, que permanece até hoje. O amor atrai, o amor gera a vida e a comunhão.

Finalmente, o perdão. É a expressão maior do amor. É aceitar o outro na sua realidade, com seu pecado, com suas fraquezas, reconhecendo nele o Filho de Deus, o irmão e a irmã em Jesus Cristo. Atitude a ser cultivada não apenas na fraternidade ou em família, mas em relação a todos os homens, a todas as crenças.

33.4 Mensageiros da perfeita alegria

A alegria é outro fruto da conversão e da reconciliação. Porque em paz com Deus, com o próximo e consigo mesmos, os franciscanos seculares podem ser alegres. Não alegres daquela alegria estrepitosa, mas daquela alegria serena, capazes de conviver com a cruz e as lágrimas, porque possuidores do Reino, porque enxertados em Cristo, de quem nada os pode separar, iluminados pelo Senhor, tornam-se luz, transmitindo paz e alegria ao próximo. Tornam-se assim mensageiros de alegria e de esperança.

33.5 A última grande reconciliação

É com a Irmã Morte, que deverá acontecer não apenas no fim da vida, mas no decorrer dela. A certeza da Ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição nele pela fé e o batismo trazem consigo a certeza de que também em nós a morte já foi vencida pela vida. Em cada celebração eucarística somos mergulhados na

morte e na ressurreição de Cristo. Isso faz com que os franciscanos seculares aceitem a vida como ela é, isto é, mortal, na certeza da vida que já está neles em Jesus Cristo. Neste momento se dá a grande reconciliação, a reconciliação com a morte. Ela se torna irmã como para Francisco, porque, ao final de nosso peregrinar terrestre, ela nos conduz pela mão ao encontro definitivo com o Pai. Ela se torna porta aberta, através da qual teremos acesso à morada eterna, na felicidade sem fim, com o Pai, o Filho e o Espírito Santo, em companhia de Nossa Senhora e de todos os santos.

Toda esta realidade da reconciliação, do ecumenismo, da paz, da unidade, do diálogo, do amor, da esperança e da alegria do número 19, parece colocar-nos num mundo utópico ou escatológico. Certamente, um pouco disso nos será concedido nesta vida se nos deixarmos converter e reconciliar pela vida segundo o Santo Evangelho à maneira de Francisco de Assis.

Veja CCGG, art. 26 e 27.

34 Paz e Bem

A saudação franciscana *Paz e Bem* resume de certa forma, a espiritualidade que tem sua fonte em São Francisco de Assis.

34.1 O que é saudar

A palavra saudação ou saudar vem do latim: *salutare*. Significa dar a saúde ou dar a salvação, salvar, pois *salus*, que está na raiz da palavra, significa tanto saúde corporal, como bom estado moral ou salvação.

34.2 A saudação franciscana

É difícil dizer quando a fórmula *Paz e Bem* foi introduzida como saudação. Faz parte da tradição franciscana, pois, literalmente, não se encontra nos escritos de São Francisco. No capítulo terceiro da Regra dos Frades Menores, ao se tratar do modo de os irmãos irem pelo mundo, encontramos o seguinte: *Ao entrarem em qualquer casa, digam antes: Paz a esta casa!* E no Testamento diz Francisco: *Como saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos: “O Senhor te dê a paz!”* Na Legenda dos Três Companheiros se conta o seguinte:

Como mais tarde ele próprio testemunhou, aprendera este modo de saudação que o Senhor lhe revelara: “O Senhor te dê a paz!” Por esta razão, em toda pregação sua, saudava o povo, anunciando a paz no início da pregação. E é certamente admirável – e isto não se pode admitir sem que tenha sido milagre – que, para anunciar esta saudação, tivesse antes de sua conversão um precursor que frequentemente andara por Assis, saudando deste modo: “Paz e Bem! Paz e Bem!” (LTC 26,1-3).

Os frades são chamados a ser mensageiros de paz, através de sua maneira afável e mansa para com todos. Embora usada entre os frades, esta saudação, ao menos no Brasil, tornou-se usual entre os franciscanos seculares.

34.3 O Bem

E o Bem? Não é difícil extrair este elemento da vida e dos ensinamentos de São Francisco.

Mais do que qualquer outro, Francisco descobriu e cultuava a Deus como o Bem. Em suas orações vemos que ele contempla dois aspectos em Deus: a grandeza ou majestade e o bem. Lembremos, aqui, o início do *Cântico das Criaturas*: *Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.*

Nos *Louvores a Deus*, depois de proclamar o Deus que opera maravilhas, o Deus forte, grande, altíssimo, Rei onipotente, Pai santo, Rei do céu e da terra, Francisco introduz e desenvolve o tema do Bem: *Vós sois o Bem, o Bem universal, o Sumo Bem, Senhor e Deus vivo e verdadeiro!* E desdobra, de múltiplas formas, o tema do Bem.

No fim das *Orações de louvor* a serem recitadas em todas as Horas Canônicas, ele expressa, magistralmente, sua compreensão de Deus como o Bem:

Onipotente, santíssimo, altíssimo e soberano Deus, que sois todo o bem, o sumo bem, a plenitude do bem, que só vós sois bom, nós vos tributamos todo o louvor, toda a glória, toda a ação de graças, toda a exaltação e todo o bem!

Sem apresentar todas as passagens, onde Francisco fala de Deus como o Bem, gostaria de mencionar ainda um trecho do capítulo 17 da *Regra Não Bulada*, onde se fala dos pregadores:

E restituamos todos os bens ao Senhor Deus altíssimo e sumo e reconheçamos que todos os bens são dele e por tudo demos graças a Ele, de quem procedem todos os bens. E o mesmo altíssimo e sumo, único Deus verdadeiro, os tenha, e lhe sejam

restituídos; e Ele receba todas as honras e reverências, todos os louvores e bênçãos, todas as graças e glória, Ele, de quem é todo o bem, o único que é bom.

E quando nósirmos ou ouvirmos dizer ou fazer mal ou blasfemar contra Deus, nós bendigamos, façamos o bem e louvemos a Deus, que é bendito pelos séculos.

34.4 A mística da saudação franciscana

Eis a mística da saudação franciscana. Abençoar, fazer o bem na imitação de Deus, na imitação de Cristo. Ser reflexo do bem que é Deus para todos os homens, seus irmãos e irmãs. O franciscano, religioso ou secular, é chamado a viver o Evangelho como irmão, como irmã. Os irmãos e irmãs amam-se, fazem-se o bem, desejam o bem uns aos outros. Querem fazer o bem, a exemplo de Jesus Cristo, seu irmão maior, que nos deu o exemplo. Daí a mensagem dos irmãos e irmãs franciscanos mais pela vida e a ação do que pela saudação *Paz e Bem!* Eu te desejo o Bem, todo o Bem que é Deus e o bem que procede de Deus, a paz! Sim, a paz verdadeira provém de Deus. É a salvação em Cristo Jesus. Esta paz se expressa na confraternização de todos. Por isso, os irmãos franciscanos seculares, desde a primeira geração, andavam desarmados; eram mensageiros da paz.

34.5 A Paz e o Bem na Regra

Os temas da Paz e do Bem estão muito presentes e como que resumem a Regra da OFS.

Viver em Cristo constitui o verdadeiro bem. A partir do número 12 mostra-se como os irmãos e as irmãs podem ser o bem para o próximo: *Testemunhas dos bens futuros e empenhados pela vocação abraçada em adquirir a pureza do coração, desse modo tornar-se-ão livres para o amor de Deus e dos irmãos.*

Como? Acolhendo a todos os irmãos (n. 13), construindo um mundo mais fraterno no exercício competente das próprias responsabilidades, no espírito cristão de serviço (n. 14), na promoção da justiça (n. 15), estimando o trabalho a serviço da comunidade humana (n. 16), vivendo o espírito franciscano de paz, fidelidade e respeito à vida na família (n. 17) no respeito às outras criaturas animadas e inanimadas (n. 18).

Tudo isso é promover a paz. Por isso, o número 19 pode dizer: *Como portadores de paz e lembrando-se de que ela deve ser construída incessantemente,*

procurem os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos mediante o diálogo, confiantes na presença do germe divino que existe no homem e na força transformadora do amor e do perdão.

Assim, os irmãos e irmãs serão para todos portadores de alegria e de esperança (cf. n. 19). Quando, então, os franciscanos se saúdam ou saúdam os outros com a saudação *Paz e Bem*, querem desejar tudo isso aos outros e se comprometem a ser no mundo, realmente, instrumentos da Paz e do Bem.

CAPÍTULO III

A vida em fraternidade

1 As fraternidades de vários níveis

Os números 20 a 26 da Regra tratam da vida em fraternidade. Não são meras normas a serem observadas. Para sobreviver como tal e animar a vida de seus membros, a Ordem Franciscana Secular como qualquer associação precisa de algumas normas jurídicas. Vamos analisá-las para que os irmãos e irmãs da penitência possam viver bem a espiritualidade franciscana em fraternidade.

Começemos com o número 20 da Regra que diz:

A Ordem Franciscana Secular se articula em fraternidades de vários níveis: local, regional, nacional e internacional, que têm na Igreja a sua própria personalidade moral. Essas fraternidades dos diversos níveis estão coordenadas e ligadas entre si segundo a norma desta Regra e das Constituições.

1.1 A fraternidade local

Um dos aspectos mais fundamentais da espiritualidade franciscana secular é a fraternidade. Ora, ninguém é irmão ou irmã sozinho. Cada homem ou mulher chamado à vida franciscana busca uma vida em fraternidade. Eles não cultivam a vida evangélica sozinhos, mas, a exemplo de Francisco, querem fazê-lo em comum, isto é, com outros irmãos e irmãs. Todos são aceitos por uma fraternidade local e nela professam. Esta fraternidade local pode ser territorial ou pessoal. Será pessoal, quando pessoas, de lugares diferentes, como, por exemplo, padres seculares, formam uma fraternidade.

Com a Regra de 1978 a Ordem Franciscana Secular tornou-se autônoma, tendo sua organização própria e sendo assistida e não dirigida pela Ordem I e a TOR. A fraternidade local, hoje, tem consciência de que faz parte da Ordem Franciscana Secular, articulada em fraternidades locais, regionais, nacionais e internacional. A fraternidade local constitui a célula primeira de toda a Ordem.

1.2 A fraternidade regional

Certo número de fraternidades locais forma a fraternidade regional. Todos os irmãos e irmãs dessas fraternidades locais formam a fraternidade regional. Esta fraternidade regional será organizada, em cada país, de forma diferente, conforme sua configuração territorial. Pode ser por estados, por regiões, e assim por diante. A Ordem Franciscana Secular, nesse sentido, tem uma organização autônoma, supraobediencial. A OFS do Brasil ou Fraternidade Nacional da OFS está organizada territorialmente em regiões. São atualmente dezesseis fraternidades regionais, agrupadas em seis áreas. Com o tempo elas podem ser desmembradas, formando maior número de fraternidades regionais, como também podem ser reduzidas.

1.3 A fraternidade nacional

As dezesseis fraternidades regionais formam a Fraternidade Nacional da Ordem Franciscana Secular no Brasil. Compõem-na cerca de 17.000 irmãos e irmãs pertencentes a aproximadamente 650 fraternidades locais.

1.4 A fraternidade internacional

As fraternidades nacionais do mundo inteiro formam a fraternidade internacional. Cada irmão ou irmã das fraternidades locais ajuda a formar a grande fraternidade internacional. É a Ordem Franciscana Secular que está presente em quase todo o mundo. Ninguém está sozinho. Todos estão agrupados e unidos entre si pelos laços da fraternidade local, regional, nacional e internacional.

Essas fraternidades, como diz a Regra, estão coordenadas e ligadas entre si segundo a norma da Regra e das Constituições.

Veja CCGG, art. 28 e 29.

2 Vida de penitência no exercício da autoridade

Também no exercício da autoridade os fiéis, religiosos e seculares, são chamados a levar uma vida de penitência, procurando viver este serviço à comunidade segundo os ensinamentos de Cristo, que veio não para ser servido, mas para servir.

Introduzindo este tema válido para todos os chamados a servir aos irmãos e às irmãs em cargos de animação e de governo, lembro duas passagens da segunda recensão da *Carta aos Fiéis* que explicita a “prática dos dignos frutos de penitência”.

A primeira encontra-se no capítulo 5, sobre **Como aqueles que receberam o poder para isso devem julgar os outros:**

Aqueles que receberam o poder de julgar os outros exerçam o julgamento com misericórdia, como eles próprios gostariam de obter do Senhor a misericórdia. Pois, “julgamento sem misericórdia terão os que não fizerem misericórdia (Tg 2,13)”.

A segunda passagem encontra-se no capítulo 7, sobre **Que aquele em cujas mãos foi depositada a obediência, seja como o menor:**

E ninguém é obrigado a obedecer a outro em coisa em que se comete delito ou pecado. Aquele a quem foi confiada a obediência e que é tido como maior seja o menor e servo dos outros irmãos. E faça e tenha misericórdia para com cada um dos irmãos, como gostaria que se lhe fizesse, se estivesse em caso semelhante. Não se ire contra o irmão por causa do pecado dele, mas, com toda a paciência e humildade, admoeste-o e benignamente o apoie.

A questão do exercício da autoridade manifesta-se muito aguda a partir do novo tipo de organização da OFS, após a Regra de Paulo VI em que ela se tornou autônoma também no seu governo.

Na hora em que é devolvida à Ordem Franciscana Secular a justa autonomia de governo parece que os franciscanos seculares devem ser ajudados para que se garanta o espírito evangélico de sua forma de vida também no exercício da autoridade.

Sabemos o quanto o poder é fascinante e tentador. Muitas vezes chega a ser disputado, mesmo entre os irmãos franciscanos seculares e religiosos. Há pessoas que se agarram a ele, dele se apossam, sem a mínima vontade de largá-lo. Sofrem terrivelmente quando não são reconduzidos ao cargo ou não conseguem ser eleitos. Devemos, pois, ajudar os irmãos no exercício da autoridade, espelhando-nos no exemplo do próprio Cristo, que veio não para ser servido, mas para servir (cf. Mc 10,45), e no exemplo de Francisco, que aprendeu de Cristo a colocar-se a serviço dos irmãos com toda a humildade, vendo nos cargos uma função de lava-pés dos irmãos.

O problema está em compreender na prática como o exercício da autoridade constitui para as fraternidades da OFS nos diversos níveis, espiritualidade franciscana secular, sobretudo no que se refere às eleições nas fraternidades, e ao exercício da autoridade no governo das mesmas. As eleições

e o governo nas fraternidades constituem um belo exercício de formação política e de formação para o exercício da cidadania.

2.1 Político e cidadão

Duas palavras que, no fundo, significam a mesma coisa. **Política** tem a ver com **polis**, cidade em grego; e **cidadão** tem a ver com **cives**, cidadão em latim. Assim, política e cidadania, no fundo, significam a mesma coisa: o serviço à cidade, o interesse pela cidade, pelo bem comum. A verdadeira política é a arte de buscar o bem comum para os cidadãos, para a comunidade.

2.2 Política

Infelizmente entre nós a palavra política perdeu todo este sentido positivo de servir ao bem comum, de governo em benefício da comunidade. Virou sinônimo de politicagem, de exploração do povo em proveito próprio, de luta pelo poder, por posições, por fama. A política aparece como algo desonesto, quando, no fundo, é o mais nobre exercício da cidadania.

Todo ser humano é chamado a ser político, em sendo um ser social e solidário. Quem afirma que não se mete em política já está tomando uma atitude política.

2.3 O franciscano secular: fraternidade e política

A política com P maiúsculo visa justamente uma sociedade, uma comunidade fraterna, a fraternidade. Esta, por sua vez, para que aconteça, tem como pressupostos a justiça e a paz.

A forma de vida evangélica dos franciscanos seculares tem estes dois pressupostos bem explícitos. Basta ver os números 15 a 19 da Regra:

Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana, bem como por iniciativas corajosas, quer individuais quer comunitárias, na promoção da justiça, particularmente no âmbito da vida pública, comprometendo-se com opções concretas e coerentes com sua fé (n. 15). Como portadores de paz e lembrando-se de que ela deve ser construída incessantemente, procurem os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos mediante o diálogo, confiantes na presença do germe divino que existe no homem, e na força transformadora do amor e do perdão (n. 19).

Afinal, todos os números da Regra, desde o número 13 até o 19, querem levar a construir uma comunidade fraterna em todas as manifestações da vida pública e familiar, inclusive no âmbito do mundo do trabalho (n. 16) e da família (n. 17). O franciscano secular é chamado a fazer de todo o mundo uma moradia digna do ser humano, através de uma ação ecológica (cf. n. 18).

2.4 O exercício da autoridade

Também em suas fraternidades, os franciscanos seculares são chamados a exercerem a política: a busca do bem comum, o serviço ao bem comum da fraternidade.

No capítulo III sobre a vida em fraternidade diz a Regra:

Nos diversos níveis, cada fraternidade é animada e conduzida por um Conselho e um Ministro (ou Presidente) que são eleitos pelos professos, de acordo com as Constituições. Seu serviço, que é temporário, é um cargo de disponibilidade e de responsabilidade em favor de cada membro e dos grupos (n. 21). Isso numa ótica evangélica franciscana.

Podemos distinguir dois aspectos do exercício da política na vida das fraternidades: o exercício da autoridade na constituição dos governos das fraternidades através das eleições e o governo propriamente dito das fraternidades.

Tanto a eleição para cargos na Ordem como o governo constituem um exercício do poder. Podem e devem ser vividos como espiritualidade. Podem, além disso, ser um meio de formação para a cidadania, para o exercício da dimensão política da vida cristã.

Jesus disse que todo poder lhe foi dado no céu e na terra. E fez os apóstolos participantes desse poder. O poder é um dom, um carisma. Sem poder ninguém faz nada. O problema é o uso que fazemos do poder. Usamos o poder para oprimir, para dominar, ou para servir, para fazer crescer, isto é, como autoridade? Neste ponto, Francisco aponta para o Evangelho e para Jesus Cristo. O “superior” que governa deve estar a serviço, ser o menor.

a) O exercício da autoridade nas eleições: Conforme São Francisco, os dirigentes da Ordem, chamados ministros, custódios, guardiães, termos que indicam serviço, são eleitos em nome do Senhor. Trata-se de um capítulo eletivo, realizado como celebração. Constitui um ato de culto, uma comemoração de um mistério de Cristo, memória que torna este mistério

presente. É chamado capítulo, porque nestas reuniões dos frades se lia algum capítulo, algum trecho do Evangelho ou da Regra.

Toda a terminologia de Francisco em relação aos que são constituídos no serviço aos irmãos realça o aspecto do serviço, a exemplo e conforme os ensinamentos de Jesus Cristo. Pela eleição, os eleitores colocam a serviço dos irmãos e irmãs o próprio Cristo, que veio não para ser servido, mas para servir. Os dirigentes e animadores das fraternidades representam a presença de Cristo que serve, que lava os pés dos irmãos (cf. Jo 13,12-17). É-lhes dada a graça de servir, de lavar os pés dos irmãos.

Na eleição, toda a fraternidade – na local, diretamente e nos outros níveis por delegação – exerce a autoridade de governo da fraternidade. Todos se tornam responsáveis pelo bem comum da fraternidade, elegendo irmãos e irmãs idôneos para animar e dirigir a fraternidade. Por isso, são chamados a elegerem os melhores, os mais idôneos, que, inclusive, possam dar testemunho da forma de vida evangélica franciscana secular que professaram.

Através da eleição, todos os irmãos e irmãs que têm o direito da eleição estão exercendo o ministério de governo da fraternidade. São presença de Cristo que serve. Através do capítulo eletivo comemora-se e torna-se presente o Cristo que veio não para ser servido, mas para servir. Tornam presente Jesus Cristo que ensina, que guia, que alimenta, que cuida, que cura, que reconcilia, que se manifesta como bom pastor.

O cargo na fraternidade normalmente não é postulado e, muito menos, disputado. A luta pelo poder não é evangélica. Aos apóstolos, que discutiam sobre quem deveria ser considerado o maior, Jesus diz:

Os reis das nações imperam e os que exercem autoridade são considerados benfeitores. Não seja assim entre vós, mas o maior seja como o menor, e quem manda como quem serve. Pois quem será o maior, quem está sentado à mesa ou quem serve? Não é quem está sentado à mesa? Pois estou em vosso meio como quem serve (Mc 10,42-44).

Por isso, a pessoa não se candidata nem procura uma função de autoridade. Mas a pessoa é indicada, é candidatada pelos irmãos e irmãs, que manifestam sua preferência pelo voto. Voto, no fundo, significa desejo, preferência, escolha. A pessoa é eleita e, então, é enviada para um serviço em favor da fraternidade. Ela recebe a graça de servir, de lavar os pés dos irmãos e irmãs. Representa o Cristo na atitude de serviço, de lava-pés.

b) O exercício da autoridade no governo: Quem exerce a função de serviço à fraternidade em seu modo de ser e de agir há de espelhar-se no Cristo,

servo de todos. Procurará identificar-se com o Cristo que serve. Há de ser uma presença forte do próprio Cristo. Em espírito fraterno, considerado idôneo pelos irmãos e irmãs, não há de eximir-se desse encargo, a não ser por motivos graves como a falta de disponibilidade de tempo ou razões que prejudicassem gravemente sua condição secular como a família ou a profissão. Não constitui justificativa para não aceitar um cargo na fraternidade o fato de o irmão ou a irmã pertencer a outras associações ou movimentos, pois o serviço à Ordem, no caso, é prioritário; nem o fato de participar de pastorais da Igreja como catequese, ministro do culto, ministro extraordinário da Comunhão eucarística. Tudo isso nem é próprio do leigo, do secular.

Dizer que não tem capacidade também não vale; quem julga isso são os irmãos que votam; eles o conhecem. Nestes serviços a gente aprende, fazendo.

Não sou digno, poderá dizer outro irmão ou irmã! Não é preciso ser perfeito. Importa esforçar-se por viver como irmão ou irmã da penitência. É contra a pobreza e a fraternidade tirar simplesmente o corpo fora.

Certamente, constituem motivos para não aceitar um cargo de serviço à fraternidade, problema sério de saúde ou falta de disponibilidade de tempo por motivo do seu estado de vida ou profissional, no caso dos seculares. Negar-se a prestar um serviço aos irmãos e irmãs seria uma falta contra a fraternidade e a pobreza.

Por outro lado, a pessoa não deve apegar-se ao cargo. Diz São Francisco na Quarta exortação:

Não vim para ser servido, mas para servir (Mt 20,28), diz o Senhor. Os que estão constituídos sobre os outros não se vangloriem dessa superioridade mais do que se estivessem encarregados de lavar os pés aos irmãos. E se a privação do cargo de superior os perturba mais que a privação do encargo de lavar os pés, amontoam para si tanto mais riquezas com perigo para sua alma.

Apegar-se a cargos e funções é tornar-se rico, é faltar à santa pobreza.

Um encargo na fraternidade, em qualquer nível, pode e deve ser exercido por um franciscano secular como exercício de espiritualidade. Pode ser expressão da vida de conversão evangélica à maneira de São Francisco. É um ato religioso na fé; constitui a vivência de um mistério de Cristo, do Cristo que serve. Torna-se uma ação de graças ao próximo. É a espiritualidade do serviço a exemplo de Cristo.

Nesta perspectiva evangélica de serviço, a constituição dos dirigentes das fraternidades pelos irmãos e irmãs, através de eleição, manifesta-se como belo exercício de formação para a cidadania, onde o poder, o governo, aparece e é

exercido como serviço a todos os irmãos, colocando acima de tudo o bem comum, o bem de todos.

Tanto a formação inicial como a permanente tem a incumbência de formar os irmãos e irmãs para o exercício da autoridade, tanto nas eleições como no governo das fraternidades. Aos governos de nível superior, Conselho Nacional e Conselho Regional, compete dar o exemplo e serem os primeiros a se ocuparem da formação de todos os irmãos e irmãs das fraternidades locais para exercerem a autoridade no espírito do Evangelho mostrado por Francisco.

3 A organização das fraternidades

O número 21 trata da organização das Fraternidades Franciscanas Seculares, sobretudo do seu governo:

Nos diversos níveis, cada fraternidade é animada e conduzida por um Conselho e um Ministro (ou Presidente) que são eleitos pelos professos, de acordo com as Constituições.

Seu serviço, que é temporário, é um cargo de disponibilidade e de responsabilidade em favor de cada membro e dos grupos.

As fraternidades, internamente, se estruturam de modo diverso, de acordo com as Constituições, segundo as variadas necessidades dos seus membros e das suas regiões, sob a moderação do respectivo Conselho.

3.1 O Conselho e o Ministro são eleitos

O governo, na Ordem Franciscana, constitui sempre um serviço aos irmãos e irmãs e é constituído por eleição pelos membros professos da fraternidade. Isto posto, para Francisco todo governo, conforme o Evangelho, é um serviço. Assim, a autoridade maior numa fraternidade são todos os irmãos e irmãs reunidos em Capítulo. O Capítulo se reúne para discutir, apreciar e decidir sobre questões que se referem à vida da fraternidade. Depois, vem o Conselho, que é coordenado por um Ministro ou Presidente. Finalmente, o Ministro que coordena tanto o Capítulo como o Conselho. Na Ordem Franciscana Secular ninguém é dono de nada. Ninguém é senhor. Todos são chamados a servir.

Podemos dizer que, no Conselho, cada um de seus membros tem uma dupla função: a específica de seu cargo e a função de conselheiro. Assim, o Ministro tem a função de coordenar todos os trabalhos e serviços do Conselho e a de conduzir a vida da fraternidade: animar e conduzir a fraternidade e cada

um de seus membros, segundo a Regra, as Constituições, os Estatutos e os Regimentos particulares. O vice-ministro tem a função própria de vice-ministro e a de conselheiro; o secretário, a de secretário e a de conselheiro; o tesoureiro, a função própria de tesoureiro e a de conselheiro. O Mestre de Formação, a de coordenar a formação e a de conselheiro, e assim por diante. O Assistente também tem dupla função. É membro do Conselho e tem a função própria do Assistente: representa a autoridade da Igreja e da Ordem. Sua função é, antes de tudo, a de promover a comunhão com a Igreja e a de fomentar o carisma franciscano secular.

Ao Conselho como um todo compete elaborar um plano de ação, a partir das prioridades do Capítulo, da Regra, das Constituições Gerais e do Estatuto Nacional.

Cada coordenadoria também há de elaborar um plano de ação, com o auxílio de todo o Conselho e de assessorias, se for necessário.

Estes planos de ação são aprovados e assumidos por todo o Conselho para sua execução. Os coordenadores de coordenadorias não podem ficar isolados, sozinhos, fazendo um trabalho paralelo. Ainda é aconselhável que as coordenadorias do SEI, da CODHJUPE, e a tesouraria elaborem um plano em conjunto com a coordenadoria de formação, pois todos esses aspectos fazem parte da formação inicial e permanente. O tesoureiro não é um mero contador, mas alguém que ajuda na formação dos irmãos e irmãs no que tange ao bom uso dos bens materiais, conforme os números 11 e 25 da Regra.

Todo o Conselho sob a coordenação do Ministro é responsável pela execução do plano de ação. Os visitantes, por exemplo, vão às fraternidades locais ou regionais para trabalhar os planos de todos os setores ou coordenadorias do Conselho Regional.

É importante que os planos de ação tenham um objetivo claro, um plano de ação concreto e cronograma definido. O plano será do Conselho com seu ministro, que coordena tudo. *Coordena* tudo e não *faz* tudo.

Por isso, convém que, depois de eleito, o Conselho se reúna por tempo suficiente com o Ministro, para melhor conhecimento da OFS e, a partir daí, elabore um plano de ação ou um plano de governo.

3.2 Um serviço temporário

Francisco compreendeu muito bem que toda autoridade, segundo o Evangelho, constitui um serviço aos irmãos. Jesus mesmo disse que veio para servir e não para ser servido. E se o Filho do Homem deu o exemplo, os seus

discípulos devem fazer o mesmo. Por isso, Francisco queria que todos os ofícios e toda autoridade na Ordem recebessem o nome de serviço: ministro, custódio, guardião.

Ter cargos na Ordem, diz São Francisco, é como ter a incumbência de lavar os pés dos irmãos. Apegar-se aos cargos é sinal de riqueza, de apego, de ganância.

3.3 A organização interna da fraternidade

A terceira parte do número 21 fala da organização interna da fraternidade. É importante perceber que a fraternidade, hoje, não precisa ser um monobloco. O franciscanismo tem muito respeito pelos indivíduos e as pessoas. Por isso mesmo, a organização interna da fraternidade deve adaptar-se às diversas circunstâncias. Quem sabe, por causa do horário de reuniões, podem existir grupos diversos na fraternidade. Quem disse que a fraternidade deve reunir-se sempre aos domingos? Quem sabe, devemos partir para fraternidades que se reúnam à noite. Talvez a fraternidade deva ser organizada em grupos como: casais, jovens, grupo de oração. Importante é que todos esses grupos sejam orientados pelo Conselho da fraternidade e que, algumas vezes por ano, haja o encontro de todos os membros da fraternidade. Não é necessário que todos se encontrem juntos, todos os meses. Às vezes, por falta de maleabilidade na organização interna das fraternidades, impede-se seu crescimento e mesmo o surgimento de novas fraternidades.

Veja CCGG, art. 31 a 34.

4 A vida eclesial na fraternidade local

O número 22 fala da fraternidade como célula primeira de toda a Ordem e sinal visível da Igreja:

A fraternidade local deve ser erigida canonicamente, e assim ela se torna a célula primeira de toda a Ordem e um sinal visível da Igreja, comunidade de amor. Ela deverá ser o ambiente privilegiado para desenvolver o sentido eclesial e a vocação franciscana e ainda para animar a vida apostólica de seus membros.

4.1 A ereção canônica

Sendo a Ordem Franciscana Secular uma associação pública na Igreja, deve ser canonicamente ereta. Isto é, quem funda uma fraternidade é a autoridade da Igreja, que no caso é representada por um Ministro Provincial da Ordem I, ou da III Ordem Regular.

Através da ereção canônica a fraternidade se liga à orientação da Igreja, com todas as consequências de uma associação pública prevista no Direito Canônico. Aceitando esta ereção canônica, a fraternidade é também acolhida e defendida pelas autoridades da Igreja como célula primeira de toda a Ordem e um sinal visível da Igreja.

4.2 A fraternidade local, comunidade de amor

Comunidade de amor não de homens e de mulheres perfeitos na caridade, mas que buscam a perfeição do amor fraterno, ajudados por todos os meios que a Igreja lhes oferece, sobretudo a assistência espiritual: a formação, a orientação, a condução na fé e a vida sacramental.

4.3 Ambiente privilegiado para desenvolver o sentido eclesial

A forma de vida franciscana constitui uma verdadeira escola de vida eclesial. Basta inspirar sua vida na de Jesus Cristo, vivendo a conversão segundo o Santo Evangelho, a exemplo de São Francisco, para que, nas Fraternidades Franciscanas Seculares, se gerem bons cristãos. Cristãos que vivam a fé da Igreja, inspirados na Palavra de Deus e na Tradição da Igreja. Cristãos que sigam os ensinamentos do magistério da Igreja; cristãos que pratiquem a vida sacramental; cristãos, enfim, que participem da vida apostólica da Igreja em todos os sentidos. Os franciscanos seculares são cristãos que estão em sintonia com a Igreja universal, com o Papa, os Bispos, com a Igreja diocesana e a vida da comunidade paroquial.

4.4 Ambiente privilegiado para desenvolver a vocação franciscana

Isso não só no tempo da iniciação à vida franciscana, mas em toda a vida dos franciscanos seculares. A vida cristã e eclesial dos franciscanos é continuamente cultivada na fraternidade, tanto na formação franciscana teórica como na prática. A Regra e as Constituições são permanentemente

estudadas e meditadas. A vida de Francisco como seguidor de Jesus Cristo é continuamente apresentada aos irmãos e às irmãs da penitência. Isso desperta nos irmãos e nas irmãs o desejo de observarem o Santo Evangelho segundo o exemplo de São Francisco de Assis no seguimento de Cristo. E comparando a própria vida com a de Francisco, brota sempre de novo o desejo de se assemelhar mais a Cristo.

Mas esta vocação franciscana não é cultivada, apenas, na busca do seguimento de Cristo a exemplo de Francisco. É buscada também de modo muito prático no convívio com os irmãos e as irmãs. O convívio fraterno realiza-se, sobretudo, pelas reuniões da fraternidade. Pela busca da vontade de Deus em comum, na escuta da Palavra de Deus, na oração em comum, na confraternização, na edificação mútua pelo exemplo. Pela aceitação mútua, pelo serviço fraterno, pela ajuda mútua, pelo perdão, pela correção fraterna. A fidelidade dos mais velhos transforma-se em incentivo para os mais jovens. O entusiasmo de vida evangélica dos mais moços renova a busca da perfeição dos mais velhos.

4.5 Ambiente privilegiado para animar a vida apostólica de seus membros

A edificação mútua não se restringe à busca da piedade ou das virtudes cristãs a exemplo de Francisco. A fraternidade é também lugar privilegiado para animar a vida apostólica. Francisco é apresentado como modelo de vida apostólica: é preciso levar aos outros o que se contemplou. Na fraternidade, sobretudo nas reuniões, se descobre que a vida cristã é apostólica, que é preciso participar da ação apostólica da comunidade diocesana e paroquial (n. 6); os irmãos e irmãs são incentivados ao apostolado pelo exemplo dos irmãos e das irmãs.

E não só. O estudo da Regra leva os irmãos e as irmãs a descobrirem os diversos campos de apostolado descritos nos números 14 a 19 da Regra. Tudo isso é oferecido pela vida em fraternidade. Daí, a necessidade de cultivá-la intensamente.

Veja CCGG, art. 46 e 47.

5 A incorporação e a perseverança na fraternidade

A incorporação na fraternidade realiza-se por um processo teórico e prático que compreende várias etapas. Deste processo dinâmico da entrada e perseverança na fraternidade trata o número 23 da Regra:

Os pedidos de admissão à Ordem Franciscana Secular são apresentados a uma fraternidade local, cujo Conselho decide sobre a aceitação dos novos irmãos.

A incorporação na fraternidade se realiza mediante um período de iniciação, um tempo de formação de, ao menos, um ano, e pela Profissão da Regra. Em tal itinerário gradual está empenhada toda a fraternidade, também no seu modo de viver. Quanto à idade para a Profissão e ao sinal distintivo franciscano, é assunto a ser regulado pelos Estatutos.

A Profissão, por sua natureza, é um compromisso perpétuo.

Os membros que se encontram em dificuldades particulares cuidarão de tratar dos seus problemas com o Conselho em diálogo fraterno. O afastamento ou a exclusão definitiva da Ordem, se realmente necessária, é ato de competência do Conselho da fraternidade, de acordo com a norma das Constituições.

Podemos dizer que este número descreve toda a caminhada dos irmãos e irmãs em sua vocação franciscana.

5.1 O pedido de admissão

O pedido de admissão é apresentado a uma fraternidade local. Este pedido pode ser aceito ou rejeitado. Isso depende do Conselho da fraternidade local. O Conselho deverá apoiar-se em alguns critérios. Os principais serão: a fé católica, a prática dos sacramentos da Igreja, o mínimo equilíbrio psicológico, a capacidade de convivência num grupo, inclusive, uma idade adequada para isso.

5.2 O período de iniciação

Uma vez admitido, o candidato inicia o processo de incorporação na fraternidade. Trata-se de um aprendizado teórico e prático da vida, segundo o Santo Evangelho à maneira de Francisco.

Temos, primeiramente, o **período de iniciação**. Neste período, que entre nós costuma durar de um a dois anos, o candidato, ajudado por um mestre de formação, procura adquirir, se necessário, uma formação cristã mais adequada e o conhecimento da vida e dos ideais de São Francisco.

5.3 O tempo de formação

Aqui se trata, sobretudo, da formação franciscana. O **tempo de formação** deve levar ao menos um ano, conforme a Regra. Trata-se de uma iniciação teórica e prática na vida franciscana. Iniciação à espiritualidade franciscana, iniciação à vivência da Regra e introdução prática na vida da fraternidade. Neste processo, o candidato é conduzido por um mestre ou mestra de formação. Mas, desse processo deve participar toda a fraternidade, sobretudo, pelo exemplo de vida. No Brasil este tempo de formação tem a duração de dois anos.

5.4 A Profissão da Regra

Através da Profissão da Regra encerra-se o processo de incorporação na fraternidade. Daí por diante ele ou ela é membro da fraternidade com todos os direitos e deveres. É verdade que, conforme o Ritual, a profissão definitiva pode ser precedida pela profissão temporária que, por sua vez, pode ser renovada duas vezes por um ano.

5.5 A Profissão é um compromisso perpétuo

Esta afirmação deve ser bem compreendida. Claro que uma profissão temporária por um ano tem valor jurídico por um ano. Se não for renovada, perde o seu valor. Quando se diz que a Profissão por sua natureza é um compromisso perpétuo, quer dizer que a vida segundo o Evangelho, à maneira de São Francisco, não é um compromisso por certo tempo da vida. Quer dizer que constitui um estado de vida que se prolonga até à morte. Um estado de vida que vai desabrochando. Supõe uma vocação para a vida toda e, como tal, ela é aceita pela Igreja.

5.6 A perseverança na vocação

A caminhada na vocação franciscana pode passar por crises. Nestes casos a Regra aconselha que os irmãos e irmãs recorram ao Conselho. Não esquecer que o Assistente faz parte do Conselho. Que os irmãos e as irmãs se dirijam ao Conselho com grande confiança para buscar auxílio. Os Conselheiros são convidados a agirem com compreensão, bondade, misericórdia e discrição.

5.7 Afastamento temporário e exclusão definitiva

Há circunstâncias que podem levar um irmão ou irmã a afastar-se da fraternidade temporária ou definitivamente. Isso pode acontecer por circunstâncias de trabalho, de necessidade de habitar em outra parte, por infidelidade ou outras circunstâncias particulares. O Conselho da fraternidade, de acordo com as Constituições, há de analisar cada caso.

A exclusão definitiva pode dar-se a pedido do irmão ou da irmã, por iniciativa do Conselho, havendo motivos para tanto. Na exclusão definitiva, o irmão ou irmã ficam dispensados das obrigações assumidas na Profissão.

Veja CCGG, art. 37 a 42.

6 Valor da Profissão na OFS

A Regra da OFS fala várias vezes de **Profissão**. Professar significa atestar, testemunhar, proclamar em público. Qual o sentido da Profissão na OFS? Qual o seu valor?

Vejamos o que nos dizem a Regra e o Ritual da Ordem.

6.1 A Regra

Em fraternidades católicas, espalhadas pelo mundo inteiro e abertas a todos os grupos de fiéis, *os irmãos e as irmãs, impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja* (Regra 2).

No número 6 a Regra lança mais uma luz sobre o sentido da profissão dos irmãos e irmãs franciscanos seculares:

Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja, e a ela mais fortemente ligados pela Profissão, tornem-se testemunhas e instrumentos da sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra.

No número 23 se diz:

A Profissão, por sua natureza, é um compromisso perpétuo.

A Profissão constitui, portanto, um compromisso assumido para toda a vida.

6.2 O Ritual

Falando da Profissão, diz o novo Ritual:

Muitos homens e mulheres, casados e solteiros, e muitos sacerdotes diocesanos são chamados por Deus a trilhar o caminho da perfeição evangélica, seguindo o exemplo e a maneira de viver de São Francisco de Assis, participando do seu carisma e tornando-o presente no mundo. Para isso, prometem seguir a Jesus Cristo e viver o Evangelho em fraternidade, ingressando na Ordem Franciscana Secular. Deste modo, manifesta-se neles o dom inestimável do Batismo e de maneira cada vez mais plena e frutuosa se leva esse dom à perfeição (Ritual da OFS, n. 1).

Assim, na Profissão, *os franciscanos seculares, congregados em fraternidade e em união de espírito com todo o Povo de Deus, celebram o mistério da salvação, que lhes foi revelado e comunicado em Cristo. Fazem-no com as suas orações, ações de graças e a renovação das suas promessas de vida nova* (Ritual da OFS, n. 3).

6.3 Algumas considerações

A Profissão é caracterizada como um compromisso de vida evangélica a exemplo de São Francisco e conforme a Regra por toda a vida. Constitui um modo de viver a consagração batismal. É caracterizada também pela sua natureza secular.

A Profissão, ou Compromisso de vida evangélica, distingue-se da Profissão religiosa pelo seu caráter secular e pelo fato de os irmãos e irmãs seculares não fazerem votos de obediência, pobreza e castidade. Prometem, sim, viver estas virtudes, no espírito das bem-aventuranças e dos conselhos evangélicos, conforme a Regra, números 10 a 12. Os seculares não fazem votos, mas comprometem-se com Deus e com a Igreja a viverem o Evangelho segundo a Regra. Comprometem-se a viver como profissionais da vida segundo o Evangelho, segundo Francisco e a Regra interpretada pelas Constituições e os Estatutos.

O profissional deve manifestar publicamente competência da profissão, ser reconhecido como tal e responder pelo que faz diante da comunidade. Comprometem-se ainda a buscar a perfeição da caridade, vivendo esta forma de vida segundo o Evangelho, durante toda a vida. Daí a importância de se saber o que se vai prometer e cultivar, permanentemente, a forma de vida professada.

Por isso, *“através do sacerdote e do Ministro, que representa a fraternidade, a Igreja recebe o compromisso e a profissão daqueles que abraçam a vida e a Regra da Ordem Franciscana Secular. Por sua oração pública, pede para eles os auxílios e a graça de Deus; invoca sobre eles sua bênção e une seu compromisso ou profissão ao sacrifício eucarístico”* (Ritual da OFS, n. 9).

7 Formação para uma vida de penitência

O processo de incorporação numa fraternidade suscita nossa atenção sobre a necessidade da formação em geral e em especial da formação franciscana. Se a forma de vida consiste na vida de penitência ou de conversão evangélica, à maneira de São Francisco de Assis, devemos perguntar-nos sobre o que significa **formação** e qual o seu objetivo.

7.1 Nova compreensão do que seja formação

A partir do Concílio Vaticano II e da volta às fontes na renovação da vida religiosa em geral e, particularmente, da vida franciscana, o próprio conceito de formação passou por profunda transformação.

A formação se distingue da educação, um conceito mais amplo aplicado, sobretudo, à primeira fase da vida do ser humano, do nascimento até à idade adulta. Educação é compreendida mais como preparação e encaminhamento para a vida humana plena, ao passo que formação significa principalmente a aquisição de algum conhecimento teórico ou prático para fazer algo na vida, como, por exemplo, o exercício de uma profissão.

Mas, particularmente, na vida religiosa franciscana, a palavra *formação* começou a ser relacionada, sobretudo, com *forma de vida*.

A formação é tida, pois, como *iniciação* e *cultivo* de uma *forma de vida* e, no caso do franciscanismo, a *Forma de vida segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco*.

Para compreendermos e pormos em prática tal formação, precisamos superar toda uma herança cultural que, sobretudo, no Brasil, compreende a formação como aquisição de conhecimentos e técnicas para exercer alguma atividade. Por isso, ela costuma ser apenas inicial. O seu objetivo é um diploma. Tendo-o adquirido, a pessoa se considera formada. Daí a formatura. Tal pessoa é formada.

Infelizmente, isto se verifica também no campo religioso. Quando a criança fez a Primeira Comunhão ela já se considera formada. E também a compreensão de seus pais. A consequência disso é uma vida cristã infantil ou adolescente na maioria dos católicos.

7.2 Formação franciscana

A formação como é entendida sobretudo na vivência do carisma e da espiritualidade franciscanas, isto é, como processo de iniciação numa *forma de vida* e como aprofundamento e cultivo permanente *desta Forma de vida*, perpassa a vida toda. Por isso se fala, hoje, de formação permanente que perdura até o fim da vida. A própria formação chamada inicial faz parte da formação permanente, constitui o início da formação permanente.

A questão da formação franciscana adquire importância particular quando se aborda a questão do apostolado ou da evangelização, hoje tão em voga, e quando se procura, em todas as Entidades da Família Franciscana, elaborar um Plano de Evangelização.

Subjacente à preocupação de formação para o apostolado ou a evangelização podemos encontrar uma questão de fundo, ou seja: *A formação do franciscano, a formação da franciscana*, tanto a formação inicial como a permanente ou a formação permanente, incluída nela a inicial, como se prefere dizer hoje.

7.3 Formação franciscana para o apostolado

Se aceitamos que a primeira forma de apostolado ou a primeira forma de evangelização consiste na vivência e no testemunho de Frade Menor, de Irmã Pobre ou de Irmão e Irmã da Penitência, então o grande critério para definir os campos de apostolado ou de evangelização será a formação do franciscano e da franciscana, formação no sentido de permanente cultivo e aperfeiçoamento em sua *forma de vida*.

A Regra da OFS coloca a compreensão da penitência na linha da *forma de vida* segundo o Evangelho:

Como “irmãos e irmãs da penitência” [...] conformem o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão” (Regra 7).

A profissão consiste em sermos franciscanos e franciscanas, Frades Menores, Irmãs Pobres, Irmãos e Irmãs da Penitência, à maneira de São Francisco de Assis. Somos chamados a ser profissionais sempre mais qualificados do ser franciscano, com tudo o que isso comporta. Formar-se e formar para isso é cultivar, é viver esta *forma de vida*.

Isto comporta uma vida segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco de Assis. Nesta forma de viver segundo o Santo Evangelho, podemos realçar alguns elementos essenciais:

Observar o Santo Evangelho é, antes de tudo, **fazer penitência**, levar uma vida de penitência ou de conversão evangélica, como a entendeu e praticou Francisco.

A partir da renovação da vida franciscana pela volta às fontes, acentuou-se muito a fraternidade, o minorismo e a apostolicidade, como elementos constitutivos do carisma e da espiritualidade franciscana. Depois, descobriu-se que a contemplação deve integrar esta espiritualidade e animá-la.

Parece que, ao raiar do terceiro milênio, estamos sentindo falta do suporte essencial para os elementos ou dimensões do carisma franciscano. Está-se descobrindo que o elemento inspirador e fundante é a *penitência ou vida de conversão evangélica*. São Francisco o deixa claro no Testamento, quando escreve: *Foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, começar a fazer penitência* (Testamento, 1). E mais adiante, diante do fato de o Senhor lhe ter dado irmãos, Francisco diz: *E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu o fiz escrever com poucas palavras e de modo simples e o senhor Papa mo confirmou.*

Já vimos também que na *Carta aos Fiéis* (primeira recensão), no item *Dos que fazem penitência*, Francisco explica em que consiste a vida de penitência ou de conversão evangélica. Resumindo: É amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo, odiar o próprio corpo com seus vícios e pecados e receber o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e fazer dignos frutos de penitência.

No fundo, é buscar em tudo a Deus, seguindo os ensinamentos e exemplos de Nosso Senhor Jesus Cristo. Buscar sempre e em tudo a face do Senhor. Evitar o mal e fazer o bem. Segue-se uma bem-aventurança daqueles e daquelas que vivem uma vida de penitência: *Quão felizes e benditos os que assim fazem e assim perseveram, porque sobre eles repousará o Espírito do Senhor, que neles fará morada. Estes são filhos do Pai celeste, fazem as obras do Pai, são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo.*

Pela penitência ou conversão evangélica as pessoas são mergulhadas no mistério da Santíssima Trindade. Estamos diante de uma compreensão muito positiva da penitência ou da vida de penitência ou de conversão evangélica.

Para os Frades Menores Francisco sintetiza esta vida no capítulo III da Regra: **Do Ofício Divino, do jejum e de como os irmãos devem ir pelo mundo**. Constitui uma síntese da vida de penitência. A oração, o jejum e o modo de ir pelo mundo como frades menores constituem exercícios de penitência, ou de conversão evangélica.

Esperava-se a trilogia bíblica e eclesial dos exercícios da observância quaresmal da penitência: oração, jejum e esmola. Mas Francisco e os frades são chamados a serem menores, a não terem nada de próprio. Como o Frade Menor não tem o que dar de esmola, ele mesmo deve ser a esmola, é chamado a doar-se a si mesmo através do amor fraterno no modo de ir pelo mundo, isto é, como irmão menor. Os outros capítulos da Regra dão indicações de como viver como frade menor nas diferentes circunstâncias da vida em fraternidade e das tarefas no mundo a serviço do Reino de Deus.

7.4 A oração-contemplação, a minoridade, a fraternidade e o apostolado como exercícios de penitência ou conversão evangélica

A vida de **contemplação-oração**, expressa pelo Ofício Divino, o **minorismo** que engloba o viver sem nada de próprio, a vida em castidade, do não casamento por causa do Reino de Deus, expressa pela atitude de jejum, e o **apostolado**, expressa pelo modo de ir pelo mundo como esmola para todos, a **fraternidade** e o testemunho do **amor fraterno**, constituem exercícios de penitência ou de conversão evangélica, centrada no seguimento do Cristo pobre e crucificado e no conformar-se com ele, à maneira de Francisco. O que realmente anima tal *forma de vida* é a penitência, ou conversão evangélica.

Todo este conjunto de elementos como oração, fraternidade, minoridade e apostolado é englobado no conceito de evangelização, compreendida no sentido forte e amplo, apresentado por Paulo VI na Exortação Apostólica **Evangelii Nuntiandi**. Trata-se de *evangelizar-se e evangelizar* sendo homens e mulheres que, por inspiração divina, vão pelo mundo como homens e mulheres orantes, em atitude de jejum, sendo esmola para todos.

8 O exercício da vida em fraternidade

Ninguém pode dizer que vive em fraternidade se não exercitar vida em fraternidade. O número 24 da Regra apresenta o que se considera necessário para que haja uma vida em fraternidade:

Para fomentar a comunhão entre os membros, o Conselho organize reuniões periódicas e encontros frequentes, inclusive com outros grupos franciscanos, especialmente de jovens, adotando os meios mais apropriados para um crescimento na vida franciscana e eclesial, estimulando a cada um à vida de fraternidade. Uma tal comunhão prossegue com os irmãos falecidos mediante o oferecimento de sufrágios por suas almas.

8.1 As reuniões periódicas

A Regra fala de reuniões periódicas e de encontros frequentes. No primeiro caso se trata das reuniões dos membros da fraternidade. Elas devem ser periódicas. Na tradição secular elas são mensais. Poderão, certamente, ser mais frequentes, mas não convém sobrecarregar. A experiência mostra que reuniões por demais frequentes e obrigatórias podem levar ao cansaço e até à morte da fraternidade.

A vida franciscana secular não é conventual nem monástica. A vida em fraternidade é mais ampla do que o convívio sob o mesmo teto. Contudo, as reuniões periódicas são de máxima importância para fomentar a comunhão entre os membros da fraternidade.

8.2 A finalidade das reuniões periódicas

Conforme a Regra estas reuniões periódicas têm várias finalidades. A primeira é a de estimular a comunhão entre os membros. Depois, a de promover o crescimento na vida franciscana e eclesial. Finalmente, o estímulo para a vida apostólica. Tudo isso exige uma presença, um convívio dos irmãos e irmãs.

8.3 O conteúdo de uma reunião da fraternidade

Para que as reuniões periódicas possam atingir o seu objetivo as reuniões deverão constar de alguns elementos essenciais. A comunhão se cultiva pelo encontro que constará, certamente, de intercâmbio de experiências pessoais, da escuta da Palavra de Deus, do aprofundamento da forma de vida, da oração e

da confraternização. Pode-se pensar também em planejamento de tarefas apostólicas.

Já que as reuniões buscam um crescimento na vida franciscana e eclesial e uma vida em fraternidade, terão que levar a um aprofundamento da doutrina cristã e das fontes franciscanas. Assim, cada reunião deveria conter: um momento de aprofundamento na doutrina cristã através da escuta da Palavra de Deus e estudo de documentos do magistério; o estudo da *forma de vida* ou *Regra* ilustrada pelas fontes franciscanas, as Constituições e os exemplos dos santos; um momento de oração e, se possível, a celebração eucarística; a troca de experiências da vida cristã e franciscana e uma confraternização.

Para os irmãos e irmãs que não possam estar nas reuniões nos horários previstos, devem-se prever encontros em outros horários. Se por qualquer circunstância os irmãos não podem participar das reuniões periódicas, importa que o Conselho preveja outras modalidades de contato com eles. Isso vale também para os irmãos enfermos. Se os irmãos e as irmãs não podem comparecer às reuniões da fraternidade é necessário os irmãos da fraternidade irem ao encontro deles, onde eles estiverem, para que a vida fraterna seja cultivada e, assim, adquiram forças para viverem a fraternidade em seu ambiente.

8.4 Encontros frequentes

Seriam encontros não especificamente da fraternidade. Trata-se aqui do cultivo da fraternidade num entrosamento com outros grupos eclesiais, sobretudo franciscanos. Pensemos nas promoções de encontros da Família Franciscana. Encontro com os frades, com as irmãs franciscanas da Terceira Ordem Regular, com as irmãs clarissas. Serão encontros de estudo, de oração e de confraternização. Quem sabe, por ocasião da solenidade do nosso Pai São Francisco, ou por ocasião do que podemos chamar de “Páscoa Franciscana”, que vai de 17 de setembro, Festa das Chagas, até 4 de outubro, solenidade do Seráfico Pai São Francisco. Quando se fala de grupos franciscanos, especialmente de jovens, pensa-se, sobretudo, na Jufra, intimamente ligada à OFS.

8.5 Os irmãos falecidos

Aqui a Regra lembra que deve ser cultivada a comunhão fraterna também com aqueles que nos precederam na casa do Pai. Tratando do Ofício Divino no

capítulo III da Regra Bulada se diz: *E rezem pelos defuntos.*

Os irmãos e irmãs falecidos devem ser lembrados, sobretudo, nas preces da fraternidade. Será que a consciência da comunhão entre os irmãos que já se encontram na glória, ditos da Igreja triunfante, os que estão no período de uma possível purificação, na Igreja padecente e os irmãos da Igreja militante neste mundo, está suficientemente presente? Os sufrágios são as Santas Missas oferecidas por eles, bem como as preces dos irmãos.

Veja CCGG, art. 53.

9 O caráter celebrativo do Capítulo

Para animar a vida em fraternidade é importante descobrir e aprofundar um de seus elementos: o *capítulo* dos irmãos e irmãs que sempre esteve presente na vida fraterna dos franciscanos e que hoje ressurge com grande vigor.

9.1 Francisco e os capítulos

Para São Francisco os capítulos tinham uma importância muito grande na vida dos frades. Eram reuniões de irmãos em nome do Senhor. Constituíam verdadeiras celebrações da vida em fraternidade animada pelo Espírito Santo.

Na Regra Não Bulada Francisco pede que os frades se reúnam em Capítulo para tratarem das coisas que se referem a Deus (cap. 18). Segundo Santa Clara, o Capítulo serve para que todas as irmãs sejam consultadas a respeito de tudo o que é útil e bom para o convento; pois, muitas vezes, o Senhor revela justamente aos menores o que é melhor (cf. Regra de Santa Clara, cap. 4,16).

Se consultarmos os Escritos de São Francisco e as suas biografias, percebemos que o Capítulo era um encontro dos irmãos em diversos níveis, onde se tratava da vida espiritual dos irmãos.

Poderíamos apontar alguns elementos do capítulo: a proclamação da Palavra de Deus, a pregação, exortações e admoestações para uma melhor vivência da Regra, promulgação de leis, eleições dos ministros, partilha, revisão de vida e confissão das próprias culpas, oração em comum, confraternização, envio dos irmãos em missão, conforto mútuo, e assim por diante.

9.2 As fraternidades hoje

Também as nossas fraternidades, hoje, têm três tipos de encontros. São as simples reuniões de cultivo fraterno, onde deveria haver sempre o momento de aprofundamento na *forma de vida* a partir do Evangelho, um momento de oração, como resposta à Palavra de Deus e um momento de confraternização.

Depois, temos as assembleias ou capítulos, sejam eles eletivos ou não. O Capítulo distingue-se pela participação de todos na busca do bem-estar da fraternidade. São reuniões, onde todos os irmãos e irmãs são chamados a se manifestarem, deliberando, decidindo, sugerindo ou votando.

Nossas fraternidades possuem uma organização piramidal. A primeira instância de sua organização e governo está na própria fraternidade. Temos, primeiramente, o Capítulo ou Assembleia; depois, o Conselho e, finalmente, o Ministro. A fraternidade toda deveria ser frequentemente convocada para deliberar sobre o planejamento da formação, sobre a dinâmica das reuniões, para analisar o desempenho do governo da fraternidade; para ajudar na formação dos irmãos, para deliberar sobre o apostolado e a vida em fraternidade. E, oportunamente, para as eleições.

Finalmente, poderá haver encontros fraternos informais com a única finalidade de se encontrar como irmãos e irmãs. Não basta viver como irmãos e irmãs. É preciso também celebrar a vida fraterna.

9.3 O caráter celebrativo do Capítulo

Os Capítulos da fraternidade constituem uma celebração. E “celebrar é tornar presente”. Tornar presente o quê? Primeiramente, a assembleia capitular torna presente o próprio Cristo: Jesus Cristo que ensina, Jesus Cristo que serve, Jesus Cristo que reza. O Capítulo reúne-se em nome do Senhor. O Senhor torna-se presente na própria fraternidade.

Além disso, a assembleia capitular evoca a Igreja e a torna presente. Constitui a Igreja reunida na fé, na esperança e na caridade. É Jesus Cristo presente, onde se encontram duas ou mais pessoas em seu nome.

Por isso, os elementos de um Capítulo são: A proclamação da Palavra de Deus, que ilumina os temas a serem deliberados; a oração e a busca do que é melhor para a vida da fraternidade.

O Capítulo será celebrado sempre numa atitude de conversão, pois se busca maior perfeição da vivência da Regra em fraternidade. No Capítulo devem ser excluídos os interesses pessoais, a luta pelo poder. Tudo será feito, a exemplo de Jesus Cristo, que veio não para ser servido, mas para servir. Tudo deverá ser

realizado em espírito de serviço, pensando sempre no bem de todos os membros da fraternidade.

10 A corresponsabilidade econômico-financeira

O número 25 da Regra trata da corresponsabilidade econômico-financeira de todos para com as necessidades das fraternidades nos vários níveis. Ele reza assim:

Para as despesas que ocorrem na vida da fraternidade e para as necessárias às obras do culto, do apostolado e da caridade, todos os irmãos e irmãs ofereçam uma contribuição na medida de suas próprias possibilidades. Cuidem as fraternidades locais de contribuir, por sua vez, para saldar as despesas dos Conselhos das fraternidades de grau superior.

Estas normas fazem parte da vida segundo o Evangelho, à maneira de Francisco, dos Irmãos e Irmãs da Penitência.

10.1 Contribuição financeira, sinal de fraternidade e de pobreza

A Ordem Franciscana Secular é organizada de modo autônomo desde a fraternidade local até a grande fraternidade internacional. Toda organização humana exige gastos financeiros. A contribuição material, segundo as próprias possibilidades, constitui um modo de expressar e promover a vida fraterna nos diversos níveis. Podemos dizer também que constitui uma forma de pobreza, de desprendimento e de serviço aos irmãos. Todos são convidados a colaborar. Também os idosos e enfermos. Desta forma, as pessoas se sentem valorizadas.

Outro critério da contribuição. A Regra diz que é na medida de suas próprias possibilidades. Portanto, não se trata simplesmente de cumprir com a taxa mínima exigida pela fraternidade. A Regra apela para a generosidade dos irmãos e das irmãs. Os irmãos e irmãs devem lembrar-se de que formam uma Ordem secular, que vive no mundo e nele está inserida. E como todas as coisas inseridas no mundo fazem uso dos bens temporais, também a Ordem Franciscana Secular.

10.2 Contribuição em favor da fraternidade

A Regra apresenta dois tipos de necessidades para os quais os irmãos e as irmãs são chamados a contribuir. As da fraternidade local e as das fraternidades de nível superior. Quanto à fraternidade local, as necessidades a serem atendidas pela contribuição dos irmãos e irmãs são várias. Enumeram-se as seguintes: as despesas que ocorrem na vida da fraternidade e as despesas com o culto, o apostolado e a caridade.

Quanto às despesas que ocorrem na vida da fraternidade, podemos pensar no aluguel da sede, gastos com móveis, livros, apostilas, boletins etc. Às vezes, gastos com a construção e manutenção de sede própria. E por que não lembrar aqui uma conveniente contribuição para o Assistente Espiritual? Sem esquecer as intenções de Missas, sobretudo, pelos falecidos.

Em relação às despesas com o apostolado depende muito do projeto da fraternidade, bem como as diversas iniciativas que tomarem em comum. Fala-se ainda das necessárias obras de caridade. Embora os irmãos, de modo geral, participem da ação pastoral da Igreja nas organizações diocesanas e paroquiais, a fraternidade como tal não pode eximir-se da ação da caridade. Isso faz parte da tradição da Ordem. É um irmão ou irmã enfermo que precisa de auxílio. A fraternidade deve poder ajudar tais pessoas necessitadas.

10.3 Contribuição para os Conselhos das fraternidades de grau superior

A organização da OFS em fraternidades regionais, nacionais e internacional exige despesas. Os Conselhos destas fraternidades existem para servir aos irmãos e irmãs das fraternidades locais. Estas organizações de serviço dependem, pois, da corresponsabilidade de cada irmão e irmã. Que despesas são estas? São despesas com a sede, o correio, o material de secretaria... São despesas de viagem para reuniões necessárias, encontros, cursos de formação, e assim por diante. Mais ainda, a Ordem Franciscana Secular deve promover publicações de livros e outro material de formação. Tudo isso tem seu custo.

Aqui, gostaríamos de lembrar que todos os irmãos e irmãs, independente de suas posses, devem poder participar do Conselho Regional e Nacional ou Internacional. Para que tudo isso possa funcionar deve existir alguma base econômica.

Tudo isso faz parte da forma de vida evangélica segundo a Regra. Quem não quiser contribuir com nada não pode ser franciscano secular. Todos podem dar algo de sua pobreza. Se não em dinheiro, em presença, em dedicação, em serviço. Claro que ninguém será excluído ou não aceito na fraternidade por

causa da pobreza, pois todos são convidados a contribuir na medida de suas próprias possibilidades, como diz a Regra.

Veja CCGG, art. 30.

11 Assistência espiritual

O número 26 da Regra fala da assistência espiritual à Ordem Franciscana Secular por parte da Ordem I e da TOR:

Em sinal concreto da comunhão e de corresponsabilidade, os Conselhos, nos diversos níveis, de acordo com as Constituições, solicitarão aos Superiores das quatro Famílias Religiosas Franciscanas, às quais, desde séculos a Fraternidade Secular está ligada, religiosos idôneos e preparados para a assistência espiritual.

Para favorecer a fidelidade ao carisma e a observância da Regra e para se ter maiores auxílios na vida da fraternidade, o Ministro ou Presidente, de acordo com seu Conselho, seja solícito em pedir, periodicamente, a visita pastoral aos competentes Superiores religiosos e também a visita fraterna aos responsáveis de nível superior, segundo as Constituições.

Este artigo propõe três coisas para o cultivo de uma autêntica vida franciscana secular: a assistência espiritual, a visita pastoral e a visita fraterna.

11.1 A assistência espiritual

Esta assistência espiritual às fraternidades é dada por religiosos idôneos e preparados de uma das quatro Famílias Religiosas Franciscanas, ou seja, dos Frades Menores, dos Frades Menores Conventuais, dos Frades Menores Capuchinhos e da Terceira Ordem Regular. Assim, normalmente, cada fraternidade local é assistida espiritualmente por um frade da Família Franciscana. Este é o ideal, supondo que o frade viva o mesmo carisma e a mesma espiritualidade dos franciscanos seculares, mas não precisa ser, necessariamente, assim. Na falta de frades idôneos e preparados as Constituições Gerais preveem que possa haver Assistentes Espirituais de sacerdotes franciscanos seculares diocesanos, sacerdotes de Congregações Religiosas, de sacerdotes diocesanos e mesmo de irmãs e de irmãos franciscanos seculares devidamente preparados.

No Brasil, a fraternidade regional é assistida por um frade ou colegiadamente, por frades das três obediências da Ordem I e da TOR. A

fraternidade nacional é assistida colegiadamente por quatro frades: um franciscano da OFM, um capuchinho, um conventual e um da TOR. Finalmente, a fraternidade internacional tem a assistência de um frade de cada Família da Ordem I e da TOR.

Qual a função do Assistente Espiritual? Não é a de ser Diretor ou Comissário. Ele tem a função da assistência espiritual. Ele faz parte do Conselho. Sua presença apresenta vários aspectos: ele representa dentro da fraternidade a presença da Igreja e da Ordem Franciscana, em geral. Cabe-lhe, antes de tudo, ser o animador do carisma franciscano comum às três Ordens Franciscanas. Se for sacerdote, ele preside as celebrações. O Assistente procura orientar os irmãos e as irmãs no crescimento da vida cristã e franciscana. Ele há de animar os franciscanos seculares para a vida apostólica que lhes é própria. É sua função ainda ser o elo entre os membros da Ordem Franciscana Secular e as outras Famílias Franciscanas, para que, juntos, todos cultivem o carisma do comum Pai Seráfico.

11.2 A visita pastoral

Além da assistência espiritual normal às fraternidades locais, regionais e internacional, temos a visita pastoral, feita, em geral, pelos Assistentes Espirituais das fraternidades de nível superior.

Ela constitui um momento de graça para a fraternidade visitada. A Regra especifica sua finalidade: favorecer a fidelidade ao carisma e a observância da Regra e para se terem maiores auxílios na vida da fraternidade.

É o Ministro da respectiva fraternidade, de acordo com seu Conselho, quem deve pedir, periodicamente, essa visita. Normalmente, ela é feita pelos Assistentes Espirituais. Em si, ela poderia ser feita pelos Ministros Provinciais da Ordem I e da TOR.

Estas visitas às fraternidades, sobretudo às fraternidades locais, são de máxima importância. Sem elas as fraternidades locais, às vezes, sem maior assistência, se perdem e morrem à míngua.

11.3 A visita fraterna

A visita fraterna é algo de novo na organização da OFS. Trata-se da visita do Ministro de uma fraternidade de nível superior ou de seu representante a uma fraternidade de nível inferior. No Brasil, quando possível, esta visita é feita em

companhia do representante dos competentes Superiores religiosos, em geral do Assistente Espiritual da fraternidade de nível superior. É chamada, então, de visita fraterno-pastoral. É pastoral, enquanto a visita é feita pelo Assistente Espiritual e é fraterna, enquanto é feita por um irmão ou irmã franciscano secular pertencente a um Conselho de nível superior.

Através dessas visitas procura-se favorecer a fidelidade ao carisma e à observância da Regra. Assim, cultiva-se a comunhão entre as diversas fraternidades locais, entre as fraternidades locais e a fraternidade regional, entre as fraternidades regionais; as fraternidades regionais e a nacional e, finalmente, entre as fraternidades nacionais e a fraternidade internacional. Cultiva-se, assim, a comunhão entre as três Ordens Franciscanas e da Família Franciscana com toda a Igreja.

Veja CCGG, art. 92 a 95.

12 Assistentes idôneos

Diz a Regra, número 26:

Os Conselhos solicitarão aos Superiores das quatro Famílias Religiosas Franciscanas, às quais desde séculos a Fraternidade Secular está ligada, religiosos idôneos e preparados para a assistência espiritual.

O ideal seria que todos os religiosos franciscanos fossem idôneos e estivessem preparados para darem assistência às Fraternidades Franciscanas Seculares. Para que eles sejam idôneos e estejam preparados é preciso que sejam devidamente formados para o seu convívio fraterno com a Ordem Franciscana Secular.

12.1 O carisma do comum Pai Seráfico

No número 1 a Regra da OFS diz o seguinte:

Por modos e formas diversas, mas em recíproca comunhão vital, eles querem tornar presente o carisma do comum Pai Seráfico na vida e na missão da Igreja.

Devemos reconhecer que o motivo principal pelo qual se verificam deficiências na assistência à Ordem Franciscana Secular é a falta de uma formação mais profunda sobre o carisma franciscano secular dentro do *carisma do comum Pai Seráfico*. Parece existir certo desconhecimento do carisma comum das três Ordens da Família Franciscana. Talvez fosse preciso atualizar

os conhecimentos dos frades sobre a OFS, a partir da Regra aprovada por Paulo VI em 1978. É possível que não se acredite que os franciscanos seculares, formados na escola do Evangelho, possam exercer lideranças nas comunidades paroquiais. A própria visão paroquialista, talvez, dificulte os frades a compreender o carisma próprio dos franciscanos seculares, que partilham do mesmo carisma, mais na linha do ser e do testemunhar no estado de vida secular do que participar deste ou daquele apostolado.

Fato é que por todo o Brasil os franciscanos seculares constituem verdadeiras comunidades eclesiais evangelizadas. E na medida em que se tornam cristãos conscientes na escola do Evangelho, os franciscanos seculares tornam-se também aqueles agentes de pastoral que sustentam na fidelidade a vida das comunidades eclesiais.

Não podemos esquecer que as Fraternidades Franciscanas Seculares constituem um reflexo da vivência do próprio carisma franciscano por parte dos frades. Só na medida em que os frades tomarem consciência da reciprocidade do carisma da Ordem I e III descobrirão o sentido e o valor da OFS. Se, por um lado, os franciscanos seculares têm necessidade dos frades para viverem o seu carisma, também os frades têm necessidade dos irmãos e irmãs da OFS para a vivência do próprio carisma franciscano religioso. Como diz Frei João Vaughn, Ex-Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores: *Eles precisam de nós e nós precisamos deles*.

Esta compreensão não acontece por si mesma. É preciso que os frades se formem para isso, desde o início do processo de iniciação à vida franciscana.

12.2 O apostolado

Os assistentes têm uma função importante na reta condução dos Irmãos e Irmãs da Penitência quanto à dimensão apostólica do seu carisma.

Hoje em dia também em nossas fraternidades o leigo está despertando, sempre mais para a sua função na Igreja. Podemos dizer que os Irmãos e Irmãs da Penitência estão integrados nas comunidades eclesiais, nas paróquias, nas capelas das periferias e nas dioceses. Está acontecendo o que pede sua *forma de vida*: conversão pessoal, vivência cristã no próprio estado de vida e profissão e engajamento nas comunidades eclesiais. Os irmãos e as irmãs franciscanos seculares estão presentes nos mais diversos serviços e ministérios. Os sacerdotes podem contar com os irmãos como cristãos conscientes e fiéis em suas tarefas eclesiais.

Parece, no entanto, que devemos cuidar que a pastoral não se torne o projeto prioritário. Devemos acentuar a conversão pessoal, o testemunho cristão na realidade secular e os campos de ação que a Igreja confia aos franciscanos seculares, enumerados nos números 14 a 19 da Regra: Viver como irmãos e irmãs da penitência, no espírito dos conselhos evangélicos (n. 10 a 12), servindo a todos, principalmente os mais pobres e marginalizados; dar testemunho de irmãos e irmãs da penitência na própria profissão, agir por iniciativas concretas e corajosas no âmbito da vida pública; dar um testemunho de estima ao trabalho como dom e como participação na obra da criação, da redenção e do serviço da comunidade humana; por uma vida familiar cristã exemplar; pelo testemunho fraterno frente a toda a natureza criada e por uma atitude ecumênica que se inspire na força transformadora do amor e do perdão. Assim, mensageiros da perfeita alegria, levarão a todos a alegria e a esperança.

Onde as fraternidades formam verdadeiras escolas de vida evangélica, os irmãos e irmãs tomam consciência da dimensão apostólica de sua vida cristã. Então, normalmente, eles são devolvidos às comunidades paroquiais e às capelas, onde se tornam líderes conscientes e perseverantes.

Parece importante compreendermos que os franciscanos seculares, como os membros da Ordem I, não existem em primeiro lugar para fazer isto ou aquilo, pois eles não possuem um apostolado definido. Seu projeto de vida segundo o Evangelho está na ordem do ser cristão, de viver plenamente o Evangelho, que tem como consequência natural a ação apostólica. Compreendendo isso os frades começarão a valorizar a Ordem Franciscana Secular. Os frades não podem pensar neles apenas como agentes de pastoral, pois não estariam compreendendo bem a vocação franciscana em si mesma.

13 A bênção prometida

A Regra da Ordem Franciscana Secular encerra-se com uma bênção tirada do Testamento de São Francisco:

E todo aquele que isto observar, seja repleto no céu da bênção do altíssimo Pai, e seja na terra cumulado com a bênção do seu dileto Filho, juntamente com o Santíssimo Espírito Paráclito (Regra 26).

Assim como a proposta da vida segundo o Santo Evangelho à maneira de Francisco foi aberta, lançando os irmãos e irmãs no mistério da Santíssima Trindade, também a palavra final é trinitária.

13.1 A busca do bem

Todos procuramos o bem; desejamos ardentemente o bem. Francisco nos diz que o bem é Deus. Isso vem expresso mais uma vez na palavra bênção, o bem feito, a boa ação. Deus Pai é o fim último do homem. Ser repleto no céu da bênção do Altíssimo Pai significa viver para sempre participando da vida e da felicidade do próprio Deus. O céu foi sempre uma grande aspiração de Francisco. Obteve mesmo de Deus a certeza da salvação, do céu, força que o animava muitas vezes no meio dos sofrimentos de toda sorte. Importa termos sempre os olhos fixos no céu, nesta participação para sempre na bênção, no Bem que é Deus.

Tudo isso já tem um início neste mundo, através do Filho, Jesus Cristo. Ele nos obteve por sua morte, a bênção espiritual da justificação, da vida nova de filhos de Deus. Em Cristo, o Pai nos abençoou com toda bênção espiritual (cf. Ef 1,13).

Predestinou-nos à adoção de filhos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça com que nos agraciou em seu Bem-amado (Ef 1,5-6).

Esta bênção de Deus através de Jesus Cristo vem a nós, hoje, pela ação do Espírito Santo, sobretudo pela Palavra de Deus, vivida na Igreja de Jesus Cristo, pela própria Igreja e pelos Sacramentos. Porque abençoados, porque participantes do Bem que é Deus por Cristo no Espírito Santo, os franciscanos são possuidores da Paz e do Bem. Podem viver intensamente alegres porque possuidores da felicidade.

13.2 Observar a Regra

A promessa de bênção é feita a todo aquele e a toda aquela que isso observar. Observar isto significa observar a Regra, a forma de vida, que costumamos chamar de Regra e vida.

A palavra observar deve ser bem-entendida. Não se trata de uma observância legalista, externa, mas de viver de acordo com a proposta de vida segundo o Santo Evangelho à maneira de Francisco. Trata-se de colocar a Trindade Santa no centro de nossa vida. Deixar que Jesus Cristo seja a pessoa vivente e operante em sua vida. O Evangelho interpretado e vivido na Igreja orienta a todos no amor filial a Deus e no amor ao próximo. Observar aqui significa *conservar, salvar* em seu coração a vida segundo o Evangelho.

13.3 Perseverar até o fim

A palavra observar ou conservar traz em si a ideia de perseverança. Quem perseverar até o fim será salvo, diz Jesus. A bênção final da Regra é um convite à perseverança na forma de vida segundo o Santo Evangelho, à maneira de Francisco, abraçada um dia numa Profissão pública diante de Deus, da Igreja e dos irmãos e irmãs da Ordem. Esta bênção é um convite insistente a que os irmãos e as irmãs, no meio das dificuldades e provações, em meio às crises que fazem parte da caminhada humana, mantenham os olhos fixos na recompensa, na vida em comunhão com Deus para sempre. Mais ainda, tendo a garantia de bênção de Jesus Cristo aos que o seguem mais de perto, os irmãos e as irmãs, mesmo no meio das provações, podem prosseguir com serenidade, pois estão de posse da Paz e do Bem. Nada, pois, os poderá abalar. Vale a pena viver desta forma. Vale a pena perseverar até o fim vivendo segundo o Santo Evangelho, a exemplo de São Francisco de Assis.

Não devemos esquecer que toda bênção contém uma missão, um envio. Quem é abençoado deve tornar-se bênção para os outros. Quem de graça recebe é convidado a dar de graça.

Que a bênção final da Regra nos faça no decurso da vida cristã e franciscana começar sempre de novo. O recomeçar sempre de novo é perseverar até o fim. Irmãos e irmãs, diz São Francisco no fim de sua vida ainda cheio de grandes aspirações, *vamos começar de novo, pois até agora pouco ou nada fizemos*.

O amor de Deus para conosco jamais é suficientemente correspondido. Francisco nos convida a fazer de nossa vida uma resposta de amor ao amor que nos amou primeiro. A recompensa do amor ao que nos amou primeiro será a Paz e o Bem.

-
1. Denominada também Fraternidade Franciscana Secular ou TOF, isto é, Terceira Ordem Franciscana.
 2. *Lumen Gentium*, 43.
 3. Pio XII, 01/07/1956. *Discurso aos Terceiros*, I.
 4. *Apostolicam Actuositatem*, 4, m.
 5. Cânon 702,1 (CIC atual, cânon 587,2).
 6. *I Celano*, 18,115.
 7. Jo 3,16; 14,6.
 8. *Apostolicam Actuositatem*, 30, h.
 9. Paulo VI, 19/05/1971. *Discurso aos Terceiros*, III.
 10. *I Regra TOF*.
 11. *Lumen Gentium*, 8. • *Unitatis Redintegratio*, 4. • *Paenitemini*, Preâmbulo.
 12. *Presbyterorum Ordinis*, 18, b.
 13. *Apostolicam Actuositatem*, 4, a, b, c.
 14. *II Celano*, 198.
 15. *Lumen Gentium*, 67. • *Apostolicam Actuositatem*, 4.
 16. *Lumen Gentium*, 41.
 17. *Lumen Gentium*, 42, b.
 18. São Francisco. *Carta aos Fiéis* (2ª revisão), 5.
 19. Rm 8,17. • *Lumen Gentium*, 7,5.
 20. *Admoestações de São Francisco*, XVI. • *Carta aos Fiéis* (2ª revisão), 70.
 21. Rm 8,29.
 22. *II Celano*, 85. • *Carta aos Fiéis* (2ª revisão), 26. • *I Regra de São Francisco*, 7,13.
 23. *I Regra de São Francisco*, 9,3. • Mt 25,40.
 24. *Lumen Gentium*, 31. • *Gaudium et Spes*, 93.
 25. *Apostolicam Actuositatem*, 14.
 26. *Gaudium et Spes*, 67,2. • *I Regra de São Francisco*, 7,4. • *II Regra de São Francisco*, 5,1.
 27. *Regra de Leão XIII*, II, 8.
 28. *Lumen Gentium*, 41. • *Apostolicam Actuositatem*, 30, b, c.
 29. *I Celano*, 80.
 30. *Regra de Leão XIII*, II, 9. • *Três Companheiros*, 14,58.
 31. *Admoestações de São Francisco*, XXI. • *I Regra de São Francisco*, 7,15.
 32. *Gaudium et Spes*, 78,1-2.
 33. Cânon 687 (novo CIC, cânon 116 § 2º).
 34. Cânon 697 (novo CIC, cânones 586 e 596).
 35. Pio XII, 01/07/1956. *Discurso aos Terceiros*, 3.
 36. Cânon, 694 (novo CIC, cânones 720 e 721).
 37. *I Regra TOF*, 29-30.
 38. *I Celano*, 22.
 39. *I Regra TOF*, 31.
 40. Cânon 696; 694-704 (novo CIC, cânon 746).
 41. Cânon, 697.

42. *I Regra da TOF*, 23.
43. *I Regra da TOF*, 20.
44. *II Regra da TOF*, cap. XVI.

Índice geral

Sumário

Introdução geral

Breve apostólico Seraphicus Patriarcha pelo qual a Santa Sé aprova e confirma a Regra da Ordem Franciscana Secular

Texto oficial da Regra da Ordem Franciscana Secular, aprovada por S.S. Paulo VI, 1978

Prólogo – Exortação de São Francisco aos Irmãos e Irmãs da Penitência – Em nome do Senhor!

Capítulo I – A Ordem Franciscana Secular (OFS)

Capítulo II – A forma de vida

Capítulo III – A vida em fraternidade

PRIMEIRA PARTE – COMENTÁRIO AO PRÓLOGO DA REGRA DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

Introdução

1 Os elementos constitutivos da espiritualidade franciscana

2 A penitência como elemento constitutivo fundamental da espiritualidade franciscana

2.1 Vida de penitência

2.1.1 O sentido bíblico de penitência

2.1.2 O sentido de “vida de penitência” para Francisco

2.2 Em nome do Senhor!

2.2.1 Prólogo

2.2.2 Em nome do Senhor!

3 “Fazer penitência”, segundo o Prólogo

3.1 O amor a Deus e ao próximo

3.2 Odiar o próprio corpo e receber o Corpo do Senhor

3.3 Produzir dignos frutos de penitência

4 Produzir dignos frutos de penitência

4.1 A vida de penitência ou a conversão evangélica na primeira recensão da *Carta aos Fiéis*

4.2 A penitência como itinerário que conduz a Deus

4.3 A vida de penitência na segunda recensão da *Carta aos Fiéis*

5 Quão felizes são estes e estas!

5.1 A bem-aventurança dos que levam uma vida de penitência

5.2 Em que consiste esta felicidade?

5.3 Sobre eles repousará o Espírito Santo

5.4 A dimensão trinitária da espiritualidade franciscana na Regra da OFS

6 A bem-aventurança da penitência

6.1 Esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo

6.2 A felicidade de experimentar a Trindade divina como Pai, como Esposo e como Irmão

6.3 Testemunhas da Santíssima Trindade

7 A desgraça dos que não fazem penitência

7.1 Em que consiste o não fazer penitência

7.2 O resultado da falta de penitência ou de conversão evangélica

7.3 A perda da sabedoria

8 A pobreza evangélica como vida de penitência

8.1 Possuir

8.2 A lição de pobreza da morte

8.3 A pobreza evangélica dos franciscanos seculares conforme a Regra

SEGUNDA PARTE – COMENTÁRIO À “REGRA E VIDA”

Introdução

Capítulo I – A Ordem Franciscana Secular

1 A Família Franciscana

1.1 As famílias espirituais na Igreja

1.2 A Família Franciscana

1.3 Desdobramentos posteriores na Família Franciscana

2 A Ordem Franciscana Secular na Família Franciscana

2.1 Uma verdadeira Ordem

2.2 Uma Ordem católica

2.3 Fraternidade católica

2.4 Fraternidade aberta a todos os fiéis

2.5 A busca de perfeição da caridade

2.6 A Profissão de viver o Evangelho

2.7 No próprio estado secular

2.8 Viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja

2.9 Uma vocação

3 A Regra da Ordem Franciscana Secular

- 3.1 Por que uma nova Regra?
- 3.2 As primeiras orientações de São Francisco
- 3.3 A primeira Regra propriamente dita
- 3.4 A Regra de Leão XIII
- 3.5 A Regra de Paulo VI
- 3.6 O esquema e o conteúdo da Regra
- 3.7 O espírito da Regra renovada

Capítulo II – A forma de vida

- 1 A forma de vida dos franciscanos seculares numa visão de conjunto
 - 1.1 Jesus Cristo nos leva ao amor de Deus e do próximo
 - 1.2 A vocação batismal na Igreja
 - 1.3 A vida de oração
 - 1.4 Maria
 - 1.5 O espírito dos conselhos evangélicos
 - 1.6 O testemunho de fraternidade
 - 1.7 O apostolado franciscano secular
- 2 A Regra e a vida do franciscano secular é observar o Evangelho
 - 2.1 As bases da espiritualidade franciscana secular
 - 2.2 Ser franciscano
 - 2.3 Observar o Evangelho
 - 2.4 Jesus Cristo, centro e inspirador de sua vida
 - 2.5 Viver o Evangelho como irmãos e irmãs
 - 2.6 O que significa ser irmão, ser irmã?
 - 2.7 Resumindo

3 Uma espiritualidade trinitária

3.1 O que se entende por espiritualidade

3.2 A Regra da OFS

3.3 São Francisco

3.4 Os franciscanos seculares

4 Leitura assídua do Evangelho

4.1 Francisco

4.2 A Igreja

4.3 Os franciscanos seculares

5 A procura da pessoa vivente e operante de Cristo

5.1 Nos irmãos

5.2 Na Sagrada Escritura

5.3 Na Igreja

5.4 Nas ações litúrgicas

6 A vida eucarística dos franciscanos seculares

6.1 O que é dar graças

6.2 Os elementos da ação de graças

6.3 O que expressa a ação de graças

7 Em tudo dai graças

7.1 Deus dá graças a *Deus*

7.2 Deus dá graças ao homem

7.3 O homem dá graças a Deus

7.4 O homem dá graças ao homem

7.5 O homem dá graças à natureza

7.6 A natureza dá graças ao homem

7.7 A natureza dá graças a Deus

7.8 Deus dá graças à natureza

7.9 Jesus Cristo, a ação de graças por excelência

8 Francisco, o homem eucarístico

8.1 As orações de Francisco expressam um homem eucarístico

8.2 Francisco descobre a Jesus como servidor na Eucaristia

8.3 A devoção a tudo que se refere à Eucaristia

9 Vocação e missão eclesiais pela conversão do Batismo

9.1 A primeira conversão

9.2 A vocação eclesial

9.3 A missão eclesial

9.4 Dar testemunho de Cristo

10 A participação dos franciscanos seculares na vida da Igreja

10.1 Mais fortemente ligados à Igreja pela Profissão

10.2 O amor à Igreja de Cristo

10.3 A Igreja de Cristo, sinal e instrumento, isto é, sacramento de salvação

11 A totalidade da vida da Igreja

11.1 Objetivo geral

11.2 As dimensões da vida da Igreja

11.3 A dimensão comunitária e participativa

11.4 A dimensão missionária

11.5 A dimensão catequética

11.6 A dimensão litúrgica

11.7 A dimensão ecumênica e de diálogo religioso

11.8 A dimensão sociotransformadora

12 A conversão evangélica

12.1 Penitência e conversão

12.2 Chamados à conversão

12.3 A primeira conversão e a conversão em crescimento

12.4 A mortificação

13 O Sacramento da Penitência

13.1 Um sacramento com três nomes

13.2 Um sacramento de reconversão ou de conversão em crescimento

13.3 Os três ritos do Sacramento da Penitência

14 Vida de oração e contemplação

14.1 O que é oração

14.2 A oração vista na vocação integral do homem

14.3 A oração de São Francisco

14.4 A oração individual e comunitária

14.5 Contemplação

14.6 Toda a vida como oração

15 A participação ativa na vida sacramental da Igreja

15.1 Reviver os mistérios da vida de Cristo

15.2 O Batismo

15.3 A Crisma

15.4 A Eucaristia

- 15.5 A Penitência
- 15.6 A Unção dos Enfermos
- 15.7 A Ordem
- 15.8 O Matrimônio
- 16 A Eucaristia, celebração da nova Páscoa
 - 16.1 A celebração da Páscoa no Antigo Testamento
 - 16.2 A Missa, celebração da Páscoa do Novo Testamento
 - 16.3 A dimensão trinitária da Eucaristia
- 17 A Missa como Ceia do Senhor
 - 17.1 O sentido de uma ceia fraterna
 - 17.2 Os elementos da Ceia do Senhor
 - 17.3 O sentido do rito de preparação das oferendas
 - 17.4 A Comunhão
- 18 O Sacramento da Unção dos Enfermos
 - 18.1 A experiência da enfermidade e da doença
 - 18.2 A doença, uma experiência pascal
 - 18.3 A Unção dos Enfermos como celebração
 - 18.4 O Rito atual
- 19 O cuidado dos irmãos idosos e enfermos
 - 19.1 Pastoral dos Enfermos
 - 19.2 Francisco e os enfermos
 - 19.3 Convívio fraterno com os irmãos enfermos
 - 19.4 Os jovens e os irmãos enfermos e idosos
- 20 A oração litúrgica dos irmãos e irmãs da OFS

- 20.1 O Ofício Divino dos franciscanos seculares
- 20.2 A oração litúrgica da Igreja
- 20.3 O que é a Liturgia das Horas
- 20.4 O sentido das Horas
- 21 A devoção a Nossa Senhora
 - 21.1 Francisco, modelo da devoção à Virgem Maria
 - 21.2 O culto a Nossa Senhora como vem apresentado pela Igreja
- 22 O espírito dos conselhos evangélicos
 - 22.1 O espírito dos conselhos evangélicos, expressão de conversão
 - 22.2 A canalização dos três dinamismos fundamentais do ser humano
- 23 A obediência do franciscano secular
 - 23.1 Unir-se à obediência de Cristo
 - 23.2 Fiel cumprimento das obrigações
 - 23.3 Sigam o Cristo pobre e crucificado
 - 23.4 Testemunhar o Cristo pobre e crucificado
 - 23.5 A necessidade da oração
- 24 A pobreza do franciscano secular
 - 24.1 Jesus Cristo, modelo de pobreza
 - 24.2 O justo relacionamento com os bens temporais
 - 24.3 Purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação
 - 24.4 Peregrinos e forasteiros a caminho da casa do Pai
- 25 A pureza de coração do franciscano secular
 - 25.1 A pureza de coração segundo São Francisco

25.2 Testemunhas dos bens futuros

25.3 Livres para o amor a Deus e aos irmãos

26 O apostolado do franciscano secular

26.1 Esclarecimento de alguns termos

26.2 O apostolado dos fiéis leigos seculares

26.3 A ação apostólica do franciscano secular

26.4 Participação nas pastorais da Igreja

27 O amor fraterno dos franciscanos seculares

27.1 Deus Pai, fonte do amor fraterno

27.2 O próximo como dom do Senhor e imagem de Cristo

27.3 Consequências desse ideal de fraternidade

28 Construtores de um mundo mais fraterno pelo exercício competente das próprias responsabilidades

28.1 Chamados a construir um mundo mais fraterno e evangélico

28.2 As responsabilidades

28.3 Competência profissional

28.4 Espírito cristão de serviço

28.5 A verdadeira humildade

29 A promoção da justiça

29.1 O testemunho da própria vida

29.2 Por iniciativas corajosas

29.3 Iniciativas individuais

29.4 Iniciativas comunitárias

29.5 Opções concretas

30 O amor ao trabalho

30.1 Algumas considerações sobre o trabalho

30.2 Como Francisco via o trabalho

30.3 O trabalho segundo a Regra

31 Franciscanos seculares em família

31.1 Os valores franciscanos da vida familiar

31.2 Os casados

32 A missão ecológica dos franciscanos seculares

32.1 O respeito por todas as criaturas

32.2 O fundamento do respeito

32.3 A tentação da exploração

32.4 Fraternidade universal

32.5 Nossa atitude

33 O ecumenismo franciscano

33.1 Francisco, o homem reconciliado

33.2 Continuadores da obra de reconciliação de Francisco

33.3 Os instrumentos da fraternidade universal e da unidade

33.4 Mensageiros da perfeita alegria

33.5 A última grande reconciliação

34 Paz e Bem

34.1 O que é saudar

34.2 A saudação franciscana

34.3 O Bem

34.4 A mística da saudação franciscana

34.5 A Paz e o Bem na Regra

Capítulo III – A vida em fraternidade

1 As fraternidades de vários níveis

1.1 A fraternidade local

1.2 A fraternidade regional

1.3 A fraternidade nacional

1.4 A fraternidade internacional

2 Vida de penitência no exercício da autoridade

2.1 Político e cidadão

2.2 Política

2.3 O franciscano secular: fraternidade e política

2.4 O exercício da autoridade

3 A organização das fraternidades

3.1 O Conselho e o Ministro são eleitos

3.2 Um serviço temporário

3.3 A organização interna da fraternidade

4 A vida eclesial na fraternidade local

4.1 A ereção canônica

4.2 A fraternidade local, comunidade de amor

4.3 Ambiente privilegiado para desenvolver o sentido eclesial

4.4 Ambiente privilegiado para desenvolver a vocação franciscana

4.5 Ambiente privilegiado para animar a vida apostólica de seus membros

5 A incorporação e a perseverança na fraternidade

- 5.1 O pedido de admissão
- 5.2 O período de iniciação
- 5.3 O tempo de formação
- 5.4 A Profissão da Regra
- 5.5 A Profissão é um compromisso perpétuo
- 5.6 A perseverança na vocação
- 5.7 Afastamento temporário e exclusão definitiva

6 Valor da Profissão na OFS

- 6.1 A Regra
- 6.2 O Ritual
- 6.3 Algumas considerações

7 Formação para uma vida de penitência

- 7.1 Nova compreensão do que seja formação
- 7.2 Formação franciscana
- 7.3 Formação franciscana para o apostolado
- 7.4 A oração-contemplação, a minoridade, a fraternidade e o apostolado como exercícios de penitência ou conversão evangélica

8 O exercício da vida em fraternidade

- 8.1 As reuniões periódicas
- 8.2 A finalidade das reuniões periódicas
- 8.3 O conteúdo de uma reunião da fraternidade
- 8.4 Reuniões frequentes
- 8.5 Os irmãos falecidos

9 O carácter celebrativo do Capítulo

- 9.1 Francisco e os Capítulos
- 9.2 As fraternidades hoje
- 9.3 O caráter celebrativo do Capítulo
- 10 A corresponsabilidade econômico-financeira
 - 10.1 Contribuição financeira, sinal de fraternidade e de pobreza
 - 10.2 Contribuição em favor da fraternidade
 - 10.3 Contribuição para os Conselhos das fraternidades de grau superior
- 11 Assistência espiritual
 - 11.1 A assistência espiritual
 - 11.2 A visita pastoral
 - 11.3 A visita fraterna
- 12 Assistentes idôneos
 - 12.1 O carisma do comum Pai Seráfico
 - 12.2 O apostolado
- 13 A bênção prometida
 - 13.1 A busca do bem
 - 13.2 Observar a Regra
 - 13.3 Perseverar até o fim